



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**REFORMA AGRÁRIA E TRABALHISMO NA TERRA DOS
GOYTACAZES:**

**A FORMAÇÃO DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM
TERRA (MST) E A SUA RELAÇÃO COM O PARTIDO DEMOCRÁTICO
TRABALHISTA (PDT) EM CAMPOS DOS GOYTACAZES- RJ (1989-2006)**

ROBERTO MEDEIROS DA COSTA JUNIOR

RIO DE JANEIRO
2024

**REFORMA AGRÁRIA E TRABALHISMO NA TERRA DOS GOYTACAZES:
A FORMAÇÃO DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST) E A SUA
RELAÇÃO COM O PARTIDO DEMOCRÁTICO TRABALHISTA (PDT) EM CAMPOS DOS
GOYTACAZES- RJ (1989-2006)**

ROBERTO MEDEIROS DA COSTA JUNIOR

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Aprovada em 5 de junho de 2024.

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a. Vanderlei Vazelesk Ribeiro (Orientador)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Prof.^a Dr.^a. Lucia Grinberg
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)

Prof.^a Dr.^a. Leonilde Servolo de Medeiros
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

MM488r Medeiros da Costa Junior, Roberto
Reforma agrária e trabalhismo na terra dos goytacazes:
a formação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
(MST) e sua relação com o Partido Democrático Trabalhista
(PDT) em Campos dos Goytacazes - RJ (1989-2006) / Roberto
Medeiros da Costa Junior. -- Rio de Janeiro : UNIRIO, 2024.
251

Orientador: Vanderlei Vazelesk Ribeiro.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado
do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História,
2024.

1. Partido Democrático Trabalhista. 2. Movimento dos
Trabalhadores Rurais Sem Terra. 3. Questão Agrária. I.
Vazelesk Ribeiro, Vanderlei , orient. II. Título.

Aos meus avós do norte-fluminense, seu Cláudio e dona Zilá.

Aos meus avós portugueses, seu Costinha e dona Ana.

COSTA JUNIOR, Roberto Medeiros da. **Reforma Agrária e Trabalhismo na Terra dos Goytacazes**: a formação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a sua relação com o Partido Democrático Trabalhista (PDT) em Campos dos Goytacazes (1989-2006) f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

RESUMO

Este trabalho de dissertação de mestrado tem como objetivo analisar a relação entre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) e o Partido Democrático Trabalhista (PDT) entre 1989 e 2006. Para tanto, iniciamos contextualizando a trajetória da formação do PDT nacional e o nascimento do MST no país, apresentando o município de Campos dos Goytacazes em um recorrido histórico. Após este primeiro momento, analisamos, de forma específica, a formação do PDT na cidade de Campos dos Goytacazes, e suas bases de políticas agrárias em seus dois primeiros mandatos, com Anthony Garotinho entre 1989-1993 e Sérgio Mendes, entre 1994-1997. No terceiro momento analisamos a chegada do MST na região campista, contextualizando sua trajetória no estado e as atividades do movimento no município a partir de 1997. Com isso, buscamos identificar a relação entre o PDT, na gestão da prefeitura entre 1989-2006 e a atuação do MST desde sua primeira ocupação, realizada em abril de 1997.

Palavras-Chave: Partido Democrático Trabalhista; Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra; Questão Agrária.

COSTA JUNIOR, Roberto Medeiros da. **Agrarian Reform and Labor in the Land of Goytacazes**: the formation of the Landless Rural Workers Movement (MST) and its relationship with the Democratic Labor Party (PDT) in Campos dos Goytacazes (1989-2006) f. Dissertation (Master's). Postgraduate Program in History at the Federal University of the State of Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

ABSTRACT

This master's thesis aims to analyze the relationship between the Landless Rural Workers Movement (MST) and the Democratic Labor Party (PDT) between 1989 and 2006. To this end, we begin by contextualizing the trajectory of the formation of the national PDT and We contextualize the birth of the MST in the country, presenting the municipality of Campos dos Goytacazes in a historical tour. After this first moment, we analyzed, specifically, the formation of the PDT in the city of Campos dos Goytacazes, and its agrarian policy bases in its first two terms, with Anthony Garotinho between 1989-1993 and Sérgio Mendes, between 1994-1997. In the third moment, we analyzed the arrival of the MST in the camp region, contextualizing its trajectory in the state and the activities of the movement in the municipality from 1997 onwards. With this, we sought to identify the relationship between the PDT, in the management of the city hall between 1989-2006 and the performance of the MST since its first occupation, held in April 1997.

Keywords: Democratic Labor Party; Landless Rural Workers Movement; Agrarian Question.

AGRADECIMENTOS

Estes dois anos foram o ciclo mais intenso de trabalho que vivi até agora na minha vida, principalmente por me dividir em dois trabalhos quase ao mesmo tempo. Em março de 2022, iniciei o mestrado, em um contexto quase de pós-pandemia, mas ainda com tudo fora de uma certa normalidade, com aulas remotas e online, nenhum contato físico com os professores e colegas do período, e uma certa desconfiança com relação a fontes que gostaria de consultar fisicamente.

Os meses se passaram e em junho de 2022, fiz minha primeira viagem para fora do Brasil. A aproximação com o grupo de pesquisa Realidade Latino-Americana da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) desde o início da formação online em 2020, trouxe o interesse sobre a América Central e viajamos juntos, um grupo de 25 pesquisadores, de avião para a Guatemala, percorrendo o país em uma mini-van, e também por Honduras, El Salvador e Costa Rica. Gostaria de agradecer primeiramente a Vanderlei Vazelesk, orientador que me aconselhou sobre esta oportunidade aberta e pude realizar a viagem, além de todo o apoio e orientação que me deu para a conclusão desta dissertação.

Comento sobre o Realidade Latino Americana porque a vivência e as discussões foram intensas na América Central, e isso engrandeceu imensamente as pesquisas e ideias a serem desenvolvidas, seja com os movimentos sociais e partidos políticos que nos encontramos, ou entre nós, membros do grupo, que a cada dois, no máximo três dias, nos reunimos para um balanço da viagem. Muito obrigado Gabriel Rocha, Fabio Luis Barbosa dos Santos, Ana Clarice, Patricia Mechi, Gislaine Amaral, Vanessa Oliveira, Rafael Lima, Fabio Maldonado, Nathalia Dunker, Fernando Cunha Sato e as outras e outros integrantes que estiveram conosco. Além deles, gostaria de agradecer a Bertita Cáceres, coordenadora do Consejo Cívico de Organizaciones Populares y Indigenas de Honduras (COPINH), e Selvin Milla, um dos integrantes do movimento, que me receberam de forma acolhedora desde os primeiros contatos por telefone, antes da ida a Honduras, e me contaram diversas vezes sobre a história do COPINH.

A aproximação com o COPINH felizmente resultou não somente de forma acolhedora e sensível, mas também de forma acadêmica, em um capítulo de um livro sobre a pesquisa acerca da América Central que será publicado em breve. E também resultou em uma investigação que foi apresentada em 2023, na Universidad de la Republica, em Montevideu, no Uruguai, em que fui financiado para participar pelo Programa de Pós-Graduação em

História da Unirio, e sou imensamente grato. Não só à Unirio, como também a Agustín Juncal e Verônica Secreto, pelo aceite do trabalho comparativo entre as atuações do MST e do COPINH, e pelas provocações à investigação que foram fundamentais para traçar certos rumos. Agradeço a Fabiano Coelho pelos questionamentos durante o 32º Simpósio Nacional de História – ANPUH, realizado em junho de 2023, em São Luís do Maranhão. E agradeço imensamente a CAPES pelo beneficiamento da bolsa que a mim foi concedida e pelo incentivo aos pesquisadores e pesquisadoras neste país, foi de fundamental importância a concessão da bolsa para o desenvolvimento deste trabalho.

Em setembro de 2022, por um sinal ou pura coincidência com o local estabelecido como recorte para este trabalho, fui convocado para lecionar história na rede básica de ensino da Prefeitura de Campos dos Goytacazes, após processo seletivo realizado no final de 2021. Um novo desafio, recém-formado, e agradeço ao Roberto de 2022 por ter aceitado este desafio e encarado uma nova fase, morando sozinho, em uma cidade distante e me encontrando na profissão. Agradeço aos colegas de trabalho que tive, aos alunos e alunas do 6º, 7º, 8º, 9º do ensino regular e da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que me receberam com carinho e acolhimento, e por ter recebido esta oportunidade. Ser professor tem diversas complicações em que criticamos e buscamos soluções para melhorar, seja a infra-estrutura da escola, a luta por melhores condições de trabalho e pagamento, o pouco incentivo financeiro no aprendizado, porém, o carinho recebido, a sensação de estar fazendo a diferença na vida de jovens e adultos interessados em conhecimento, o diálogo e respeito estabelecido, e o prazer de estar em sala de aula me fizeram agradecer por esta oportunidade, que se encerra em breve neste ano de 2024, mas me sinto à vontade para dizer que aprendi demais com cada dia destes anos.

Gostaria de agradecer ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, aos colegas que me receberam durante diversas atividades em que estive presente, seja no Zumbi dos Palmares, ou no acampamento Cícero Guedes. Agradeço principalmente a Hermes Oliveira, Marina dos Santos, Matheus Guedes, Silvano, Cabelo, Davi e Alcimar da Comissão Pastoral da Terra (CPT), que me acolheram com carinho e discutiram comigo sobre pontos da pesquisa.

Agradeço aos colegas do Partido Democrático Trabalhista (PDT), por se importarem com a pesquisa com conselhos e discussões e auxiliarem na busca de fontes e documentos, que infelizmente não encontramos até o momento. E agradeço aos colegas entrevistados para

esta pesquisa. Muito obrigado, Avelino Ferreira, Roberto Henriques, e outros militantes pedetistas, como Wendel Pinheiro, Henrique Mathiesen e León Gomes. Agradeço também aos colegas do Partido dos Trabalhadores (PT), que foram de fundamental importância para o desenvolvimento de atividades em conjunto com colegas do MST. E agradeço ao Sindicato dos Petroleiros do Norte Fluminense (Sindipetro-NF), na figura do Luis “Meio Quilo”, que me auxiliou com conversas sobre o movimento na região e me emprestou diversos documentos de seu acervo pessoal para consulta.

Agradeço aos funcionários do Arquivo Público Municipal de Campos dos Goytacazes, por todas as vezes que me receberam com paciência e atenção. Muito obrigado Felipe, Valquíria, Serjão, Rafaela, João Paulo, Larissa e outros colegas que me auxiliaram quando estive presente no Arquivo, um dia o grandioso trabalho de cuidar da riquíssima história de Campos dos Goytacazes de vocês será muito mais valorizado, e que o Arquivo receba a obra de infra-estrutura que tanto merece e precisa.

Gostaria de agradecer a minha mãe, Catia Maria Pessanha, e ao meu pai Roberto Medeiros da Costa por todo o apoio que me deram, desde o meu ingresso na escola, até o auxílio para chegar na Universidade durante a graduação, que era longe de nossa casa. Agradeço ao meu irmão, João Pedro Pessanha Medeiros, pelos dias de companhia e companheirismo, pelas conversas trocadas, e por momentos de respiro e sofrimento juntos pelo nosso time de futebol, o Vasco da Gama. Agradeço a minha companheira, Karoline Martins Moreira, pelos anos de companheirismo, pela preocupação com a pesquisa e pelo carinho e amor diário, que me mantiveram forte e seguro de todas as minhas escolhas. Sem citar nomes para não ser injusto, agradeço aos meus amigos e amigas, por sempre me ouvirem, nos momentos de angústia e alegria.

Dois anos longos, intensos, que com certeza valeram a pena. Agradeço a Exu Mirim, por caminhar comigo e por toda proteção. É o final de um ciclo, mas que com certeza se abre para novos caminhos, agradecido pela experiência e aprendizado até aqui.

LISTA DE ABREVIATURAS

ACIC – Associação Comercial e Industrial de Campos

AIC – Associação de Imprensa Campista

ARENA – Aliança Renovadora Nacional

CEDAE – Companhia Estadual de Águas e Esgotos

CECA – Comissão Estadual de Controle Ambiental

CEFET – Centro Federal de Ensino Tecnológico

CDL – Câmara de Dirigentes Lojistas

CIEPs – Centros Integrados de Educação Pública

CIMI – Conselho Indigenista Missionário

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

CNFCN – Centro Norte Fluminense para Conservação da Natureza

CODEMCA – Companhia do Desenvolvimento do Município de Campos

CODEVASP – Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba

CONAB – Comissão Nacional de Abastecimento

CONTAG – Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura

COOPERLEITE – Cooperativa dos Produtores de Leite de Campos

CPT – Comissão Pastoral da Terra

CQV – Centros de Qualidade de Vida

CRANE – Comissão de Reforma Agrária e Levantamentos Especiais

CUT – Central Única dos Trabalhadores

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

EMATER – Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural

EMHAB – Empresa Municipal de Habitação, Urbanismo e Saneamento

ETFC – Escola Técnica Fluminense de Campos

FALERJ – Federação das Associações de Lavradores do Rio de Janeiro

FARSUL – Federação dos Agricultores do Rio Grande do Sul

FCJOL – Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima

FCOF – Federação dos Círculos Operários Fluminense

FEEMA – Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente

FLERJ – Federação dos Lavradores do Estado do Rio de Janeiro

FUNDENOR – Fundação Norte Fluminense de Desenvolvimento Regional
GETAT – Grupo Executivo das Terras do Araguaia-Tocantins
IDA – Instituto de Desenvolvimento Agrário
IGRA – Instituto Gaúcho de Reforma Agrária
INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Social do Ministério do Planejamento
ITERJ – Instituto de Terras e Cartografia do Estado do Rio de Janeiro
JT – Juventude Trabalhista
MASTER – Movimento dos Trabalhadores Agrícolas Sem-Terra
MDB – Movimento Democrático Brasileiro
MEAF – Ministério Extraordinário para Assuntos Fundiários
MIRAD – Ministério da Reforma e do Desenvolvimento Agrário
MMPDT – Movimento de Mulheres do PDT
MOTIRAN – Movimento Trabalhista de Integração da Raça Negra
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra
PAES – Programa de Parcelamento Especial
PDC – Partido Democrata Cristão
PDT – Partido Democrático Trabalhista
PDS – Partido Democrático Social
PESAGRO – Empresa de Pesquisa Agropecuária do Estado do Rio de Janeiro
PFL – Partido da Frente Liberal
PIC – Projetos Integrados de Colonização
PMC – Prefeitura Municipal de Campos
PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PRN – Partido Republicano Nacionalista
PRONAF – Programa Nacional de Apoio à Agricultura Familiar
PSB – Partido Socialista Brasileiro
PSD – Partido Social Democrático
PSP – Partido Social Progressista
PT – Partido dos Trabalhadores
PTB – Partido Trabalhista Brasileiro
RIMA – Relatório de Impacto do Meio Ambiente
SEAF – Secretaria de Assuntos Fundiários
SERLA – Superintendência Estadual de Rio e Lagoas

SINDIPETRO-NF – Sindicato dos Petroleiros do Norte Fluminense
SINTAP – Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Agropecuária
STIAC – Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias do Açúcar e do Alcool
STRC – Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Campos
SUDAM – Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia
SUDENE – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
SUDS – Sistemas Unificados e Descentralizados de Saúde nos Estados
TFP – Tradição Família e Propriedade
TSE – Tribunal Superior Eleitoral
UCM – Universidade Cândido Mendes
UDN – União Democrática Nacional
UDR – União Democrática Ruralista
UENF – Universidade Estadual do Norte Fluminense
UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFF – Universidade Federal Fluminense
UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
ULTAB – União dos Agricultores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil
UNACA – União Nacional dos Camponeses Angolanos
UNE – União Nacional dos Estudantes
UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo

SUMÁRIO

Introdução.....	15
Capítulo 1 - O nascimento do Partido Democrático Trabalhista (PDT) e a formação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) (1979-1988).....	22
1.1 - Antecedentes imediatos dos conflitos pela terra no século XX.....	23
1.2 - O exílio dos trabalhistas e a formação do Partido Democrático Trabalhista (PDT).....	31
1.3 - A gestação do MST e o I Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.....	42
1.4 - Os caminhos e descaminhos de Campos dos Goytacazes no século XX: as disputas políticas nos anos 1980 e a formação do PDT Campista.....	49
Capítulo 2 – “Muda Campos!”: a política agrária do PDT-Campos (1989-1997).....	64
2.1 – O primeiro mandato de Anthony Matheus Garotinho e o início da política trabalhista na prefeitura (1989-1992).....	64
2.2 – A reeleição pedetista com Sérgio Mendes (1993-1996).....	108
2.3 – A volta de Anthony Garotinho para um segundo mandato em Campos e os primeiros cem dias (1996-1997).....	124
Capítulo 3 – “Nós vamos dançar o forró até o final” - a consolidação do MST na região e o fim da hegemonia pedetista na prefeitura (1997-2006).....	129
3.1 – O nascimento do MST em Campos dos Goytacazes e a renúncia de Anthony Garotinho (1997-1998).....	129
3.2 – Os dois mandatos de Arnaldo Vianna e a consolidação do MST na região (1998-2004).....	143
3.3 – O fim do pedetismo na prefeitura: a cassação de Carlos Alberto Campista (2005-2005) e o breve período de Alexandre Mocaiber (2005-2006).....	179
Considerações Finais.....	185
Anexos.....	189
I- Entrevista com Avelino Ferreira:.....	189
II- Entrevista com Hermes Oliveira Cipriano:.....	199
III- Entrevista com Roberto Henriques.....	205
Referências.....	219

INTRODUÇÃO

Em uma breve contribuição para a História Social do campesinato brasileiro, este trabalho visa investigar a formação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no estado do Rio de Janeiro, mais especificamente, em Campos dos Goytacazes, no Norte Fluminense. Durante a pesquisa observou-se um paralelo em que o período de organização do MST-RJ no início da década de 1990, e consolidado a partir de sua primeira ocupação em 1997 na falida Usina São João¹ em Campos, coincide com a ascensão e solidificação do Partido Democrático Trabalhista (PDT) na prefeitura do município entre 1989-2006. Consideramos como centro de análise as relações de poder, política e sociabilidade entre os assentamentos rurais² implantados com auxílio do partido político³ e organizados com participação do movimento socioterritorial⁴.

O MST foi fundado em 1984 e se insere como ator de luta pela terra por meio de suas marchas e ocupações em um cenário político próximo ao final do regime militar brasileiro, reivindicando a reforma agrária. Historicamente, a ligação entre o PDT e a questão agrária é estreita. O partido demonstra vínculo explícito estipulado no art. 1º de seu estatuto como compromisso básico: “reorganizar a agricultura em torno da pequena e média propriedade, realizar a reforma agrária, e aumentar a produção, de tal modo que não falem alimentos a nenhuma família brasileira.”⁵ Sua principal liderança e fundador do partido, Leonel de Moura Brizola, relaciona-se com a questão agrária desde quando estava governador no Rio Grande do Sul⁶ (1959-1963) e em seu primeiro período como governador do Rio de Janeiro (1983-1987) instaurou decretos de desapropriações de terras em período ditatorial.⁷

¹ Importante ressaltar que a Usina São João tem como sua origem o Engenho Corrente e Moente no século XIX, fundado pelo José Ribeiro de Castro - o visconde de Santa Rita - e o major Manoel Manhães Moreira. O Engenho reunia pequenas propriedades agrícolas que cultivavam a cana-de-açúcar.

² MEDEIROS, L. S. (Org.) **Assentamentos Rurais: uma visão multidisciplinar**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994. p. 19.

³ SARTORI, G. **Partidos políticos e sistemas partidários**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. p.29.

⁴ FERNANDES, B.M. **A formação do MST no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. p. 290.

⁵ PDT. Estatuto do PDT. 2019. <Disponível em: https://www.tse.jus.br/partidos/partidos-politicos/arquivos/tse-estatuto-partido-pdt-de-18-3-2019-aprovado-em%0226-9-2019/rybena_pdf?file=https://www.tse.jus.br/partidos/partidos-politicos/arquivos/tse-estatuto-partido-pdt%02de-18-3-2019-aprovado-em-26-9-2019/at_download/file>

⁶ Brizola incentivou o Movimento dos Agricultores Sem Terra (MASTER) e desapropriou terras ocupadas por lavradores, além de ter criado o Instituto Gaúcho de Reforma Agrária (IGRA). Para maiores informações, consultar: ECKERT, Cordula. **Movimentos dos agricultores sem-terra no Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro, 1984. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Agrícola, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

⁷ NOVICKI, Victor de Araújo. **O Estado e a luta pela terra no Rio de Janeiro: primeiro governo Brizola (1983-1987)**. Rio de Janeiro, 1992. Tese (Mestrado) Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Agrícola, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

O estado do Rio de Janeiro encontrava-se em uma década de crise socioeconômica, onde desempregados e subempregados dos bairros pobres da periferia da região metropolitana realizam uma série de ocupações de terra no interior. Destaca-se que a questão agrária fluminense está estreitamente vinculada ao processo de urbanização do estado que percorre o século XX, com 92% da população vivendo em centros urbanos e 81% da população estadual residindo na região metropolitana.⁸ Nesse período da década de 1980, o palco dos principais conflitos agrários é a Baixada Fluminense, com ocupações em Duque de Caxias, Magé e Nova Iguaçu. A partir desse movimento, se inicia a ocupação de Campo Alegre, com 600 famílias em um território de 3.500 hectares, que é um marco para o histórico da luta pela terra no Rio de Janeiro. Com o apoio do governador do estado, Leonel Brizola (PDT) (1983-1987), o governo decretou a utilidade pública do imóvel para fins de desapropriação. Esta ocupação marca a primeira aproximação do MST com o Rio de Janeiro.

O Partido Democrático Trabalhista (PDT), que governava o Rio de Janeiro nesse momento, foi fundado em Portugal no ano de 1979 por intelectuais e militantes trabalhistas brasileiros em exílio. Buscava a refundação do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), que fora extinto em 1965 pelo Ato Institucional n.2, onde ficou estabelecido o bipartidarismo. Como resultado da reunião de fundação, a Carta de Lisboa tornou-se o marco fundador do novo partido trabalhista, baseado em um modelo de novo trabalhismo⁹, posteriormente chamado de socialismo moreno “entendido como o caminho brasileiro para a fundação de uma ordem política socialista no Brasil”¹⁰. A carta apresenta os princípios programáticos do PDT e tornou-o, o único partido brasileiro fundado no exílio, centrado na figura de Leonel de Moura Brizola.¹¹

Na década de 1990, é possível observar um novo deslocamento espacial das lutas pela terra no estado do Rio de Janeiro, que não mais se concentram na Baixada Fluminense e sofrem um processo de interiorização. As regiões Norte Fluminense e as Baixadas Litorâneas passam a ser o lugar destes conflitos. O Norte Fluminense é a região que concentra os maiores latifúndios e a maior parte dos trabalhadores rurais do estado, com diversas denúncias de trabalho análogo à escravidão nas usinas canavieiras, além disso, há o poder

⁸ UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF). **Evolução estrutural da economia Fluminense: 1940-1985**. Economia Fluminense – conjuntura e análise, v.1, n.1. 1986.

⁹ GOMES, Angela Maria de Castro. **Brizola e o Trabalhismo**. Anos 90, Porto Alegre, v. 11, n. 19/20, 2004.

¹⁰ SENTO-SÉ, João Trajano. As várias cores do socialismo moreno. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 11, n. 19/20, 2004. p.49-76. p.56.

¹¹ MARQUES, Teresa Cristina Schneider & GONÇALVES, Leandro Pereira. A fundação do Partido Democrático Trabalhista (PDT) no exílio. **Civitas - Revista De Ciências Sociais**, 2016, 16(3), p. 399-416. p. 400.

secular dos latifundiários da cana de açúcar, marcando a economia açucareira e a política local, que estava sendo posta em questão¹².

Nesse contexto, insere-se a história do município de Campos dos Goytacazes, antiga região de produção de cana-de-açúcar com seu espaço territorial repleto de usinas canavieiras. Devido a esse ponto de grande área açucareira e o interesse das elites em torno do contexto, o município tornou-se um espaço de relevância econômica e política a nível estadual e nacional, influenciando diretamente políticas ligadas ao estímulo e regulamentação da produção industrial do açúcar e do álcool. Por outro lado, a elite conservadora formada pela Tradição Família e Propriedade (TFP), usineiros e grandes e médios proprietários, buscava neutralizar qualquer atividade organizativa de trabalhadores com medidas compensatórias e algumas vezes repressivas, visto que o histórico de conflitos da cidade é antigo, por ser a primeira no Brasil a ter um sindicato formalmente organizado, em 1938, o Sindicato de Trabalhadores Rurais de Campos dos Goytacazes. E por ter sindicatos de trabalhadores rurais que eram ativos na representação dos seus direitos¹³.

Analizando as relações de poder e ações políticas dos grupos sociais no município de Campos dos Goytacazes, principalmente sua elite secular, observados através da história de longa duração, nos remete ao processo de escravismo colonial calcado em duas instituições básicas, a plantagem e a escravidão.¹⁴ As elites em Campos se formaram nos momentos iniciais da organização territorial agrária e escravista sendo base das classes dominantes de proprietários de terras e usineiros do século XX na região. Dentro do histórico de usinas canavieiras, destaca-se o alto índice de trabalho análogo à escravidão em áreas rurais de Campos dos Goytacazes.¹⁵ Com a crise do setor sucroalcooleiro e perda de domínio político no final do século, abre-se um espaço de disputa, impulsionado pela descoberta do petróleo na Bacia de Campos, criando uma nova elite política administrativa, formada em sua maioria por políticos¹⁶ e com o trabalhismo na gestão municipal.

¹² ALENTEJANO, Paulo. O Norte Fluminense, a luta pela terra e a política de reforma agrária no Estado do Rio de Janeiro. In: PEDLOWSKI, Marcos.; OLIVEIRA, Julio Cezar.; KURY, Karla Aguiar. (Orgs.) **Desconstruindo o latifúndio: A saga da reforma agrária no Norte Fluminense**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011. p.19-57. p.32.

¹³ GONÇALVES, Rayanne de Medeiros.; CRUZ, Rodrigo Pennut da.; Ação sindical e o regime militar: o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Campos dos Goytacazes e a luta por direitos na ditadura (1964-1985). In: (Org.) MEDEIROS, L.S. **Ditadura, conflito e repressão no campo: a resistência camponesa no estado do Rio de Janeiro**: Consequência, 2018. p.525-557. p.535.

¹⁴ GORENDER, Jacob. **O Escravismo Colonial**. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

¹⁵ O Observatório da Erradicação do Trabalho Escravo e do Tráfico de Pessoas em seu estudo entre 1995-2020 sobre os municípios com maior prevalência de resgate de pessoas em condições de trabalho análogo à escravidão coloca Campos dos Goytacazes em 5º lugar no Brasil, com 982 resgates. Ver: <<https://smartlabbr.org/trabalhoescravo>>

¹⁶ DIAS, Igor Paolo Ribeiro. **Território e Poder: as elites e a organização do território em Campos dos Goytacazes**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2016. p. 45.

Sua estrutura baseada primeiramente na produção de cana de açúcar transformou o município em polo de desenvolvimento regional. Exercendo influência em municípios ao redor, e no estado, sendo alvo nos anos 2000 de Grandes Projetos de Desenvolvimento, trazendo com isso, a expulsão de comunidades locais para a construção desses projetos.¹⁷ Neste contexto, o MST-RJ inseriu-se com o objetivo de reorganizar os trabalhadores do campo e da cidade. E atuou intensamente através de ocupações inicialmente na região Norte Fluminense, impulsionando a criação de políticas desenvolvidas pela prefeitura.

Entendemos que esses processos de ações sociais coletivas como as ocupações, os acampamentos e as marchas constituem um repertório do movimento, mobilizando socialmente, denunciando violações e expondo suas reivindicações, fazendo parte de uma estrutura de conflito como “um conjunto limitado de rotinas que são aprendidas, compartilhadas e postas em ação por meio de um processo relativamente deliberado de escolha”¹⁸. Os trabalhadores e trabalhadoras sem-terra nessa compreensão diante de suas ações no “processo de luta, escolheriam dentre as maneiras convencionalizadas de interação presentes no repertório aquelas mais adequadas à expressão de seus propósitos”¹⁹.

A reflexão proposta neste trabalho parte do pressuposto que os movimentos sociais são simultaneamente, produto e produtor da modernidade.²⁰ Nesse encaixe, a História do Tempo Presente proposta por Rousso no método em que a História “se interessa por um presente que é o seu, em um contexto que o passado não está acabado, nem encerrado, que o sujeito da sua narração é um “ainda-aí”²¹ nos possibilita compreender a atuação de movimentos acontecidos na contemporaneidade, porque ela

Se caracterizava por um procedimento inteiramente marcado pela tensão, e por vezes pela oposição, entre a história e a memória, entre o conhecimento e a experiência, entre a distância e a proximidade, entre a objetividade e a subjetividade, entre o pesquisador e a testemunha, divisões que podem se manifestar no interior de uma mesma pessoa. Como outras maneiras de fazer a história, essa parte da disciplina deve levar em conta temporalidades diferenciadas e uma dialética particular entre o passado e o presente.²²

¹⁷ ALENTEJANO, Paulo.; TAVARES, Eduardo. Os Grandes Projetos de Desenvolvimento (GPDs): uma análise crítica a partir da Geografia. In: COSTA, Ana.;et all..**Geografia dos grandes projetos de desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Editora Consequência, 2021. p.81.

¹⁸ TILLY, Charles. “Contentious repertoires in Great Britain”. In: MARK, T. (ed.). **Repertoires and cycles of collective action**. Durham: Duke University Press, 1995. p.26.

¹⁹ ALONSO, Angela. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. **Lua Nova**, n.76 São Paulo: 2009. p.58.

²⁰ DUARTE, A. L.; MEKSENAS, P. História e Movimentos sociais: possibilidades e impasses na constituição do campo do conhecimento. **Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, vol. 12, n. 1, p. 119-139. 2008. p.129.

²¹ ROUSSO, H. **A última catástrofe**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2016. p. 18.

²² Ibid, p.16.

Ao final de 1996, no governo estadual do psdebista Marcello Alencar (1995-1999), o movimento organizou o I Encontro Estadual do MST-RJ. Duas principais resoluções finalizaram o encontro: iniciar o processo de interiorização do movimento no estado, com ênfase na baixada campista, visto que fora o local identificado com o maior número de latifúndios improdutivos; e organizar o MST no estado segundo as diretrizes da direção nacional, com a divisão em regionais e a constituição de uma Direção Estadual.²³

A ocupação emblemática dessa consolidação foi em 1997, quando foram ocupadas as terras da Usina São João, situada a 7 km do centro de Campos dos Goytacazes, que deu lugar ao atual e primeiro assentamento Zumbi dos Palmares. A atuação do MST no estado foi intensa a partir de sua consolidação. Posteriormente, novas áreas de usinas canavieira falidas foram ocupadas na região. Constituindo 9 assentamentos no período investigado, das 27 ocupações no Norte Fluminense em terras de usinas no período dos anos seguintes, 18 foram em Campos dos Goytacazes, sendo que 21 foram realizadas pelo MST²⁴.

O município de Campos dos Goytacazes teve, na cadeira da prefeitura, durante os anos de 1989 até 2006, o Partido Democrático Trabalhista (PDT) exercendo o cargo. Primeiramente, o radialista e ex-Secretário de Estado de Agricultura, Abastecimento e Pesca, Anthony Garotinho (1989-1992), logo após, a sucessão com o jornalista Sérgio Mendes (1993-1996), a volta de Anthony Garotinho (1997-1998), o surgimento e consolidação do médico Dr. Arnaldo Viana (1998-2004), o advogado cassado Carlos Alberto Campista (2005-2005) e o presidente da Câmara dos Vereadores e médico, Dr. Alexandre Mocaiber (2005-2006).

Com esse panorama exposto, abriu-se um questionamento: como essas famílias acampadas e por vezes assentadas com organização do MST-RJ foram amparadas por políticas públicas do PDT durante os anos de 1989-2006 em Campos dos Goytacazes? A intenção neste trabalho é investigar a formação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a relação com agentes políticos do Partido Democrático Trabalhista (PDT) entre o período supracitado identificando possibilidades de políticas públicas do partido para com o movimento.

²³ ERNANDEZ, Marcelo.; ROSA, Marcelo.; SIGAUD, Lygia.; **Ocupações e acampamentos: estudo comparado sobre a sociogênese das mobilizações por reforma agrária no Brasil (1960- 2000)**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. p. 233.

²⁴ ALENTEJANO, Paulo. O Norte Fluminense, a luta pela terra e a política de reforma agrária no Estado do Rio de Janeiro. In: PEDLOWSKI, Marcos.; OLIVEIRA, Julio Cezar.; KURY, Karla Aguiar. (Orgs.) **Desconstruindo o latifúndio: A saga da reforma agrária no Norte Fluminense**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011. p.19-57. p.33.

Sobre as fontes e metodologia para este trabalho, selecionamos literatura referente ao tema e o uso de jornais. Os principais utilizados foram o Monitor Campista e o Folha da Manhã. Sendo o terceiro mais antigo jornal em circulação ininterrupta do país no período de recorte da pesquisa, o Monitor Campista foi fundado

Por José Gomes da Fonseca Parahyba, em 4 de janeiro de 1834, com o nome de “Campista”, tendo sido um de seus mais importantes colaboradores e sócio, o dr. Francisco José Alypio, provavelmente um dos primeiros jornalistas vitimados pela prática do direito de opinião, numa terra eivada por fazendeiros e latifundiários altamente radicais com relação ao uso dos escravos como um bem (deles) de produção capitalista.²⁵

O Monitor Campista foi encerrado em 15 de novembro de 2009 por motivos econômicos, com seus proprietários, “Os Diários Associados”, encontrando-se endividados. Anteriormente a este período, a Prefeitura de Campos deixou de publicar no jornal as edições do Diário Oficial, o que ocorria a cerca de 100 anos e influenciou para o declínio do jornal. Aproximadamente 40 pessoas, entre jornalistas e funcionários de outras áreas, perderam o emprego. Diversas entidades criticaram o fechamento de um documento que consideravam um patrimônio histórico da cidade de Campos, como a Associação de Imprensa Campista (AIC). Atualmente, existem campanhas pela volta do Monitor Campista, enquanto o Arquivo Público Municipal de Campos cuida de sua restauração e o disponibiliza para consultas e pesquisas.

O jornal Folha da Manhã foi publicado pela primeira vez dia 8 de janeiro de 1978. A Folha da Manhã nasceu como uma ideia do jornalista campista, Aluysio Cardoso Barbosa e o projeto foi abraçado por um grupo que incluía Andral Tavares, Pereira Junior, Claudio César, Luis Carlos França, Thereza Cristina Pereira, José Muylart, além de Diva Abreu Barbosa.

As entrevistas anexadas não serão analisadas neste trabalho, e sim, utilizadas como complemento ao tema de pesquisa trabalhado, visto que devido ao tempo curto de desenvolvimento da dissertação de mestrado, a inviabilidade estava próxima. Mesmo com a inviabilidade, por meio de acasos do destino, as entrevistas foram ocorrendo com naturalidade, trazendo informações complementares engrandecedoras que puderam dar voz aos personagens vivenciados no período estudado e esse foi um dos motivos que nos fizeram mantê-las aqui. E não somente acaso e naturalidade fizeram parte deste momento, os critérios metodológicos foram de fundamental importância na seleção destes personagens, Avelino Ferreira fora um dos fundadores do PDT em Campos dos Goytacazes, Hermes Oliveira foi

²⁵ SOARES, Orávio de Campos. A imprensa na Velha Província: 170 anos do “Monitor Campista”. O terceiro jornal mais antigo do país e a morte misteriosa do jornalista Francisco Alypio. *Actas do III Sopcom, VI Lusocom e II Ibérico*, vol. IV, p.167-177, 2005. p. 169.

assentado entre 2001 e 2002 em um dos primeiros assentamentos de Campos onde vive até hoje, o Antônio de Faria, e Roberto Henriques fora presidente do Diretório Municipal do PDT em Campos entre 2001 e 2007, além de ter sido secretário na gestão Garotinho e de Arnaldo Vianna e prefeito de Campos.

Este tema da realização das entrevistas foi abordado no exame de qualificação e amplamente debatido, porque o Arquivo Público Municipal de Campos dos Goytacazes estava fechado devido à dificuldade de conservação do patrimônio com a falta de investimentos ocorrendo gestão municipal após gestão municipal na cidade. Em dias de chuva forte, documentos da história de Campos chegaram a ser atingidos, já que havia anos que não se fazia uma reforma em seu telhado, por exemplo. Com sua reabertura em condições mínimas em meados do ano de 2023 para consultas, pude me aprofundar no escopo de ideias da pesquisa após diversas visitas ao Arquivo, e também a partir da divulgação na Hemeroteca Digital do período de recorte da pesquisa do jornal Monitor Campista digitalizado, o que me trouxe estas riquíssimas informações, principalmente do período referente ao segundo capítulo do trabalho, entre 1989 e 1996 em Campos dos Goytacazes, do qual encontrei pouca bibliografia referente.

Com relação ao PDT-Campos, estive presente em seu Diretório Municipal procurando informações em 2022, 2023 e 2024, porém em todas as vezes encontrava-se abandonado. Ao contatar o presidente atual do partido em Campos, León Gomes, o mesmo me informou que “então, a gente pega o PDT totalmente sem informações, de criação e etc. Mas vamos buscar isso daí, a Fundação Leonel-Brizola que tem a História do PDT acredito eu que tenha coisa sobre Campos.” Nosso contato não se estendeu muito após essas conversas receptivas, porém pouquíssimos documentos oficiais foram encontrados, ou quase nenhum. Quem esteve mais próximo foi Avelino Ferreira, que em sua biblioteca teria atas sobre o PDT na década de 1980, porém iria procurar e até o momento, não retornou.

Em 2023 estive na Fundação Leonel Brizola Alberto Pasqualini, no centro do Rio de Janeiro, porém, sem sucesso para documentos do PDT-Campos. E após recomendação de Wendel Pinheiro, historiador do trabalhismo, e Henrique Mathiesen, coordenador do Centro de Memória Trabalhista, em 2024 com a oportunidade de ir para Brasília visitar o Centro de Memória Trabalhista, mesmo com excelente experiência, nada acerca destes documentos de fundação e atuação do partido no município. Decidimos seguir a linha dos jornais para investigação e análise desde boa parte de 2022 para 2023, percebendo a inviabilidade destes

documentos e que as informações encontradas nos jornais, demonstram, ainda que brevemente, a trajetória do partido na região campista.

E sobre o MST, desde o início observamos que o Boletim MST-RJ seria de suma importância para esta pesquisa, porém o recorte que se encontra digitalizado online, consta somente a partir de 2008 em seu site. Após a busca pelo boletim, realização de contatos com integrantes do movimento e ida ao assentamento Zumbi dos Palmares e acampamento Cícero Guedes quando convidado, não houve resposta sobre o zelo deste documento neste período, o que me fez dar maior ênfase aos jornais da cidade campista. Contatei também o núcleo do CPDA-UFRJ, que respondeu não haver material referente ao boletim em seu acervo.

Sobre a estrutura desta dissertação, no primeiro capítulo observamos o nascimento do PDT e a formação do MST em um contexto nacional, analisando suas trajetórias e aproximações com a questão agrária. Ainda neste capítulo, contextualizamos a questão política na década de 1980 em Campos dos Goytacazes, com um recorrido histórico do município, a formação do PDT e a eleição de Anthony Garotinho em 1988, rompendo com uma política oligárquica estabelecida desde o início da ditadura militar no Governo Municipal.

No segundo capítulo enfocamos as políticas trabalhistas voltadas para a questão agrária do PDT durante os dois primeiros mandatos do partido na gestão do município, de 1989-1993, com Anthony Garotinho, e posteriormente, com Sérgio Mendes, 1993-1997. Neste, observamos principalmente as bases assentadas como políticas públicas voltadas para o campo e a agricultura, até a primeira ocupação do MST em Campos, no ano de 1997.

No terceiro capítulo enfocamos especificamente nossa análise na trajetória do MST em Campos dos Goytacazes desde a primeira ocupação, em abril de 1997. A partir deste ponto, identificamos a relação criada entre a atuação do MST no município e as possibilidades de políticas aos acampados e assentados do movimento, no ano de 1997, com Anthony Garotinho, entre 1998-2006, durante as gestões de Arnaldo Vianna, 1998-2004, Carlos Alberto Campista, 2005, e Alexandre Mocaiber, entre 2005-2006.

CAPÍTULO 1 - O NASCIMENTO DO PARTIDO DEMOCRÁTICO TRABALHISTA (PDT) E A FORMAÇÃO DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST) (1979-1988)

Decepar a cana
Recolher a garapa da cana
Roubar da cana a doçura do mel
Se lambuzar de mel

Afagar a terra
Conhecer os desejos da terra
Cio da terra, a propícia estação
E fecundar o chão

O Cio da Terra - Chico Buarque e
Milton Nascimento

1.1 - ANTECEDENTES IMEDIATOS DOS CONFLITOS PELA TERRA NO SÉCULO XX

O contexto político brasileiro se reconfigura com o final do Estado Novo, através do processo de redemocratização. Em 28 de fevereiro daquele ano, o presidente Getúlio Vargas restabeleceu as eleições diretas para a presidência, senador e deputados por meio do Ato Adicional n.º 9. Eleições estas que não ocorriam desde que o Estado Novo havia sido instaurado no dia 10 de novembro de 1937, quando foi fechado o Poder Legislativo no Brasil, e houve o adiamento por tempo indeterminado das eleições presidenciais que se realizaram em 3 de janeiro de 1938.

Ainda sobre o ano de 1945, no dia 18 de abril, foi concedida a anistia geral pelo governo a adversários políticos, e em 28 de maio, pelo Decreto-Lei n.º 7586.²⁶ Com a implementação deste Decreto-Lei, houve a regulamentação do novo código eleitoral e o estabelecimento dos requisitos para a fundação de partidos políticos, sendo obrigatório a formação de partidos políticos nacionais, e conduziu as eleições para o dia 2 de dezembro.²⁷

Com as articulações para a construção de partidos sendo debatida antes mesmo da promulgação da lei, havia a percepção política deste momento de transição para um regime democrático. Ocorreu do lado de distintas forças getulistas e anti-getulistas um processo de formação de correntes diversas em três principais partidos políticos, para além do PCB fundado em 1922, que seriam a União Democrática Nacional (UDN) o Partido Social Democrático (PSD) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Ao final da contagem dos resultados, o militar Eurico Gaspar Dutra do Partido Social Democrático (PSD) sairia vencedor com 55% dos votos, contra 34% do brigadeiro Eduardo Gomes da União Democrática Nacional (UDN).²⁸

²⁶ Conhecida como Lei Agamenon, em referência a Agamenon Magalhães, Ministro da Justiça nos anos de 1937 e 1945 e Governador de Pernambuco entre 1951 a 1955.

²⁷ SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p. 386.

²⁸ Ainda sobre as eleições de 1945 em que a UDN e o PSD se enfrentaram, Carvalho (2008) nos aponta que as limitações se referem à cassação do Partido Comunista em 1947, à interdição dos analfabetos nos sufrágios do

Fundada em 7 de abril de 1945, a União Democrática Nacional (UDN) se apresentava “como um movimento de ampla frente de oposição, reunião de antigos partidos estaduais e aliança política entre novos parceiros”.²⁹ E “aglutinava desde setores oligárquicos até representantes da burguesia liberal urbana e elementos da esquerda não comunista – que ficariam conhecidos como Esquerda Democrática –, além de comunistas dissidentes da linha oficial do Partido Comunista Brasileiro (PCB)”.³⁰

Outro a surgir no cenário político-partidário brasileiro foi o Partido Social Democrático (PSD), em meados de abril de 1945. Este partido reunia, em seus quadros, interventores do período do Estado Novo, segmentos da classe média urbana e, principalmente, representantes das oligarquias estaduais, como tentativa de centralizar as forças políticas tradicionais locais em uma estrutura partidária.³¹ No entanto, o PSD excluía, na prática, os segmentos que eram identificados como as bases fundamentais do regime: as camadas trabalhadoras. Estas, estavam em disputa principalmente entre o Partido Comunista Brasileiro (PCB), e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), em uma busca por adesão popular na construção de legendas partidárias.

É neste momento que há a fundação do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), em 15 de maio de 1945, na reunião da Comitiva Executiva Nacional no Rio de Janeiro. O PTB teve inspiração no modelo trabalhista inglês com suas bases montadas a partir de lideranças sindicais e organismos previdenciários. Inspirado em Getúlio Vargas como sua maior liderança, seus objetivos programáticos se baseiam na “defesa da legislação trabalhista e social da primeira Era Vargas; a luta contra a pobreza, a resistência ao avanço imperialista e, por fim, o culto ao getulismo, que, apesar de não uniforme, seria predominante no partido”.³²

período e às constantes fraudes eleitorais devido à falta de cédulas oficiais para a população votar. José Murilo de Carvalho também observa o exercício da cidadania acerca do aumento da participação eleitoral comparando com as eleições anteriores: em 1930, os votantes não passavam de 5,6% da população, em 1945, votaram 13,4%, em 1950, 15,9%, e em 1960, 18%. Colocando em números absolutos, os votantes transitaram de 1,8 milhão em 1930 para 12,5 milhões em 1960 e 14,7 milhões em 1962. Para maiores informações, ver: CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

²⁹ BENEVIDES, Maria Victória. **UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro**. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo, Universidade de São Paulo, 1980. p. 9.

³⁰ BATISTELLA, Alessandro. O trabalho Getulista-reformista do antigo PTB e o “novo trabalhismo” do PDT: continuidades e descontinuidades. *Aedos*, v. 5, n.12, p.116-132, janeiro/julho 2013. p. 118.

³¹ FERREIRA, Jorge. **A democratização de 1945 e o movimento queremista**. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano Vol.3: o tempo da experiência democrática - da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 138.

³² DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **PTB: do getulismo ao reformismo (1945-1964)**. São Paulo: Marco Zero, 1989. p. 78.

Na história do país, o getulismo atrelado a ideologia do trabalhismo, se consolidava como “uma das mais fortes tradições a integrar o que seria a cultura política brasileira”.³³

O historiador José Murilo de Carvalho afirma que nas eleições de 2 de dezembro de 1945, “apesar das limitações, a participação do povo na política cresceu significativamente”.³⁴ Entre os anos de 1945-1964 foi o “momento em que começaram a vir à luz diversos conflitos no campo e em que se procurou, pela primeira vez, dar-lhes uma articulação maior, através de bandeiras de luta comuns”.³⁵ Houve a emergência das organizações camponesas no cenário político diante dos conflitos da luta pela terra que influenciaram a fundação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), um dos objetos de pesquisa deste trabalho. Destas organizações camponesas, as três principais que se desenvolveram no período e influenciaram o surgimento do MST, foram as Ligas Camponesas, a União dos Agricultores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (ULTAB) e o Movimento de Agricultores Sem Terra (MASTER), além da Comissão Pastoral da Terra (CPT), de origem religiosa.

Com a bandeira pela realização da reforma agrária e permanência na terra, os movimentos iniciados criticavam a concentração da propriedade da terra e sua improdutividade. Nos meados dos anos 40, surgiram entidades de representação no campo, principalmente em São Paulo e no nordeste canavieiro, que organizavam greves e reivindicavam direitos trabalhistas, salário mínimo, limitação da jornada de trabalho, férias e possibilidades de organização sindical.³⁶

No epicentro dos conflitos que emergiram, duas formas de organização foram construídas: os sindicatos e as associações civis. Ao mesmo tempo em que diversas formas de organizações nasciam, realizavam-se também os primeiros encontros de trabalhadores, com âmbito estadual, como foi o caso do I Congresso Camponês de Pernambuco, em 1950, e o I Congresso Camponês Goiano em 1951, que culminaram no I Encontro Nacional dos Trabalhadores Agrícolas, em 1953.

O Partido Comunista Brasileiro (PCB) fundado em 1922 participou de organizações de operários urbanos e trabalhadores rurais, e acreditava que o Brasil era marcado por sobrevivências de um feudalismo que teria ocorrido, com a expressão evidente deste processo

³³ GOMES, Angela de Castro. Reflexões em torno de populismo e trabalhismo. **Varia História**, n.28, p.39-54, dez/2002. p. 68.

³⁴ CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo Caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 146.

³⁵ MEDEIROS, Leonilde Sérvolo de. **História dos movimentos sociais no campo**. Rio de Janeiro: FASE, 1989. p. 14.

³⁶ Estes direitos eram entendidos como possibilidade de extensão aos trabalhadores rurais, já que haviam sido legalmente obtidos pelos operários urbanos.

resultando no latifúndio. Com o partido posto na ilegalidade em 1947 pelo presidente Eurico Gaspar Dutra, suas atividades arrefeceram e houve uma reinterpretação de sua linha de atuação que acreditava nas soluções eleitorais, para a crença na possibilidade de uma luta armada para o alcance do poder. Com o lema “terra para quem nela trabalha”, o partido buscou construir um programa de libertação nacional que incluísse as massas consideradas excluídas pela sociedade, principalmente os camponeses.

O intenso envolvimento entre o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e os trabalhadores do campo resultou na criação de associações por todo o país e uma entidade nacional que se ocuparia da direção das lutas e atuaria como força aglutinadora, a União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (ULTAB), em 1954. Criada como uma das resoluções encaminhadas na II Conferência Nacional dos Trabalhadores Agrícolas, realizada em São Paulo no ano de 1954 com participação de diversas delegações de estados do Brasil, seria este “um passo fundamental para a superação do localismo e do isolamento das lutas que se desenvolviam no campo”.³⁷

No ano seguinte, em 1955, surge a Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco, chamada mais tarde de “Liga Camponesa da Galileia”, criada por foreiros que trabalhavam em engenho. Esta liga considerava-se uma sociedade civil-beneficente, de auxílio mútuo, e inicialmente, seu objetivo consistia em “fundar uma escola primária e formar um fundo para adquirir caixãozinhos de madeira destinados às crianças que, naquela região, morrem em proporção assustadora”.³⁸ Os camponeses da Galiléia construíram a diretoria de sua sociedade com presidente, vice-presidente, tesoureiro e outros cargos, e atuavam em três frentes: no campo, na justiça e na assembleia.

Apoiada pelo advogado Francisco Julião, do Partido Socialista Brasileiro (PSB), este fora o primeiro advogado a assumir a defesa dos camponeses que resistiram às ameaças de despejo pelo senhor de engenho, ocorrendo assim a emergência de conflitos na região. Esta associação inspirou a formação de diversas outras Ligas e movimentos camponeses naquele período e também o MST, nas décadas seguintes, como afirma uma de suas principais lideranças, João Pedro Stédile, em entrevista ao geógrafo Bernardo Mançano Fernandes, “nós do MST, nos consideramos herdeiros e seguidores das Ligas Camponesas, porque aprendemos com sua experiência histórica e ressurgimos com outras formas”.³⁹

³⁷ MEDEIROS, Leonilde Sérvolo de. **História dos movimentos sociais no campo**. Rio de Janeiro: FASE, 1989. p. 30.

³⁸ JULIÃO, Francisco. **Que são as Ligas Camponesas?** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1962. p. 24.

³⁹ STEDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brava Gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 20.

Logo no ano seguinte, 1956, realizou-se o I Congresso Camponês de Pernambuco, onde a Sociedade Agrícola dos Plantadores e Pecuáristas tornou-se uma entidade de âmbito estadual, ganhou uma estrutura orgânica e ampliou sua ligação com as camadas populares e setores políticos de Recife. Nessa ocasião, José dos Prazeres foi eleito presidente das Ligas Camponesas e realizou-se uma passeata de três mil trabalhadores pela cidade, fato inédito até então. O que marcou a ação das Ligas nesse período foi o fato de os camponeses irem às ruas, realizando marchas, comícios, congressos, procurando não só reforçar sua organização interna como ampliar sua base de apoio nas cidades, e, dessa forma, alimentando o debate sobre a natureza da propriedade da terra e a necessidade da reforma agrária.

No final da década de 1950 ocorreria a fundação do Movimento dos Trabalhadores Agrícolas Sem-Terra (MASTER), que por mais que João Pedro Stédile afirme que “não há um fio condutor que una as duas organizações”, também acredita que “o que existe é uma memória histórica que sempre fica presente”⁴⁰ entre o surgimento do MST e a experiência histórica do MASTER. Morissawa (2001) em seu livro “A História da Luta pela Terra e o MST”, vislumbra uma influência maior do MASTER na formação do MST, principalmente pela luta do MASTER para entrar na terra através das ações organizadas por meio de acampamentos, uma das formas de resistência utilizadas pelo MST em suas ocupações.⁴¹

O MASTER surgiu na resistência de 300 famílias de posseiros que por 50 anos habitavam sua terra contra um suposto dono que reivindicava o território de 1800 hectares, situado no município de Encruzilhada do Sul.⁴² Esse primeiro momento de formação do MASTER transcorreu entre junho de 1960 e janeiro de 1962, onde o movimento se caracterizou pela articulação dos sem-terra nos municípios e a constituição de uma associação estadual.⁴³

Com a intensificação da questão agrária na região, nos anos de 1962 e 1963, houveram 33 diferentes mobilizações que se relacionam com a pressão por desapropriação de determinadas propriedades até a organização de acampamentos de sem-terra.⁴⁴ Com a pressão

⁴⁰ Ibid, p.20.

⁴¹ MORISSAWA, Mitsue. **A História da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001. p. 94.

⁴² Apoiados pelo prefeito Milton Serra Rodrigues do PTB, dispuseram-se a lutar pelo direito de permanência e com sua iniciativa, foi fundado o primeiro núcleo do Master na cidade de Encruzilhada do Sul, contando com a participação de Paulo Schilling, que era na época superintendente da fronteira do sul e Ruy Ramos, deputado federal pelo PTB.

⁴³ ECKERT, Cordula. **O Master e as ocupações de terra no Rio Grande do Sul**. In: FERNANDES, Bernardo Mançano; MEDEIROS, Leonilde Servolo de; PAULILO, Maria Ignez (orgs.). *Lutas camponesas contemporâneas: condições, dilemas e conquistas*, v.1: o campesinato como sujeito político nas décadas de 1950 a 1980. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 73-74.

⁴⁴ ECKERT, Cordula. **Movimento dos Agricultores Sem Terra no Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pós-Graduação em Desenvolvimento Agrícola, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 1984. p. 233-234.

das ocupações organizadas pelo MASTER no Rio Grande do Sul e na busca para dar uma resposta de construção da política fundiária do estado, o governo de Leonel Brizola do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) criou o Instituto Gaúcho de Reforma Agrária (IGRA) em 14 de novembro de 1961, e a Comissão de Reforma Agrária e Levantamentos Especiais (CRALE), que foram fundamentais para iniciar os projetos de redistribuição de terra, colonização e assentamentos.⁴⁵

Nestes anos houve a efervescência e consolidação do MASTER⁴⁶, que enfrentava a oposição da Federação dos Agricultores do Rio Grande do Sul (FARSUL). Colocando-se como obstáculo, a federação estava incomodada com a questão agrária na região e em determinado momento radicalizou suas atividades de enfrentamento, buscando denunciar o governo Brizola para o governo federal e as forças armadas.⁴⁷

Com a pressão camponesa nesse contexto, a partir da presença de 1.400 delegados na realização do I Congresso Nacional de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas em novembro de 1961, em Belo Horizonte,⁴⁸ a regulamentação da sindicalização rural em 1962 no governo de João Goulart (PTB) e a publicação do Estatuto do Trabalhador Rural em 1963,⁴⁹ os sindicatos existentes foram reconhecidos e se iniciaram outros diante dessa nova perspectiva. A realização em julho de 1963, em Natal, da I Convenção Brasileira de Sindicatos Rurais, imprimiu a proposta da fundação de uma confederação sindical que pudesse organizar as federações e sindicatos. Reconhecida somente em janeiro de 1964, a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG) assumiu dois compromissos básicos: a luta pelo reforço e ampliação dos sindicatos, bem como da unidade do movimento e a encampação das resoluções do Congresso de Belo Horizonte.⁵⁰

O golpe civil-militar de 1964 redimensionou as lutas no campo, principalmente a partir da violência e repressão a que as organizações foram submetidas. A ditadura militar brasileira personificada inicialmente no governo do Marechal Castello Branco (1964-1967) se

⁴⁵ ALVES, Bernard José Pereira. **A política agrária de Leonel Brizola no Rio Grande do Sul: governo, legislação e mobilização**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2010. p. 22.

⁴⁶ Neste período, em sua segunda fase, o Movimento dos Trabalhadores Agrícolas Sem-Terra intensificou suas atividades, principalmente a partir de 1962, com a ocupação da fazenda Sarandi e a do Banhado do Colégio, e teve estreita ligação com Leonel Brizola.

⁴⁷ SILVA, Marco Antônio Medeiros. **A última revolução: o governo Leonel Brizola no Rio Grande do Sul, 1959-1963**. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2015. p. 172.

⁴⁸ COSTA, Luiz Flávio de Carvalho. **O Congresso Nacional Camponês: trabalhadores rurais no processo político brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p. 27.

⁴⁹ WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Um saber necessário: os estudos rurais no Brasil**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011. p. 46-47.

⁵⁰ MEDEIROS, Leonilde Sérvolo de. **História dos movimentos sociais no campo**. Rio de Janeiro: FASE, 1989. p.78.

baseou em dois mecanismos para buscar conter as mobilizações das populações do campo que destilavam suas reivindicações, principalmente durante o governo de João Goulart.

Primeiro, o Estatuto da Terra, criado em 30 de novembro de 1964. Neste instrumento constava uma legislação agrária dividida em uma dupla lógica, a distributivista, que prezava pela democratização da propriedade fundiária, incentivo direto a empresas familiares como modelo de propriedade e penalização do latifúndio, ao mesmo tempo que detinha uma lógica produtivista, que priorizava a concentração de capital e terra, consolidando a grande empresa capitalista, que impunha sua política agrária por meio do desenvolvimento da agroindústria e a capitalização das grandes propriedades.⁵¹

Segundo, os Projetos Integrados de Colonização (PIC), ocupação e urbanização intensificadas a partir de 1966 através do surgimento da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) com a “Operação Amazônia” visando desenvolver estas políticas na região da Amazônia Legal. Com incentivos fiscais a empresários brasileiros que quisessem investir na Amazônia, a colonização oficial, que tem como grande exemplo o caso dos PICs, ainda na década de 1970 revela não atingir seus objetivos, realocando somente 40.000 colonos entre 1970 e 1979. Este número foi abaixo do esperado e mesmo com as intenções anunciadas, os PICs resultaram em fracasso na questão da redistribuição fundiária e na fixação da população nas terras que lhes foram destinadas.⁵²

Durante o período da ditadura empresarial-militar, e principalmente de Ernesto Geisel (1974-1979), o modelo perpetrado pelo regime militar significou arrocho salarial e no campo, um intenso êxodo rural, multiplicação dos despejos, aumento do trabalho temporários em grandes proporções baseadas na militarização da questão agrária.⁵³ As manifestações de protesto e greves eram impedidas, a imprensa censurada e as organizações clandestinas de esquerda duramente reprimidas. Esse período fora marcado por intensa violência e autoritarismo por meio da prática de tortura, misteriosos desaparecimentos e assassinatos no campo.

Emergiram diversos conflitos no período entre os grandes proprietários e os pequenos posseiros. Esta situação, que não era única no Brasil, chamou a atenção de bispos, padres e

⁵¹ BRUNO, R. O Estatuto da Terra: entre a conciliação e o confronto. *Estudos Sociedade e Agricultura*, v.3, n.2, p.5-31, 2013. p.29.

⁵² FIALHO, Átila Rezende.; TREVISAN, Ricardo. Ocupar, colonizar, urbanizar a Amazônia Legal (1970-80): ações oficiais e privadas na criação de núcleos urbanos. Natal: **Anais do XVIII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional**, p.1-25, 2019. p.15.

⁵³ MARTINS, José de Souza. **A militarização da questão agrária no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1985. p. 31.

agentes de pastoral vinculados à “opção preferencial pelos pobres”, consolidada na II Conferência Episcopal Latino-Americana de Medellín, no ano de 1968.

Durante esse processo, destacou-se Dom Pedro Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia (MT), e que para a Assembleia da CNBB de 1973, convidou colegas bispos e padres para debater o problema. Após esse encontro, em seu desdobramento nasceu a Comissão Pastoral da Terra (CPT) durante a ditadura militar, no ano de 1975, organismo criado vinculado à Igreja Católica para articular uma ação conjunta da Igreja frente aos conflitos rurais, auxiliando os trabalhadores que eram vítimas do autoritarismo e da repressão.

A Comissão Pastoral da Terra (CPT) é uma organização religiosa pastoral, baseada na Doutrina Social da Igreja e na Teologia da Libertação, que compõe valores e ideias relacionadas a caridade, fraternidade e justiça social. Reconhecida pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), inicialmente seus objetivos eram “interligar, assessorar, e dinamizar os que trabalhavam em pastoral popular junto aos camponeses”.⁵⁴

A ação pastoral praticada em consonância com as promovidas pela “Igreja Popular”, enlaçou a fé e o compromisso com a justiça social.⁵⁵ Em um período de intensa repressão do regime militar, de violação de direitos humanos, com a expansão do capitalismo no campo a partir do Estado incentivando as agroindústrias e os latifúndios em detrimento da pequena produção familiar e dos povos originários, a “revolta das formigas” da CPT tornou-se fundamental no enfrentamento à ditadura e a censura. Atuando com seu alcance que não ficara restringido a luta pela terra somente na Amazônia, a organização tomou uma dimensão de atuação regional e nacional, também por divulgações de notícias e denúncias sobre os conflitos que saíam no boletim da CPT e em outros boletins locais que surgiram.⁵⁶

Nesta conjuntura política, a CPT “foi muito importante para a reorganização das lutas camponesas”,⁵⁷ principalmente ao atentar padres e bispos para os acontecimentos na luta pela terra e na aplicação de um caráter ideológico da Teologia da Libertação no trabalho de conscientização próximo aos camponeses, afastando a questão messiânica da Igreja e estimulando-os a se organizarem para conquistar a sua terra e nela trabalhar. Outro ponto que Stédile afirma ao concluir sobre a importância da CPT na gênese do MST é a sua vocação

⁵⁴ COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **Conquistar a terra, reconstruir a vida. CPT: Dez anos de caminhada.** Petrópolis: Vozes, 1985. p.38.

⁵⁵ FERREIRA, Silvana Maria. Peregrinos da terra prometida: Comissão Pastoral da Terra e trajetória político-religiosa (1975-2003). **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v.1, n.1, p. 137-152, 2004. p.138.

⁵⁶ MARTINS, José de Souza. “A revolta das formigas”. CPT (Org.). **Conquistar a terra, reconstruir a vida: CPT - dez anos de caminhada.** Petrópolis: Vozes, 1985. p.94.

⁵⁷ STEDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brava Gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil.** São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 19.

ecumênica ao aglutinar o grupo luterano, caminhando contra a fragmentação das resistências e se transformado em “uma força que contribuiu para a construção de um único movimento, de caráter nacional”,⁵⁸ que desembocou no surgimento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra que observamos com maior ênfase adiante no trabalho.

1.2 - O EXÍLIO DOS TRABALHISTAS E A FORMAÇÃO DO PARTIDO DEMOCRÁTICO TRABALHISTA (PDT)

Em 1979, João Figueiredo substituiria Ernesto Geisel e realizaria a concepção de uma reabertura gradual no Brasil. Com a sanção da Lei da Anistia e da extinção do modelo bipartidário, inserindo o pluripartidarismo com a Lei de 20 de dezembro de 1979, haveria um breve espaço para a constituição de novas organizações partidárias, incorrendo em um novo passo para o processo de redemocratização. Diversas legendas partidárias surgiram nos dois campos ideológicos em disputa. A Aliança Renovadora Nacional (ARENA), o principal partido da ditadura, se transformaria no Partido Democrático Social (PDS) e o MDB se intitularia Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Com relação à esquerda, as legendas comunistas como o PCB e o PC do B continuariam na clandestinidade, sendo legalizadas somente em 1985. Quadros do “novo sindicalismo”, dos grupos progressistas da Igreja Católica e intelectuais formariam o Partido dos Trabalhadores (PT), e os trabalhistas formariam o PDT, após intensa disputa pela legenda do PTB.

Inicialmente na formação do PTB, as adesões eram encontradas somente em poucas regiões, e sua hegemonia fora construída a partir do diretório do Rio Grande do Sul, onde centralizavam as principais lideranças e continha um peso no delineamento da linha programática e nas ações do partido.⁵⁹ O PTB era composto por três tendências principais: os getulistas pragmáticos, os doutrinários trabalhistas e os pragmáticos reformistas⁶⁰, ocorrendo intensas disputas internas entre estes grupos para reafirmar e criar acúmulo sobre a linha política partidária.⁶¹

⁵⁸ Ibid., p. 20.

⁵⁹ SILVA, Roberto Bittencourt da. O PTB (1945-19964): suas tendências políticas internas e a hegemonia do diretório Sul-Riograndense. **Perseu**, n. 7, p.175-198, 2011. p. 191.

⁶⁰ O primeiro grupo era composto por burocratas e sindicalistas ligados ao corporativismo oficial que se baseavam no nacionalismo e intervencionismo estatal com representação ativa de trabalhadores sindicalizados por meio de clientelismo e fisiologismo; os doutrinários com ativa produção intelectual e enfoque educativo eram liderados por Alberto Pasqualini, considerado um dos principais teóricos do trabalhismo, e visavam independência de projetos personalistas e do aparelho burocrático do estado; a tendência do pragmatismo reformista era conduzida principalmente por Leonel Brizola e João Goulart, e nesta ala pode-se afirmar que se traduziu o casamento entre as proposições discursivas do trabalhismo doutrinário e uma prática que mesclava traços herdados do getulismo e do trabalhismo dos primeiros tempos.

⁶¹ DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia**. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. (Org.). **Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 177-178.

Com a fundação do PTB, um conjunto de jovens estudantes e trabalhadores como Fernando Ferrari, Leonel Brizola, Sereno Chaise e Wilson Vargas, criariam a Ala Moça, que garantiria as bases para a criação de uma organização juvenil, nacionalista e trabalhista dentro do partido.⁶² Com forte atuação no movimento estudantil, Leonel Brizola⁶³ se tornou figura expressiva no cenário político do partido e da região, principalmente como uma das lideranças nesta ala durante o momento inicial de construção do partido. Simpatizante do ex-presidente Getúlio Vargas, e por ter vivenciado o movimento queremista,⁶⁴ Brizola ingressou no Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) em agosto de 1945, integrando e fundando o primeiro núcleo riograndense do novo partido.⁶⁵

O nascimento de Leonel Brizola para a política ocorreu neste momento entre 1945-1964.⁶⁶ Suas ideias políticas baseavam-se no nacionalismo, no anti-imperialismo, na democracia e nas reformas que visava ser implementadas, como a educacional, a econômica e a agrária.⁶⁷ Quanto à questão agrária no período varguista, o principal projeto era vincular a

⁶² GOMES, Everton; PINHEIRO, Wendel. **A História de uma Juventude Trabalhista, Popular e Socialista**. Niterói-RJ: Nitpress, 2016. p. 161.

⁶³ Nascido em 22 de janeiro de 1922 em Cruzinha, no Rio Grande do Sul, fora alfabetizado pela mãe, com uma infância pobre, sendo ascensorista e engraxate. Em 1942 ingressou nas forças armadas, mais precisamente, na aeronáutica. Após serviço militar, terminou o colégio Júlio de Castilho e ingressou na faculdade de engenharia em 1945. Para maiores informações sobre sua biografia, ver: LEITE FILHO, F. C. **El Caudillo: Leonel Brizola: Um perfil biográfico**. São Paulo: Aquariana, 2008.

⁶⁴ O movimento queremista em seu momento inicial teria se constituído como um conjunto de manifestações populares que reagiu aos insultos proferidos a Vargas, porém, a partir de sua constituição, o movimento ganhou feições mais bem definidas de apoio a Getúlio Vargas, sobretudo com a fundação do Comitê Pró-Candidatura Getúlio Vargas do Distrito Federal.

⁶⁵ Sua trajetória nos é importante não só por sua liderança dentro do espectro trabalhista, mas por também desenvolver em seus governos, políticas voltadas ao agrário em intensas discussões próximo aos movimentos sociais, como no governo do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro.

⁶⁶ No ano de 1947 Leonel Brizola foi eleito deputado estadual com 3.939 votos, principalmente por sua atuação no movimento estudantil e pelo papel que desempenhou na fundação do PTB em todo o Estado. Na campanha eleitoral, Leonel teve como principal bandeira a denúncia e a busca por melhoria para uma realidade por ele também vivida, a de trabalhador estudante. E durante seu mandato foi incisivo em defesa da juventude e dos estudantes, criticando a falta de políticas sociais para a juventude. Em 1950 fora reeleito deputado estadual com a maior votação para o cargo no Estado até aquele momento, 19.691 votos. Seus discursos e atuação podem ser divididos em duas fases: durante o ano de 1951, seus pronunciamentos abordam mais as questões referentes ao ambiente político do Estado e tinham um horizonte, as eleições municipais que se desenvolveram em novembro do mesmo ano. Após a derrota nas eleições, Brizola se envolveu diretamente nos problemas econômicos e sociais enfrentados pelo governo, tanto em âmbito nacional quanto no estadual. Nos dois momentos, sua atuação inscreveu-se no objetivo de defender as ações do governo dos ataques dos partidos de oposição. Por fim, essa foi uma legislatura curta para Brizola. Em 1953 ele se despediu da Assembleia Legislativa e assumiu o cargo de Secretário de Obras Públicas. Em 1954 foi eleito deputado federal pelo mesmo partido com o maior número de votos obtido até então por um postulante ao Congresso Nacional no Rio Grande do Sul. Em 1955 venceu a disputa contra Euclides Triches, candidato da Frente Democrática, pela Prefeitura de Porto Alegre. Para aprofundamento deste período na vida de Brizola, ver: FERNANDES, Vinícius dos Santos. **A emergência de um líder nacionalista: A atuação parlamentar de Leonel Brizola entre os anos de 1947 e 1953**. (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de História – PPHR, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica-RJ, 2013.

⁶⁷ FERREIRA, Jorge. **Nacionalismo, democracia e reformas: As ideias políticas de Leonel Brizola (1961-1964)**. In: FREIRE, Américo. *A razão indignada: Leonel Brizola em dois tempos (1961-1961 e 1979-2004)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 24.

agricultura à indústria, transformando os trabalhadores rurais em consumidores diretos e fixando o homem ao solo, implantando legislações trabalhistas, o afastando do temido perigo comunista.⁶⁸

Fiel ao trabalhismo, podemos dizer que esta corrente de pensamento é compreendida como uma ideologia e tradição política que, sendo um produto do Estado Novo em seu segundo movimento, difundiu-se consideravelmente no Brasil desde 1945 e após a queda do Estado Novo, sendo este período de construção e difusão inicial do trabalhismo entre 1945-1964 ocorrido por meio dos sindicatos e do PTB.⁶⁹ Partindo de sua principal base operacional no Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, liderado pelo ministro Alexandre Marcondes Filho, o trabalhismo como ideologia política pode ser identificado através de suas crenças e valores, de práticas festivas como a comemoração do dia do trabalho, com o seu vocabulário e atos comunicativos,⁷⁰

Portanto, o grau de representatividade e de êxito de uma série de valores, ideias, idiossincrasias e posicionamentos é proporcional ao nível de alcance que essas ideias chegam a amplos segmentos da sociedade. As crenças coletivas, os valores, as estigmatizações contra os adversários e os *slogans* são instrumentos apelativos de determinado segmento da sociedade que, a partir de tais princípios, não apenas consolidam uma cultura política específica, como principalmente sistematizam as ideias, imagens, conceitos e opiniões que são traduzidos em uma ideologia. Destarte, o trabalhismo cumpriu esse papel desde a Era Vargas, passando pelo PTB de 1945-1964, sobrevivendo no decorrer do Regime Ditatorial pós-1964 e prosseguindo desde a redemocratização com o PDT, de 1980 em diante com base nos valores do nacional-estatismo, da democracia popular, do anti-imperialismo, do reformismo e do *socialismo moreno*.⁷¹

Por outro lado, esta mesma ideologia trabalhista nasceu arraigada a Getúlio Vargas, com a ideia de corresponder aos interesses dos trabalhadores por meio do acesso a uma legislação trabalhista, sindical e previdenciária. A partir de forte ligação com o getulismo, podemos dizer que sua ideologia se vinculava ao nacionalismo-desenvolvimentista, a partir de uma promessa por justiça social centrada nos direitos do trabalho, e ao intervencionismo de um estado autoritário e protetor, que o seu líder encarnava como

Uma ideologia, entendida como um conjunto de representações e visões de mundo, que conquistou parcelas significativas da sociedade, inclusive

⁶⁸ RIBEIRO, Vanderlei Vazelesk. **A roça y la campana: a questão agrária sob o Varguismo e o Peronismo em perspectiva comparada**. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal Fluminense, 2006. p. 34-35.

⁶⁹ ARAUJO, Maria Celina Soares d'. **Sindicatos, carisma e poder: o PTB de 1945-65**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 1996. p. 26.

⁷⁰ GOMES, Angela de Castro. **Brizola e o trabalhismo**. In: FREIRE, Américo. *A razão indignada: Leonel Brizola em dois tempos (1961-1961 e 1979-2004)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 304.

⁷¹ PINHEIRO, Wendel. **Um tempo bem melhor pra se viver: trajetória histórica do trabalhismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Gramma, 2021. p. 37.

trabalhadores. Dessa forma, foi traduzida em práticas sociais, compatíveis com interesses daqueles que a adotaram, tornando-se uma cultura política.⁷²

O recorte iniciativo da ideologia, se concentra onde o trabalhismo entraria em reflexão por trabalhadores e lideranças políticas, refazendo contornos e criando novas possibilidades e sentidos.⁷³ Para observadores da tradição política, teria sido entre 1945-1964 em que o trabalhismo se transformou em um instrumento de inclusão social e de alargamento da participação política eleitoral.⁷⁴

Em outro momento, após o refluxo com a repressão ditatorial no fim dos anos 1960 e 1970, durante os anos 1980 e em diante, o trabalhismo assume a roupagem intitulada como *socialismo moreno* no Partido Democrático Trabalhista (PDT), após longa disputa pela legenda do PTB entre Ivete Vargas⁷⁵ e Leonel Brizola. Antes da resolução de 12 de maio de 1980 do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) ser favorável à concessão da legenda a Ivete Vargas, os trabalhistas buscaram refundar o PTB, e viam em Brizola sua principal liderança, ainda mais com o ocorrido do falecimento de João Goulart em 1976.

Na linha deste apelo, em viagem aos Estados Unidos, Brizola se articulava com lideranças da social-democracia europeia na formulação e reorganização de um PTB como partido socialista, enquanto militantes trabalhistas se mobilizaram no Brasil nas discussões de construção do partido em três frentes iniciais durante os anos de 1978 e 1979. No Rio de Janeiro seria fundado em 22 de março de 1979 o Centro de Mobilização do PTB, com a presença de social democratas, comunistas, socialistas e exilados,⁷⁶ durante a realização do I Seminário de Estudos e Debates Trabalhistas do Rio de Janeiro. O Rio Grande do Sul, reduto histórico do trabalhismo no Brasil, seria representado pela fundação em 6 de janeiro de 1979 da Associação de Estudos e Debates do PTB, que reuniria trabalhistas históricos,

⁷² MACEDO, Michelle Reis de. **Recusa do passado, disputa no presente: esquerdas revolucionárias e a reconstrução do trabalhismo no contexto da redemocratização brasileira (décadas de 1970 e 1980)**. Tese (Doutorado em História). Pós Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal Fluminense, 2012. p. 16.

⁷³ Dentro do ideário trabalhista há diferentes vertentes em sua trajetória. Mantendo o eixo caracterizado pelo nacional-estatismo e a democracia, quatro são as possíveis leituras: o trabalhismo de Vargas, o trabalhismo doutrinário de Alberto Pasqualini, o trabalhismo reformista que se apoiava nas defesas das Reformas de Base e o trabalhismo Brizolista.

⁷⁴ GOMES, Angela de Castro. **Brizola e o trabalhismo**. In: FREIRE, Américo. *A razão indignada: Leonel Brizola em dois tempos (1961-1961 e 1979-2004)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. p. 306.

⁷⁵ Sobrinha-neta de Getúlio Vargas.

⁷⁶ Quadros ideológicos de trajetória trabalhista também participaram do evento e da formulação do Centro de Mobilização, como Doutel de Andrade, Bocayúva Cunha, Paiva Muniz, Darcy Ribeiro, Oswaldo Lima Filho e Sérgio Magalhães.

parlamentares oriundos do MDB e quadros representativos da nova esquerda.⁷⁷ Em São Paulo se formaria o terceiro núcleo trabalhista no Brasil, porém, dividido em duas tendências.⁷⁸

Ainda na disputa pela legenda petebista ocorreria em Lisboa, na sede do Partido Socialista Português, entre 15 e 17 de junho de 1979, o Encontro dos Trabalhistas do Brasil com os Trabalhistas no Exílio. Com a presença de trabalhistas militantes de 12 países, 140 brasileiros como Darcy Ribeiro, e o secretário-geral do Partido Socialista Português, Mário Soares, o resultado deste encontro seria a confecção da Carta de Lisboa, que propunha a reorganização dos trabalhistas dentro do PTB,

Analizando a conjuntura brasileira, concluímos pela necessidade de assumirmos a responsabilidade que exige o momento histórico e de convocarmos as forças comprometidas com os interesses dos oprimidos, dos marginalizados, de todos os trabalhadores brasileiros, para que nos somemos na tarefa da construção de um Partido Popular, Nacional e Democrático, o nosso PTB. Tarefa que não se improvisa, que não se impõe por decisão de minorias, mas que nasce do encontro do povo organizado com a iniciativa dos líderes identificados com a causa popular.⁷⁹

Criticando o teor autoritário do regime militar e do golpe de 1964,⁸⁰ reafirmaram seus princípios e compreendiam como principais desafios diante da conjuntura, situar novamente o partido dentro do quadro político brasileiro e retomar as bandeiras do trabalhismo. Dentre estas bandeiras, o partido buscava realizar

Especialmente uma reforma agrária que dê a terra a quem nela trabalha, em milhões de glebas de vinte a cem hectares, em lugar de entregá-las em províncias de meio, de um e até de mais de dois milhões de hectares na forma de super-latifundiários, subsidiados com recursos públicos. E termos também de levantar a bandeira da luta pela regulamentação do capital estrangeiro, para pôr fim à apropriação das riquezas nacionais e ao domínio das próprias empresas brasileiras pelas organizações internacionais.⁸¹

Confirmando seus princípios dentro da circunstância autoritária a que o país fora submetido pelos militares e camadas empresariais, o primeiro compromisso estipulado pela Carta de Lisboa para com a sociedade seria “reconduzir o Brasil a uma institucionalidade democrática em que todo poder emane do povo e seja por ele periodicamente controlado

⁷⁷ PINHEIRO, Wendel. **Um tempo bem melhor para se viver: a trajetória histórica do trabalhismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Gramma, 2021. p. 628.

⁷⁸ Ibid, p. 631.

⁷⁹ ENCONTRO DOS TRABALHISTAS DO BRASIL COM OS TRABALHISTAS NO EXÍLIO. **Carta de Lisboa**. Portugal, 1979. Ver: <https://www.pdt.org.br/index.php/carta-de-lisboa-marco-do-trabalhismo-na-redemocratizacao-do-brasil/>

⁸⁰ Na Carta de Lisboa os trabalhistas compreendiam o golpe de 1964 como “uma ação conjugada. Os latifundiários temiam a lei da Reforma Agrária que, com a nossa presença no Congresso Nacional, seria inevitável. Por sua vez, o governo norte-americano de então planejou e coordenou o golpe para evitar a aplicação da lei de Remessa de Lucros que poria termo à espoliação do Brasil pelas empresas multinacionais”.

⁸¹ ENCONTRO DOS TRABALHISTAS DO BRASIL COM OS TRABALHISTAS NO EXÍLIO. **Carta de Lisboa**. Portugal, 1979.

através de eleições livres e diretas”,⁸² por meio de uma República Federativa. Neste raciocínio, em uma elaboração de nova legislação trabalhista, concebiam ser primordial “reimplantar a liberdade sindical e o direito de greve” e “reverter as diretrizes da política econômica com o objetivo de afirmar, em lugar do primado do lucro, a prioridade de dar satisfação às necessidades vitais do povo, especialmente as de alimentação, saúde, moradia, vestuário e educação”.⁸³ Com relação a questão social, a Carta de Lisboa é afirmativa ao colocar à disposição suas forças de ação política e buscar os procedimentos legais para a resolução de problemas em cinco grupos sociais: as crianças, os negros, os indígenas, as mulheres e os trabalhadores das regiões Norte e Nordeste do Brasil:

Primeiro, o de salvar os milhões de crianças abandonadas e famintas, que estão sendo condenadas à delinquência; bem como o meio milhão de jovens que, anualmente, alcançam os dezoito anos de idade analfabetos e descrentes de sua Pátria. Segundo, o de buscar as formas mais eficazes de fazer justiça aos negros e aos índios que, além da exploração geral de classe, sofrem uma discriminação racial e étnica, tanto mais injusta e dolorosa, porque sabemos que foi com suas energias e com seus corpos que se construiu a nacionalidade brasileira. Terceiro, o de dar a mais séria atenção às reivindicações da mulher brasileira, que jamais viu reconhecidos e equiparados seus direitos de pessoa humana, de cidadã e de trabalhadora; e que, além de ser vítima da exploração representada pela dupla jornada de trabalho, se vê submetida a toda sorte de vexames sempre que procura fazer valer seus direitos. Quarto, o de fazer com que todos os brasileiros assumamos a causa do povo trabalhador do Norte e do Nordeste, tanto por uma economia local obsoleta, como por um colonialismo interno exercido de forma escorchante pelas unidades mais ricas da federação e pelo próprio Governo Federal, que propicia sua exploração entregando às grandes empresas, na forma de subsídios para aumentar seus lucros, os recursos que deviam ser destinados àquelas populações extremamente carentes.⁸⁴

Como resultado desta reunião, a Carta de Lisboa tornou-se um dos marcos históricos para a organização partidária que surgiria, baseada em um modelo de “novo trabalhismo”, posteriormente chamado de *socialismo moreno*, “entendido como o caminho brasileiro para a fundação de uma ordem política socialista no Brasil”.⁸⁵ Por fim, no plano da ação política com relação ao contexto histórico do país, a Carta de Lisboa reafirmava duas tarefas para a militância trabalhista e a constituição do partido como urgente:

Em primeiro lugar, a luta por uma Anistia ampla, geral e irrestrita de todos os patriotas brasileiros perseguidos por sua resistência à ditadura. Este é o requisito indispensável à reunificação da comunidade nacional para a retomada do esforço conjunto para fazer do Brasil uma Pátria solidária de

⁸² Ibid., s/p.

⁸³ Ibid., s/p.

⁸⁴ Ibid., s/p.

⁸⁵ SENTO-SÉ, João Trajano. As várias cores do socialismo moreno. **Anos 90**, v. 11, n. 19/20, p.49-76, janeiro/dezembro 2004. p. 56.

cidadãos livres, emancipados do medo, da ignorância e da penúria. Em segundo lugar, a luta pelo retorno à normalidade democrática que só se efetivará no Brasil quando após a reimplantação da liberdade de organização partidária o nosso povo eleger a Assembléia Nacional Constituinte.⁸⁶

Diante desta disputa pela legenda partidária enunciada anteriormente, o Tribunal Superior Eleitoral (TSE) deu o PTB a Ivete Vargas por cinco votos a um, justificando que a ex-deputada pediu o registro do partido primeiro do que seu adversário e negou o argumento de Brizola, reivindicado por ter maioria em seu agrupamento trabalhista. Ao saber do resultado da derrota, Leonel Brizola rasgou um papel onde escrevera “PTB” e foi às lágrimas.⁸⁷ No mesmo dia, em nota após a perda da sigla do PTB, a Comissão Organizadora Nacional Provisória com a liderança de Brizola conclamou um Encontro Nacional dos Trabalhistas, onde ocorreria “a escolha de uma nova sigla; sob a inspiração do legado histórico do trabalhismo e da mensagem continuada na Carta Testamento e nos princípios do Encontro de Lisboa, reafirmados em nosso manifesto, em nossa proposta de Programa e Estatutos.”⁸⁸

O Encontro Nacional dos Trabalhistas ocorreu entre os dias 17 e 18 de maio de 1980 com a participação de mais de 2 mil pessoas na Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. Como resultados deste encontro, foram encaminhados o Estatuto, o Programa do PDT e o Manifesto do PDT, que seria fundado na semana seguinte, no dia 26 de maio de 1980, contando com 258 membros assinando a ata de fundação do Partido Democrático Trabalhista.⁸⁹ O seu registro provisório constaria a partir de setembro de 1980 e em definitivo somente no mês de novembro de 1981.

O manifesto do PDT, publicado em 26 de maio de 1980, delimita bem as formas de atuação da organização, se apresentando na defesa da democracia, do nacionalismo, do socialismo em um partido nacional e popular.⁹⁰ Para iniciar o debate acerca de seus princípios e definições que perduraram por convenções e encontros nacionais durante a década de 1980,

⁸⁶ ENCONTRO DOS TRABALHISTAS DO BRASIL COM OS TRABALHISTAS NO EXÍLIO. **Carta de Lisboa**, Portugal, 1979.

⁸⁷ JORNAL DO BRASIL. TSE dá sigla do PTB a Ivete por cinco votos contra um. Rio de Janeiro (RJ): n.35, 13 Mai, 1980. p.5.

⁸⁸ BRIZOLA, LEONEL. **Nota após a perda da sigla do PTB (12 de maio de 1980)**. In: PINHEIRO, Wendel. Um tempo bem melhor para se viver: trajetória histórica do trabalhismo brasileiro. Rio de Janeiro: Gramma, 2021. p. 1127-1129.

⁸⁹ A Comissão Diretora Nacional Provisória, contou com onze membros escolhidos: Leonel de Moura Brizola; Armino Marcílio Doutel de Andrade; Lidovino Antônio Fanton; Alceu de Deus Collares; José Frejat; Benedicto Cerqueira; Suzanna Thompson Flores Pasqualini; José Guimarães Neiva Moreira; Francisco Waldir Pires de Souza; Antônio Guaçu Dinaer Piteri e Darcy Ribeiro.

⁹⁰ PARTIDO DEMOCRÁTICO TRABALHISTA. **Manifesto do PDT**. In: PINHEIRO, Wendel. Um tempo bem melhor para se viver: a trajetória histórica do trabalhismo brasileiro. Rio de Janeiro: Gramma, 2021. p. 1130.

o manifesto levanta nove pontos no interesse de construir uma nova história para a república brasileira. Os cinco primeiros, intitulados Trabalhismo Democrático, O Trabalhismo e a Nação Brasileira, A Democracia Trabalhista, O Trabalhismo e os Valores Humanos e Da Democracia Trabalhista perpassam a fundação de uma democracia vinculada à formação histórica do trabalhismo e suas lutas sociais, onde

O partido democrático trabalhista assume as causas do povo trabalhador, expressando e defendendo os direitos e aspirações de todos os que dependem do trabalho para viver, de todos os que, enfim, exercem o trabalho na qualquer forma de prestação de serviços como atividade socialmente útil – e de um modo muito especial – das populações marginalizadas: milhões de brasileiros oprimidos e abandonados, sem oportunidade de trabalhar condignamente e de desenvolver suas potencialidades. A democracia trabalhista abrange, pois, um amplo arco social, cuja espinha dorsal são os trabalhadores e camponeses de todo o Brasil: desde as populações mais pobres e marginalizadas, os desempregados e subempregados, os assalariados em geral, camponeses e pequenos produtores do interior, funcionários, profissionais, professores e estudantes, mães e donas-de-casa, aposentados, artistas e intelectuais, classes médias e empresários nacionais da indústria, do comércio e do campo, que aceitem o sentido social e o conteúdo ético e democratizador do programa democrático trabalhista.⁹¹

Em um segundo momento, o manifesto do PDT expõe outros quatro pontos como seus princípios, Direitos Democráticos e Sociais, Trabalhismo Democrático, Propriedade Social e Propriedade Privada, Trabalhismo Democrático e Desenvolvimento e No Plano Internacional. Estas convicções se aprofundaram no documento na relação do partido com a participação política democrática, nas relações internacionais com outros países, no desenvolvimento nacional e a crítica à dependência e dominação neocolonial, e por fim, sobre a propriedade privada, o capital e os meios de produção, onde como concepção básica

O Trabalhismo Democrático considera que a propriedade, o capital, todos os meios de produção, tem, acima de tudo, uma função social e seu uso, aproveitamento e exploração estão condicionados aos interesses da coletividade e ao conjunto da Nação. É por isso mesmo, da essência do Trabalhismo Democrático promover a diversificação e democratização das relações produtivas na direção do socialismo, de modo que diversas formas de gestão e prioridade social dos meios de produção - da natureza mais justa e humana, com base na cooperação e na solidariedade - possam ser incorporados, crescentemente, a vida econômica brasileira, independente do Estado, mas enraizados nos interesses reais dos trabalhadores e de toda a população. Nessa perspectiva é que se insere o acesso crescente dos trabalhadores as decisões econômicas em geral, particularmente nas grandes empresas públicas e privadas, a cogestão, a autogestão e o cooperativismo nos campos da produção, consumo e distribuição; especialmente nos ramos que mais afetam as necessidades populares e os problemas fundamentais dos pequenos e médios produtores. Só a prática da democracia decidirá a

⁹¹ Ibid, p. 1133.

conveniência e a característica de cada uma dessas formas e a relação adequada entre elas.

(...)

Quanto ao direito de propriedade e, em matéria econômica, o trabalhismo consagra o princípio democrático e prevalência dos interesses social e nacional sobre o particular, da limitação deste frente aqueles. Por conseguinte, o Trabalhismo adota e preconiza a intervenção do Estado no domínio econômico através de legislação e instrumentos legais adequados, como forma de defender o conjunto do País e assegurar o bem-estar coletivo e a justa distribuição de renda, impedir e combater a exploração do povo, o enriquecimento ilícito e todas as formas de corrupção. A intervenção do Estado, que o Trabalhismo Democrático preconiza e defende, caracteriza-se pelo seu conteúdo social e amplo controle democrático da gestão.⁹²

Como o PDT era recém fundado, havia a necessidade de construí-lo em diversos estados, e para aproximar-se da sociedade civil em suas diferentes áreas por meio do diálogo, o partido e os quadros partidários incentivaram a formação de seus setoriais. O primeiro a se formar oficialmente foi o setorial da juventude, representado pela Juventude Trabalhista (JT), fundada em 15 de fevereiro de 1981, resultado da realização no Rio de Janeiro do I Encontro Nacional da Juventude Trabalhista: *Juventude Trabalhista, Popular e Socialista*.⁹³

Reunindo quadros marxistas-leninistas, prestistas, trabalhistas, trotskistas e social-democratas sob a presidência de Anacleto Julião, formularam como concepção uma organização juvenil de massa participativa no PDT e em defesa de bandeiras da juventude. Os princípios ideológicos encaminhados deste encontro se concentrariam por um lado, na conjuntura política, apoiando o restabelecimento da democracia no Brasil e criticando a devastação da Amazônia, e por outro, na defesa das lutas de emancipação dos povos a nível mundial, e na solidariedade com os países latino-americanos.⁹⁴

Em sequência, no dia 3 de junho de 1981 seria fundado o setorial feminino, que deu origem ao Movimento de Mulheres do PDT (MMPDT). Na fundação do MMPDT, havia entre as lideranças destacadas nomes como Neusa Goulart Brizola, Yara Vargas, Edialela do Nascimento, Dilma Linhares Rousseff, Ione Groff, Tania Fayal.⁹⁵ E nesta esteira, em 27 de junho de 1981, representando o setorial negro, houve a fundação do Movimento Trabalhista

⁹² Ibid., p.1136-1137.

⁹³ GOMES, Everton; PINHEIRO, Wendel. **A História de uma Juventude Trabalhista, Popular e Socialista**. Niterói-RJ: Nitpress, 2016. p. 202.

⁹⁴ Ibid., p. 215.

⁹⁵ PINHEIRO, Wendel. **Um tempo bem melhor para se viver: trajetória histórica do trabalhismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Gramma, 2021, p.685.

de Integração da Raça Negra (MOTIRAN), sob a liderança de Abdias do Nascimento,⁹⁶ Ediale da do Nascimento, Olímpio Marques e Sebastião Rodrigues Alves.⁹⁷

Após a sua I Convenção Nacional, realizada em 12 de julho, no mês seguinte, em 6 de agosto de 1981, o PDT elegeu o seu primeiro Diretório Nacional e a sua Executiva Nacional. Com Leonel Brizola eleito presidente do partido e Doutel de Andrade como 1º Vice Presidente, neste primeiro momento o partido se formaria por políticos com origem no período pré-1966.⁹⁸ E a partir de sua atuação nos primeiros meses, o PDT compreendeu que o principal dever para os militantes e políticos nos próximos anos seria “a intensificação da construção da agremiação trabalhista por todo o país, aumentando o contingente de filiados e promovendo uma maior inserção do trabalhismo nos movimentos sociais”.⁹⁹

O histórico positivo do PDT nas eleições de 1982 seria um dos resultados deste esforço coletivo firmado anteriormente. Atuando como oposição ao governo da ditadura militar de João Figueiredo o partido elegeu 24 deputados federais, 36 deputados estaduais, Saturnino Braga como senador e Leonel Brizola como governador do Rio de Janeiro, além de 22 prefeitos e 556 vereadores, se tornando o terceiro maior partido, atrás de PDS e PMDB, e o maior de esquerda, ainda na frente do PT.¹⁰⁰ Com essas vitórias, em reunião do diretório nacional, “para ampla discussão e tomada de decisões sobre os rumos a serem assumidos pelo partido e sobre suas responsabilidades neste momento da vida brasileira”¹⁰¹ o PDT encaminhou um documento intitulado Carta de Mendes. Publicada em 23 de janeiro de 1983, reafirmou seu horizonte, partido e programa indissociavelmente ligados ao socialismo e liberdade, com o propósito de dar sequência ao estabelecimento da organização pedetista a nível nacional

Como ponto preliminar, estabeleceu-se um conjunto de medidas visando ao fortalecimento e a ampliação das estruturas partidárias em todo o país, procedendo-se, com vistas a essa finalidade, a um levantamento detalhado da situação partidária e social dos principais municípios de todos os Estados.¹⁰²

⁹⁶ Abdias do Nascimento inclusive fora um dos fundadores do PDT e da Secretaria do Movimento Negro no ano de 1981. Para maiores informações, consultar: MACEDO, Márcio. **Abdias do Nascimento: a trajetória de um negro revoltado (1914-1968)**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 2005. p. 250-251.

⁹⁷ NASCIMENTO, Ediale da Salgado do. **A Carta de Lisboa e a retomada do trabalhismo**. Brasília: FLB-AP, 2009. p.14-15.

⁹⁸ GRILL, Igor Gastal. **“Heranças políticas” no Rio Grande do Sul**. São Luís: EDUFMA, 2008, p.170-171.

⁹⁹ PINHEIRO, Wendel. **Um tempo bem melhor para se viver: trajetória histórica do trabalhismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Gramma, 2021, p. 694.

¹⁰⁰ Ibid., p. 698.

¹⁰¹ PARTIDO DEMOCRÁTICO TRABALHISTA. **Carta de Mendes**. Rio de Janeiro, 1983. Ver: <http://www.pdtrs.org.br/rs/50-cartas/carta-de-mendes>

¹⁰² Ibid., s/p.

Nas eleições de 1985, o PDT elegeu 11 prefeitos, 1 do estado do Amapá, 3 do Rio de Janeiro e 7 no Rio Grande do Sul, entre os vencedores, estariam Alceu Collares em Porto Alegre e Saturnino Braga no Rio de Janeiro. E no pleito de 1986, o PDT elegeu 26 deputados federais e 62 deputados estaduais, ampliando sua participação política na Câmara dos Deputados com relação a 1982 e se mantendo como o partido mais representativo de esquerda na Câmara Federal, superando PT, PCB e PC do B.¹⁰³

Entre os dias 10 e 13 de julho de 1987 ocorreria em Brasília o I Congresso Nacional do PDT: “O PDT, a Transição e a Constituinte”, no intuito de alinhar o projeto político partidário para a conjuntura vigente no país, principalmente sobre a Assembleia Nacional Constituinte e as eleições presidenciais de 1989. As eleições de 1988 resultaram na eleição de 21 prefeitos do PDT em todo o país.¹⁰⁴ E após discussões na IV Convenção Nacional do PDT em 25 de junho de 1989, fora homologada a candidatura de Leonel Brizola para a presidência da República pelo partido pedetista. Mesmo derrotado por Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Fernando Collor (PRN) que foram ao segundo turno e houve a vitória de Collor, Brizola e o PDT obtiveram o seu auge e melhor marca histórica nas eleições de 1990. Neste pleito, o PDT elegeu 46 deputados federais e 91 deputados estaduais, além de Darcy Ribeiro como senador pelo Rio de Janeiro.¹⁰⁵

Como pudemos observar, em uma década o PDT se tornou um partido nacional, chegando ao seu auge histórico em 1990, e na condição do partido de esquerda mais representativo do país. Não somente no quesito eleitoral, mas também no sentido simbólico, o PDT marcaria a história do Brasil, principalmente incentivando a candidatura de setores excluídos da sociedade e dando-lhes condição de participar politicamente, seja na trajetória da questão indígena e eleição do primeiro indígena brasileiro, Mario Juruna, em 1983, na questão negra, seja nos debates internos do partido, ou elegendo os primeiros governadores negros da história do Brasil Republicano, Alceu Collares no Rio Grande do Sul e Albuíno Azeredo no Espírito Santo, ou na questão feminina, onde houve condições para a formação de um Movimento de Mulheres do PDT e a eleição no pleito de 1988 da primeira mulher pedetista a comandar uma capital, Wilma de Faria, em Natal. Ademais, explicitar a história da construção do partido é de suma importância para este trabalho, principalmente para compreendermos o papel que a legenda trabalhista cumpriu nas eleições em Campos dos Goytacazes (RJ), com ênfase inicial nas eleições de 1988, porém, também durante a trajetória

¹⁰³ PINHEIRO, Wendel. **Um tempo bem melhor para se viver: a trajetória histórica do trabalhismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Gramma, 2021, p. 743-744.

¹⁰⁴ Ibid., p. 747.

¹⁰⁵ Ibid., p. 776.

do PDT no período recortado para esta pesquisa, 1989-2006, como veremos adiante na dissertação.

1.3 - A GESTAÇÃO DO MST E O I CONGRESSO NACIONAL DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA

Como observamos anteriormente, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) surge de diversas influências de movimentos sociais antecedentes, como as Ligas Camponesas, o MASTER e a Comissão Pastoral da Terra. Neste tópico, iremos compreender o nascimento do movimento, no ano de 1979, até o seu surgimento oficial, diante do I Encontro Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, em 1984.

Entre os anos de 1979 e 1985, podemos considerar a gestação e o nascimento do MST, principalmente porque neste período houve lutas que compuseram e foram fundamentais para a formação do movimento. Os primeiros momentos de construção e organização desses grupos foram ocupações de terras em diversas regiões, principalmente no sul do Brasil. O movimento começou a ser formado desde o dia 7 de setembro de 1979, quando houve a ocupação da gleba Macali, em Ronda Alta, no Rio Grande do Sul, mais de um ano após a expulsão dos 1800 colonos-rendeiros que ocupavam a Reserva Indígena de Nonoai, destinada ao grupo Kaingang, com apoio do Conselho Indigenista Missionário (CIMI).¹⁰⁶ Nesta ocupação da madrugada do dia 7 de setembro, diversos caminhões e carros transportaram cerca de 110 famílias sem-terra para entrar na Macali, enquanto no dia 25, 170 famílias ocuparam a fazenda Brilhante, resistindo a violência policial das horas e dias seguintes.

Com a organização das famílias, houve grupos de discussão e conscientização com o apoio e participação de membros da Comissão Pastoral da Terra (CPT)¹⁰⁷ que apontaram para duas decisões encaminhadas: a formação de comissões de base e representantes e a construção de um abaixo assinado reivindicando ao governador o assentamento no Estado, de fato nas glebas Macali e Brilhante.¹⁰⁸ Como não obtiveram resposta, estabeleceram a ocupação como instrumento de reivindicação e denúncia na região.

¹⁰⁶ FERNANDES, Bernardo Mançano. **A formação do MST no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 50.

¹⁰⁷ A regional da Comissão Pastoral da Terra no Rio Grande do Sul, fundada em julho de 1977 por agentes de pastoral que estavam vinculados no interior da Igreja a grupos progressistas, fora fundamental na constituição do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do mesmo estado. Para maiores informações sobre esta aproximação, ver: CARTER, Miguel. **Origem e consolidação do MST no Rio Grande do Sul**. In: CARTER, Miguel (Org.); Combatendo a desigualdade social: o MST e a reforma agrária no Brasil. São Paulo: Editora UNESP, 2010. E, POLETO, Ivo. **A Igreja, a CPT e a mobilização pela reforma agrária**. In: CARTER, Miguel (Org.); Combatendo a desigualdade social: o MST e a reforma agrária no Brasil. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

¹⁰⁸ MITSUE, Morissawa. **A História da luta pela terra no Brasil e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001. p. 124.

Um exemplo foi a ocupação da fazenda Annoni, de 9.500 hectares, em outubro de 1980. Com a intervenção violenta da polícia militar, um grupo destas famílias sem-terra acampou no centro de Porto Alegre buscando reivindicar o assentamento, e depois de semanas de negociações, receberam uma área cedida de 240 hectares no município de Rondinha e outra comprada pelo governo no município de Palmeiras das Missões. Diversas famílias ficaram sem terra, mantendo seus acampamentos nesta área do Rio Grande do Sul e iniciando um novo movimento social que era semeado em diversas regiões do Brasil.¹⁰⁹

Sua continuidade ocorreu a partir da ação destas famílias que não conseguiram ser assentadas e realizaram uma nova ocupação e acampamento na Encruzilhada Natalino, em 8 de dezembro de 1980, que estrategicamente, era próximo da Annoni, Macali e Brilhante. Resultado de experiências anteriores, o processo que se iniciou em dezembro com apenas um colono ganhou corpo e organização e em junho haviam 600 famílias, cerca de mais de 3 mil pessoas que habitavam em barracões de lona por área próxima a dois quilômetros da estrada. A organização do acampamento passava por diferentes setores, comissões e uma coordenação, encaminhando assim a realização da construção de uma secretaria administrativa em Porto Alegre e o nascimento do primeiro órgão de comunicação do movimento, o Boletim Sem Terra, em maio de 1981. Este boletim foi importante para a comunicação e divulgação das ações do movimento e teve três fases em sua constituição e desenvolvimento até se tornar, em julho de 1984, o Jornal Sem Terra, com um formato voltado para ampliar sua visibilidade e conteúdo.¹¹⁰

Um acontecimento importante na luta pela terra em plena ditadura militar, este acampamento foi simbólico por causa do número de famílias reunidas e por sua resistência a um cerco montado pelo Exército, Polícia Federal e Polícia Rodoviária Estadual de trinta dias, de julho a agosto de 1981.¹¹¹ Após três anos de resistência, com propostas de transferência das famílias para projetos de colonização no Acre, Roraima, Mato Grosso e Bahia, e apoio fundamental da Comissão Pastoral da Terra, denunciando os ocorridos e criando visibilidade para a ocupação, o governo desapropriou áreas para o assentamento definitivo das famílias.¹¹²

Em encontro realizado na cidade de Chapecó, no mês de janeiro de 1983, foi eleita a Coordenação Regional Provisória do movimento, com militantes presentes do Rio Grande do

¹⁰⁹ FERNANDES, Bernardo Mançano. **A formação do MST no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 54.

¹¹⁰ CUNHA, Joana Tavares Pinto da. **Do boletim ao jornal sem-terra: história, práticas e papel na constituição do MST**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 2013. p. 80.

¹¹¹ COLETTI, Claudinei. **A trajetória política do MST: da crise da ditadura ao período neoliberal**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Campinas: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2005. p. 25.

¹¹² MITSUE, Morissawa. **A História da luta pela terra no Brasil e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001. p.129.

Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Mato Grosso¹¹³ e este foi um ano de expansão orgânica do movimento.¹¹⁴ Darci Maschio, que tivera um papel fundamental na primeira ocupação em Macali e eleito diretor nacional da executiva do Rio Grande do Sul, relata sobre o período de gestação em uma das reuniões da comissão estadual, afirmando que

O movimento está avançando porque as autoridades estão ficando com medo. O movimento sindical está respeitando o movimento, os deputados estão respeitando a liderança dos sem-terra, o povo está tomando consciência do que é a luta. O movimento já tem força política.¹¹⁵

Em janeiro de 1984, ocorreu de fato, a fundação do movimento. O I Encontro Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, ocorrido entre os dias 20 e 22 de janeiro, em Cascavel (PR), contou com a participação de 92 participantes de delegações de 12 estados do Brasil: Roraima, Acre, Pará, Rondônia, Espírito Santo, Goiás, São Paulo, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul, Paraná e Rio Grande do Sul e Bahia. Nesse Encontro, foram definidos alguns princípios do movimento:

Nosso objetivo principal é a luta por uma reforma agrária; lutar por uma sociedade justa e igualitária e acabar com o capitalismo; integrar a categoria do sem-terra: trabalhadores rurais, arrendatários, meeiros, assalariados e pequenos proprietários, etc; a terra para quem nela trabalha e vive; unir-se na luta pela conquista da terra; articular as nossas lutas; organizar o movimento onde não existe; promover encontros e trocas de experiências; envolver os sindicatos na nossa luta; sensibilizar a opinião pública para nossos direitos; articular a luta do campo com a da cidade; estar solidário com a luta dos índios.¹¹⁶

Adiante, para além da região sul, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra buscou imprimir sua espacialização e territorialização por todas as regiões do país: norte, nordeste,¹¹⁷ centro-oeste e sudeste, além de iniciar a construção de redes de relações com outros movimentos em outros países, criando uma atuação política internacional.¹¹⁸ Esta territorialização resultou na expansão do movimento, que como observamos na realização de

¹¹³ GONÇALVES, Adelaide. “**A gente cultiva a terra e ela cultiva a gente**”: uma história do MST. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge. O Brasil Republicano vol.5: O tempo da nova república: da transição democrática à crise política de 2016. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. p. 323.

¹¹⁴ Com o surgimento de núcleos de sem-terra e através destes, comissões municipais, assembleias municipais e ocupações de terra, no sentido da articulação do movimento a Comissão Regional passou a realizar suas reuniões de três em três meses. Ver: Histórico do Movimento Sem Terra. Secretaria Regional Sul. Porto Alegre, 1985. p.2. Ver: <https://mst.org.br/download/historico-do-movimento-sem-terra/?wpdmdl=214559&mast>

¹¹⁵ SCOLESE, Eduardo. **Pioneiros do MST: caminhos e descaminhos de homens e mulheres que criaram o movimento**. Rio de Janeiro: Record, 2008. p. 25.

¹¹⁶ MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Encontro Nacional dos Trabalhadores Sem Terra: Documento Final**. Paraná, 1984. p.14-15.

¹¹⁷ LERRER, Debora Franco. **MST: como um movimento de “gaúchos” se enraizou no Nordeste**. Curitiba: Appris, 2021.

¹¹⁸ RUBBO, Deni Irineu Alfaro. **Campesinos cosmopolitas: um estudo sobre a atuação política internacionalista do MST na América Latina**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 2013.

seu Congresso Nacional, participaram delegações de todos os estados do Brasil e houve convites a movimentos internacionais, como a União Nacional de Agricultores e Pecuáristas (UNAG), da Nicarágua, a Confederação Camponesa do Peru (CCP), a Coordenadoria Nacional do Plano de Ayala (CNPA), do México, a FENOC, do Equador, a Coordenadoria Nacional das Organizações Populares do Panamá e a Confederação Sindical Unitária de Camponeses da Bolívia.¹¹⁹

Durante os dias 29, 30 e 31 de janeiro de 1985, com a participação de cerca de 1500 trabalhadores sem-terra de todos os estados do Brasil, ocorreu na cidade de Curitiba (PR), a realização do 1º Congresso Nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra: “sem reforma agrária, não há democracia: ocupação é a única solução”. Com a certeza de que o encontro fora vitorioso e criticando a ausência de Tancredo Neves,¹²⁰ o movimento estabeleceu seus objetivos e exigências em um documento final a ser entregue ao governo. O primeiro ponto é com relação a distribuição e uso das terras:

Que a terra seja para quem nela trabalha; que a Reforma Agrária seja feita sob controle dos trabalhadores; que os trabalhadores rurais tenham o poder de decidir como se vai dividir as terras, como se vai cultivar e também sobre a forma de titulação; que o governo legalize todas as terras que forem ocupadas; que o tamanho máximo das propriedades seja fixado de acordo com as regiões, não devendo ultrapassar a 500 hectares; que o governo desaproprie todas as propriedades acima de 500 hectares; que na distribuição das terras se respeitem as necessidades de cada família, de acordo com cada região; que o Estado garanta todas as condições de produção e de assistência nas terras distribuídas; que o governo estimule a produção para o atendimento das necessidades de todo o povo; que o governo garanta que a produção respeite a preservação do meio ambiente; que o governo aplique, no mínimo, 5% do orçamento da União para a reforma agrária; que o governo distribua imediatamente todas as terras nas mãos dos governos Federal e Estadual; que os assentamentos sejam nos Estados e regiões de origem dos trabalhadores; que os governos estaduais possam realizar desapropriação para a Reforma Agrária.¹²¹

Além deste ponto, o movimento sugeriu acerca das multinacionais a expropriação de todas as suas terras e a proibição de estrangeiros possuírem terras no Brasil. Sobre os projetos de colonização, o movimento exigia o fim de toda e qualquer colonização dirigida pelo

¹¹⁹ MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Informe sobre o Primeiro Congresso Nacional dos Trabalhadores Sem Terra.** Curitiba, 1985. p.3. Ver: <https://mst.org.br/download/informe-sobre-o-primeiro-congresso-nacional-dos-trabalhadores-sem-terra/?wpdmdl=214561&masterkey=5f456edf3b93a>

¹²⁰ MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Jornal dos Trabalhadores Sem Terra, fev. 1985.** p. 2. Ver: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=hemerolt&pagfis=181>

¹²¹ MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Encontro Nacional dos Trabalhadores Sem Terra: Documento Final.** Curitiba, 1985. Ver: <https://mst.org.br/download/documento-final-do-primeiro-congresso-nacional-dos-trabalhadores-rurais-sem-terra/>

governo, empresa privada ou cooperativas, solicitando assistência em todos os níveis para os já existentes projetos de colonização.

A respeito dos órgãos governamentais, exigia a extinção do: Ministério Extraordinário para Assuntos Fundiários (MEAF), Grupo Executivo das Terras do Araguaia-Tocantins (GETAT), Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM), Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (CODEVASP), Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE), os Institutos de Terra dos estados e do Estatuto da Terra, solicitando a criação de novas leis e organismos com a participação dos trabalhadores na criação e administração. E por fim, no que se refere a violência no campo reivindicava a implantação da reforma agrária como forma de acabar com a violência no meio rural, segurança para a organização do movimento, a apuração do governo de todos os assassinatos ocorridos, controle dos cartórios de registros e a criação de uma Justiça Agrária, principalmente ao finalizar considerando que os governos estadual e federal são os responsáveis por todos os atos de violência contra os trabalhadores.¹²²

O 2º Congresso Nacional somente se realizaria no ano de 1990, que será abordado com maior ênfase no próximo capítulo deste trabalho. A partir deste processo inicial de nascimento e consolidação, o MST se organizou em 22 estados brasileiros até 1995, conquistando neste período 1123 assentamentos. E através deste cenário, a forma encontrada de luta pela terra na territorialização é

Compreendida como o processo de conquistas de frações do território pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e por outros movimentos sociais. Entendemos que o assentamento como fração do território é um trunfo na luta pela terra. (...) A fração do território é conquistado na espacialização da luta, como resultado do trabalho de formação e organização do Movimento. Dessa forma, o território conquistado é trunfo e possibilidade da sua territorialização na espacialização da luta pela terra.¹²³

Há três pontos fundamentais para a constituição do MST: sua organização interna, sua pedagogia da educação e sua mística. Sua estrutura organizativa é constituída em uma administração coletiva, tanto quanto possível, descentralizada,¹²⁴ estimulando a participação de mulheres em todas as instâncias de poder e de representatividade.¹²⁵ O movimento é composto por três interativas partes: instâncias de representação, os setores de atividade e as

¹²² Ibid., s/p.

¹²³ FERNANDES, Bernardo Mançano. **Espacialização e territorialização da luta pela terra: a formação do MST – Movimento dos Trabalhadores Sem Terra no Estado de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Geografia). São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 1994. p. 182.

¹²⁴ BRANFORD, Sue; ROCHA, Jan. **Rompendo a cerca: a história do MST**. São Paulo: Casa Amarela, 2004. p. 56.

¹²⁵ HARNECKER, Marta. **Sin Tierra: construyendo movimiento social**. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 2002. p. 265.

organizações com registro público.¹²⁶ A direção nacional é formada por 21 pessoas e o processo eleitoral, “a discussão maior acontece nos Estados. É lá que são discutidos os nomes, feitas as avaliações dos que já ocupam algum cargo e analisados os possíveis candidatos novos.”¹²⁷

E quem ocupa cargo de liderança tem que ter a absoluta confiança do povo.¹²⁸ Sobre a educação e a escola, são vistas pelo movimento como cruciais na estratégia da luta pela reforma agrária e na constituição de um homem novo. Com uma formação humana e sociocultural, pode-se dizer que esta relação entre escola e educação se constitui através de cinco matrizes pedagógicas: a da luta social, da organização coletiva, da terra, da cultura e da história.¹²⁹ Estas, influem na mística do movimento que atua como prática cultural e política, na construção de uma memória histórica e na identidade dos sem-terra,¹³⁰ sendo esta, caracterizada por três pontos: “o milenarismo camponês; a fé cristã na vida eterna; e a esperança socialista de construir aqui na terra uma sociedade igualitária e democrática – deu como resultado a mística do MST”.¹³¹

Com relação ao estado específico de nosso trabalho, o Rio de Janeiro, por mais que não tenha se consolidado em sua primeira tentativa, podemos dizer que o contato inicial do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) com a região, foi a partir do movimento de ocupação de terras em Nova Iguaçu denominado Campo Alegre, que ocorreu durante o governo Brizola. A importância da ocupação de Campo Alegre comentada anteriormente vincula-se também à aproximação do MST com o Rio de Janeiro, já que uma comitiva de paranaenses e gaúchos ligados ao movimento conheceu o Mutirão de Campo

¹²⁶ As instâncias de representação são o Congresso Nacional, o Encontro Nacional, a Coordenação Nacional, a Direção Nacional, o Encontro Estadual, a Coordenação Estadual, a Direção Estadual, a Coordenação Regional, a Coordenação de Assentamentos, a Coordenação de Acampamentos. Sobre os setores de atividade, são realizados pelas secretarias, seja nacional, regional ou estadual, e pelos setores e coletivos presentes. As organizações vinculadas são a Associação Nacional de Cooperação Agrícola (ANCA), a Confederação das Cooperativas de Reforma Agrária do Brasil Ltda. (CONCRAB), o Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária (ITERRA) e a Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF). Para maiores informações sobre a estrutura organizativa, ver: FERNANDES, Bernardo Mançano. **Formação e territorialização do MST no Brasil**. In: CARTER, Miguel (Org.); Combatendo a desigualdade social: o MST e a reforma agrária no Brasil. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p. 182.

¹²⁷ STEDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brava Gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 84.

¹²⁸ MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Caderno de formação n.1**. p. 9. Ver: http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=cдем_bibl&pagfis=5235

¹²⁹ CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 204.

¹³⁰ COELHO, Fabiano. **A prática da mística e a luta pela terra no MST**. Dissertação (Mestrado em História). Dourados (MS): Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), 2010. p. 173.

¹³¹ SAMPAIO, Plínio de Arruda. **A mística**. Nov. 2002. Disponível em: <www.landless-voices.org/vieira/archive-05_phtml?rd=MSTICAOF657&ng=p&sc=3&th=42&se=0>.

Alegre. A partir deste contato, houve o convite para os participantes do Mutirão estarem presentes no I Congresso Nacional do MST em Curitiba.

A relação de Brizola com os movimentos sociais era vista de forma estreita. Os movimentos sociais e suas direções como o MST-RJ e a Comissão Pastoral da Terra-RJ compreendiam que o governo cooptava e esvaziava os movimentos, porém na disputa interna esta narrativa se reverberava pouco, já que os assentados se interessavam pela atuação do governo através da política agrária brizolista e os órgãos designados.¹³²

Entendida de forma singular em relação a territorialização em outros estados do país por sua característica vinculada aos trabalhadores urbanos, a constituição do MST no Rio de Janeiro deu-se inicialmente por meio de um processo instável e com intervalos. Há um debate sobre os primeiros anos de atuação do movimento no estado. Segundo Fernandes, entre 1985 e 1987 o MST não teria conseguido se consolidar no Rio de Janeiro e durante 1987 e 1993 o movimento não teria atuado no estado.¹³³

As justificativas para não ter dado certo foi o fato do MST-RJ não ter tido a iniciativa das ocupações na região e a cooptação de líderes pelo governo Brizola, que também é sugerida por Novicki. Por outro lado, Hernandez salienta que ao entrevistar cerca de quinze participantes ativos na formação do movimento no estado, não houve qualquer referência à extinção do movimento no período citado por Fernandes. Os entrevistados apontam a existência de dificuldades enfrentadas em uma crise nesses anos iniciais de construção, além de ações feitas de modo atropelado, porém, situaram o início do movimento no Estado durante o I Congresso Nacional de 1985. Por isso, Hernandez entende que essas leituras reducionistas que se referem apenas a cooptação não nos ajudam a compreender a complexidade das relações micropolíticas em jogo.¹³⁴ Durante o governo do peemedebista Moreira Franco (1987-1991) houve um período de redução nas ocupações, e diferentemente do momento anterior de Leonel Brizola, Franco não dava certo apoio aos intentos ocorridos com políticas públicas destinadas, reduzindo o ritmo das ocupações.

O MST voltaria a retomar suas atividades em 1992 na região. Esse recomeço ocorreu por meio da articulação entre as novas lideranças formadas na década de 1980 e novos representantes do Movimento na região sul do país enviados ao Rio de Janeiro. Segundo

¹³² NOVICKI, Victor de Araújo. **Governo Brizola, movimento de ocupação de terras e assentamentos rurais no Rio de Janeiro (1983-1987)**. In: MEDEIROS, Leonilde Servolo. (Org.) Assentamentos Rurais: uma visão multidisciplinar. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994. p. 77.

¹³³ FERNANDES, Bernardo Mançano. **A formação do MST no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. p.145.

¹³⁴ ERNANDEZ, Marcelo; ROSA, Marcelo; SIGAUD, Lygia. **Ocupações e acampamentos: estudo comparado sobre a sociogênese das mobilizações por reforma agrária no Brasil (1960-2000)**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010. p. 223-225.

Generosa, entrevistada por Macedo Ernandez em seu trabalho, a última ocupação que teria reunido MST e CPT teria sido em Itaguaí, no início da década de 1990. Generosa refere-se a um “novo MST” quando houve a chegada de novos integrantes ao MST-RJ enviados pela Direção Nacional do movimento, com o envio pela primeira vez de um dirigente da região sul, conhecido como “Vermelhinho”, para coordenar as ações no Rio de Janeiro.¹³⁵

Como aprofundaremos com maior ênfase no capítulo seguinte, no ano de 1996, segundo Marcelo Ernandez, chegaram outros três militantes da região sul, e a Central Única dos Trabalhadores (CUT) concedeu uma sala para a Secretaria Estadual do MST–RJ no final do ano¹³⁶, além do auxílio da CPT para a chegada do movimento.¹³⁷ No ano de 1994, o MST havia ocupado a Fazenda Cantagalo em Macaé, e naquele mesmo ano de 1996, o MST–RJ realizou outra ocupação de terras na região norte do estado, na Fazenda Capelinha, em Conceição de Macabu, a primeira conquista no Norte Fluminense que estimulou sua atuação nos anos seguintes. E em 1997, a primeira ocupação em Campos dos Goytacazes, na Usina São João, que iremos abordar no próximo capítulo deste trabalho.

1.4 - OS CAMINHOS E DESCAMINHOS DE CAMPOS DOS GOYTACAZES NO SÉCULO XX: AS DISPUTAS POLÍTICAS NOS ANOS 1980 E A FORMAÇÃO DO PDT CAMPISTA

O século XX foi um período de intensas transformações para o estado do Rio de Janeiro. O processo de urbanização e desruralização foi uma das principais mudanças que impactaram a região.¹³⁸ Inicialmente na década de 1940 e perpassando as décadas de 1950 e 1960, até o final do século, ocorreu uma efervescência dos conflitos por terra no estado e também no Brasil, na tentativa dos trabalhadores rurais de pôr na ordem do dia o debate enfrentado por uma reforma agrária democrática.¹³⁹

Dentro desse contexto, no Rio de Janeiro, os conflitos emergiram principalmente em áreas em processo de urbanização, ou em terras alvo de especulação para uma futura área urbana, diferentemente da região Norte Fluminense, onde a luta se deu em terras pertencentes a usinas de açúcar e álcool. Para integrar a Baixada Fluminense neste enquadramento, na década de 1940, o programa de drenagem realizado com objetivo de viabilizar um cinturão

¹³⁵ Ibid., p. 228.

¹³⁶ ERNANDEZ, Marcelo. MST, políticos locais e sindicatos: uma etnografia da representação dos trabalhadores rurais no Rio de Janeiro. **Ruris**, vol.3, n.1, março, 2009. p. 20.

¹³⁷ GONÇALVES, Renato Luiz. **A atuação da Comissão Pastoral da Terra (CPT) em Campos dos Goytacazes, RJ: uma análise do assentamento Zumbi dos Palmares**. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Departamento de Economia Rural, Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, 2012. p.71.

¹³⁸ ABREU, Maurício. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1997.

¹³⁹ MEDEIROS, Leonilde Servolo de. **História dos Movimentos Sociais no Campo**. Rio de Janeiro: FASE, 1989. p. 48.

verde para abastecer a cidade, tornou-a polo de especulação. Grandes proprietários e grileiros de terra erradicaram os laranjais existentes de pequenos lavradores, os expulsaram e a área foi substituída por loteamentos urbanos, ou em outros casos, por gado, numa forma de mascarar a ação especulativa no campo.¹⁴⁰

A região da Baixada Fluminense passa por um período de grande aumento populacional entre as décadas de 1950 e 1970. Os municípios pertencentes a área e que se localizam a 30 km do Rio de Janeiro como, Duque de Caxias, Nova Iguaçu, São João de Meriti e Nilópolis tornaram-se cidades-dormitório e expressaram um crescimento populacional de 340%, enquanto o Rio de Janeiro teve 80% no mesmo período. Contribuíram para esse fator também a construção de estradas de rodagem e a eletrificação das estradas de ferro, dotando a região de estrutura viária, facilitando o acesso à capital.

A década de 1950 torna-se crucial para os trabalhadores, através de uma acentuada competição política e mobilização camponesa no estado do Rio de Janeiro, que perdurou por décadas seguintes. Esse período marca não só um momento de mobilização nacional, como também de reconhecimento político do campesinato, colocando-se como sujeitos políticos na história do país. Foi um momento primordial para a reinvenção da classe trabalhadora.¹⁴¹

O frequente avanço da especulação, a crescente expulsão dos posseiros, e a atuação política do Partido Comunista (PCB), foram fatores circunstanciais para os sertões cariocas¹⁴² se tornarem palco de violentos conflitos. Com isso, pode-se afirmar que durante as décadas de 1950 e 1960, a resistência aos despejos provocados por jagunços e policiais, foi uma das formas de estratégias de luta empreendidas pelos posseiros que viviam na Baixada Fluminense, assim como a recorrência frequente às autoridades e denúncia das arbitrariedades de grileiros nos jornais.¹⁴³ Em alguns casos onde o dispositivo jurídico não se manifestava, intervenções mais radicais como as ações armadas eram empregadas baseadas no artigo 502 do Código Civil, consideradas pelas Associações de Lavradores como autodefesa contra a violência dos grileiros.¹⁴⁴

¹⁴⁰ ALENTEJANO, Paulo. **O Norte Fluminense, a luta pela terra e a política de reforma agrária no Estado do Rio de Janeiro**. In: PEDLOWSKI, Marcos.; OLIVEIRA, Julio Cezar.; KURY, Karla Aguiar. (Orgs.) *Desconstruindo o latifúndio: A saga da reforma agrária no Norte Fluminense*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011. p. 22.

¹⁴¹ LEAL, Murilo. **A reinvenção da classe trabalhadora (1953-1964)**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

¹⁴² Para aprofundamento no tema, ver: PEDROZA, Manoela. *Lavradores Radicais: táticas da luta nos sertões cariocas (1950-68)*. **Trajeto - Revista de História UFC**. Fortaleza, vol. 2, nº 4, 2003.

¹⁴³ ALENTEJANO, Paulo. **Reforma agrária, território e desenvolvimento no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ, 2003.

¹⁴⁴ GRYNSPAN, Mario. Ação política e atores sociais: posseiros, grileiros e a luta pela terra na baixada. **Dados. Revista de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro, vol.33, nº 2, 1990.

No Decreto-Lei em vigor de 1944 a 1950, apenas sindicatos de empregados rurais foram reconhecidos, o que fazia com que fossem excluídos quaisquer outros modelos de sindicatos, sendo assim, os posseiros, arrendatários e pequenos proprietários foram excluídos do direito de organização.¹⁴⁵ Com a anunciação desse movimento, na tentativa de superar esse impasse, setores de esquerda incentivaram a criação de núcleos e Associações de Lavradores com base no Código Civil.¹⁴⁶

As primeiras organizações camponesas começaram a surgir no estado do Rio de Janeiro no final da década de 1940. Como exemplo, a Sociedade dos Lavradores e Posseiros de Pedra Lisa fundada em Nova Iguaçu no ano de 1948 e a Associação dos Lavradores Fluminenses, em Duque de Caxias em 1949, tiveram um caráter de enfrentamento aos despejos, com manifestações de lavradores fluminenses nas cidades sendo noticiadas com frequência nos jornais.¹⁴⁷ Politicamente, as Associações de Lavradores foram fundamentais para a afirmação de uma identidade coletiva do camponês, principalmente para a demonstração da unidade do grupo e na reivindicação em conjunto ao poder público do reconhecimento de sua existência social e política.¹⁴⁸

Durante o governo do petebista Roberto Silveira (1958-1961), o Partido Comunista organiza a Federação das Associações de Lavradores do Rio de Janeiro (FALERJ), que toma a frente nos conflitos agrários e com isso as ocupações de terra passam a ter um caráter ordenado. Por outro lado, a oposição era constituída também pela Federação dos Círculos Operários Fluminense (FCOF), a partir da Federação dos Lavradores do Estado do Rio (FLERJ), que fora do controle dos comunistas, tentavam atrair os lavradores para a órbita política do governador e do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB).

A principal reivindicação das associações durante esse período era a desapropriação das terras em litígio. Neste mandato, e nos anos seguintes, no governo de Badger da Silveira (1962-1963), diferentemente da repressão ocorrida em governos anteriores, como resultado da ocorrência desse conjunto de lutas, viam-se sinais de uma nova perspectiva de abordagem da questão agrária na região. Através do Plano de Colonização de Terras Devolutas e do

¹⁴⁵ Decreto-Lei n. 7.038 de 10 de novembro de 1944. No estado do Rio de Janeiro, até o final da década de 40, só havia o Sindicato de Trabalhadores Rurais de Campos, fundado em 1938, que abarcava os trabalhadores dos canaviais em luta por direitos trabalhistas.

¹⁴⁶ A regulação dessas entidades baseou-se no Decreto-Lei n. 8.127, no que dizia respeito à fundação de associações e núcleos rurais.

¹⁴⁷ GRYNSPAN, Mario. **Mobilização camponesa e competição política no estado do Rio de Janeiro (1950-64)**. Rio de Janeiro. PPGAS/UFRJ (Dissertação de Mestrado), 1987.

¹⁴⁸ O'DWYER, Eliane. **Da proletarianização renovada à reinvenção do campesinato**. Rio de Janeiro. PPGAS/UFRJ, 1988.

Plano de Ação Agrária, diversas áreas foram desapropriadas,¹⁴⁹ autorizando a permanência dos posseiros na área.

Esse breve panorama expõe o significado do quanto os conflitos agrários na Baixada Fluminense provocaram diversas disputas políticas e deram visibilidade à questão agrária, que demonstrou ter sua característica ligada ao rural e ao urbano. No mesmo momento em que nacionalmente, principalmente através da atuação das Ligas Camponesas, a luta pela terra era um dos principais temas em disputa no cenário político.¹⁵⁰

O golpe empresarial-militar de 1964 interrompeu este ciclo de mobilizações. Com a instauração do regime militar, o estado do Rio de Janeiro passa por um período político turbulento. Nos governos de representantes filiados a Aliança Nacional Renovadora (ARENA) como Paulo Torres (1964-1966) e Geremias Fontes (1967-1971), lideranças e organizações foram reprimidas e as áreas que foram desapropriadas começaram a ser devolvidas aos antigos donos, em prol de alegações que viam aquelas áreas com vocação urbana. A política desenvolvida por meio da militarização da questão agrária favoreceu o processo de especulação imobiliária que vinha se intensificando, assim como a instauração de um modelo voltado para o agronegócio e a agropecuária, aprofundando sua política de modernização dolorosa.¹⁵¹ Mesmo com o período de repressão e autoritarismo, a luta pela terra permaneceu ocorrendo.¹⁵²

Na década de 1970, os dois maiores polos de conflitos foram as regiões da Baía da Ilha Grande e das Baixadas Litorâneas. Na primeira, tem-se uma expressiva valorização das terras com a facilitação do acesso a essa região a partir da construção da rodovia Rio-Santos, que corta os municípios de Angra dos Reis e Paraty, favorecendo a instalação de grandes projetos industriais e turísticos na área, que geraram conflitos com comunidades residentes da área, como os quilombolas. Na segunda, o avanço da especulação com fins turísticos pela posse das terras com interesses de empresas imobiliárias e de construção civil, desencadearia inúmeros embates entre grileiros, posseiros e pequenos proprietários.

¹⁴⁹ Importante ressaltar que essas desapropriações significam mais de 50% das desapropriações que o Governo Federal fazia no país inteiro, fato que demonstra a radicalização de conflitos pela terra no estado durante as décadas de 1950 e 1960.

¹⁵⁰ AZEVEDO, Fernando Antônio. **As Ligas Camponesas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. Para aprofundamento sobre a atuação das Ligas Camponesas, ver: JULIÃO, Francisco. **Que são as Ligas Camponesas?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A, 1962. E BASTOS, Elide Rugai. **As Ligas Camponesas**. Petrópolis: Vozes, 1984.

¹⁵¹ SILVA, José Graziano da. **A modernização dolorosa: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

¹⁵² MEDEIROS, L. S. de (coord.). **Dez anos de luta pela terra: 1969-1979: levantamento de conflitos**. Estado do Rio de Janeiro: CEDEC-ABRA-CPDA/UFRRJ.1983.

Diante da crise socioeconômica da década de 1980, desempregados e subempregados dos bairros pobres da periferia da região metropolitana do Rio de Janeiro realizaram uma série de ocupações de terra. Destaca-se que a questão agrária fluminense está estreitamente vinculada ao processo de urbanização do estado que percorre o século XX, quando na década supracitada, 92% da população vivia em centros urbanos e 81% da população estadual residia na região metropolitana.¹⁵³ Neste período, o palco dos principais conflitos agrários no Rio de Janeiro volta a ser a Baixada Fluminense, com ocupações em Duque de Caxias, Magé e Nova Iguaçu.

Nota-se a partir dos anos 1990 um novo deslocamento espacial das lutas pela terra no estado do Rio de Janeiro, que não mais se concentraram na Baixada Fluminense e sofreram um processo de interiorização. As regiões Norte Fluminense e as Baixadas Litorâneas passaram a ser o lugar destes conflitos.¹⁵⁴ Com esta nova dinâmica, nos aprofundamos sobre a formação do município de Campos dos Goytacazes, com histórico de fundamental importância para os conflitos por terra e território dado suas condições de latifúndios improdutivos após o declínio das usinas e da economia canavieira, local escolhido para a primeira ocupação do MST em 1997 que reorganizou o movimento no estado.¹⁵⁵

Retomando a fundação da cidade de Campos dos Goytacazes e o processo de colonização da região, após as frustradas primeiras tentativas de colonização da região em 1539 e 1623 devido a diversas derrotas no enfrentamento contra os indígenas goitacá, com o início das missões intituladas de apaziguamento em 1633, se inicia a criação de gado e forma o primeiro curral na região.¹⁵⁶ Após a primeira Câmara Municipal tomar posse em janeiro de 1653, o desenvolvimento da criação de gado e a instituição do primeiro engenho, o de São Salvador em 1650, é fundada a Vila de São Salvador pelo Visconde de Asseca, o então donatário da capitania da Paraíba do Sul, em 29 de maio de 1677.¹⁵⁷ E com relação ao desenvolvimento da região, em 28 de março de 1835, a Vila de São Salvador é elevada à categoria de cidade de Campos dos Goitacazes.¹⁵⁸

¹⁵³ UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF). **Evolução estrutural da economia Fluminense: 1940-1985**. Economia Fluminense – conjuntura e análise, v.1, n.1. 1986.

¹⁵⁴ ALENTEJANO, Paulo. **O Norte Fluminense, a luta pela terra e a política de reforma agrária no Estado do Rio de Janeiro**. In: PEDLOWSKI, Marcos.; OLIVEIRA, Julio Cezar.; KURY, Karla Aguiar. (Orgs.) **Desconstruindo o latifúndio: A saga da reforma agrária no Norte Fluminense**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011. p. 27.

¹⁵⁵ MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Boletim MST-RJ: Edição 25 anos**. Rio de Janeiro, 2021.

¹⁵⁶ LAMEGO, Alberto Ribeiro. **A Terra Goitacá**. Paris: L'edition D'art, 1913. p.78-79.

¹⁵⁷ FEYDIT, Julio. **Subsídios para a História dos Campos dos Goytacazes: desde os tempos coloniais até a proclamação da República**. Rio de Janeiro: Autografia, 2022. p. 54.

¹⁵⁸ SOUSA, Horacio. **Cyclo Aureo: História do 1º Centenário da cidade de Campos (1835-1935)**. Campos dos Goytacazes (RJ): Essentia, 2014. p. 14.

O início do processo colonizador, a partir do século XVII, seria vinculado em um primeiro momento à pecuária desenvolvida em regime de pequena propriedade e posteriormente, à cultura canavieira.¹⁵⁹ Refletindo sobre a sociologia do açúcar na formação brasileira, Gilberto Freyre afirma que já durante o final do século XVI, o açúcar brasileiro marcou uma presença na Europa que excederia somente a importância comercial. Com o Brasil nas décadas seguintes “significando açúcar, e o açúcar significando Brasil”,¹⁶⁰ e que diante desta presença tão intensa na sociedade brasileira, criou divisões entre diversas camadas,

Dentre essas consequências, saliente-se a de ter a civilização do açúcar criado, paradoxalmente, no Brasil, uma sociedade em que as tendências não só aristocráticas como hierárquicas, se juntaram – até certo ponto, anulando-os – processos democratizantes.¹⁶¹

Com o aumento do número de engenhos na região a partir da segunda metade do século XVIII, no final do século, a lavoura canavieira ultrapassou a pecuária como a principal atividade em Campos dos Goytacazes,¹⁶² se constituindo em “uma das mais antigas áreas voltadas para a cultura da cana e a fabricação do açúcar”.¹⁶³ Importante salientar que o ciclo da cana em Campos envolveu três períodos a partir de seu surgimento e consolidação: entre 1750 e 1830, destacaram-se os engenhos de tração animal, em um segundo momento, a utilização de engenhos a vapor nos anos de 1830 até 1880, e a formação de usinas após 1880 na produção do açúcar,¹⁶⁴

Como consequência, sobretudo a partir do século XX, o capital oriundo do comércio ampliou significativamente sua participação na agroindústria açucareira, possibilitada pela melhoria nos modelos industriais, agora engenhos centrais e usinas, contribuindo para o esplendor experimentado nesse período, bem como para o considerável aumento na produção do açúcar.¹⁶⁵

Dentro deste ciclo supracitado, é importante analisarmos uma transformação crucial ocorrida a partir de 1820 que inicia uma nova fase na economia da cana-de-açúcar na região. Com o surgimento das usinas no final do século XIX, há a transição de um capitalismo de

¹⁵⁹ FREITAS, Carlos Roberto Bastos (Coord.). **Notas sobre a fundação do município de Campos dos Goytacazes**. Campos dos Goytacazes (RJ): Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima, 2012. p. 20.

¹⁶⁰ FREYRE, Gilberto. **A presença do açúcar na formação brasileira**. Rio de Janeiro: Divulgação do M.I.C, 1975. p. 7.

¹⁶¹ Ibid., p. 16.

¹⁶² LIMA, Lana Lage da Gama. **Rebeldia Negra e Abolicionismo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981. p.78.

¹⁶³ NEVES, Delma Pessanha. **Os fornecedores de cana e o estado intervencionista: estudo do processo de constituição social dos fornecedores de cana**. Niterói: EDUFF, 1997. p. 16.

¹⁶⁴ LAMEGO, Alberto. **O homem e o Brejo**. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1945. p. 131.

¹⁶⁵ FREITAS, Carlos Roberto Bastos (Coord.). **Notas sobre a fundação do município de Campos dos Goytacazes**. Campos dos Goytacazes (RJ): Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima, 2012. p. 24.

fase somente mercantilista, para um capitalismo de fase pré-industrial.¹⁶⁶ Com o desenvolvimento da cultura canavieira ao longo dos séculos, Campos iria se tornando um espaço de prestígio social, econômico e político ao nível estadual e nacional. E ao redor deste processo é possível observar a formação de elites que disputaram e dominaram o cenário como os barões do açúcar, conhecidos como uma “aristocracia rural detentora de suntuosas mansões, denominadas de “solares”, cujo poder econômico fundamentava-se na tríade: terras, escravos e engenhos”.¹⁶⁷

Durante o final do século XIX e início do XX, houve um processo de urbanização e modernização da cidade de Campos dos Goytacazes, em vistas de um ideário de progresso e civilização que buscava sua maior projeção política dentro do estado do Rio de Janeiro. As preocupações com as reformas urbanísticas e sanitárias pontuais se deram desde 1837-1838. E é com o convite do Presidente da Câmara ao renomado engenheiro, Saturnino de Brito, em 1901, que Campos assume a feição de “progresso” em seu novo plano sanitário para a cidade.

A influente Associação Comercial de Campos criticava cidade populosa e opulenta, instigando a restrição do espaço urbano central às camadas populares e incentivando a repressão à considerada vadiagem, “objetivando a disciplinarização das camadas populares por meio de imposição de normas e valores mais adequados aos interesses capitalistas daquele momento”.¹⁶⁸ O resultado da envergadura do plano

Serviu de alicerce para que a Câmara efetivasse as melhorias urbanas, símbolo do progresso. Saneando a cidade, garantindo a ordem material e moral, especialmente da família proletária, construindo lavanderias públicas, quiosques, reformando o mercado de peixes e alimentos, controlando as classes populares, o poder público garantiria o interesse dos negociantes. A reforma urbana espelhava o sonho da “cidade moderna”, de incontestável importância cultural, comercial e política e, portanto, possuidora de credenciais que a legitimavam como centro da política fluminense.¹⁶⁹

A chegada de Nilo Peçanha à presidência do Brasil em 1909 e a de governador do Rio de Janeiro em 1914, e a vitória do Dr. Luiz Sobral, pertencente às fações nilistas para a prefeitura de Campos trouxe novas disputas dentro do cenário político do município. Ao

¹⁶⁶ Na região, “o primeiro engenho central construído no Brasil é o de Quissamã, em 12 de setembro de 1877. Segue-se-lhe Barcelos no ano seguinte, inaugurado pelos Imperadores. Entre 1879 e 1880, o do Limão. Em 1880 e 81, os de Figueira, Conceição, Queimado e Cupim. E pouco depois, em 1885, além desses, já se encontram fumegando os de São José, Mineiros, Santa-Cruz, Colégio, Limão, Coqueiros, Fazenda-Velha, Santo-Antônio, São-João e Pedra-Lisa. Ao todo 17 usinas e mais 6 grandes engenhos.” Exceto Quissamã, todos os outros pertenciam a Campos. LAMEGO, Alberto. **O homem e o Brejo**. Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1945. p. 137.

¹⁶⁷ FREITAS, Carlos Roberto Bastos (Coord.). **Notas sobre a fundação do município de Campos dos Goytacazes**. Campos dos Goytacazes (RJ): Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima, 2012. p. 33.

¹⁶⁸ ALVES, Heloiza Manhães. **A Sultana do Paraíba: reformas urbanas e poder político em Campos dos Goytacazes**. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 2009. p. 78.

¹⁶⁹ Ibid., p. 105.

retomar o planejamento de Saturnino de Brito, com aspiração a ser a capital do estado do Rio de Janeiro, o médico engenheiro-sanitarista Luiz Sobral em parceria com outro médico sanitário Álvaro Cruz intitularam um projeto, “Campos: Sultana do Paraíba”, e como a cidade iria passar por uma verdadeira transformação, a principal ideia era um local onde

O espaço urbano “se tornaria higienicamente policiado”. Tal categorização apresentava um duplo sentido: o da higienização da topografia urbana e das massas populares. Controlar o espaço da rua e do trabalho era a preocupação das elites. Delimitando a área nobre do centro da cidade para seu usufruto e interesse econômico, estas trataram de deslocar os grupos populares para os subúrbios.¹⁷⁰

Quando há o golpe militar de 1964, é o advogado Rockfeller Felisberto de Lima quem está na prefeitura do município de Campos dos Goytacazes pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Em 1963, a prefeitura lidava com ocupações de terra na área do Imbé.¹⁷¹ Rockfeller fora eleito no ano de 1962 como vice-prefeito na chapa de Barcelos Martins que era do Partido Social Progressista (PSP), e com o seu falecimento, assume o município, e logo também o deixa, principalmente no intuito de capitanear sua campanha para deputado federal, com o advogado Carlos Ferreira Pessanha assumindo seu mandato em 1966.

Em 1967, o industrial do ramo de melado e subdelegado José Carlos Vieira Barbosa, da Aliança Nacional Renovadora (ARENA), chega à prefeitura de Campos dos Goytacazes após sua vitória eleitoral para o mandato até 1971. E é sucedido pela volta de Rockfeller de Lima, entre os anos de 1971 e 1973, com este filiado ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB).

Dominando a política campista no período ditatorial ao governar a cidade por 14 anos, Zezé Barbosa se reelegeria para mais dois mandatos, de 1973 até 1977, e entre os anos de 1983 e 1988. Além disto, neste período de 1977 a 1982, no qual não pôde se candidatar, fez campanha para a eleição de seu sucessor e aliado político, Raul David Linhares (ARENA). Engenheiro, arquiteto e casado com herdeira de usineiros, Raul Linhares renunciou ao cargo em 1982 para concorrer ao senado, deixando em seu lugar o vice, o médico Wilson Paes do Partido Democrático Social (PDS), primo da esposa de José Carlos Vieira Barbosa.¹⁷² Aliado político de Chagas Freitas no estado do Rio de Janeiro, sendo este, opositor ao trabalhismo de Brizola, Zezé Barbosa utilizava-se da máquina pública para sua manutenção no poder,

¹⁷⁰ Ibid., p. 123.

¹⁷¹ SANTOS, Leonardo Soares. Os desvios da memória: os relatos sobre a ocupação das terras do Imbé, Campos dos Goytacazes (1963). **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, vol.13, n.2, jul.-dez.,2020.

¹⁷² RODRIGUES, Igor Paolo Ribeiro Dias. **Território e Poder: as elites e a organização do território em Campos dos Goytacazes**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Campos dos Goytacazes (RJ): Universidade Federal Fluminense (UFF), 2016. p. 49.

equilibrando diversas demandas da sociedade e do regime militar e adaptando-se às conjunturas políticas que lhe ocorriam.¹⁷³

Para o pleito que se realizaria em 15 de novembro de 1982, Campos era observada como um espaço com ampla gama de possibilidades de votos e campanhas. Nesta linha, próximo a eleição, o então presidente militar Figueiredo veio a cidade no dia 12 de novembro a convite do ex-arenista, o deputado federal Alair Ferreira (PDS) para buscar votos para Moreira Franco (PSD), aliado nas eleições a governador do Rio de Janeiro contra Leonel Brizola (PDT).¹⁷⁴ Chagas Freitas (PMDB) e o próprio Brizola também visitaram a cidade para, além de realizar comícios,¹⁷⁵ e respectivamente, apoiar seu candidato para a prefeitura, José Carlos Vieira Barbosa (PMDB),¹⁷⁶ e desenvolver a construção de seu partido, que visivelmente

Em função de Brizola, o PDT começa a crescer em Campos. Principalmente entre os industriais e as camadas mais desfavorecidas da população. O pessoal do PMDB se apavora com o fato do crescimento se dar fundamentalmente em cima de seu eleitorado. Hoje já se fala com certa segurança que o PDT arrancará em Campos de 25 mil a 30 mil votos. O que é muito ruim para os partidos de oposição.¹⁷⁷

E também sob a influência de Brizola que o diretório municipal do PDT foi criado no segundo semestre de 1981 na cidade. Ligados a um grupo de teatro experimental do SESC campista que surgiu na contracultura campista do início dos anos 1980, Maria Helena Gomes, Avelino Ferreira e Orávio de Campos foram os principais fundadores do Partido Democrático Trabalhista (PDT) no município:

Maria Helena Gomes, Avelino Ferreira e Orávio de Campos, naquele momento, vinculados todos eles ao Grupo Experimental do SESC foram também expoentes do espraiamento de um ideário político de “esquerda” na cidade de Campos no início dos anos de 1980. Estes estiveram diretamente ligados a fundação do diretório municipal do Partido Democrático Trabalhista (PDT) em 1981 sob a inspiração da figura política de Brizola

¹⁷³ PEREIRA, Luís Felipe Chagas. **Herança política no município de Campos dos Goytacazes: um estudo de caso de três famílias**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais). Campos dos Goytacazes (RJ): Universidade Federal Fluminense (UFF), 2021. p. 25.

¹⁷⁴ FOLHA DA MANHÃ. **Figueiredo vem a Campos no dia 12**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.254, 02 Nov,1982. p. 1.

¹⁷⁵ Brizola que já havia ido a Campos em outubro, chegaria novamente no dia 5 de novembro para reunião partidária e apoio à candidatura de César Ronald (PDT) para a prefeitura de Campos, visando realizar comício no subdistrito de Guarus e caminhada com os trabalhistas e simpatizantes, e em seguida iria para Itaperuna. Chagas Freitas compareceria a Campos e região no dia 6 de novembro, para recomendar 11 candidatos do PMDB em diversos municípios e fazer “comícios-relâmpago” em cada obra entregue até domingo para a população. Ver: FOLHA DA MANHÃ. **Brizola chega amanhã e Chagas Freitas sábado**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.256, 04 Nov,1982. p. 1.

¹⁷⁶ Egresso da Aliança Nacional Renovadora (ARENA), partido político que aglutinava as forças reacionárias do regime militar ditatorial, candidatou-se nestas eleições de 1982 pelo Partido do Movimento Democrático Brasileiro, (PMDB), formado por políticos que representavam o Movimento Brasileiro Democrático (MDB), do qual José Barbosa fora opositor durante o período autoritário.

¹⁷⁷ FOLHA DA MANHÃ. **Ponto Final**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.256, 04 Nov,1982. p. 4.

como referência para a gênese dos setores mais associados à esquerda no município. Foi assim que, no pleito municipal de 1982, Avelino se candidatou ao cargo de vereador pela legenda do PDT, e Orávio, ao menos segundo as informações colhidas no processo de pesquisa, seria o candidato escolhido à prefeito pela mesma legenda também naquele ano. Ambos saíam derrotados no pleito que elegeu pela terceira vez José Carlos Vieira Barbosa, o “Zezé Barbosa”, como prefeito de Campos.¹⁷⁸

Por outro lado, o Partido dos Trabalhadores (PT) foi fundado no município capitaneado pelo participante do Teatro Amador Campista e radialista, Anthony Matheus Garotinho, e Rosinha Matheus emergia também ao cenário político da cidade.¹⁷⁹ O PMDB sofria críticas de esvaziamento, porém reivindicava a figura e o prestígio pessoal ainda muito forte de José Carlos Barbosa, o que sustentava o partido.¹⁸⁰

Nas eleições estaduais em 1982, o PDT se fortaleceu no Rio de Janeiro. As eleições de Leonel Brizola para governador, Saturnino Braga para senador e a reeleição de José Maurício Linhares incorporaram o partido e trouxeram maior atividade parlamentar e espaços às reivindicações trabalhistas dentro das discussões. E não se fortalece somente no Rio de Janeiro, em Campos dos Goytacazes o PDT também daria passos fundamentais em sua construção.

Em reunião com 70 filiados ocorrida em 28 de dezembro de 1982, o PDT de Campos decidiu por referendar a comissão provisória do Diretório Municipal. Estabelecendo as eleições para o órgão de auxílio ao diretório intitulado setor trabalhista em janeiro de 1983, acertando também nesta oportunidade, a criação de setoriais para o movimento estudantil, para a questão negra e também para a feminina, no intuito de, para o vereador eleito Fabio Ferraz de Oliveira,

Alargar a representação partidária de modo a abarcar todas as correntes trabalhistas. Esses movimentos, por outro lado, também servem para promover novas filiações. Enfim, a meta é abrir o PDT à comunidade trabalhadora campista, bem como a todos os segmentos da sociedade.¹⁸¹

Diante desta vitória estadual, o presidente do PDT campista, o ex-ferroviário João de Souza, anunciou um estudo para o “levantamento de todos os problemas sociais, econômicos e políticos da região Norte-Fluminense com a finalidade de compor um memorando

¹⁷⁸ MATIAS, Glauber Rabelo. **Palco e Resistência: a geração do teatro de bolso e as suas lutas por hegemonia nos anos de 1980 em Campos dos Goytacazes (RJ)**. Tese (Doutorado em Sociologia Política). Campos dos Goytacazes: Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), 2016. p. 150.

¹⁷⁹ Ibid., p. 159.

¹⁸⁰ FOLHA DA MANHÃ. **Teletipo**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.256, 04 Nov, 1982. p. 4.

¹⁸¹ FOLHA DA MANHÃ. **PDT adia composição de setor trabalhista para mês de janeiro**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.303, 30 Dez, 1982. p. 2.

reivindicatório”¹⁸² que seria enviado para o governador Brizola e Saturnino Braga, seu representante no Norte Fluminense, sobre os problemas cruciais do Norte Fluminense. Este estudo foi debatido na Convenção Municipal do PDT de Campos, realizada dia 9 de dezembro de 1982, com a participação de cerca de 800 filiados para a eleição do novo diretório do partido e sua comissão executiva.¹⁸³ Entre estes pontos levantados, estavam a questão dos royalties do petróleo, as leis de incentivo fiscal, os juros de financiamento agrícola e a solicitação da criação de uma Secretaria Especial para o Norte Fluminense.¹⁸⁴ Além disto, dissertando sobre temas básicos correspondentes à região,

O PDT de Campos se fará representar no Congresso Estadual do partido a ter lugar em Nova Iguaçu, amanhã e domingo, através de seu presidente, João de Souza, do secretário, Francisco Pereira da Silva, do Vereador eleito, Fábio Ferraz de Oliveira, de Ruy Saldanha e de Elizabeth Vieira de Araújo. João fará uma avaliação da eleição, enquanto que Ruy abordará a problemática financeira do município, cabendo a Elizabeth discorrer sobre questões educacionais.¹⁸⁵

E segundo o presidente do Diretório Estadual do PDT, o professor Bayard Demaria Boiteux, o congresso dos dias 11 e 12 de dezembro de 1982 tergiversou por cinco principais pontos.¹⁸⁶ Em primeiro se analisou o desempenho do PDT do Rio de Janeiro nas eleições¹⁸⁷; as contribuições ao programa do primeiro governo democrático-trabalhista; os planos de ação partidária no Estado do Rio de Janeiro; as sugestões para a ação do PDT a nível nacional; e por fim, o debate sobre como planificar as finanças do partido, com o fim de sustentar seu crescimento.¹⁸⁸ Ainda sobre o congresso, o jornalista enviado especial da Folha da Manhã,

¹⁸² FOLHA DA MANHÃ. **PDT estuda problemas cruciais do Norte-Flu.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.286, 10 Dez, 1982. p. 1.

¹⁸³ MONITOR CAMPISTA. **PDT deverá reunir 800 em sua Convenção.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.275, 8 Dez, 1982. p. 1.

¹⁸⁴ FOLHA DA MANHÃ. **PDT prepara documento para Brizola.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.286, 10 Dez, 1982. p. 2.

¹⁸⁵ FOLHA DA MANHÃ. **Participação de Campos.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.286, 10 Dez, 1982. p. 2.

¹⁸⁶ Ibid., p. 2.

¹⁸⁷ No relatório divulgado após o Congresso Estadual, ficou marcado que a estratégia da campanha pedetista, com Diretórios Municipais em formação, concentrou o esforço eleitoral do partido em “21 dos 83 municípios do estado”, e que somente em quatro destes o resultado foi inferior ao que se estipulara, dentre estes, estava Campos. E a maior vitória do PDT nas eleições de 1982 foi na Baixada Fluminense. Para maiores detalhes, ver: FOLHA DA MANHÃ. **PDT divulga relatório.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.288, 12 Dez, 1982. p. 2. O senador pedetista Saturnino Braga em entrevista creditada a Folha da Manhã nesta mesma publicação atribuiria o insucesso na região Norte-Fluminense à fraqueza do quadro partidário, principalmente nas disputas para as prefeituras, ver: FOLHA DA MANHÃ. **Saturnino: Brizola fará governo exemplar.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.288, 12 Dez, 1982. p. 2.

¹⁸⁸ Neste escopo, chama a atenção na matéria um detalhe sobre o congresso estadual, onde diz que enquanto os candidatos e eleitos a assembleia legislativa, câmara federal, câmaras municipais e prefeituras, membros dos diretórios municipais, zonais e convidados especiais teriam direito a voto e apresentação de trabalhos, os membros do diretório estadual poderiam participar, mas não teriam voz e voto.

Ricardo Tavares, relatou que Brizola objetivava organizar o interior, buscando desenvolvê-lo e conquistá-lo através de seu projeto político e um voto de confiança.¹⁸⁹

E nas eleições municipais de Campos dos Goytacazes fora neste prestígio e apoio expressivo supracitado que José Carlos Vieira Barbosa (PMDB) em dobradinha lançada com Moreira Franco para governador, fora eleito para mais um mandato, agora entre 1983 até 1988, com 63.758 votos. Rockfeller de Lima (PDS) ficou em segundo lugar, com 44.125 votos, o médico Cesar Ronald (PDT) em terceiro, com 10.609 votos e Nilo Siqueira (PTB) em quarto, com 7.961 votos.¹⁹⁰

Entre os 21 vereadores eleitos na cidade, apenas um fora do PDT, Fábio Ferráz, que recebeu 1.598 votos. O mais votado foi Altamir Bárbara com 3.944, do PMDB, que emplacou 11 vereadores, enquanto o PDS elegeu 8 e o PTB apenas um. Nos votos por legenda, percebia-se o crescimento do PDT na cidade, ficando em quarto lugar com 10.301 votos, atrás de partidos com maior envergadura como o PMDB, com 72.834, o PDS, com 52.834 e o PTB, com 11.753 e se colocando na frente do PT, que recebeu 2.745 de 149.339 votos válidos.¹⁹¹

Esta eleição afirmaria o início da trajetória na política de um jovem radialista de 22 anos que faria o maior número de votos do Partido dos Trabalhadores (PT) daquele pleito no município, Anthony Matheus Garotinho, com 1.164 votos. Devido a cláusula política e a falta de legendas eleitas pelo PT, Anthony Matheus não fora eleito à câmara, e por mais que dissesse “não confio em Brizola”, vislumbria novos ares partidários ao refletir “vamos sentar e avaliar o que será feito daqui para frente”, em um período que com Brizola eleito governador do Rio de Janeiro, o PDT engrossaria suas fileiras no estado.¹⁹²

Observando o crescimento do partido no município e a dificuldade de desempenhar sua atividade no PT, é nesta medida que Garotinho resolveu filiar-se ao PDT em novembro de 1984, como medida “circunstancial”. Considerando o PDT necessário neste momento, elogia a expressão da liderança de Brizola e anuncia sua disposição de colaborar com a Juventude Socialista do PDT. Colocando-se como o único capaz de transformar o Norte-Fluminense¹⁹³

¹⁸⁹ Este ponto se refletiria em uma enquete encomendada pelo jornal Folha da Manhã, onde entre os entrevistados em Campos, o resultado da figura de Brizola seria favorável. Ver: FOLHA DA MANHÃ. **Povo de Campos acredita que Brizola fará um bom governo.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.290, 15 Dez, 1982. p. 3.

¹⁹⁰ FOLHA DA MANHÃ. **Eleições 82/Campos.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.268, 19 Nov, 1982. p. 1.

¹⁹¹ FOLHA DA MANHÃ. **Saiu enfim a relação dos eleitos.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.297, 23 Dez, 1982. p. 1.

¹⁹² FOLHA DA MANHÃ. **Garotinho recebe boa votação mas não vai a Câmara.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.268, 19 Nov, 1982. p. 2.

¹⁹³ MONITOR CAMPISTA. **Consenso prevalece e PDT consegue novas adesões.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.266, 17 Nov, 1984. p.1.

e impulsionando para o que seria o fundamental ano de expansão do PDT em Campos, 1985¹⁹⁴, principalmente com a primeira formação do “Muda Campos” e a sua inserção na política campista projetando Anthony Matheus Garotinho como candidato a deputado estadual nas eleições de 1986, reeditado com sucesso nas eleições de 1988¹⁹⁵:

A postura oposicionista de Anthony Matheus, entretanto, provinha de outro cálculo político. Isto porque, a nova conjuntura iniciada com o processo de redemocratização do país, colocava em foco a situação de abandono e de extrema miséria da grande parcela dos excluídos dos bens mínimos existenciais, em parte pelo descaso dos poderes públicos e da sociedade quanto à adoção de medidas básicas assistenciais voltadas para os segmentos desfavorecidos da população, em particular, para a criança e para o adolescente, e também pela estrutura de escassez econômico-financeira que o município apresentava. Frente a esse quadro, Anthony Garotinho, jovem radialista em Campos, considerou o momento propício para ingressar na carreira política. Beneficiando-se do programa diário que dirigia em rádio com grande audiência, em horário especialmente voltado para donas de casa, desempregados e necessitados em geral, deu início à sua própria campanha, construindo em torno de si a imagem de um novo modelo de representação dos interesses populares, através de um discurso fortemente oposicionista e claramente divergente das práticas que caracterizavam as tradicionais elites dirigentes. Popular e populista, rapidamente passou a ser identificado pelas camadas menos favorecidas da população como um contundente defensor dos “pobre, fracos e oprimidos”.¹⁹⁶

Nas eleições de 1986, Anthony Matheus Garotinho (PDT) é eleito deputado estadual e o mais votado com 29.836 recebidos, e em segundo lugar, Sérgio Diniz (PMDB), genro de José Carlos Vieira Barbosa, com 26.337 votos. Este resultado demonstra a divisão do eleitorado campista entre a velha e a nova classe política que se afirmavam nas disputas políticas no cenário municipal durante a década de 1980. Anthony Matheus Garotinho ficou entre os quatro candidatos mais votados do estado do Rio de Janeiro, venceu em todos os distritos do município o candidato apoiado pelo prefeito José Carlos Vieira Barbosa, recebendo principalmente os votos das camadas mais empobrecidas da população. Ao ser entrevistado após saber de seu triunfo, afirmou:

Agora vamos trabalhar. Vamos convocar a sociedade de Campos. O povo de Campos, para junto comigo, utilizar o meu mandato para colocar as pessoas que ficaram marginalizadas durante muito tempo diante da decisão política desta cidade para participar junto com a gente do começo de uma nova era. Esta eleição virou uma página. Pela primeira vez as ditas lideranças políticas

¹⁹⁴ PESSANHA, Yvan Senra. **Campista. Nem fiado nem à vista. – A saga dessa gente que não se vende.** Niterói: Imprensa Oficial, 1999. p.223.

¹⁹⁵ PODCAST ELAS TÊM HISTÓRIA. Entrevista com Anthony Garotinho. Campos dos Goytacazes, 2022. Ver:

https://www.youtube.com/watch?v=G0tLOm-CIXE&t=128s&ab_channel=Elast%C3%AAmHist%C3%B3ria

¹⁹⁶ CASTRO, Silvia; SALES, Diomar. Reordenamento político e circulação das elites em Campos dos Goytacazes: representações sociais da imprensa local (1982-2004). **ACHEGAS – Revista de Ciência Política.** n. 21 - janeiro/fevereiro, 2005.

se surpreenderam. Eu espero que todos os eleitos, de todos os partidos, que façam uma grande união para que em 1988 definitivamente possamos consolidar esta nova época da política de Campos.¹⁹⁷

Logo ao iniciar seus trabalhos na Assembleia Legislativa, tornou-se líder da bancada do PDT ao superar em votos o primeiro colocado do partido, Jorge Roberto da Silveira.¹⁹⁸ Seus primeiros projetos idealizados seriam: a extensão das atividades da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) com instalação de departamentos no Norte Fluminense; a solicitação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar as denúncias de que o lixo atômico das Usinas de Angra dos Reis estava depositando nas areias de Buena, em São João da Barra; projeto de lei garantindo às pessoas carentes de recursos o sepultamento de suas famílias; e a criação de uma área da região Norte Fluminense destinada ao plantio de soja a fim de produzir o leite vegetal.¹⁹⁹

Anthony Garotinho se fortaleceu como político durante seu mandato como deputado estadual, principalmente pelas relações estabelecidas com Brizola, o crescimento do PDT no estado, e por ter conquistado o apoio da população campista. Além destes ocorridos, Anthony Garotinho torna-se o presidente do Diretório Municipal do partido na cidade campista, em Convenção Municipal do PDT realizada em 22 de novembro de 1987.²⁰⁰

Com estes breves pontos levantados, é possível perceber como o radialista estabelece a possibilidade da candidatura para a prefeitura de Campos nas eleições de 1988. Desde meados de fevereiro e início de abril de 1988, o movimento comunitário “Muda Campos” que reunia lideranças de associações de moradores, partidos políticos e entidades civis, e foi importante para a campanha e eleição de Garotinho em 1985, voltou a se reunir

Com o objetivo de aprofundar a discussão em torno de uma saída política para a atual situação do município. A comissão diretora acredita em uma candidatura alternativa a sucessão municipal, que contaria com o apoio do Movimento, mas não descarta a possibilidade de cerrar fileiras com uma candidatura progressista já posta. As reuniões tem sido para uma avaliação do atual quadro político e os organizadores garantem que todos são bem vindos, independentemente da questão partidária ou ideológica.²⁰¹

Em maio de 1988, com lideranças como o médico Adilson Sarmet, Rosinha Matheus e Geraldo Pudim, assessor de Garotinho, o movimento “Muda Campos” divulgou um

¹⁹⁷ MONITOR CAMPISTA. **Deputados eleitos já definem sua atuação.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.297, 21 Nov, 1986. p.1.

¹⁹⁸ MONITOR CAMPISTA. **Matheus deve ser líder da bancada do PDT.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.274, 26 Nov, 1986. p.1.

¹⁹⁹ FOLHA DA MANHÃ. **Radialista consegue a votação maciça das classes mais pobres.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.285, 2 Dez, 1986. p.2.

²⁰⁰ O FLUMINENSE. **Campos fortalece lideranças políticas.** Rio de Janeiro. n.25.867, 24 Nov, 1987. p.1.

²⁰¹ MONITOR CAMPISTA. **Movimento “Muda Campos” volta a se reunir hoje.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.82, 12 Abr, 1988. p.1.

manifesto à população onde conclama os campistas a participarem do processo político decisivamente e coloca o “Muda Campos” como uma alternativa de participação e mudança.²⁰² Em setembro do mesmo ano, já com os debates consolidados, Anthony Garotinho é colocado como prefeitável pelo grupo, participando de debates com outros candidatos,²⁰³ e recebendo a visita e apoio pessoal de Brizola em comícios realizados.²⁰⁴

Com 220 mil eleitores no maior colégio eleitoral do Norte e Noroeste Fluminense, as eleições municipais realizadas naquele ano contaram com quatro principais candidatos disputando a prefeitura: o vinculado ao setor sucroalcooleiro Amaro Gimenez (PL), Anthony Matheus Garotinho (PDT), Rockefeller de Lima (PFL), antigo e tradicional político da cidade, e Jorge Renato Pereira Pinto (PMDB), usineiro de tradicional família política e apoiado por José Carlos Vieira Barbosa.²⁰⁵ Ao final da apuração de 15 de novembro, Anthony Garotinho conquistou 62.746 votos e, Rockefeller Felisberto de Lima, ficou em segundo lugar, com 50.243.

Em comemoração, Anthony Matheus realizou uma carreata por grande parte da cidade, emocionando no final das apurações, para ele, seria o dia mais feliz de sua vida e reafirmou sua disposição de realizar um governo voltado para a participação da sociedade e para a resolução dos problemas do município.”²⁰⁶ Nesta linha, o jornalista Continentino Porto, detalha o contexto político do pleito,

Não por ter enfrentado uma crise financeira. Não por ter introduzido na administração municipal o apoio ao homem do campo. Na verdade, Garotinho entra na história política do estado porque acabou com as oligarquias em Campos dos Goytacazes. Garotinho ganhou a primeira eleição em 1988. Teve, sem dúvida, a ajuda do governador Leonel Brizola, que subiu em muitos palanques para lhe dar apoio popular. Na primeira eleição para prefeito, a UDR – apesar de naquela época ser fraca no município – fez tudo para derrotá-lo.²⁰⁷

Este resultado representou uma ruptura entre o grupo tradicional da política campista, liderado por José Carlos Vieira Barbosa, e abriu espaço para uma nova classe política. Esta, emergente dos anos 1980, proveniente de um período de reabertura democrática, ocasionou

²⁰² MONITOR CAMPISTA. **“Muda Campos” divulga manifesto a população.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.104, 6 Mai, 1988. p.1.

²⁰³ MONITOR CAMPISTA. **CDL também promove debate com prefeitáveis.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.205, 17 Set, 1988. p.1.

²⁰⁴ MONITOR CAMPISTA. **Brizola vem a Campos dar apoio a Matheus.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.213, 07 Set, 1988. p.1.

²⁰⁵ MONITOR CAMPISTA. **Disputa pela prefeitura tem 4 com chance.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.261, 15 Nov, 1988. p.1.

²⁰⁶ MONITOR CAMPISTA. **Garotinho festeja vitória hoje.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.264, 19 Nov, 1988. p.1.

²⁰⁷ PORTO, Continentino. **Fim das Oligarquias.** In: Quem é quem nas eleições de 1998: Garotinho, do campo à cidade. Edição do autor, 2000. p. 48.

um reordenamento político e um processo de circulação das elites em Campos,²⁰⁸ abrindo espaço na transição do poder de uma elite usineira, para uma elite administrativa representada pelos trabalhistas, que na nossa hipótese discutida neste trabalho irá se manter até 2006, através do PDT, principalmente após ocorrida

A crise e a desagregação do setor sucroalcooleiro e da monocultura da cana, que baseou a organização territorial campista a partir da égide do domínio político e da exploração econômica das elites, serão comprometidas na década de 1980. Ali emergem dois elementos que dão sinais de mudança. O primeiro, do ponto de vista econômico, começa a produção de petróleo na bacia de Campos e o recebimento de recursos petrolíferos pelas prefeituras. O segundo, diretamente ligado a este, é a perda da elite política e a consequente vitória de um novo grupo político em 1988, selando a perda de poder elitista. O que liga os dois pontos é o fato de que ambos são frutos da dinâmica, da contradição e da crise geradas pelas elites em seu território. Por outro lado, em termos de resultado, a nova configuração econômica das rendas petrolíferas vai irrigar e se tornar o sustentáculo econômico da prefeitura, sendo agora dominada por outro bloco de poder. A hegemonia político-administrativa que esse grupo conseguiu só foi possível porque, em termos econômicos, a monocultura não se reergueu e as rendas petrolíferas encheram a prefeitura de recursos, que possibilitaram a máquina pública se manter funcionando de forma independente da cana, possibilitando as políticas, o orçamento e os investimentos.²⁰⁹

O início desta elite administrativa dos trabalhistas compondo a prefeitura se deu com a ascensão de Garotinho a prefeitura, em 1989. Este período de recorte será analisado no capítulo seguinte, em que compreenderemos as primeiras políticas desenvolvidas como prefeito do município e a consolidação do partido no poder, com a eleição de Sérgio Mendes em 1993, e a nova eleição de Anthony Garotinho em 1996. Neste mandato, a partir de 1997, se iniciam as ocupações do MST em Campos dos Goytacazes e abrem a relação entre partido e movimento social.

CAPÍTULO 2 – “MUDA CAMPOS!”: A POLÍTICA AGRÁRIA DO PDT-CAMPOS (1989-1997)

2.1 – O PRIMEIRO MANDATO DE ANTHONY MATHEUS GAROTINHO E O INÍCIO DA POLÍTICA TRABALHISTA NA PREFEITURA (1989-1992)

²⁰⁸ CASTRO, Silvia; SALES, Diomar. Reordenamento político e circulação das elites em Campos dos Goytacazes: representações sociais da imprensa local (1982-2004). **ACHEGAS – Revista de Ciência Política**. Número 21 - janeiro/fevereiro 2005.

²⁰⁹ RODRIGUES, Igor Paolo Ribeiro Dias. **Território e Poder: as elites e a organização do território em Campos dos Goytacazes**. Dissertação (Mestrado em Geografia). Campos dos Goytacazes (RJ): Universidade Federal Fluminense (UFF), 2016. p. 97.

Em 1988, como comentado anteriormente no primeiro capítulo, Anthony Garotinho é vitorioso nas eleições para a prefeitura de Campos dos Goytacazes. Esta vitória inicia um novo período na administração da prefeitura do município, os trabalhistas são eleitos na cidade através de suas pautas e buscas por realizações, derrotando uma fração da oligarquia campista que se manteve no poder durante diversos mandatos.

Ocorrida na Câmara Municipal, e logo após com trio elétrico na Praça do Liceu, sobre a posse de Anthony Matheus Garotinho, o jornal Monitor Campista ressalta a participação popular presente e a ausência do então ex-prefeito José Carlos Barbosa no evento que não passou a faixa prefetal, com a chamada na capa “Participação popular marca a posse de Anthony Matheus na prefeitura”.²¹⁰ Por outro lado, o jornal Folha da Manhã noticiou como “Anthony garante democracia participativa na prefeitura”.²¹¹ Acompanhado de seu vice, Adilson Sarmet, sua esposa, Rosinha Matheus, e o Presidente da Câmara, Carlos Alberto Campista, o novo prefeito declarou durante a solenidade de sua posse com as galerias da Câmara Municipal lotadas,

O governo que hoje assumo possui prioridades definidas, voltadas para a população mais humilde, mas sem discriminar qualquer setor da sociedade. A meta é um trabalho conjunto, para fazer de Campos, um polo de progresso e desenvolvimento.²¹²

Na composição dos 21 vereadores que ocuparam as cadeiras da Assembleia Legislativa que teria como principal objetivo nos primeiros meses votar a Lei Orgânica do município, 8 se reelegeram e nenhuma mulher foi eleita, apesar desta eleição ter sido a com maior número de candidaturas femininas até este período. Com os trabalhistas em disputa pela maioria, o PDT elegeu Carlos Alberto Campista, Adilio Velasco, Gelcio Dadá, Reinaldo Dantas e Paulo Cesar Martins. O PMDB, também com cinco eleitos, estava representado por Edson Coelho dos Santos, George Farah, Aldemir Gonçalves, Paulo Feijó e Ederval Venâncio. Em números menores, o PTB teve dois eleitos, Roberto Ribeiro e Carlito Barbosa, enquanto o PDC elegeu Romilton Barbosa e Admardo Gama, além do PL, com Nazir Batista, Ailton Tavares e João Madruga, e o PFL, com Sérgio Bainha, Hélio Lelé Azevedo, José A.R. Zezinho e do PDS, Valdebrando Silva.²¹³

²¹⁰ MONITOR CAMPISTA. **Participação popular marca a posse de Anthony Matheus na prefeitura.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.299, 2 Jan, 1989. p.1.

²¹¹ FOLHA DA MANHÃ. **Anthony garante democracia participativa na prefeitura.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.296, 2 Jan, 1989. p.1.

²¹² Ibid, p.1.

²¹³ MONITOR CAMPISTA. **Nova câmara vai votar lei orgânica municipal.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.272, 29 Nov, 1988. p.1.

E na eleição da Mesa Diretora, houve a composição de um acordo tratado por Anthony Matheus entre o PDT, PSB, PFL, PL e PTB. Esta união resultou em maioria na câmara para o novo prefeito, com a eleição de Carlos Alberto Campista (PDT) para a Presidência da Câmara, e os suplentes, o vereador José Madruga (PFL) como vice-presidente, Sergio Bainha (PFL) para o cargo de primeiro secretário e Roberto Ribeiro (PTB) eleito segundo secretário. Esta chapa vencera com 12 votos, contra a chapa derrotada composta por Admardo Gama (PMDB), Carlito Barbosa (PTB), Valdebrando Silva (PDS), e Paulo Feijó (PDC) que obteve 9 votos, o que demonstra que mesmo com maioria para a composição do novo prefeito, a disputa político-partidária se iniciaria acirrada no plenário da Câmara.²¹⁴

Após solicitação de Anthony Matheus, houve em 3 de dezembro de 1988, o encontro com José Carlos Barbosa, para tratar da transição de mandato na prefeitura. Como resultado, confirmaram a apreciação do novo Plano de Cargos do funcionalismo municipal pela Câmara Municipal. Além deste principal ponto, reafirmaram o compromisso com o repasse de recursos para o pagamento de médicos que atuavam no Programa de Desenvolvimento de Sistemas Unificados e Descentralizados de Saúde nos Estados (SUDS) e o reajuste de professores, com José Barbosa afirmando que não deseja criar embaraços para o novo prefeito eleito.²¹⁵

Anthony Matheus em conjunto com o diretório do PDT, buscaram definir entre novembro e dezembro de 1988, a composição do novo secretariado para os próximos anos de gestão. As discussões ocorreram com o Partido Socialista Brasileiro (PSB), que “não esconde seu desejo de fazer parte do governo municipal”²¹⁶ e que havia tido um peso na organização e campanha, e os demais que fizeram parte do “Muda Campos”, duas de suas principais alianças para a vitória no pleito. Para Matheus, “não estamos tratando do loteamento da Prefeitura. Estamos cuidando da composição de um governo que está comprometido com mudanças e que terá que cumprir a sua missão”.²¹⁷

Com esta definição ocorrida, na Secretaria de Governo foi indicado o vereador pedetista Paulo Cesar Martins, na Secretaria de Promoção Social foi indicada a assistente social, Marivalda Benjamim, que teve serviços prestados ao Sindicato de Trabalhadores Rurais no processo de reforma agrária ocorrido na Usina Novo Horizonte. Representando o

²¹⁴ FOLHA DA MANHÃ. **Anthony toma posse pedindo união dos poderes para evitar “sombras escuras”**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.296, 2 Jan, 1989. p.2.

²¹⁵ MONITOR CAMPISTA. **Zezé recebe Garotinho e confirma plano de cargos**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.276, 3 Dez, 1988. p.1.

²¹⁶ MONITOR CAMPISTA. **Políticas e Políticos: Procedimento Certo**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.284, 14 Dez, 1988. p.4.

²¹⁷ MONITOR CAMPISTA. **Matheus faz consultas para o secretariado**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.273, 30 Nov, 1988. p.1.

PSB que integrou a composição “Muda Campos”, como Secretário de Agricultura, fora escolhido o agrônomo José Pacceli Sarmet, e para a Secretaria de Administração, Ana Lucia Boynard. Completaram o secretariado, na Secretaria de Serviços Públicos, Geraldo Roberto, este que no período era secretário do Diretório Municipal do PDT, além de Beth Couto na Secretaria de Educação, o médico e professor da Faculdade de Medicina de Campos, Edson Batista, na Secretaria de Saúde, Carlos Augusto Siqueira na Secretaria de Obras e o jornalista Fernando Leite para o Departamento de Comunicações.²¹⁸

Além destas secretarias, também fora indicada a professora Cristina Mayerhoffer Lima²¹⁹ como presidenta da Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima (FCJOL). Este órgão passaria a atuar com a função de coordenar e administrar a política cultural, principalmente a partir da absorção do Departamento da Cultura na FCJOL.²²⁰ Buscando aprimorar a tarefa de cuidar da parte logística e discutir de forma democrática com os artistas um plano cultural para ser posto em prática, o prefeito afirmou que através da utilização do Palácio da Cultura de Campos “é preciso abrir espaço para que a classe artística recupere o seu papel de agente transformadora e garantir aos artistas em geral, sem qualquer tipo de discriminação, seja política, racial ou religiosa, condições para o exercício de sua arte”.²²¹ E também o I Seminário Aberto de Arte Cultura de Campos, organizado entre 28 de março e 2 de abril, com o principal objetivo de discutir as questões culturais e definir um plano de ação cultural para o município.

Retomando o ponto dito por Anthony Matheus, com um governo comprometido com mudanças e a sua missão, definiu inicialmente sua linha política para o mandato após reunião com todo o seu secretariado. Dentro do plano de prioridades para os primeiros meses, foram planejadas “uma série de medidas, que incluem desde a melhoria da limpeza pública, até questões ligadas a matrículas na rede escolar municipal”.²²² Na coluna *Política e Políticos* do Jornal Monitor Campista, nesta especificamente intitulada de “Muda Campos”, a vitória de Anthony Matheus reverberava na compreensão de mudanças na política campista, sendo

²¹⁸ MONITOR CAMPISTA. **Prefeito eleito anuncia o secretariado**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.284, 14 Dez, 1988. p.1.

²¹⁹ Filha do jornalista Oswaldo Lima que dá nome ao Palácio da Cultura.

²²⁰ MONITOR CAMPISTA. **Secretariado de Anthony está completo**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.291, 22 Dez, 1988. p.1.

²²¹ MONITOR CAMPISTA. **PMC vai concentrar cultura na Fundação “Oswaldo Lima”**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.294, 27 Dez, 1988. p.1.

²²² MONITOR CAMPISTA. **Anthony define sua linha política**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.298, 31 Dez, 1988. p.1.

eleito como candidato de oposição ao governo municipal e com expectativa em sua gestão, desejando a melhor possível em proveito da cidade.²²³

Um dos primeiros pontos em discussão nos jornais acerca da política agrária foi sobre o Ensino Agrícola no município. A Escola Agrotécnica de Campos foi fundada em 1955, com o objetivo inicial de uma formação ampla de capacitação técnica, porém, com a busca por uma formação próxima as características da região, buscou-se o aprofundamento na aplicação de técnicas para o cultivo da cana de açúcar²²⁴.

Comentando acerca da relevância do colégio para a cidade diante de seu papel preponderante para o ensino rural, a crítica do jornal aos governos estadual e municipal, se baseia na baixa adesão de estudantes nos últimos anos e a falta de investimentos no desenvolvimento da agricultura, criticando a ausência de discussão do plano de reativação que se fora levantado e que como veremos adiante, a prefeitura intentará aproximar de propostas para o Colégio. Em um dos principais pontos comentados, observa-se que o então Colégio Agrícola de Campos atua de forma crucial para a carência de mão de obra na colaboração de novas práticas e técnicas que aliadas à formação educacional, que segundo o Monitor Campista, colaboraram no desenvolvimento básico da agricultura na região.²²⁵

E logo na segunda semana, ao receber um grupo de favelados na sede da prefeitura, a gestão daria os primeiros indícios sobre a forma que trataria reivindicações sobre a terra. Ao reivindicarem melhorias na falta de saneamento básico, de água e da questão fundiária, a prefeitura em seu programa de governo afirmou que faria um levantamento para realização de diversas obras de urbanização das favelas, visando condições dignas de moradia, pretendendo ainda, realizar a regulamentação da posse da terra.²²⁶

Por um lado, os ecologistas dariam apoio ao novo governo. O presidente do Centro Norte Fluminense para Conservação da Natureza, Aristides Soffiatti, colocou sua postura crítica de apoio a prefeitura eleita, sem vínculo, porém assessorando de forma útil, principalmente comparando com o anterior, de José Carlos Barbosa,

Esta diferença é muito clara. Eu estava praticamente proibido de entrar na prefeitura. Não havia o menor diálogo por parte do senhor José Carlos

²²³ MONITOR CAMPISTA. **Política e Políticos: Muda Campos**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.299, 2 Jan, 1989. p.2.

²²⁴ SANTOS, Dayane da Silva. **Entre a trajetória histórica e políticas para a educação profissional agrícola: as transformações de uma tradição formativa - o caso da Escola Técnica Estadual Agrícola Antônio Sarlo**. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) - Departamento de Pós-Graduação em Políticas Sociais, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 155 p. 2012. p.74.

²²⁵ MONITOR CAMPISTA. **Política e Políticos: Muda Campos**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.03, 8 Jan, 1989. p.2.

²²⁶ MONITOR CAMPISTA. **PMC quer urbanizar as favelas de Campos**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.09, 13 Jan, 1989. p.2.

Barbosa que se mostrou insensível sempre diante das questões ambientais. Processou o Centro e pressionou o Governo do Estado para me processar por ter criticado a perfuração de poços artesianos como solução para a captação d'água em Campos.²²⁷

Por outro lado, a UDR de Campos mobilizou os produtores rurais do Norte Fluminense para a participação no lançamento da candidatura à presidência de Ronaldo Caiado. O presidente da UDR local campista, Ronaldo Bartholomeu dos Santos, afirma a ampla adesão dos produtores a esta campanha que se iniciaria no dia 17 de março em Uberlândia, e despista sobre as acusações de envolvimento da UDR em crimes rurais, menos de três meses após o assassinato do ecologista e líder sindical Chico Mendes²²⁸, disparando que “quem nos acusa de assassinos, deveria ir à justiça provar que somos assassinos. Isso ninguém fez até agora, nem vai fazer porque é mentira.”²²⁹ Além disso, a UDR-Campos buscava estreitar laços com a prefeitura através de ações de melhorias, como o financiamento de Cz\$2 milhões para custear parte das despesas de limpeza e manutenção do canal das flechas, em Santo Amaro de Campos.²³⁰

Nas primeiras ações da Secretaria de Promoção Social, na representação de Marivalda Benjamim, buscava dentro do escopo de suas propostas, a regulamentação do programa federal do Leite, realizado pela Secretaria Especial de Ação Comunitária da Presidência. Este, que dentro de seu objetivo sofria em Campos dos Goytacazes com “erros e politicagem na distribuição de tickets destinados a pessoas carentes” e que para sua resolução houve a troca do modelo confeccionado do programa que atendia 134 entidades associativas em Campos cadastradas.

Entre outras propostas, havia a promessa para resolução esse ano da criação de 30 creches em bairros e distritos da cidade, a criação da Escola Menino de Rua²³¹ e o programa de assistência jurídica gratuita a pessoas carentes declaradas na Afirmção do Estado de Pobreza.²³² Uma parceria para o desenvolvimento destas creches, escolas e postos de saúde estaria sendo firmada com a empresa RioCop, vinculada à prefeitura. O objetivo seria firmar

²²⁷ FOLHA DA MANHÃ. **Ecologistas vão dar apoio ao novo governo municipal.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.297, 3 Jan, 1989. p.2.

²²⁸ Segundo o jornal Folha da Manhã de 22 de janeiro, Chico Mendes foi homenageado em Campos com o plantio de uma seringueira e a inauguração de um marco, no jardim do Villa Maria. A solenidade que reuniu cerca de 60 pessoas teve a iniciativa da Prefeitura Municipal de Campos e da Sociedade Protetora de Animais.

²²⁹ FOLHA DA MANHÃ. **UDR mobiliza os produtores para campanha presidencial.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.335, 2 Mar, 1989. p.2.

²³⁰ FOLHA DA MANHÃ. **UDR abre conta em banco para ajudar limpeza em canal.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.304, 12 Jan, 1989. p.1.

²³¹ MONITOR CAMPISTA. **PMC terá escola para os meninos de rua.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.23, 28 Jan, 1989. p.1.

²³² MONITOR CAMPISTA. **PMC dará assistência jurídica a carentes.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.23, 31 Jan, 1989. p.1.

a parceria com custos inferiores ao projeto desenvolvido no município do Rio de Janeiro, como o ocorrido com a construção dos CIEPs, oferecido pela Conselheira Administrativa da empresa e ex-secretária estadual de educação, Maria Yedda Linhares, após encontro com o prefeito Anthony Matheus e a secretária municipal de educação, Elizabeth Couto.²³³

Sobre a Secretaria Municipal de Agricultura, encarregada com Pacceli Sarmet, havia a discussão nos primeiros meses sobre o que se poderia fazer para além de hortas comunitárias e distribuição de mudas, práticas cotidianas na gestão anterior de José Carlos Barbosa. Um dos primeiros movimentos da secretaria foram os procedimentos tomados para a realização do I Encontro de Municipalização da Agricultura. Para a contribuição com debates e propostas, houve a presença de órgãos do setor como o Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), a Empresa de Pesquisa Agropecuária do Estado do Rio de Janeiro (PESAGRO) e a Superintendência do Desenvolvimento da Pesca (SUDEPE). Para Sarmet, “ao término do encontro será criado o Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural, para aprofundar a discussão sobre a municipalização da agricultura, e com isso, iniciar a diversificação na lavoura por meio da fruticultura e do plantio consorciado de grãos, sem, contudo, colidir com a cana de açúcar, cultura que predomina na região”.²³⁴

A Secretaria de Agricultura buscou estreitar laços com o Colégio Agrícola Antônio Sarlo em seus primeiros momentos de gestão. Inicialmente ocorreram reuniões com o secretário, Paccelli Sarmet, o diretor Antonio Carlos Siqueira, com a participação de representantes da Cooperativa dos Alunos e de professores da escola.²³⁵

Com relação ao assentamento Novo Horizonte de 4.500 hectares, no final de fevereiro houve uma cerimônia em que a prefeitura entregou um trator para a Associação de Assentados. Adquirido com recursos do Programa de Desenvolvimento do Norte Fluminense e entregue pelo prefeito acompanhado de diversos secretários, como Agricultura, Promoção Social e Transportes, a máquina doada visava possibilitar o desenvolvimento de um programa de produção de alimentos em grande escala, iniciando a partir do cultivo do feijão. Além disso, discutiu-se entre a associação e a prefeitura a possibilidade de reserva em área no CEASA para a comercialização destes alimentos.²³⁶

²³³ MONITOR CAMPISTA. **Empresa oferece projetos as escolas e creches da PMC.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.26, 02 Fev, 1989. p.1.

²³⁴ MONITOR CAMPISTA. **Agricultura também vai ser municipalizada.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.37, 17 Fev, 1989. p.1.

²³⁵ MONITOR CAMPISTA. **Secretaria de Agricultura e Colégio Agrícola se entrosam.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.27, 03 Fev, 1989. p.1.

²³⁶ MONITOR CAMPISTA. **Prefeitura entrega trator em Novo Horizonte.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.41, 23 Fev, 1989. p.1.

No mês seguinte, já no final de março, a prefeitura doou três toneladas de sementes de feijão e mais um trator foi emprestado para a Associação dos Assentados nas terras desapropriadas de Novo Horizonte. O objetivo da prefeitura era de que os trabalhadores iniciassem o plantio neste mês, estabelecendo que para cada quilo de semente o município receberá em troca dois quilos de feijão, destinados a merenda escolar, com o prefeito Anthony Matheus indicando que

O papel do poder público é o de criar condições para que a comunidade possa produzir e no caso específico dos trabalhadores de Novo Horizonte, a compra das sementes vai representar o início efetivo do projeto de reforma agrária no local.²³⁷

O secretário de agricultura, Paccelli Sarmet, acompanhado do assessor de comunicação, Fernando Leite, fizeram a entrega das sementes. Os pequenos agricultores afirmaram seu compromisso com a diversificação da agricultura, exposto principalmente na fala de Reinaldo Vigan, delegado da Associação de Assentados, quando afirmou: “nós não sabíamos que seria possível conseguir as sementes já que não temos recursos para comprar. A chegada das sementes é uma benção.” Nesta linha, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, José Rodrigues, que acompanhou a ocasião, afirmou que, “nunca, em governos passados, a prefeitura se preocupou em ajudar os trabalhadores do campo, mas agora com o Garotinho a gente percebe que o tempo é outro: ele é um aliado da classe trabalhadora.”²³⁸ Por outro lado, o prefeito se colocou aberto para buscar possibilidades do escoamento da produção,

Não assumimos, em relação aos trabalhadores de Novo Horizonte, uma atitude paternalista, simplesmente doando as sementes, que custaram cerca de 6 mil cruzados novos; na verdade fizemos com eles um negócio: entramos com as sementes e vamos receber parte da colheita para distribuir às Escolas da Rede Municipal. Coisa de trabalhador para trabalhador.²³⁹

Além deste ponto, em uma parceria entre a Escola Técnica Federal de Campos e a Prefeitura elaboraram um projeto para eletrificação da área existente em Novo Horizonte, a partir de projeto de reforma agrária estruturado pela EMATER e Fundação Norte Fluminense de Desenvolvimento Regional (FUNDENOR). O projeto previa geração de energia as famílias assentadas, promovendo o treinamento de alunos da Escola Técnica Fluminense de Campos (ETFC), e objetivando, segundo o diretor da ETFC, Luciano D’Angelo Carneiro, “a

²³⁷ MONITOR CAMPISTA. **PMC doa feijão para plantio em Novo Horizonte**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.67, 24 Mar, 1989. p.1.

²³⁸ Ibid., p.1.

²³⁹ FOLHA DA MANHÃ. **Posseiros de Novo Horizonte recebem sementes de feijão**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.348, 24 Mar, 1989. p.3.

intenção é de saltar com o projeto para fora da Escola, levando ao pequeno produtor a energia que lhe falta, que é a elétrica, sem que eles precisem pagar nada”.²⁴⁰

Esta sinalização seria dada novamente pelo prefeito durante a realização do I Seminário de Habitação Popular do Norte Fluminense, em Campos, promovido pela parceria entre a Prefeitura Municipal de Campos (PMC) e a ETFC.²⁴¹ Com participação de prefeitos da região, buscando criar propostas que viabilizassem a construção de casas populares para as famílias de baixa renda, o encontro discutiu sobre a forma de financiamento de moradias populares, o cooperativismo e questões técnicas.

No dia 12 de abril de 1989 durante o primeiro dia, o prefeito Anthony Matheus Garotinho reafirmou a necessidade de fixação do homem no campo, anunciando que a prefeitura teria como meta prioritária o desenvolvimento de um programa que visava a compra de lotes de terras para doação à famílias interessadas em trabalhar no campo. Por outro lado, seu objetivo visando os bolsões de pobreza lembrados pelo prefeito no evento ao comentar sobre os cerca de 36 mil favelados em uma cidade de 500 mil habitantes, “é promover a aglutinação das pessoas no meio rural, diminuindo a grande concentração na área urbana que impede o progresso uniforme do município”.²⁴²

Em maio, após os primeiros meses de gestão, a prefeitura direcionou novas iniciativas. Uma delas foi o programa “Aproveitando a Terra”. Inicialmente, a prefeitura assinou um projeto de lei aprovado pela Câmara Municipal²⁴³ que tornava possível a implantação de 200 hortas populares com os objetivos de acabar com a sujeira dos terrenos baldios e produzir alimentos para enriquecer a merenda escolar, porém sem sujeitar a prefeitura os gastos que ocorriam de ser quinzenais, de nCZS 70 mil com a merenda, agora que o estado não está fornecendo alimentos.²⁴⁴

O aproveitamento de terrenos baldios abandonado para o cultivo de hortas cuja produção seria destinada à população carente através de escolas e instituições de caridade. Com o início da produção em junho, com a primeira iniciada no final de maio com o plantio de alface, couve, rabanete, salsinha, quiabo e abóbora, serão fiscalizadas por um vigia

²⁴⁰ MONITOR CAMPISTA. **PMC e ETFC vão levar energia a Novo Horizonte**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.105, 11 Mai, 1989. p.1.

²⁴¹ MONITOR CAMPISTA. **Campos sedia encontro de Habitação Popular**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.80, 09 Abr, 1989. p.1.

²⁴² MONITOR CAMPISTA. **PMC doa feijão para plantio em Novo Horizonte**. Campos dos Goytacazes (RJ): n. 83, 13 Abr, 1989. p.1.

²⁴³ MONITOR CAMPISTA. **PMC vai usar terrenos baldios para hortas**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.77, 06 Mar, 1989. p.1.

²⁴⁴ MONITOR CAMPISTA. **Anthony quer implantar 200 hortas populares**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.119, 27 Mai, 1989. p.1.

morador escolhido entre as pessoas da comunidade de “baixa renda”, e que terá direito a 20% da produção da horta, e além de uma bolsa de gêneros alimentícios da prefeitura. Intimando em junho 12 terrenos pelo edital baixado por meio do Secretário Municipal dos Serviços Públicos, Geraldo Siqueira de Souza, o programa de hortas foi intensificado para sua implementação a partir de junho.²⁴⁵

Neste período, em discussões sobre a campanha de Brizola para a presidência nas eleições de novembro de 1989, houve em 26 de março no CIEP da Lapa, a realização do I Encontro do Socialismo Democrático do Norte e Noroeste Fluminense, organizado pelo PDT. Inicialmente, objetivo era traçar um plano de unificação do partido, percebendo segundo Anthony Matheus, que

O PDT foi o partido que mais cresceu no interior fluminense. Saindo praticamente do zero, conseguiu uma base política valorizada. Agora, que está no poder, é preciso cuidado para não cair no fisiologismo da máquina administrativa. Acima de tudo, pretende implantar um Governo mais social, que permita resgatar a importância do poder público municipal.²⁴⁶

Deste encontro participaram lideranças do partido na região como os prefeitos de Italva, Campos, Conceição de Macabu, São Fidélis e Santa Maria Madalena, o deputado federal Vivaldo Barbosa, vereadores eleitos e presidentes dos núcleos e diretórios do PDT. Houve a convocação aos militantes do partido para participarem de Anthony Matheus em seu programa na rádio Continental. Com as discussões sobre as administrações do PDT em pauta e a estruturação da campanha de Brizola, Anthony Matheus foi alçado ao posto de coordenador político do PDT no Norte e Noroeste Fluminense, concluindo no evento que

A administração que estou realizando, em pouco tempo no poder, respalda o PDT e o seu candidato. E o povo sabe que com Brizola na Presidência da República o desenvolvimento de Campos será muito maior. Não há nenhum outro presidenciável que poderia fazer tanto para esta região.²⁴⁷

Para além deste cargo de relevo no PDT, este ano o prefeito de Campos seria alçado a Coordenador Nacional da Juventude. Em reunião ocorrida em maio, a Executiva Regional do PDT reunida no Rio de Janeiro escolheu Anthony Matheus Garotinho como presidente da ala jovem do partido. Além disto, o PDT organizou 13 regionais fluminenses para mobilização de militantes para a campanha presidencial, estas seriam distribuídas em Sul Fluminense (3),

²⁴⁵ MONITOR CAMPISTA. **Programa de hortas é intensificado**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.123, 01 Jun, 1989. p.1.

²⁴⁶ FOLHA DA MANHÃ. **Lideranças do PDT na região Norte se reunirão em Campos**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.319, 14 Fev, 1989. p.2.

²⁴⁷ FOLHA DA MANHÃ. **Socialismo Democrático é tema de Encontro em Campos**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.350, 26 Mar, 1989. p.2.

Litoral Sul (1), Baixada Fluminense (1), Região Metropolitana (3), Região dos Lagos (1), Norte (1), Noroeste (1) e Serrana (2).²⁴⁸

Incumbido desta função na juventude do partido, o PDT realizou em 4 de julho no Palácio da Cultura de Campos dos Goytacazes, o Encontro Estadual da Juventude Socialista. Ao lado da presença de militantes de diversos municípios da região, da presidenta da juventude socialista, Isaura Gazen, do deputado estadual Antônio Carlos Pereira Pinto e do Presidente da Câmara Carlos Alberto Campista, durante sua explanação, o prefeito de Campos afirmou a importância de um PDT,

Sem lutas internas entre as tendências para que as propostas do partido possam ir para as ruas e chegar ao povo. Os inimigos do povo continuam sendo, como sempre foram as multinacionais, o sistema financeiro e o latifúndio que não permitem a execução das propostas prioritárias defendidas pelo PDT como a redistribuição das riquezas do país, a reforma agrária, o controle dos juntos e a valorização respectiva do trabalho e a permanência do capital no Brasil.²⁴⁹

Ainda nestes primeiros seis meses, houve uma atuação intensa dos dois principais sindicatos de representação de trabalhadores rurais em campos. O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Campos (STRC), presidido por José Rodrigues Sales neste período, inicialmente em assembleia extraordinária de janeiro, definiu uma campanha pela equiparação salarial entre trabalhadores das fazendas que fornecem cana para as usinas, com os trabalhadores das usinas.²⁵⁰ Meses depois, o STRC daria apoio às famílias de Novo Horizonte, reunindo-se na representação de José Rodrigues em conjunto com moradores na Alerj para audiência no início de fevereiro, principalmente para reivindicar o assentamento definitivo de lavradores que viviam e trabalhavam nas terras desde 1985.²⁵¹

E no final de junho, ocorreu uma grande greve de trabalhadores rurais no município com liderança do STRC, que parou 25 mil boias frias, atingindo cerca de 80% dos trabalhadores das lavouras da região e contou com apoio e participação de representantes da FETAG, CONTAG, PT e PCdoB. A adesão foi se ampliando através de piquetes nas estradas em direção às fazendas e houve a interceptação de ônibus de trabalhadores para a realização de conversas e rápidos comícios. Segundo José Rodrigues, diversas usinas estavam descontando salário dos trabalhadores participantes e a polícia usou camburões e carros

²⁴⁸ MONITOR CAMPISTA. **Garotinho coordena ala jovem do PDT no NF**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.115, 21 Mai, 1989. p.1.

²⁴⁹ MONITOR CAMPISTA. **PDT reúne jovens de todo o Estado em Campos**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.126, 04 Jun, 1989. p.1.

²⁵⁰ MONITOR CAMPISTA. **Rurais iniciam hoje sua campanha salarial**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.23, 28 Jan, 1989. p.1.

²⁵¹ MONITOR CAMPISTA. **Rurais vão à Alerj por assentamento na N Horizonte**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.27, 03 Fev, 1989. p.1.

choques para tentar obrigar trabalhadores a voltar para a Usina Sapucaia. Por fim, houve um acordo com os dirigentes do Sindicato dos Usineiros que pôs fim à greve e atendeu a reivindicação dos lavradores das usinas, havendo o acréscimo no preço da tarefa para o corte da cana.²⁵²

Neste período de junho de 1989, o governo do estado na figura de Moreira Franco cria a Secretaria de Assuntos Fundiários (SEAF), empossando o arquiteto Vicente Loureiro. A secretaria consistia suas atribuições iniciais em assegurar o assentamento de trabalhadores rurais, regularizar os problemas de terras em todo o estado e a realização de um cadastramento fundiário rural em todo o estado.²⁵³

O Sindicato dos Trabalhadores do Açúcar de Campos (STIAC), presidido por Jaudenes Carvalho Batista, organizou greve que parou 10 das 16 usinas da região em março por alguns dias para buscar entendimento. Os trabalhadores do açúcar do Norte Fluminense reivindicavam aumento salarial e os encontros entre Jaudenes e Evaldo Inojosa, presidente do Sindicato dos Usineiros do Estado do Rio, ocorreram sem a resolução do aumento desejado de início.²⁵⁴ E ainda sim, segundo Jaudenes, “antes da greve, as usinas estavam fornecendo alimentação para todos os trabalhadores, e após, o fornecimento foi suspenso e todos obrigados a adquirir comida em outros estabelecimentos comerciais.”²⁵⁵ Um dos principais acordos firmados em resolução ocorreria somente meses após a mobilização, em julho, com as usinas se comprometendo a pagar o acordo salarial estabelecido, porém, houve diversos relatos de operários sendo dispensados por estarem participando das greves.

Após comemorar os seis primeiros meses de governo na inauguração da Escola Municipal Manoel Coelho, em Goytacazes, cerca de 15 quilômetros da área central do município, o prefeito de Campos, concedeu uma entrevista à Folha da Manhã na qual fez um balanço do período. Garotinho em análise:

O saldo é positivo. Ao assumirmos a prefeitura encontramos uma administração moldada em velhos costumes e aos poucos estamos vencendo essas dificuldades. Hoje posso dizer a você que além de conquistar setores da comunidade até as que não nos apoiaram, conquistamos o respeito do município de Campos dentro do cenário político estadual. Acho que a

²⁵² MONITOR CAMPISTA. **Acordo põe fim a greve: rurais**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.148, 30 Jun, 1989. p.1.

²⁵³ MONITOR CAMPISTA. **Estado ganhará secretário para Assuntos Fundiários**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.145, 27 Jun, 1989. p.3.

²⁵⁴ MONITOR CAMPISTA. **Greve já atinge 10 usinas da região**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.70, 27 Jun, 1989. p.1.

²⁵⁵ MONITOR CAMPISTA. **Trabalhador campista vai à greve**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.58, 14 Mar, 1989. p.1.

principal conquista é essa, ter modernizado a prefeitura para que ela possa se adaptar ao novo tempo que vai ter o nosso país.²⁵⁶

Nesta entrevista fora ressaltado o recorde de obras em todas as áreas da cidade, como a construção de creches, escolas e o calçamento de mais de setenta ruas. Outra questão levantada foi o levantamento de recursos na parceria do Banco Bradesco com a prefeitura para a construção do novo Teatro Trianon. Além disto, integrada como projeto pelo prefeito de Curitiba, Jaime Lerner, que a considerou um sucesso, a experiência das hortas comunitárias foi questionada na entrevista como um êxito, e para o prefeito,

A horta comunitária é a primeira etapa de um projeto que vai se desdobrar chamado “Cooperativa de Alimentação Popular”, que nós queremos desenvolver na prefeitura. Nós vamos fazer com que as comunidades carentes um projeto que visa o barateamento do custo dos alimentos. A horta comunitária tem três sentidos. O primeiro deles é este de fazer parte do Projeto Integrado de Alimentação Popular. O segundo tem o sentido de evitar que os terrenos baldios sejam transformados em depósito de lixo, isso não se faz de uma hora para outra, é um processo longo que a população precisa se conscientizar. O terceiro é o processo educativo que faz com que a população utilize o solo se acostumando com a ideia de que plantar é necessário não só para ocupação do espaço, mas também para sobrevivência das pessoas.²⁵⁷

Ao mesmo tempo, Garotinho atribui ao seu secretariado este saldo considerado positivo. Fazendo um balanço de cada secretaria, que “se integrou completamente a essa meta de trabalho o que fez com que chegasse a esse recorde de obras e programas desenvolvidos em nosso município”, com relação a Secretaria de Agricultura, representada na figura de José Paccelli Sarmet, próxima ao nosso objeto de estudo, o prefeito comentou que

Essa secretaria existia na administração passada apenas no papel, hoje vem se estruturando na busca de desenvolver um programa voltado para atender a vocação agrícola do município. Pacelli Sarmet explicou que nesse período a preocupação era no sentido de dar essa organização para então começar a atuar. Mesmo dentro dessa situação tivemos participação em dois programas importantes, o de hortas comunitárias e o de assistência às famílias assentadas em Novo Horizonte. A Secretaria de Agricultura vem atuando no preparo técnico das hortas e acompanhando de perto o trabalho das famílias de posseiros em Novo Horizonte, recebendo sementes e um trator.”²⁵⁸

Em entrevista realizada em outubro para o Jornal Folha da Manhã, Pacelli Sarmet pregava uma revolução agrícola para o município de Campos. Classificando a expressão agrícola como medíocre, o secretário enumerou quatro fatores para o fracasso: a irregularidade e deficiência pluviométrica na região; a precariedade de incentivos ao pequeno

²⁵⁶ FOLHA DA MANHÃ. **Prefeitura bate recorde de obra em seis meses.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.409, 2 Jul, 1989. p.7.

²⁵⁷ Ibid., p.7.

²⁵⁸ FOLHA DA MANHÃ. **José Pacelli prega revolução agrícola.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.200, 22 Out, 1989. p.7.

e médio produtor; a ausência de pesquisas sistemáticas e contínuas; e a acomodação centenária dos mono-produtores de açúcar.²⁵⁹

Seguindo o raciocínio do secretário, para ocorrer a revolução agrícola planejada, é preciso aprofundar o trabalho de base próximo às comunidades rurais e urbanas, principalmente através da formação de associações de produtores que trabalhariam em regime de cooperativas. E neste sentido, quatro projetos pilotos foram elencados: o da avicultura de subsistência com o início da distribuição de aves para serem desenvolvidas; as hortas comunitárias do projeto intitulado “Aproveitando a Terra”; a inseminação através de núcleos de gado bovino acoplados a um projeto de mudas forrageiras com parceria da tecnologia da UFRRJ; e as sementes, com a distribuição principalmente de hortaliças para plantio.

No segundo semestre, após o recesso de julho da Câmara Municipal, a prefeitura buscou dar continuidade aos projetos. Estes foram representados com uma nova intensificação do replantio de árvores, da inauguração de hortas comunitárias e a colheita de outra horta na avenida São João da Barra em julho.

Como exemplo, a colheita forneceu 1300 pé de alface, 25 quilos de beterraba e 5 quilos de cenoura, entre outros legumes. O “Sacolão” foi também um projeto desenvolvido neste em parceria com o Secretário Estadual de Agricultura e Abastecimento, Ronaldo Faria. Instalado o primeiro sacolão do Norte Fluminense no supermercado da Cobal no dia 7 de junho em Guarus, consistia em um local onde o consumidor colocava no saco o que quisesse e depois levava para a balança para ser pesado, pagando NCz\$ 0,50 por quilo independentemente do produto.

Por outro lado, também em parceria da prefeitura com o Secretário Estadual, houve o I Seminário de Soja do Estado, realizado no dia 15 de setembro em Campos, por este ter o maior projeto de lavoura de soja do Estado, com mais de 100 metros plantados na Usina Santa Cruz. Com Ronaldo Faria considerando viável a introdução desta cultura no Rio de Janeiro, o objetivo deste seminário foi estimular investimentos de soja nas lavouras fluminenses, seja como plantio único ou em conjunto. A partir da abertura deste seminário, ficou estipulado que em outubro seriam distribuídas sementes de soja a agricultores interessados. E em dezembro, três meses após a realização do seminário, lavradores do norte

²⁵⁹ Em levantamento da Emater- Rio, para a safra deste ano a produção da cana-de-açúcar ficou em primeiro lugar com 8,5 mi de toneladas, com o milho em segundo com 5,3 mi toneladas e o arroz em terceiro, com 4,8 mi toneladas.

e noroeste fluminense já estariam colhendo soja, em um resultado que foi considerado “muito bom” pelo trabalho de acompanhamento da Emater-Rio após o plantio em 220 hectares.

Ainda para a Emater-Rio sobre esta experiência, o interessante foi a observação de que algumas usinas buscaram aderir a esta cultura da soja, plantando-a no período de cinco meses da terra ociosa da cana, entre o final do corte e o replantio. O entendimento do lucro, no caso, para a Emater-Rio, seria do plantador que recupera a terra exaurida pela monocultura de cana e ainda consegue fixar a mão de obra, porque além de plantar a soja, os boias frias recebem o leite extraído do produto e a massa para o fabrico de pães, bolos e biscoitos. Porém, observou-se neste primeiro ano de recorte da pesquisa que a Justiça do Trabalho tinha ações contra todas as usinas de Campos, por diversas infrações nas leis trabalhistas, com a Usina São João sendo a mais notificada com 20 autos de infração.²⁶⁰

E neste ano de 1989, dois casos que chocaram a imprensa e foram referidos nas manchetes dos jornais pesquisados se relacionaram com as usinas. Primeiramente em agosto, o caso de 170 boias-frias recrutados de Alagoas pelo empreiteiro Luiz Ricardo Acioly que se colocou como prestador de serviços foram encontrados na fazenda Campelo da Usina São João em condição de “escravidão” constatada na visita realizada pelo Secretário Estadual de Trabalho, Átila Nunes, após denúncia do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Campos. Os boias frias foram recrutados em três ônibus fretados pelo empreiteiro com a promessa de bons salários, porém em três meses de trabalho nas lavouras, não receberam salários, se alimentavam de uma refeição a base de mingau, fubá, ovo e caldo de cana e eram divididos para dormirem em sete casas sem banheiro da usina. O Secretário chocou-se também com crianças de idade entre 8-10 anos trabalhando nas lavouras. E após reunião com o diretor da usina, Inácio Martins, e com o presidente do STRC, José Rodrigues Sales, determinou a rescisão do contrato, a volta dos trabalhadores para Alagoas e a abertura de inquérito na Polícia Civil para investigação das denúncias.²⁶¹

E em segundo ponto, outro caso de menores encontrados nas lavouras, desta vez constatado através de uma blitz da Subdelegacia Regional do Trabalho após a denúncia do SRTC. Para José Rodrigues Sales, em levantamento do sindicato, no período existiam cerca de cinco mil menores cortando cana. E neste caso, houve a interceptação através da blitz de 24 veículos que transportavam trabalhadores para as lavouras e foi detectada a presença de mais de 50 menores entre 8 a 14 anos de idade que trabalhavam no corte da cana. As

²⁶⁰ MONITOR CAMPISTA. **Justiça do Trabalho tem ações contra todas as usinas.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.203, 06 Set, 1989. p.1.

²⁶¹ MONITOR CAMPISTA. **Boias-frias de Alagoas voltam para suas casas.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.184, 15 Ago, 1989. p.1.

irregularidades foram enviadas à Delegacia Regional do Trabalho, principalmente para a aplicação de multas às usinas e usineiros responsáveis.²⁶²

Com relação ao desenvolvimento do Projeto de Reforma Agrária de Novo Horizonte, a Prefeitura e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Campos firmaram o convênio de repasse de verba da municipalidade para a viabilização do Projeto de Reforma Agrária. Neste momento de 1º de setembro de 1989, cerca de 220 famílias estavam assentadas, carecendo de assistência e sofrendo ameaças ao processo e com outros diversos problemas ocorrendo no território.

Os órgãos federais e estaduais interromperam suas atividades na área e o projeto sofreu com a possibilidade de interrompimento devido à falta deste acompanhamento, e também devido às inundações provocadas por obstruções das valas que acarretaram em perda de parte da produção do feijão. Com estas debilidades, o convênio entre PMC e STRC consistia no repasse de 5 mil cruzados novos mensais ao sindicato para a contratação de técnicos para dar prosseguimento ao acompanhamento às famílias assentadas. Este convênio se consolidou após encontro na Vila Maria entre os representantes da Associação dos Pequenos Produtores de Novo Horizonte, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Campos e do prefeito, Anthony Matheus Garotinho, onde as principais questões foram debatidas.

No projeto inicial, o auxílio entraria em vigor em outubro, e por início, se estabeleceria até novembro. O prefeito explicou que o objetivo da prefeitura seria atender à solicitação das famílias, por constatar que a reforma agrária em Novo Horizonte não recebia assistência devida por parte dos órgãos responsáveis, e necessitava de técnicos especializados no trabalho da terra, médicos e professores.²⁶³

E no final de novembro, o Secretário de Planejamento, Ranulfo Vidigal, e o de Governo, Helio Coelho estiveram no assentamento para analisar o andamento do convênio. A classificação colocada como positiva nesta fase inicial, em que os trabalhadores cultivaram diversos tipos de sementes e inclusive comercializaram os produtos. Diante desta avaliação positiva da primeira fase, Ranulfo Vidigal trouxe o objetivo da segunda fase a ser realizada a partir de janeiro, em que a prefeitura visava dar melhores condições de infraestrutura aos assentados, equipamentos para trabalhar na lavoura, entendendo que dentro da necessidade

²⁶² MONITOR CAMPISTA. **Fiscalização constata menor nas lavouras.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.239, 21 Out, 1989. p.1.

²⁶³ MONITOR CAMPISTA. **Subsecretário constata irregularidades em usinas.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.232, 13 Out, 1989. p.1.

básica do planejamento da produção, seria fundamental para o escoamento da safra, a melhoria das estradas vicinais e avaliação do mercado e das culturas agricultáveis.²⁶⁴

As dificuldades no campo seriam retratadas no Monitor Campista, com chamadas onde colocavam o êxodo rural como o principal condutor para o aumento de favelas em Campos. Ainda com estas perdas em sua lavoura comentadas no início de setembro anteriormente, na semana seguinte, o assentamento Novo Horizonte doou cerca de 1 tonelada de feijão que fora cedido anteriormente pela prefeitura como semente para viabilizar o plantio na área em reunião com José Pacelli Sarment, Secretário Municipal de Agricultura. Esta produção realizada através de projeto em parceria entre a prefeitura e o assentamento foi revertida para a merenda escolar da rede municipal.²⁶⁵

Diante desta relação entre a prefeitura e o assentamento, foi convidado pela Associação de Agrônomos de Campos, pela prefeitura e sindicatos de trabalhadores rurais o agrônomo Francisco Barbosa, assessor da secretaria de agricultura do Pará. A parceria do convite se estendeu após seu acúmulo da experiência de um projeto de reforma agrária vitorioso na cidade de Paragominas (PA), modificando a situação dos sem-terra através de assentamentos em meio a latifúndios. Para ele, após visitar o assentamento Novo Horizonte, que indicou que mesmo com ausência de órgãos como o INCRA, o assentamento está “bastante adiantado”, concluiu afirmando que o momento é favorável, “Campos cometerá um erro histórico se não aproveitar esse momento importante para a reforma agrária, lá não tínhamos um por cento do que se vê em Campos”.²⁶⁶

As denúncias de omissão do INCRA em agilizar a demarcação das terras por parte de Paulo Honorato, Presidente da Associação dos Pequenos Produtores de Novo Horizonte ocorria desde reunião em setembro. Neste encontro entre Pacelli Sarment, técnicos da Emater-Rio, José Rodrigues Sales, e Paulo Honorato, segundo este último, o Superintendente Nelson Nonato da Silva não aparecia na região havia cerca de quatro meses e criando com isso a possibilidade de inviabilizar o assentamento das famílias no território ou a necessidade do remanejamento de pessoas. Estas famílias em sua denúncia avaliaram a intenção de demarcar por conta própria suas áreas produtivas, onde já tem o título de posse garantido pelo Ministério da Reforma e do Desenvolvimento Agrário (MIRAD).

²⁶⁴ MONITOR CAMPISTA. **PMC tem verba para ajudar assentados no orçamento**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.270, 28 Nov, 1989. p.1.

²⁶⁵ MONITOR CAMPISTA. **Novo Horizonte dá feijão para merenda escolar**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.204, 07 Set, 1989. p.1.

²⁶⁶ MONITOR CAMPISTA. **Agrônomo diz que momento favorece reforma agrária**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.210, 15 Set, 1989. p.1.

Houve um novo pedido de projeto ao INCRA, acionado pelas entidades que prestam assistência às famílias assentadas em Novo Horizonte para uma revisão no projeto de reforma agrária. Este pedido teve base no levantamento do solo realizado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), que demonstrou que parte da área desapropriada não é agricultável.

Quando houve a desapropriação dos 4.335 hectares correspondentes, o número estabelecido pelo INCRA de famílias a serem assentadas seria de 400, porém, o levantamento da EMBRAPA constatou que parte da área não era agricultável e que cerca de mil hectares pertenciam a área de proteção ambiental do Parque do Desengano, restando cerca de 3 mil hectares, onde neste período do final de setembro estavam assentadas cerca de mais de 300 famílias. As entidades que assinaram o documento enviado ao Superintendente Regional do Incra, Nelson Nonato, e também para o presidente da República, José Sarney, foram o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, a Secretaria Municipal de Agricultura, a Secretaria de Promoção Social, a Associação dos Pequenos Produtores do Assentamento de Novo Horizonte, a Associação dos Engenheiros Agrônomos do Estado do Rio e o Centro Norte Fluminense pela Conservação da Natureza.²⁶⁷

O encontro entre o INCRA e a PMC aconteceria somente em dezembro, porém não houve acordo nesta ocasião, fato que encerraria as atividades envolvidas à política agrária deste primeiro ano. Representada pelo Secretário Municipal de Agricultura, José Pacelli Sarmet, demonstrou-se contra a posição do INCRA, que pretendia estabelecer uma área de oito hectares para cada família assentada

Mostramos ao superintendente do Incra um estudo que prova tecnicamente que oito hectares não são suficientes para o assentado. Na condição de secretário de Agricultura apoio a posição do Sindicato dos Trabalhadores Rurais que reivindica a média de 15 hectares para cada família. Existe muita gente apostando no fracasso deste projeto. E por isto que os órgãos envolvidos nele, devem analisar tudo com cuidado, para que dê certo.²⁶⁸

E no clima das eleições de 1989 para presidente, Campos dos Goytacazes fora um espaço de disputa política entre os candidatos. Recebido por uma “multidão” no dia 23 de setembro, o primeiro grande comício na cidade trouxe o candidato do Partido Republicano Nacionalista (PRN), Fernando Collor de Mello, que discursou contra o governo Sarney, acompanhado de lideranças nacionais do partido e de Rockefeller de Lima, aliança regional e ex-prefeito de Campos.

²⁶⁷ MONITOR CAMPISTA. **Pedido novo projeto ao Incra para N Horizonte.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.223, 30 Set, 1989. p.1.

²⁶⁸ MONITOR CAMPISTA. **Agricultura discute com Incra tamanho da gleba em N.Horizonte.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.287, 20 Dez, 1989. p.1.

No início da segunda quinzena de outubro, foi a vez da visita do candidato do PDT, Leonel Brizola, que discursou para 30 mil pessoas entre as praças São Salvador e das Quatro Jornadas. Em sua fala, comentou sobre a situação irregular de trabalho nas usinas de Campos, observando que não é contra os grupos de usineiros, mas reafirmou seu compromisso com os trabalhadores.²⁶⁹ Houve carreata brizolista e a comitiva do presidenciável foi acompanhada pelo candidato a vice, Fernando Lira, os prefeitos do Rio de Janeiro, Marcelo Alencar e de Niterói, Jorge Roberto Silveira, além do deputado federal César Maia e do prefeito Anthony Matheus Garotinho. Neste ambiente, durante o mês de outubro a cidade ainda receberia as visitas de Lula (PT), em seu comício acompanhado por três mil pessoas representando a coligação PT-PSDB-PCdoB, e de Ronaldo Caiado, recebido por grande número de produtores e pecuaristas, líderes políticos da região e membros filiados a UDR-Campos.

Apesar deste clima de disputa, no primeiro turno, Brizola venceu em disparado em todos os municípios do Noroeste e Norte Fluminense, com 63% em Campos dos Goytacazes. Nos números, Brizola recebeu 136 mil votos, distante do segundo colocado, Collor de Mello, com 29 mil, na frente de Lula, que recebeu 17.236 e esteve em terceiro. O “Tribuna do Povo”, órgão informativo oficial dos diretórios do PDT no Norte e Noroeste Fluminense da edição de outubro apontava para esta possibilidade de ampla vitória dos trabalhistas na região, com a chamada na capa a partir das últimas pesquisas eleitorais como “Campos Brizolou Geral”, afirmando que

Se Brizola dependesse de Campos e do Estado do Rio de uma maneira geral, estaria eleito. Como ele mesmo diz: estava pelada a coruja, expressão que em um bom carioquês, significa a coisa tava no papo. Não adianta qualquer tipo de armação: Brizola lidera todas as pesquisas em campos desde o início com ampla vantagem para o segundo colocado. Mesmo assim tentam manipular, mas o povo sabe em quem votar.²⁷⁰

²⁶⁹ MONITOR CAMPISTA. **Brizola fala para 30 mil em Campos**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.234, 15 Out, 1989. p.1.

²⁷⁰ TRIBUNA DO POVO. **Campos Brizolou geral**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.02, 12-18 Out, 1989. p. 1.



(Tribuna do Povo, n.02, 12-12 de outubro, 1989)

Sobre essa possibilidade de manipulação, o jornalista e editor do Tribuna do Povo, Juscelino Rezende de Oliveira, alertava em seu expediente a necessidade de vigilância em defesa de um Brasil livre e soberano, criticando a ditadura militar. A coluna de Sérgio Mendes, coordenador do PDT em Campos, criticou a candidatura de Fernando Collor de Mello, convidando a população para o comício de Brizola.

Além disto, a publicação trazia uma entrevista com o coordenador da campanha de Leonel Brizola em Campos, o prefeito Anthony Matheus. Nesta, o prefeito ressaltou a importância da realização de um grande comício em Campos para Leonel Brizola com presença de pessoas de todo o Norte e Noroeste Fluminense, comentou sobre a relevância da participação da juventude trabalhista na campanha, com a criação do jornal “Juventude/89”, e analisou positivamente o tempo de Brizola no horário eleitoral gratuito, com críticas a Collor, que anteriormente havia chamado Campos de “curral eleitoral”, afirmando que “quem gosta do Garotinho vota em Brizola”.

Por fim, realizações do primeiro ano de mandato de Anthony Garotinho seriam apresentadas no órgão informativo. Estas foram intituladas como o recorde de obras realizado no município, calçando 200 mil metros de ruas, reformando a Rodoviária Roberto Silveira ou apresentando programas, como os Centros de Qualidade de Vida (CQV), o “Pode entrar que a casa é sua” e o “Farol Legal”.²⁷¹

O projeto dos Centros de Qualidade de Vida (CQv), estava em discussão desde meados do ano. E foi criado com o objetivo de dar assistência médica e social para a população, o primeiro seria inaugurado em dezembro, na localidade de São Martinho, cerca de 40 km do centro de Campos. O programa “Pode entrar que a casa é sua”, foi alçado para pôr em prática o atendimento a famílias carentes com o objetivo da construção de casas populares para moradia. Este se iniciou a partir do entendimento entre moradores da Favela do Oriente e a prefeitura via a Secretaria de Promoção Social, que em sua primeira fase, entregou a construção de 12 casas no final do ano com a intenção de novas 11 unidades. E o projeto “Farol Legal”, buscando transformar a região praiana de Campos em um ponto de encontro de cultura, esporte, lazer e turístico através de investimento em infraestrutura e desenvolvimento de atividades.

Sobre o segundo turno das eleições, Brizola ficaria pelo caminho e Lula seria derrotado por Collor de Melo. Esta vitória abriria espaço para um período de neoliberalismo no país, reverberado durante a década de 1990. Em entrevista à Folha da Manhã realizada no início de dezembro, Garotinho comentou sobre a importância da sua presidência na Liga dos Diretórios do PDT do Interior Fluminense sobre o segundo turno da eleição presidencial. Declarando voto em Lula e admitindo a recomendação em seus programas na rádio continental, sobre a possibilidade da vitória de Collor de Mello, para o prefeito de Campos

Significa legitimar, pelo voto, a revolução de 1964. O Governo Collor é a continuidade do modelo econômico implantado no período ditatorial. A previsão é simples: o capitalismo internacional não quer perder os setores estratégicos. Então, vai injetar dinheiro no Brasil e até fazer uma falsa negociação da dívida externa, prorrogando o pagamento por três ou quatro anos. O Brasil terá uma prosperidade aparente. Mas depois, as riquezas do país serão todas sugadas. O modelo é o mesmo do que se instalou aqui com a revolução. Collor de Mello seria um militar sem farda, no poder. Lamentavelmente, o PDT não soube mostrar quem é Collor, um candidato que tem a cara de novo, mas carrega a proposta mais velha e conservadora da sociedade.²⁷²

²⁷¹ Ibid., p.7.

²⁷² FOLHA DA MANHÃ. **Lula vai ganhar eleição em Campos**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.235, 03 Dez, 1989. p.2.

Durante o ano de 1990, no segundo ano de mandato pedetista para a cidade de Campos dos Goytacazes, percebemos realizações importantes direcionadas pela prefeitura no âmbito agrário dentro de sua política. Nos primeiros três meses, três indícios são relevantes para compreender a continuidade da política trabalhista voltada para a questão agrária relacionada ao PDT: o início do projeto de avicultura da secretaria de agricultura, a promulgação da Lei Orgânica do Município de Campos com seu detalhamento acerca da política agrária e a criação de projeto de reforma agrária em âmbito municipal.

O Programa de Melhoramentos da Avicultura de Subsistência foi lançado em 31 de janeiro e começou com a implantação de um Núcleo de Criação na localidade de Novo Horizonte. Este núcleo recebeu uma remessa inicial de aves e o Secretário Municipal de Agricultura detalhou que este projeto se estenderia a outros bairros da área rural de Campos.²⁷³

Por segundo, a promulgação da Lei Orgânica do município de Campos em 28 de março detalhou o desenvolvimento dos poderes públicos e de direitos fundamentais garantidos. Neste processo, após a constituição do projeto em trâmite na Câmara Municipal, durante as semanas finais de janeiro houve maior espaço para participação efetiva da comunidade, com o recolhimento de sugestões em postos fixos na rodoviária e um posto volante para discussão com as expressões da população.²⁷⁴

A constituição trazia disposições sobre o município, a Câmara Municipal, as atribuições dos vereadores, do prefeito e da organização municipal. Dentro desta organização, no que tange ao escopo da pesquisa, encontram-se 8 artigos no capítulo IV, sobre a política agrária, agrícola e pesqueira. Com relação a pesqueira, havia somente o artigo 180 mais especificamente, com a prefeitura exprimindo que elaborará política específica para a pesca artesanal, a aquicultura e a extensão pesqueira, estimulando a comercialização direta aos consumidores. Compreendendo a pesca artesanal como a profissão exercida por pescador que tire da pesca o seu sustento, ainda sobre este ponto, o governo nesta elaboração garante a efetiva participação de técnicos, pequenos piscicultores, pescadores artesanais ou profissionais, através de suas representações. A título de assentar as bases desta política e de compreensão de futuras políticas públicas, as responsabilidades de governo,

Art. 172 – No meio rural, a atuação do Município far-se-a no sentido da fixação de contingentes populacionais, possibilitando-lhes acesso aos meios de produção e geração de renda, e estabelecendo a necessária infra-estrutura

²⁷³ MONITOR CAMPISTA. **Projeto de Avicultura inicia.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.22, 31 Jan, 1990. p.1.

²⁷⁴ MONITOR CAMPISTA. **Prefeito recebe da CM projeto da Lei Orgânica.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.16, 23 Jan, 1990. p.1.

destinada a viabilizar esse propósito, mediante os seguintes objetivos: I – oferecer meios para assegurar ao pequeno produtor e trabalhador rural condições de trabalho e de mercado para os produtos, a rentabilidade dos empreendimentos e a melhoria do padrão de vida da família rural; II – garantir o escoamento da produção, sobretudo o abastecimento alimentar; III – garantir a utilização racional dos recursos naturais; Art. 173 – Como principais instrumentos para o fomento da produção da zona rural, o município utilizará a assistência técnica, a extensão rural, o armazenamento, o transporte, o associativismo e a divulgação das oportunidades de crédito e de incentivos fiscais; Art. 175 – Através de seu órgão competente o Poder Executivo promoverá: I – realização de cadastro geral das propriedades rurais do Município, com indicação do uso do solo, produção, cultura agrícola e desenvolvimento científico e tecnológico das unidades de produção; II – regularização fundiária dos projetos de assentamento e de lacradores em áreas de domínio públicos; III – convênios com entidades públicas, estaduais e privadas para definição da vocação agrícola das áreas de produção e para implementação dos planos e projetos especiais de reforma agrária.²⁷⁵

Nesta Lei Orgânica de Campos dos Goytacazes, seria estipulado no artigo 174, como órgão formulador geral das atividades agrárias, a criação do Conselho Municipal de Política Agrária. Sua composição garante nas discussões e proposições, a participação de trabalhadores rurais e técnicos, através de suas entidades representativas. E é no contexto desta formulação que em março de 1990 durante reunião no Vila Maria, o prefeito decide criar um projeto municipal de reforma agrária, para facilitar a resolução de problemas e o processo de assentamento de famílias nas terras da extinta Usina Novo Horizonte.

O objetivo desta criação seria prestar assistência técnica, gerir recursos financeiros, dar condições de irrigação e moradia para os assentados, além de transporte, educação e saúde. Participaram do encontro além do prefeito, a Secretária de Promoção Social, Marivalda Benjamim, o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, José Rodrigues e um engenheiro agrônomo e uma assistente social. Com relação a criação do projeto, José Rodrigues criticou a falta de andamento da estrutura pelo INCRA, afirmando que 100 famílias ainda estão a espera de uma definição, “eu considero a criação deste programa, que vai passar pela Câmara Municipal, como um dos mais importantes, já que prevê uma série de medidas de infra-estrutura capazes de embasar o assentamento de Novo Horizonte”.²⁷⁶ E na promulgação da Lei Orgânica comentada anteriormente que constrói os instrumentos necessários na intenção de promover o desenvolvimento econômico e autonomia municipal, estipulou-se o tratamento das terras públicas rurais e da política agrícola do município.

²⁷⁵ MONITOR CAMPISTA. **Institui a Lei Orgânica do município de Campos dos Goytacazes**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.38, 18 Fev, 1990. p.13.

²⁷⁶ MONITOR CAMPISTA. **Campos terá projeto de reforma agrária**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.59, 17 Mar, 1990. p.1.

Art. 176 – As terras públicas situadas fora da área urbana serão destinadas preferencialmente ao assentamento de famílias de origem rural, projetos de proteção ambiental ou pesquisa e experimentação agropecuárias. Parágrafo Único – Entende-se por famílias de origem rural as de proprietários de minifúndios, parceiros, subparceiros, arrendatários, sub-arrendatários, posseiros, assalariados permanentes ou temporários, agregados, demais trabalhadores rurais e migrantes de origem rural. Art. 177 – Na elaboração e execução da política agrícola, o Município garantirá a efetiva participação dos diversos setores da produção, especialmente dos técnicos, produtores e trabalhadores rurais, através de suas representações sindicais e organizações similares, inclusive na elaboração de planos plurianuais de desenvolvimento agrícola, de safras e operativos anuais. Art. 178 – A política agrícola a ser implementada pelo município dará prioridade a pequena produção e ao abastecimento alimentar, através de sistema de comercialização direta entre produtores e consumidores, competindo ao Poder Público: I – planejar e implementar a política de desenvolvimento agrícola compatível com a política agrária e a preservação do meio ambiente e conservação do solo, estimulando os sistemas de produção integrados, a policultura, a agricultura orgânica e a integração entre agricultura, pecuária e aquicultura. II- Instituir programa de ensino agrícola associado ao ensino não formal e a educação para preservação do meio ambiente; III – utilizar seus equipamentos, mediante convênio com cooperativas agrícolas ou entidades similares, para o desenvolvimento das atividades agrícolas dos pequenos produtores e dos trabalhadores rurais; IV- estabelecer convênios para conservação das estradas vicinais. Art. 179 – A conservação do solo é de interesse público em todo o território do município, impondo-se a coletividade e ao Poder Público o dever de preservá-lo, e cabendo a este: I – orientar os produtores rurais sobre técnicas de manejo e recuperação de solos; II – disciplinar o uso de insumos e de implementos agropecuários e incrementar o desenvolvimento de técnicas e tecnologias apropriadas, inclusive as de adubação orgânica, de forma a proteger a saúde do trabalhador, a qualidade dos alimentos e a sanidade do meio ambiente.²⁷⁷

E apesar do previsto na Lei Orgânica, observamos em julho reclamações do Núcleo Norte Fluminense da Associação dos Engenheiros Agrônomos do Rio de Janeiro, na representação de seu presidente Luis Sergio Coutinho, sobre a demora na constituição do Conselho Municipal de Política Agrária.²⁷⁸ Em coluna do Monitor Campista de dezembro também é criticada a pouca disposição da prefeitura para a criação deste conselho, que mesmo com reuniões realizadas gerando um documento consensual para desenvolver seu início,²⁷⁹ não foi contemplado em reunião extraordinária que criou o Conselho Municipal de Entorpecentes, o Conselho Municipal de Saúde, o Conselho de Defesa da Criança e do Adolescente e companhias como a de Limpeza Pública e a de Turismo.²⁸⁰

²⁷⁷ MONITOR CAMPISTA. **Institui a Lei Orgânica do município de Campos dos Goytacazes**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.38, 18 Fev, 1990. p.13.

²⁷⁸ MONITOR CAMPISTA. **Reclamado Conselho Agrário**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.197, 29 Jul, 1990. p.1.

²⁷⁹ MONITOR CAMPISTA. **Política Agrária**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.302, 22 Dez, 1990. p.4.

²⁸⁰ MONITOR CAMPISTA. **Câmara Municipal tem reunião extraordinária**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.302, 22 Dez, 1990. p.1.

Após estes três primeiros pontos comentados, ainda no primeiro semestre, a prefeitura deu continuidade ao projeto de criação de escolas em localidades mais afastadas, com isso, duas escolas rurais foram inauguradas. Após diversas crianças estarem sem estudar por não existirem unidades nas regiões atendidas, o entendimento do prefeito é a de que “com as escolas rurais vamos dar a essas crianças o direito de frequentar escolas em todo o município”.²⁸¹

Inicialmente foi inaugurada em março, a Escola Municipal Vila do Sol, situada no Farol de São Tomé com a participação da comunidade e de autoridades municipais. E por segundo foi atendida reivindicação da comunidade de Morro do Coco, com a construção de uma escola rural no bairro Areia Branca, inaugurada no dia 25 de maio. Além destas escolas em áreas rurais, também foi inaugurada a primeira unidade educacional do município com características agrícolas, a Escola Rotary III.

Por outro lado, o Colégio Estadual Agrícola Antônio Sarlo que recebeu a aproximação da Secretaria Municipal de Agricultura no primeiro ano da gestão passou por dificuldades durante 1990. Se ainda no primeiro semestre os projetos relacionados a avicultura tiveram continuidade, no segundo o colégio chegou a fechar por falta de alimentos aos alunos que frequentavam os cursos profissionalizantes, e quando a alimentação retornou em um primeiro momento, mal dava para uma semana, conforme afirmou o diretor Joel Barreto em agosto.²⁸² E somente em setembro a situação foi normalizada, com o envio de toneladas de alimentos e de equipamentos para utilização, como uma cortadeira, trator, dois arados e um carrinho, com o diretor do Núcleo de Educação Comunitária de Campos, Paulo Roberto Vilela, comprometendo-se a enviar novos recursos materiais nas próximas semanas e meses.²⁸³

Em sequência, outro programa que teve continuidade da secretaria de agricultura foi a dinamização do reflorestamento na cidade. Baseada na distribuição de mudas de eucalipto, nesta fase do projeto houve o encaminhamento de 46 mil mudas ao Sindicato dos Ceramistas para distribuição entre seus associados. A prefeitura forneceu no período de três meses a média de 15 mil mudas. Em setembro, após ocorrer durante meses o cadastramento de 35 produtores rurais no programa de distribuição de mudas, para o Secretário de Agricultura, Paccelli Sarmet,

²⁸¹ MONITOR CAMPISTA. **Escola rural será inaugurada amanhã**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.62, 21 Mar, 1990. p.1.

²⁸² MONITOR CAMPISTA. **Agrícola recebe comida que mal dá para uma semana**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.209, 14 Ago, 1990. p.1.

²⁸³ MONITOR CAMPISTA. **PMC distribui eucaliptos para produtores**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.239, 19 Set, 1990. p.1.

Estamos com este programa colocando os pequenos produtores na luta contra o desmatamento. Estamos criando uma nova consciência ecológica e identificando quais os produtores não estão interessados em preservar. Aos poucos vamos atender a todos os produtores rurais cadastrados no nosso programa.²⁸⁴

Ainda no primeiro semestre, entre 8 e 10 de maio, foi realizado o 2º Congresso Nacional dos Sem Terra, em Brasília. Ocorrendo pouco após a vitória de Collor de Mello, o Congresso contou com a participação de 5 mil delegados dos 19 estados onde o MST se organizava até então. Neste governo de Collor, o MST sentia a repressão proveniente do governo, principalmente ao invasões de suas sedes estaduais, retirada de documentações e impulsionamento de processos judiciais contra o movimento,²⁸⁵ trouxe uma necessidade de aprofundamento da organização, o que seria discutido neste congresso. Anteriormente a mobilização, em uma coluna da Direção Nacional, percebia-se o contexto:

Para o II Congresso permanece a palavra de ordem: ocupar, resistir e produzir. Já neste início de ano temos começado com os trabalhadores ocupando latifúndios em Minas Gerais, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul. Em todos os casos a repressão ficou bem caracterizada. Os trabalhadores, porém, mostraram grande disposição para resistir na terra ocupada. Mesmo onde houve despejo, a luta não parou. Isso demonstra que, apesar da aparente derrota nas eleições presidenciais e da indisposição do novo governo em tocar na questão agrária, os trabalhadores estão determinados a fazer valer os seus direitos através da mobilização de massas, que é a nossa principal arma. Neste ano, mesmo com novas eleições, teremos que dobrar nossas ações para superarmos os desafios colocados para o MST. Nesse sentido, as ocupações são a questão central no processo de massificação do Movimento.²⁸⁶

Além dos 5 mil delegados, o congresso contou com participantes de partidos como o PT, PSDB, PDT, PCB, PSB e PCdoB, de organizações nacionais como a CUT, CPT, CNBB, OAB, ABRA, CIMI e UNE. E como solidariedade internacional, o congresso recebeu representantes de países latino-americanos, da Guatemala, Peru, Equador, El Salvador, Uruguai, Cuba, Chile, Colômbia, México e Paraguai, e três dirigentes de organizações rurais angolanas estariam presentes: o Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Agropecuária (SINTAP); a União Nacional dos Camponeses Angolanos (UNACA); e o Instituto de Desenvolvimento Agrário (IDA).²⁸⁷ Como resultado do Congresso, um documento com 56 reivindicações foi entregue em audiência com o Ministro da Agricultura, Antonio Cabrera

²⁸⁴ MONITOR CAMPISTA. **NEC diz que a situação do Agrícola está normalizada**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.242, 22 Set, 1990. p.3.

²⁸⁵ HARNECKER, Marta. **Sin Tierra: construyendo movimiento social**. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 2002. p.49.

²⁸⁶ MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Todos ao II Congresso Nacional**. Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, São Paulo, n. 91, Jan/Fev, 1990. p.3.

²⁸⁷ MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Todo apoio ao MST!** Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, São Paulo, n. 93, Abr/Mai, 1990. p.15.

Filho e em reunião com o Presidente do Senado e da Câmara dos Deputados, Nelson Carneiro e Inocencio de Oliveira, e o líder do governo na Câmara, Renan Calheiros.²⁸⁸

E durante o segundo semestre, o debate sobre as eleições estaduais se intensificou e dominou a esfera política municipal. Em campanha coordenada por Anthony Matheus Garotinho e acompanhado do Presidente do Diretório Municipal do PDT, Sérgio Mendes, em julho, Brizola faria um giro pelo Norte e Noroeste Fluminense perpassando 14 municípios como São Fidélis, Cambuci, Macaé, Itaocara, Santo Antônio de Pádua, Miracema, Natividade, Porciúncula e Itaperuna. No comício de encerramento em Campos dos Goytacazes com a presença de cerca de 15 mil pessoas, seguindo a estratégia estipulada na convenção do PDT-Campos realizada em abril que definiu quadros políticos para as eleições de 1990²⁸⁹, seriam lançados o nome de candidatos ao PDT como Carlos Alberto Campista para concorrer à Câmara Federal e do jornalista Fernando Leite Fernandes e o vereador Paulo Cesar Martins para a Assembleia Legislativa Estadual do Rio de Janeiro.²⁹⁰

E no final de setembro, semanas após o comício em Campos do candidato do PT ao governo estadual, Jorge Bittar, Leonel Brizola realizaria uma nova visita à região. Com a organização do PDT-Campos, o candidato do PDT discursou na Praça São Salvador ao lado de Anthony Garotinho e de Darcy Ribeiro, que pleiteava uma vaga no senado com sua candidatura para as eleições que ocorreriam dia 3 de outubro de 1990.

Após a apuração, a vitória no pleito seria dada a Leonel Brizola. A chapa pedetista com Nilo Batista sendo vice-governador foi eleita no primeiro turno para governar o Rio de Janeiro em um segundo mandato, com 60,88% dos votos, contra 17,98% de Jorge Bittar para governador e Antônio Houaiss como vice. Além disto, os trabalhistas elegeram Darcy Ribeiro para o senado, que poderia ser substituído pelos suplentes, Doutel de Andrade e Abdias do Nascimento. E neste pleito, o PDT foi o partido com maior número de deputados federais eleitos, 19 dos 46 possíveis, tornando-se assim a maior bancada da Câmara Federal.

Em Campos, Leonel Brizola superou a marca de 80% dos votos, próximo aos 120 mil eleitores. O município elegeu 2 deputados federais e 6 estaduais, e com o PDT sendo vitorioso, impulsionou-se a eleição do deputado federal mais votado de Campos, Carlos Alberto Campista, acima de 40 mil votos. E para a Assembleia Legislativa o PDT foi o mais votado, com cerca de 29 mil votos para Fernando Leite Fernandes e 11 mil votos para Paulo

²⁸⁸ MORISSAWA, Mitsue. **A História da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001. p.146.

²⁸⁹ MONITOR CAMPISTA. **PDT de Campos realiza hoje a sua convenção**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.83, 15 Abr, 1990. p.1.

²⁹⁰ MONITOR CAMPISTA. **Leonel Brizola visita municípios da região e faz festa em Campos**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.193, 25 Jul, 1990. p.1.

Cesar Martins, resultado deste considerado expressivo se comparado a votação recebida pelo ex-prefeito de Campos, José Carlos Barbosa, recebendo cerca de 13 mil votos.²⁹¹

Para Garotinho, a vitória de candidatos do PDT e a maior votação de Brizola em termos proporcionais no estado ocorrendo em Campos revive a aliança “Muda Campos”. Neste contexto, o prefeito afirmou que estas eleições serviram para afastar a velha política que está “de uma vez por todas fora do mapa. Esta gente anda falando que voltará à política e eu acho muito difícil com o número de votos que conseguiram. O povo está politizado”.²⁹² Porém, ainda em novembro ensaiava-se o rompimento entre o PT e o PDT, ocorrido principalmente após a exoneração do setor de clínica médica do Hospital Ferreira Machado do integrante do PT e presidente do sindicato dos Médicos de Campos, Luiz Carlos Sell. As rusgas sucederam críticas de Sell a política de saúde da prefeitura que foi rebatido pelo secretário de Saúde, Edson Batista, chamando-o de incompetente.²⁹³

Transcorrendo o rompimento, uma mudança relevante ocorrida no mês de dezembro foi a exoneração do secretário de agricultura, Jose Paccelli Sarmet, a pedido do mesmo, e a indicação de um novo nome para a pasta, Luiz Rogério Gonçalves Magalhães, pesquisador da Empresa de Pesquisa Agropecuária do Estado do Rio de Janeiro (PESAGRO-RIO). Esta exoneração relaciona-se com o fato do rompimento do PT com a aliança Muda Campos que elegeu o prefeito Garotinho nas eleições de 1989. Devido ao ocorrido da greve dos médicos que se encerrou com um acordo diferente do que a classe médica reivindicava e a crise entre os diretórios municipais de PT e PDT, o PT recomendou que seus filiados participantes do governo municipal pedissem exoneração de cargos, com isso, Paccelli Sarmet que ocupava a pasta da agricultura, o professor Lenilson Chaves, diretor do CE 29 de maio, e o vice-prefeito Adilson Sarmet, diretor do Hospital Ferreira Machado, foram desligados de suas funções.²⁹⁴

Em meio a esta crise em sua aliança político-partidária, houve a convocação do prefeito para o “Grito de Campos”, que contou com a participação de diversos prefeitos do Norte e Noroeste Fluminense. Idealizado em parceria com a Companhia do Desenvolvimento do Município de Campos (CODENCA), este ato teve a finalidade de chamar atenção de órgãos federais para a estagnação econômica das regiões Norte e Noroeste Fluminense, reivindicando medidas que fossem capazes de promover o desenvolvimento.

²⁹¹ MONITOR CAMPISTA. **Campos faz 2 deputados federais e 6 estaduais**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.252, 6 Out, 1990. p.1.

²⁹² MONITOR CAMPISTA. **Garotinho diz que vitória revive o “Muda Campos”**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.245B, 5 Out, 1990. p.1.

²⁹³ MONITOR CAMPISTA. **Rompimento com PT pode trazer mudanças no staff do Prefeito**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.193, 25 Jul, 1990. p.1.

²⁹⁴ MONITOR CAMPISTA. **Prefeito exonera Pacelli e nomeia novo titular da Agricultura**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.291, 10 Dez, 1990. p.1.

Elaborou-se um documento enviado ao Governo Federal com os requerimentos principais divididos em quatro pontos: incentivos fiscais para as regiões; reconhecimento do estado de calamidade pública decretado em diversos municípios das regiões devido a seca; criação de frentes de trabalho para amenizar a situação do desemprego na entressafra; e o reconhecimento pelo Banco Central da Coopercredi como banco comercial para que desta maneira se possa financiar atividades agrícolas.²⁹⁵ Este ato reverberou na região e houve o “Grito de Cambuci”, município da região noroeste próximo a Campos e que recebeu a presença de Anthony Garotinho neste encontro.²⁹⁶

Durante dezembro, nos dias 14 e 21 ocorreu a Feira da Roça, realizada a partir da parceria entre a Prefeitura de Campos e a EMATER. As inscrições de participantes para comercializarem seus frutos ocorreram nas sedes dos escritórios da EMATER, que no mês de outubro inaugurou dois escritórios, em Mineiros na Baixada Campista e em Novo Horizonte, distrito de Morangaba, para auxiliar em orientação no aumento da produção e produtividade. A Feira da Roça ocorreu com o objetivo de oferecer a pequenos e médios produtores oportunidade para vender produtos como feijão, milho, legumes e frutas a consumidores sem participação de intermediários.²⁹⁷

E com relação a ocupações de terras e o assentamento Novo Horizonte, encontramos poucas fontes sobre este ano. Técnicos da EMATER-Rio estiveram presentes no assentamento Novo Horizonte de forma diária durante o mês de abril dedicando sua assistência aos assentados para fornecimento de informações e demonstração de tratamento da terra cultivável do plantio de feijão.²⁹⁸ Em julho, ao receber a visita do ex-delegado do INCRA, o agrônomo Agostinho Guerreiro declarou que as famílias de Novo Horizonte estavam abandonadas e em situação precária, criticando a falta de vontade política para implementação da reforma agrária e as autoridades federais, principalmente o Ministro da Agricultura e Reforma Agrária, Antonio Cabrera, responsável por dar andamento ao tema.²⁹⁹

Por outro lado, com relação às ocupações, em novembro por força de liminar concedida houve a retirada sob auxílio da tropa de choque da Polícia Militar de cerca de 15

²⁹⁵ MONITOR CAMPISTA. **“Grito de Campos” reúne prefeitos do NF**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.298, 18 Dez, 1990. p.1.

²⁹⁶ MONITOR CAMPISTA. **Prefeito apoia “Grito de Cambuci” e defende Polo para Campos**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.305, 22 Dez, 1990. p.1.

²⁹⁷ MONITOR CAMPISTA. **Feira da Roça será realizada dia 14**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.291, 10 Dez, 1990. p.1.

²⁹⁸ MONITOR CAMPISTA. **EMATER assiste assentados**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.94, 1 Abr, 1990. p.1.

²⁹⁹ MONITOR CAMPISTA. **Guerreiro: abandono de Novo Horizonte**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.197, 29 Jul, 1990. p.1.

famílias de uma ocupação realizada em Guarus, no Parque São Matheus.³⁰⁰ Neste mesmo mês iniciou-se outra ocupação de famílias sem-terra na área do Calabouço próximo ao espaço pertencente ao Clube Esportivo Rio Branco. Inicialmente resistindo a ordem judicial ingressada pela empresa Placon Planejamento e Informação, os sem-terra reivindicaram um encontro com o prefeito Anthony Matheus, porém este não ocorreu pois o prefeito não estava na cidade. Quinze dias após a rejeição das famílias a ordem judicial, os ocupantes estiveram sujeitos a prisão, o que com o auxílio de força policial, desarticulou o acampamento que vinha sendo construído com barracos e tijolos.³⁰¹

Diante de manifestações ocorridas nos últimos meses do ano, a prefeitura deu andamento ao assentamento urbano de 37 famílias que ocuparam um terreno de propriedade particular em novembro. As famílias seriam beneficiadas nesta primeira fase do projeto organizado pela Secretaria Municipal de Promoção Social, que após o levantamento e cadastramento receberiam lotes de 7mX10m no Jardim Boa Esperança, próximo ao km 5 da rodovia Campos-Vitória.³⁰²

Por fim, um debate que se alongou durante o ano foi sobre os trabalhadores da Usina Santa Maria, que passaram por dificuldades com relação ao trabalho. No mês de fevereiro foi lançada a campanha “SOS Santa Maria”, destinada a recolher doações referentes a alimentos, remédios e roupas para as famílias dos 800 trabalhadores da Usina que estavam sem receber salários.³⁰³ No mês seguinte, a campanha continuou a partir da Secretaria de Promoção Social, a Diocese de Campos e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais realizaram a distribuição de quatro toneladas de gêneros alimentícios aos trabalhadores daquela Usina.³⁰⁴

Em dezembro, estes trabalhadores rurais chegaram a ficar mais de 10 meses sem receber seus salários. Jaudenes Carvalho Batista, presidente do Sindicato dos Trabalhadores do Açúcar de Campos, afirmou que não haveria como esperar uma solução. Para ele, o ideal seria o leilão dos bens da Usina Santa Maria para colocar os salários em dia, de outro modo buscando uma resolução o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Campos, José

³⁰⁰ MONITOR CAMPISTA. **Liminar retira famílias de área invadida: Guarus.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.265, 02 Nov, 1990. p.1.

³⁰¹ MONITOR CAMPISTA. **Invasores de terras sujeitos a serem presos.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.295, 14 Dez, 1990. p.1.

³⁰² MONITOR CAMPISTA. **Prefeitura vai entregar lotes a trinta e sete famílias.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.293, 13 Dez, 1990. p.1.

³⁰³ MONITOR CAMPISTA. **Incra fará levantamento em Santa Maria.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.26, 4 Fev, 1990. p.1.

³⁰⁴ MONITOR CAMPISTA. **Pessoal de S. Maria recebe nova ajuda.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.46, 02 Mar, 1990. p.1.

Rodrigues Salles, defendeu a desapropriação das terras da Usina seguida de um projeto de assentamento como foi feito em Novo Horizonte, beneficiando os trabalhadores.³⁰⁵

Para o ano de 1991, o penúltimo de seu mandato, a prefeitura pedetista comandada por Anthony Garotinho deu continuidade a incentivos na política agrária. E para além disso, implementou dois novos projetos: “Campos Verde” e “O Pequeno Produz” e implementou novos projetos, como veremos adiante.

A campanha Campos Verde deu o primeiro passo em 4 de janeiro com o plantio de uma muda de acácia no Centro de Qualidade de Vida “Zumbi dos Palmares”, no bairro de Santa Rosa, pelo prefeito Anthony Garotinho. Pretendendo convocar a comunidade para a conscientização do aumento da cobertura vegetal da cidade, houve o lançamento da meta de 15 a 20 mil mudas de árvores plantadas. Segundo o Secretário Municipal de Agricultura, Luiz Rogério Magalhães Gonçalves, um dos principais objetivos com a campanha seria a queda de cerca de três graus celsius na temperatura média da cidade dentro de cinco anos a partir do reflorestamento e crescimento das árvores.³⁰⁶ Neste contexto foi criada a assessoria de Meio Ambiente do Município, com o prefeito nomeando o arquiteto Mário Sérgio Cardoso para estar à frente do órgão e compreender a parceria com o Instituto Estadual de Florestas.³⁰⁷

Iniciando as comemorações dos 156 anos da emancipação político-administrativa do município, em 28 de março, e com o apoio do Instituto Estadual de Florestas para o reflorestamento, o número de plantios em um dia superou a meta da prefeitura de arborização da cidade. Mobilizando cerca de 10 mil pessoas após reuniões com clubes de serviços, associações de moradores, escolas e comércio, houve o plantio de 25 mil mudas em todo o município de diversos tipos, incluindo frutíferas. O projeto para o prefeito seria plantar 100 mil mudas de árvores em Campos até o final de seu governo, afirmando que

A campanha Campos Verde que superou as expectativas é apenas um primeiro e grande passo que o nosso governo deu nessa importante caminhada em defesa do meio ambiente. A partir de agora, iniciamos um trabalho permanente semelhante ao que já estamos realizando junto aos produtores rurais que já receberam 100 mil mudas de eucalipto”.³⁰⁸

Participante da campanha que distribuiu folhetos e orientações sobre o tratamento das mudas, o secretário estadual de Agricultura, Tito Ryff, se satisfez com a meta de plantio e

³⁰⁵ MONITOR CAMPISTA. **Sindicato quer leilão da Usina S. Maria**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.296, 15 Dez, 1990. p.1.

³⁰⁶ MONITOR CAMPISTA. **Prefeito abre campanha de plantio na sua rua**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.67, 26 Mar, 1991. p.1.

³⁰⁷ MONITOR CAMPISTA. **PMC e IEF firmam convênio para o reflorestamento**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.38, 20 Fev, 1991. p.1.

³⁰⁸ MONITOR CAMPISTA. **Plantio de mudas supera a meta da PMC**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.68, 27 Mar, 1991. p.1.

pretendia desenvolvê-la em todo o Estado, intitulando-a “Rio Verde”. E como outra prioridade, Ryff conheceu o projeto da Prefeitura campista das hortas comunitárias, reunindo-se com prefeitos e produtores rurais da região.

Em abril, a prefeitura iniciou o projeto “O Pequeno Produz” que seria lançado somente de forma oficial em setembro, com o intuito de diversificar a agricultura do município através do apoio aos pequenos produtores. Neste programa a Secretaria de Agricultura com apoio da EMATER e da PESAGRO, forneceria a mecanização e acompanhamento técnico e em troca o produtor fornece o óleo para as máquinas empregadas no processo e 10% da colheita produzida que seriam utilizadas nas escolas, creches e hospitais.

Para Rogério Magalhães, Secretário de Agricultura, a meta do projeto em seu lançamento seria atingir ao menos 200 pequenos produtores cadastrados por ano. Os produtores interessados que procurassem a secretaria seriam incluídos no cadastro onde agendariam visitas às suas propriedades para detalhamento e elaboração do projeto. Sem beneficiar produtores de cana-de-açúcar, o objetivo do projeto buscava a diversificação agrícola na região, incentivando o plantio de culturas como arroz, feijão, milho e mandioca.³⁰⁹

Em sua primeira etapa realizada em julho, após a posse do novo Secretário de Agricultura, o agrônomo, Claudio Rodrigues Gomes, substituindo Rogério Magalhães, que fora convidado para exercer a função de Sub-Secretaria de Agricultura do Estado³¹⁰, o projeto beneficiou 20 agricultores de Brejo Grande, cerca de 15km do centro de Campos. Neste trabalho piloto, atuando com tratores e implementos agrícolas para preparar o solo foram plantados alface, couve-flor, beterraba, feijão e brócolis em 18 hectares beneficiados pelo projeto, em um atendimento médio de 1,2 hectares ao pequeno produtor.

Dois meses depois o projeto atingiria 418 hectares em localidades diferentes do município, iniciando uma nova fase já próximo ao seu lançamento oficial no início de setembro. Esta solenidade ocorreu com a realização de uma Feira da Roça na praça da Bandeira ao lado do Palácio da Cultura e houve a participação do Secretário de Agricultura do Estado, Tito Ryff, o Sub-Secretário Rogério Magalhães e produtores da região, significando para Claudio Rodrigues Gomes no período o programa demonstrando que

Desta forma vamos mobilizar a partir dos primeiros dias de setembro toda a infraestrutura do programa "O Pequeno Produz", ou seja, os oito tratores e demais implementos agrícolas recém adquiridos pela Prefeitura de Campos

³⁰⁹ MONITOR CAMPISTA. **PMC lança projeto de ajuda a produtor**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.94, 27 Abr, 1991. p.1.

³¹⁰ MONITOR CAMPISTA. **Empossado novo Secretário de Agricultura**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.130, 15 Jun, 1991. p.1.

com o fim específico de ativar este projeto buscando a diversificação agrícola nas pequenas propriedades.³¹¹

No final do ano o projeto daria indícios de investimento para sua expansão. Atingindo em outubro as localidades de Valão do Pires, São Joaquim e Santa Margarida, cerca de 60 km do centro de Campos, foram beneficiados 60 pequenos produtores em uma área de 130 hectares para a plantação de culturas como arroz, milho, feijão e abóbora. Houve inicialmente a introdução do Projeto de Reflorestamento da prefeitura com a distribuição de mudas de eucalipto e do programa de avicultura com o objetivo de melhorar o plantel existente no interior do município de Campos, segundo Claudio Rodrigues Gomes, Secretário de Agricultura do Município.³¹² E neste contexto de beneficiar os pequenos produtores e buscar a diversificação do cultivo a prefeitura desapropriou 30 alqueires de terra da Usina Santa Maria para o assentamento de produtores interessados no plantio de culturas como hortaliças e grãos. Sobre o programa de distribuição de mudas de eucalipto, neste ano atingiria o maior patamar, sendo 22 mil entregues por mês a produtores rurais, observados pelo Secretário de Agricultura,

Estamos permanentemente atentos a este projeto que apresentará seus resultados a médio prazo. É um esforço que poucas prefeituras do país estão fazendo. Estamos fornecendo aos produtores mudas de eucalipto, de forma inteiramente grátis, além de oferecer assistência técnica no desenvolvimento do projeto.³¹³

Outros projetos teriam continuidade como a Feira da Roça, iniciada em dezembro e sediada a partir deste ano na Praça da República. Ocorrendo pelas manhãs de segunda a sexta durante 1991, o projeto com parceria entre os produtores, a Emater e a Prefeitura comercializavam os produtos hortifruganjeiros diretamente ao consumidor, sem a presença de um mediador. Esta foi uma das principais reivindicações dos 30 produtores participantes até este período, que destinavam para a venda produtos sem aditivos agrícolas. No final do ano, durante o mês de outubro, a Feira da Roça de Campos recebeu Elizabeth Alves, coordenadora da Feira da Roça de Barra Mansa, que ocorre no distrito de Quatis, acompanhada do Secretário de Agricultura de Campos, para uma palestra sobre a estrutura e experiência da Feira que se iniciou em 1985 e tem evoluído nestes últimos anos.

A assiduidade de outros programas se manteve, como o das Hortas Comunitárias, que serviu de exemplo para o Secretário Municipal de Agricultura de Nova Iguaçu, Delário

³¹¹ MONITOR CAMPISTA. **Projeto atinge 418 hectares e beneficia pequeno produtor.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.190, 25 Ago, 1991. p.1.

³¹² MONITOR CAMPISTA. **Projeto para pequeno produtor alcança novas localidades.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.239, 24 Out, 1991. p.1.

³¹³ MONITOR CAMPISTA. **Convênio vai aumentar produção de hortas.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.107, 16 Mai, 1991. p.1.

Ribeiro. Em visita a Campos para conhecer hortas do projeto implantado em 1990, desejou implantar projeto semelhante em seu município. Para 1991, o Secretário de Agricultura de Campos prometeu a ampliação do programa de 49 para 100 hortas e uma produção anual de 15 mil quilos.

No mês de maio, em um convênio firmado entre a Prefeitura e a Petrobrás, representados respectivamente por Anthony Garotinho e Paulo Roberto Costa, este, superintendente da Região Sudeste, garantiu a implantação de novas 90 hortas no intuito de colher cerca de 20 toneladas de alimentos no ano seguinte, 1992. Esta produção seguindo o rito do objetivo do programa, foi destinada 80% a creches e escolas da Rede Municipal, com 20% dedicada ao morador da área responsável pela manutenção da horta. Com prazo de um ano e o valor total de C\$11,5 pagos 9,5 em espécie e o restante em 15 mil litros de combustível, para Rogério Magalhães foi um grande reforço no Hortas Comunitárias.³¹⁴ Ainda neste ano, assim como o programa “A Escola Planta e Colhe” que envolvia os alimentos e sementes destinadas às escolas municipais, o Hortas Comunitárias também recebeu o apoio para irrigação da Companhia Estadual de Águas e Esgotos (CEDAE), possibilitando adquirir equipamentos utilizados nas hortas.

A parceria no Hortas Comunitárias estendeu-se também ao Colégio Agrícola de Campos, que puderam enviar alunos para obter experiência participando da manutenção de hortas implantadas através do convênio firmado com a Petrobrás.³¹⁵ O Colégio Agrícola que neste ano iniciou suas atividades com dificuldades segundo o diretor Joel Barreto, adiando para abril sua volta, aguardando providências da parceria com o Estado acerca do envio da alimentação de cerca dos 350 alunos por mais um período e reparos após a explosão do aquecedor de água em fevereiro que fora resolvido de acordo com reunião na presença da Secretária de Educação do Estado do Rio de Janeiro, Maria Ieda Linhares, em Campos.³¹⁶ Meses após, em setembro, a Prefeitura, dentro do projeto “O Pequeno Produz”, entregou ao Colégio Agrícola um trator, 450 quilos de sementes de feijão, mil quilos de semente de milho e 10 quilos de sementes de abóbora.

O Estado também esteve apoiando as famílias assentadas de Novo Horizonte, após representantes da Associação dos Pequenos Produtores de Novo Horizonte serem recebidos em encontro com o Secretário de Agricultura do Estado, Tito Ryff, e o Prefeito, Anthony

³¹⁴ Ibid., p.1.

³¹⁵ MONITOR CAMPISTA. **C. Agrícola apoia programa de hortas**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.111, 21 Mai, 1991. p.1.

³¹⁶ MONITOR CAMPISTA. **Prefeitura dinamiza projeto de reflorestamento**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.81, 12 Abr, 1991. p.1.

Garotinho. A Prefeitura se comprometeu a dar continuidade com o apoio de equipamento e pessoal técnico e construir sete casas de farinha na área do assentamento em Novo Horizonte, somando-se as três casas que produziam 500 quilos do produto diariamente.³¹⁷ Sobre este projeto, uma das principais reivindicações era a instalação de uma rede de energia elétrica para montar as fabriquetas de farinha.

Além disto, durante contatos da Secretaria de Promoção Social do Município com o INCRA, foi acertado o repasse de um veículo de característica rural para prestação de serviços na área e a construção de um Centro Comunitário para Novo Horizonte. Este Centro foi intitulado “José Pureza da Silva”, liderança da Liga Camponesa do Imbé, e a utilização do seu espaço de 105 metros seria para reunião dos assentados e guardar insumos ou instrumentos agrícolas. No final de outubro, houve uma visita ao local da construção em Novo Horizonte da Secretária de Promoção Social do Município, Marivalda Benjamim, o chefe da Divisão de Assentamento do INCRA no Estado do Rio, Sérgio Graça Araujo e o superintendente do INCRA no Estado do Rio, Altamir Gonçalves Petersen, firmando a parceria na qual o INCRA se responsabilizaria pela aquisição do material de construção e a prefeitura da administração da obra.

E ainda sobre Novo Horizonte neste ano, em dezembro houve o acionamento da Justiça Federal pelo advogado da massa falida da Usina Novo Horizonte, Marcos Bruno, no intuito de reaver as terras. Se por um lado, o Diretor Adjunto de Recursos Fundiários do INCRA, Joel de Souza, afirmou que “não existe nenhuma possibilidade de se reverter o processo de reforma agrária de Novo Horizonte”, por outro, a Prefeitura de Campos dos Goytacazes, representada por Marivalda Benjamim, garantiu que as famílias não seriam retiradas. Seguindo esta linha, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Jose Rodrigues Sales, criticou a ação do advogado e concluiu que todas as famílias tem seu documento de posse em seu território, “onde os trabalhadores promoveram uma completa mudança para melhor, plantando e cultivando toda a terra”.³¹⁸

Neste contexto sobre desapropriação e moradias, neste ano a prefeitura implantou o que seria o seu maior projeto habitacional, chamado de “Terra Prometida”, sendo esta a primeira vez em que houve distribuição de lotes. Em abril, as famílias cadastradas no loteamento deram início a um mutirão em conjunto com a Secretaria de Promoção Social,

³¹⁷ MONITOR CAMPISTA. **Estado também vai dar apoio a assentados de Novo Horizonte**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.68, 27 Mar, 1991. p.1.

³¹⁸ MONITOR CAMPISTA. **Incra garante assentamento: Novo Horizonte**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.273, 06 Dez, 1991. p.1.

foram instalados 100 metros de esgoto e construído o Centro Comunitário provisório, para dar andamento a infraestrutura da área.

Até abril, 364 lotes tinham sido entregues às famílias, com 95% destas provenientes de favelas do município e segundo o planejamento, outros 800 lotes seriam entregues até 1992. Responsável pelo cadastramento das famílias no programa, o Departamento de Habitação Popular e Assentamento Humanos, coordenado por Guilherme Leite Fernandes afirmou que os critérios para recebimentos dos lotes incluem visitas constantes às famílias para a compreensão de sua situação e conclusão da entrega de seu benefício. No entanto, somente no ano seguinte “Terra Prometida” receberia luz, água encanada, assistência jurídica básica, escola, tijolos e melhoramentos para suas casas. Até então as famílias residiam em barracos e as notícias analisadas constam que em maio de 1992, 83% das casas estavam construídas pelos próprios moradores, que receberam material da prefeitura e deram andamento as construções de localidades do assentamento urbano, para Marivalda Benjamim, Secretária de Promoção Social, na fase de início da execução do projeto, observou que

Os críticos do Terra Prometida querem cobrar um mar de rosas no local. São 320 famílias que não tinham nada e foram expulsas de terrenos urbanos invadidos. Conseguimos a área e garantimos não só o assentamento, como também fizemos campanha para aquisição do material de construção civil e estamos dando assessoramento técnico na construção das casas. Isto tudo sem paternalismo, pois estamos incentivando investimento dos próprios moradores, que não pagam aluguel e estão investindo no que lhes pertence.³¹⁹

Ainda no primeiro semestre de 1991 foi aprovada a criação pela Câmara Municipal de um Projeto de lei do prefeito onde funda a Empresa Municipal de Habitação, Urbanismo e Saneamento (EMHAB). Com o objetivo de atuar como agente financeiro e promotor do Plano Nacional de Habitação Popular, exercendo política de habitação, saneamento básico e desenvolvimento urbano, sua finalidade auxiliou a promover a integração da população de baixa renda proporcionando o acesso a casa própria por meio de conjuntos construídos por habitações ou lotes urbanizados.³²⁰

O presidente indicado para a EMHAB foi Sérgio Mendes, chefe de Gabinete de Garotinho na Assembleia Legislativa do Estado entre 1987 e 1988, e no governo municipal ocupou a Secretaria de Comunicação Social e respondia em seu último trabalho pela Secretaria Particular do Prefeito. A partir do convênio firmado com a Companhia de Habitação do Estado do Rio de Janeiro e da Caixa Econômica Federal iniciou em janeiro de

³¹⁹ MONITOR CAMPISTA. “**Terra Prometida**” ganha água, luz e escola. Campos dos Goytacazes (RJ): n.57, 12 Mar, 1992. p. 1.

³²⁰ MONITOR CAMPISTA. **Prefeito cria empresa de Habitação**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.119, 30 Mai, 1991. p.1.

1992 a construção de 2500 casas projetadas para diversos bairros como Guarus, Penha, IPS e Travessão atendendo cerca de 12 mil pessoas que estão inscritas no programa.

Um exemplo de projeto habitacional concluído neste ano que seguiu a linha de outros menores já ocorridos sob esta gestão, foi o Conjunto Residencial Getúlio Vargas, onde 41 famílias receberam suas casas em novembro, considerado até então o maior programa habitacional já realizado no Estado do Rio. Construído pela prefeitura para habitação de famílias em condição de extrema miséria que antes habitavam locais de alto risco, estas mudaram para residências com sala, banheiro, dois quartos e área de serviço. Entrevistada pelo Monitor Campista, Maria das Graças que morava desde 1969 sob a ponte da Lapa e foi incluída no programa, afirmou que

Agora sim vamos ter um teto e não uma ponte. Vamos viver como gente, com endereço e com uma casa de verdade. Ninguém dá valor a quem mora embaixo da ponte e este valor está sendo dado agora pela prefeitura. Tenho certeza que este será o dia mais feliz da minha vida e a gente aqui não pensa em outra coisa.³²¹

Outro projeto que chamou a atenção na análise sobre a política trabalhista foi o da Prefeitura de Campos dos Goytacazes com Cuba, mais especificamente com Havana, fomentada no final de 1991, continuada em 1992 e que seguiu seu legado na gestão seguinte. Iniciada com a chegada em 22 de setembro do 2º Secretário da Juventude Comunista Cubana, Roberto Fernando Garcia Dias, para uma ampla programação em Campos. Promovida pela Prefeitura Municipal de Campos e o Diretório Municipal do PDT com apoio da Faculdade de Filosofia de Campos, esta visita foi o primeiro passo para a assinatura do acordo de cooperação entre o município e Havana.³²²

O acordo surgiu como proposta da embaixada de Cuba ao Brasil, que considerou a administração de Garotinho voltada para necessidades básicas da população, com foco na saúde e educação, compreendido com afinidades socialistas. O cubano Roberto Fernando em sua passagem encontrou-se com o prefeito Anthony Garotinho em Vila Maria, que confirmou sua viagem a Cuba em breve, visitou o CQV de Santa Rosa, o CIEP Villa Lobos, o assentamento de Novo Horizonte, concedeu entrevista coletiva e encerrou com uma palestra sobre o tema da educação em Cuba, afirmando perceber “afinidade cultural entre Campos e Havana devido a semelhança das duas cidades como centros de cultura sucroalcooleira.”³²³

³²¹ MONITOR CAMPISTA. **Residencial Getúlio Vargas**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.238, 23 Out, 1991. p.1.

³²² MONITOR CAMPISTA. **Líder cubano falará aqui sobre educação**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.210, 19 Set, 1991. p.1.

³²³ MONITOR CAMPISTA. **Prefeito confirma visita a Havana**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.214, 24 Set, 1991. p.1.

Em novembro foi a vez da visita do ex-Ministro e no período assessor de agricultura do Governo de Cuba, José Llanusa Geobel. Llanusa foi a Campos para conhecer programas desenvolvidos pela Prefeitura como O Pequeno Produz, as Hortas Comunitárias, o Projeto de Avicultura e o Programa de Reforma Agrária em Novo Horizonte. A intenção que ficou e seria consolidada no início de 1992 é a assinatura de um protocolo de cooperação com a ida do prefeito acompanhado dos Secretários de Saúde, Educação, Fazenda, Comunicação e sua esposa, Rosângela Matheus, para Cuba por 10 dias após convite do Governo de Fidel Castro, quem Garotinho gostaria de trazer em Campos para uma visita e participação na ECO-92.³²⁴

Com a volta da comitiva, a parceria firmada confirmou a ida de dois profissionais de saúde cubanos para Campos em março, o primeiro especializado no tratamento de vitiligo, e o segundo para desenvolver o projeto “Médico da Família”, programa cubano que empolgou a prefeitura onde o médico fica vinculado a comunidade que reside para prestar assistência às famílias de sua área.

Outro projeto estabelecido foi o “Novos Talentos” na área do esporte, com atletas de Campos recebendo treinamento de profissionais cubanos nas áreas de basquete e voleibol.³²⁵ Na área da educação, Campos encontrou-se com a experiência cubana com a presença da atuação de um dos membros da Campanha Nacional de Alfabetização, que erradicou o analfabetismo em Cuba. O acordo estipulou que o pagamento dos serviços prestados pelos técnicos cubanos se deu com a exportação do feijão produzido em Campos para Cuba.³²⁶ A partir destes encontros e acordos iniciais, surgiria uma parceria entre os governos campista e cubano que perduraria no mínimo até o final do mandato, e que seguiria mais profundamente entre Anthony Garotinho e Fidel Castro.³²⁷

³²⁴ MONITOR CAMPISTA. **Prefeito quer convidar Fidel a visitar Campos.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.09, 14 Jan, 1992. p.1.

³²⁵ MONITOR CAMPISTA. **Prefeito volta hoje após acordo com Cuba.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.15, 21 Jan, 1992. p.1.

³²⁶ MONITOR CAMPISTA. **Prefeito troca feijão daqui por tecnologia cubana.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.18, Jan, 1992. p.1.

³²⁷ Anthony Garotinho já havia comentado anteriormente sobre a renúncia de Fidel Castro em seu blog, em 2008. No dia 26 de novembro de 2016 em homenagem e condolências prestadas ao falecimento de Fidel Castro, Anthony Matheus publicou em seu “Blog do Garotinho” uma coluna intitulada “Meus encontros com o “comandante” Fidel Castro” em que dissertou sobre sua relação com o presidente cubano: “Como prefeito visitei Cuba algumas vezes. Uma delas num momento difícil onde havia racionamento de energia. Naquela época a ilha tinha perdido o apoio que recebia do petróleo soviético. Havia muitos problemas, mas mesmo assim, também existia um oceano de sonhos na cabeça do “comandante”. Acho que ele não perdia a esperança nunca. Fizemos vários convênios de cooperação e um deles na área de educação foi o programa Desafio, que implantei na Prefeitura de Campos, e que depois de um reconhecimento da UNICEF como “prefeito amigo das crianças” acabou ganhando projeção nacional e se transformou no PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil). Foi maravilhoso ter tido a oportunidade de ter tirado do trabalho humilhante no corte de cana tantas crianças e dar-lhes escola. Campos, assim como Cuba, tinha sua economia baseada na cana-de-açúcar. Também firmamos convênios na área de saúde, especialmente para o tratamento de uma doença chamada vitiligo, que atinge milhares de pessoas, e Cuba havia desenvolvido uma medicação feita a partir da placenta chamada

E para o ano de 1992, ano eleitoral, desde o início, as manchetes retomavam o mesmo debate: quem será o sucessor de Anthony Garotinho para a prefeitura de Campos dos Goytacazes? É sabido que em certo momento, o mesmo Anthony expressou a possibilidade de renunciar ao cargo para poder concorrer novamente, porém, isto não ocorreu.

Em matéria de janeiro no Monitor Campista discutia-se a possibilidade de a sucessão municipal já ter onze candidatos: pelo PMDB havia discussões entre os nomes de Barbosa Lemos, o deputado estadual Paulo Cesar Martins, o ex-deputado estadual Amadeu Chacar e o ex-prefeito Zezé Barbosa; no PFL havia a consolidação do nome do ex-prefeito Rockfeller de Lima; pelo PT, o professor Luciano D'Angelo Carneiro e o Vice-Prefeito, Adilson Sarmet; o PDS com o ex-prefeito Raul Linhares; e o PDT em discussão sobre o nome de três candidatos: o secretário de fazenda Ranulfo Vidigal, o presidente do PDT-Campos, Sérgio Mendes, e o deputado estadual Fernando Leite Fernandes.³²⁸ Como veremos adiante, a disputa foi resolvida no primeiro turno, entre os candidatos do PDT e do PFL.

O ano de 1992 se iniciou com o lançamento do projeto de Biotecnologia Tropical, centralizado no Colégio Agrícola Antonio Sarlo, e coordenado pelo engenheiro agrônomo Nasser Youssef Nars, especializado na produção de alimentos sem agrotóxicos. Firmado na Vila Maria em janeiro ao lado do prefeito Anthony Garotinho, o objetivo seria desenvolver no município, principalmente nas áreas em que há “O Pequeno Produz”, a produção de olerícolas e fruticultura no município.

O colégio reservou sete hectares para assentamento do hortão de treinamento para técnicos e estudantes, e segundo Claudio Rodrigues Gomes, Secretário de Agricultura de Campos, o método de Nasser Nars iria contribuir com Campos principalmente pelo uso de uma tecnologia que preserva o equilíbrio ecológico nos meios de produção, dispensando o uso de herbicidas. E não somente no Colégio Agrícola, o projeto de Biotecnologia Tropical também seria implantado nas áreas de assentamento em Novo Horizonte, com um hortão para produção de olerícolas e frutíferas. A intenção de Nasser seria repassar a tecnologia para as

“melaginina”. Muitas pessoas foram curadas a partir desse tratamento. Depois como governador me encontrei com Fidel outras vezes e tratamos de assuntos culturais, comerciais, mas sobretudo de pessoas, vidas. (...) Seu amor pelo povo, seu destemor em enfrentar poderosos, sua paixão pela educação faz dele um herói da história mundial. Certamente não poderia agradar a todos num mundo cheio de conflitos e interesses econômicos, onde sempre prevalece, infelizmente, a vontade das grandes potências, mas a história de Fidel, a sua luta, mostra que o que faz um país grande não é sua dimensão geográfica, muito menos suas riquezas naturais. O que transformou Cuba numa referência mundial foi o seu povo, liderado por alguém lúcido, consciente de seu papel histórico. Assim como disse Getúlio Vargas ao encerrar sua carta testamento, Fidel “saí da vida para entrar para a História, pois o povo de quem foi escravo não será mais escravo de ninguém”. Ver: <http://www.blogdogarotinho.com.br/lartigo.aspx?id=22690>

³²⁸ MONITOR CAMPISTA. **Sucessão municipal já tem onze candidatos**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.04, 08 Jan, 1992. p.1.

famílias assentadas, com o acompanhamento da Secretaria de Promoção Social e de Agricultura, estimando uma produção de 900 toneladas.³²⁹

Ainda neste mesmo mês, seria inaugurado pelo prefeito Anthony Garotinho o Centro de Treinamento de Biotecnologia Tropical. Com a presença de estudantes, produtores do Rio Grande do Sul ligados a Cooperativa Ecológica de Colmeia, técnicos e a comunidade, o projeto que prega o cultivo por métodos naturais foi instalado em um prédio do Colégio Agrícola Antonio Sarlo. Além do Centro, no Colégio que receberia recursos do governador Leonel Brizola para reformas, também seria anunciado pelo Prefeito a criação de um Polo de Abastecimento voltado para a merenda escolar. Na semana seguinte, quatro meses após o lançamento, seriam colhidos os primeiros resultados. Neste caso experimental, 80 caixas de rabanetes foram colhidas no início de abril enquanto 2 mil pés de alface em seu final, e encaminhadas as creches mantidas pela prefeitura, comprovando, segundo Yussef Nasser, que a produção através da Biotecnologia Tropical é superior a forma tradicional de agricultura, seja no tamanho ou na quantidade.³³⁰

Outros novos programas envolvendo a política agrária e ambiental seriam criados, e neste caso, estariam voltadas para o aprendizado nas escolas. O “Educar Para Preservar” trabalhou com o objetivo de conscientizar o aluno da escola municipal de manter o ambiente limpo, com a tarefa de selecionar o lixo de sua casa, colocá-lo em separado em quatro sacos separados em vidro, papéis, plásticos e latas. Levando posteriormente o lixo para as escolas onde empresas irão recolher e o comercializá-lo, com o retorno do dinheiro para materiais de reciclagem, para a Secretária de Educação, Elizabeth Couto, “essa conscientização virá através de um processo educativo pelo qual o aluno será chamado a participar da atividade de agente ambiental, cuja filosofia é a preservação do nível de vida.”³³¹ Com a renovação do convênio com a Petrobrás para a manutenção das hortas, a prefeitura pôde incluir o programa “A Escola Planta e Colhe”, dentro do programa das Hortas Comunitárias, que se estenderam com a continuidade do convênio a 320 hortas, entre escolares e comunitárias.³³²

Comentando sobre projetos que a prefeitura deu continuidade, um deles foi o “Campos Verde 92 – Adote uma Árvore”, que teve neste ano a sua segunda fase. Nesta campanha objetivou-se realizar o plantio de 5 mil mudas de árvores como Flamboyants e

³²⁹ MONITOR CAMPISTA. **Biotecnologia vai a N. Horizonte**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.80, 08 Abr, 1992. p.1.

³³⁰ MONITOR CAMPISTA. **Iniciada a colheita no projeto Biotecnologia Tropical**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.85, 14 Abr, 1992. p.1.

³³¹ MONITOR CAMPISTA. **Prefeito lança mais um projeto de educação**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.03, 07 Jan, 1992. p.1.

³³² MONITOR CAMPISTA. **Prefeito renova convênio para hortas escolares**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.95, 26 Abr, 1992. p.1.

Sibipirunas, em 15 bairros da cidade neste dia e prolongar durante o ano em todos os meses no dia 26, e no entendimento do Secretário de Agricultura do Município,

Diferentemente do ano passado, em que fizemos uma campanha de impacto plantando nesse mesmo dia, 20 mil mudas de árvores, este ano, o projeto tem outro aspecto e pretende beneficiar sobretudo os bairros onde a comunidade esteja interessada em preservar o verde. Nesta segunda campanha estamos convencidos que os resultados serão bem melhores até porque vamos realizar um trabalho a médio prazo e atenderemos um total de 55 bairros, já cadastrados, durante o ano.³³³

Esta fase da campanha contou com o suporte da Assessoria do Meio Ambiente, representada Zacarias de Albuquerque, que atua em conjunto com a Secretaria de Agricultura, e criou o projeto das Brigadas Ecológicas. Compostas por grupos de crianças nas escolas municipais, a finalidade seria a conservação das mudas e árvores já existentes em seus bairros. No dia de lançamento, 26 de março de 1992, o prefeito abriu a campanha com o plantio de uma muda de árvore pau-brasil, reverenciando a importância da conscientização da campanha, “estamos plantando a esperança e um novo Brasil.”³³⁴

O Pequeno Produz, depois de produzir em 1991, hortaliças e grãos, em 1992 iniciou sua colheita de frutos, como a melancia, incentivando o objetivo da diversificação agrícola no município. Este resultado se deu com um dos pioneiros do projeto, o agricultor Ronaldo Ribeiro Motta, da localidade de Brejo Grande, que entregou em março para a Secretaria de Promoção Social, 1000 quilos de melancia, 100 quilos de maxixe e 50 quilos de aipim como parte dos 5% que a prefeitura recebe dos produtores para redistribuir em creches e escolas municipais.³³⁵

Em novas localidades o projeto foi desenvolvido para atender pequenos produtores rurais neste ano de 1992, como em Vila Nova, Murundu e Santa Maria. Segundo o prefeito Garotinho, a meta até o final do ano seria alcançar dois mil agricultores de todo o município, contando com o apoio da comunidade, “não vamos administrar as máquinas, vocês é que irão cuidar delas”.³³⁶ O Secretário Municipal de Agricultura, Claudio Rodrigues, estimou como produção total em mais de 2 milhões e 700 mil quilos através do O Pequeno Produz.³³⁷ Devido ao sucesso do programa, o governo discutiu a sua implementação a nível estadual,

³³³ MONITOR CAMPISTA. **Nova Campanha Campos Verde começa dia 26**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.56, 11 Mar, 1992. p.1.

³³⁴ MONITOR CAMPISTA. **Prefeito começa campanha com plantio de Pau-Brasil**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.70, 27 Mar, 1992. p.1.

³³⁵ MONITOR CAMPISTA. **Projeto agrícola faz sucesso em Brejo Grande**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.43, 22 Fev, 1992. p.1.

³³⁶ MONITOR CAMPISTA. **Projeto Pequeno Produz será levado a Vila Nova**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.100, 05 Mai, 1992. p.1.

³³⁷ MONITOR CAMPISTA. **Projeto da PMC produz alimentos**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.128, 6 Jun, 1992. p.1.

estimulando um projeto experimental para adotar O Pequeno Produz a novos municípios do estado.

Dentro do Pequeno Produz foram distribuídas cerca de 2,5 toneladas de sementes básicas de milho e arroz para 170 produtores de Cambucá, Aleluia, Conceição do Imbé e Novo Horizonte. Com o objetivo de transformar Novo Horizonte em um polo abastecedor de alimentos para Campos, as sementes adquiridas garantiriam a produtividade de arroz por quatro anos consecutivos. No encontro da Presidenta da Associação dos Produtores da Feira da Roça, Maria Lúcia da Cruz Pessanha, o Presidente da Associação dos Produtores Assentados de Novo Horizonte, Edson Gomes da Rocha, e de outros produtores com o secretário de agricultura e o prefeito, houve o agradecimento destes para com esta iniciativa e a reivindicação de mais uma casa de farinha para absorver a produção de mandioca desenvolvida dentro dos lotes do assentamento Novo Horizonte.³³⁸

Neste ano houve também no assentamento rural a partir de janeiro, promovido pela Secretaria Municipal de Promoção Social, um convênio com a Fundação Centro Brasileiro para a Infância e Adolescência que permitiu a produção de 60 mil mudas e um projeto de industrialização caseira, implementado através de nutricionistas que trouxeram cursos sobre a preparação de compotas e picolés para serem comercializados na Feira da Roça. E em agosto de 1992, produtores de Novo Horizonte integrantes do projeto da Feira da Roça receberam um ônibus doado pela prefeitura para solucionar o problema de locomoção dos produtos expostos terça e sexta na Praça da República.³³⁹

O sucesso teria sido grande, chegando a registrar queda no índice de vendas do Mercado Municipal, e para o comerciante do mercado, Luis dos Santos, “todas as terças e sextas o movimento aqui diminuiu em até 70%. As pessoas estão trocando o Mercado pela Feira da Roça.”³⁴⁰ Neste ano a Feira receberia melhoramentos da Prefeitura, como o caso das 100 barracas padronizadas que foram doadas com o objetivo de agregar agilidade, organização e estética. Para Claudio Rodrigues, a Feira da Roça é uma consequência do Projeto de Diversificação Agrícola implementado também há dois anos pelo Governo Garotinho, intitulado “O Pequeno Produz”, e a Feira foi uma das soluções para a comercialização destes pequenos agricultores.³⁴¹

³³⁸ MONITOR CAMPISTA. **Sementes para Novo Horizonte**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.220, 25 Set, 1992. p.1.

³³⁹ MONITOR CAMPISTA. **Prefeitura vai doar ônibus a produtores**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.186, 15 Ago, 1992. p.1.

³⁴⁰ MONITOR CAMPISTA. **Feira da Roça diminui movimento no mercado**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.152, 5 Jul, 1992. p.1.

³⁴¹ MONITOR CAMPISTA. **Barracas padronizam Feira da Roça**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.246, 24 Out, 1992. p.1.

Com os cursos ministrados por técnicos convidados pela Emater, os produtores puderam oferecer produtos como frango defumado e toucinho, que até então não existiam na Feira. Desde sua implementação e com maiores investimentos em 1992, a Feira garantiu a aprovação da comunidade, como afirmou o vendedor autônomo Carlos Carvalho, que revelou ao Monitor Campista que

A proteção das barracas deu novo visual e proporciona ao comprador mais tranquilidade para escolher, porque não há problema de trânsito aqui na feira, pela disposição dos tabuleiros. Antes não tinha a fartura de hoje. Moro no Parque Rodoviário, e acho isso aqui muito mais cômodo do que no Mercado Municipal, onde tudo é mais caro e procedência duvidosa, com agrotóxicos, que podem causar sérios danos à saúde.³⁴²

E no segundo semestre a questão política em Campos girou entre dois temas: a eleição municipal de outubro principalmente, e o impeachment do presidente Collor de Mello que ocorreu entre setembro e dezembro. Em maio, durante Convenção Municipal com a presença de 8 mil pessoas de todo o município, o PDT referendou por unanimidade a candidatura da chapa “Viva Campos” representada pelo jornalista Sérgio Mendes como prefeito e Amaro Gimenes, empresário e presidente da CODEMCA, como vice-prefeito.³⁴³

Por outro lado, na disputa municipal, durante a Convenção Municipal do PMDB, realizada em junho, optou-se pela chapa com o radialista e Deputado Estadual Barbosa Lemos do PSDB, com Conceição Nogueira do PMDB como vice, recebendo o apoio de José Carlos Vieira Barbosa do PMDB, ex-prefeito que estava na disputa para ser candidato pelo partido. O auditório da Associação de Imprensa Campista (AIC) recebeu militantes do PMDB local, porém não o suficiente para lotar o espaço. Como outra possibilidade, o PTB apresentou a chapa composta pelo ex-prefeito Rockefeller de Lima candidato a volta e o também ex-prefeito Raul Linhares, como vice-prefeito em Convenção Municipal realizada no Clube de Regatas Campistas, em junho.³⁴⁴

O Partido Comunista do Brasil de Campos dos Goytacazes decidiu integrar a coligação “Viva Campos” no pleito de outubro, durante a pré-convenção realizada no Sindicato dos Comerciantes que contou com a presença de Juliano Siqueira, do Comitê Central do PC do B. Na oportunidade, o único candidato do partido a vereador nas próximas eleições e presidente do PCdoB-Campos, Francisco dos Anjos Rangel, sobre a decisão, refletiu, “nossa decisão de integrar o movimento “Viva Campos” visa evitar que a Oligarquia

³⁴² MONITOR CAMPISTA. **Feira da Roça conquista os consumidores**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.257, 07 Nov, 1992. p.1.

³⁴³ MONITOR CAMPISTA. **Convenção do PDT reuniu 8 mil e homologa candidatos**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.100, 05 Mai, 1992. p.1.

³⁴⁴ MONITOR CAMPISTA. **PTB apresenta Raul como vice de Rocke**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.126, 04 Jun, 1992. p.1.

que dominou Campos por mais de vinte anos, retome a Prefeitura. Que a direita volte a governar.”³⁴⁵

E em entrevista realizada pelo Jornal do Comércio e replicada no Monitor Campista, em uma avaliação semelhante encontramos Anthony Garotinho ao comentar sobre os 98% de aprovação de seu governo na pesquisa do Ibope e sua afirmação da vitória de Sérgio no primeiro turno. Garotinho analisou que o eleitor de Campos “não quer a volta do passado. Ele quer a continuação das mudanças iniciadas na minha administração.” Sobre o trabalhismo em Campos, para ele, “o PDT é o único partido que realmente existe no município. Estamos com mais de 1200 núcleos, mais de 12 mil filiados e funciona como partido.” E avaliando o mandato “o que mais eu poderia destacar são os avanços que nós obtivemos nas áreas de saúde, educação e principalmente da agricultura, onde nós avançamos até onde nenhum governo havia sequer tentado”.³⁴⁶ Neste esteio, a Coluna Leonel Brizola, “mandado publicar pelo PDT” com certa frequência no Monitor Campista desde 1992, trouxe uma reflexão sobre as eleições, em coluna intitulada “A Candidatura Trabalhista”, apresentando como deveriam se portar os representantes do trabalhismo:

Um partido de natureza social, como o PDT, no momento em que escolhe os seus candidatos, não pode se confundir com os partidos conservadores ou os de fundo elitista, mesmo quando se apresentam como correntes de esquerda. Nossos candidatos majoritários nunca podem ser os candidatos do líder e muito menos resultado da indicação de algum companheiro que, naquele instante, ocupe postos de governo. Nem mesmo da direção ou apenas da própria estrutura partidária. Precisam, sim, corresponder a um anseio, a um sentimento da população por mais direitos, mais liberdade, transparência, participação. Portanto, tais nomes tem que ter repercussão e apoio além das fronteiras partidárias. A partir destes fundamentos é que os dirigentes e coordenadores do partido devem desenvolver as articulações: composições, alianças e elaboração das nominatas para os cargos legislativos. A compreensão desta nossa natureza é essencial. Do contrário, assistiremos as forças conservadoras lançarem candidatos, ambiciosos ou inocentes úteis, para confundir e dividir nosso povo e, com isso, enfraquece-lo e dominá-lo. Somos o mais democrático e popular dos partidos brasileiros. Representamos autenticamente, a trajetória das lutas políticas e sociais de nosso povo.³⁴⁷

No dia 4 de outubro já havia o resultado parcial confirmando que o candidato do PDT, Sérgio Mendes, estaria eleito para o mandato na prefeitura de Campos dos Goytacazes no primeiro turno. Contabilizando 115.455 mil e 66,33%, Mendes recebeu quase o dobro dos

³⁴⁵ MONITOR CAMPISTA. **PC do B integra o “Viva Campos”**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.78, 05 Abr, 1992. p.1.

³⁴⁶ MONITOR CAMPISTA. **Prefeito garante vitória de Sérgio sem segundo turno**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.121, 29 Mai, 1992. p.3.

³⁴⁷ MONITOR CAMPISTA. **A candidatura trabalhista**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.143, 25 Jun, 1992. p.1.

votos dos candidatos juntos: Rockefeller de Lima com 19,63%, Adilson Sarmet do PT, 7,27%, e Barbosa Lemos, com 6,77% dos votos. Com a vitória, o novo prefeito prometeu “um governo melhor que o de Garotinho”,³⁴⁸ enumerando como principais metas: a valorização do magistério e investimento na infraestrutura educacional; racionalização da saúde e criação de distritos sanitários para desafogar o Hospital Ferreira Machado; e continuação da diversificação da agricultura iniciada no Governo Garotinho, voltada principalmente para os pequenos produtores.³⁴⁹

E outro evento político que encerrou o ano foi o impeachment do presidente Fernando Collor de Melo. Com palavras de ordem gritando “Fora Collor”, cerca de 4 mil manifestantes liderados por partidos políticos da oposição e sindicalistas, se reuniram em agosto em Campos e percorreram as principais ruas do centro da cidade.³⁵⁰ Terminado somente em 30 de dezembro, em sessão o ex-presidente Collor foi condenado a perda do mandato e a sua inelegibilidade por oito anos, por 76 votos a favor e 6 contra.

2.2 – A REELEIÇÃO PEDETISTA COM SÉRGIO MENDES (1993-1996)

Após a vitória, Sérgio Mendes foi indicando a composição de seu secretariado. Uma de suas primeiras decisões foi a reforma administrativa, criando a Secretaria de Superintendência de Infraestrutura, composta das Secretarias de Obras, Transportes e Serviços Públicos, numa mesma pasta, e o escolhido foi o vice-prefeito, Amaro Gimenes.

O seu staff seria completo pelo Secretário de Saúde, o médico Arnaldo França Viana, vereador eleito pelo PDT, que pediu licença e a suplente Na Secretaria de Planejamento, Monica Monteiro, Paulo Mafra Junior Vasconcellos em Transportes, Jane Nunes para a Promoção Social, Guilherme Leite Fernandes para a Administração, na de Fazenda, Élbio Guarda Fernandes, Carlos Cosmelli para a Particular, Geraldo Siqueira para a de Governo e Ricardo André para Comunicação Social. Além destes, seriam divulgados os nomes que seguiriam no Governo, como Altany Brandão Xavier, que continuaria mais uma gestão à frente da Secretaria de Serviços Públicos, Elizabeth Couto na pasta da Educação, Claudio Rodrigues Gomes que seguiria na Secretaria de Agricultura, Marivalda Benjamim para a

³⁴⁸ MONITOR CAMPISTA. **Sérgio promete superar governo de Garotinho**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.229, 05 Out, 1992. p.1.

³⁴⁹ MONITOR CAMPISTA. **Sérgio Mendes fala hoje de seus planos**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.132, 11 Jun, 1992. p.1.

³⁵⁰ MONITOR CAMPISTA. **Manifestação pelo impeachment leva 4 mil pessoas ao centro da cidade**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.195, 26 Ago, 1992. p.1.

Presidência da Empresa Municipal de Habitação Urbanismo e Saneamento (EMHAB) e Cristina Lima para a Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima. Sobre a influência de Anthony Garotinho no mandato, Sérgio Mendes afirmou que o mesmo seria um “Conselheiro Permanente”, “creio que a experiência política e administrativa que ele adquiriu durante os quatro anos que ficou à frente da prefeitura vai me ajudar muito”.³⁵¹

No sábado 2 de janeiro, Sérgio Mendes tomaria posse com festa. Diferentemente do ano passado, em que a situação esteve o governo inteiro com um pedetista em sua presidência, a oposição venceu a eleição para Presidente da Câmara, com Paulo Feijó do PTB, radical opositor do ex-prefeito Anthony Garotinho. Esta vitória de Feijó sobre Paulo Albernaz do PDT demonstra que o governo não teria maioria na Câmara neste primeiro momento.³⁵²

E neste primeiro ano de mandato, o prefeito eleito buscou dar continuidade a projetos voltados para a agricultura iniciados na gestão anterior. Um deles foi a Feira da Roça, que durante o verão no mês de janeiro, seria estendida na Feira da Praia, ocorrendo também aos sábados no Farol de São Tomé.³⁵³

Neste caso, a Feira da Praia recebeu 70 barracas para venda de alimentos e artesanato, sendo destas, 55 exclusivamente para pequenos produtores da Feira da Roça. A recepção da Feira da Praia foi considerada um sucesso pela Prefeitura de Campos, com recorde de público e venda através da visita de pessoas de diversas regiões. Além disto, reverberou em São João da Barra, que inaugurou a sua própria Feira da Praia, e não inviabilizou a Feira da Roça que ocorria nas terças e sextas, como afirmou o secretário de agricultura, Claudio Rodrigues Gomes:

A Feira da Roça em Campos continuará em seus dias originais e com a mesma capacidade operacional. Esta Feira é uma conquista dos pequenos produtores e do consumidor campista. Estamos com a Feira da Praia, dando mais uma opção e ampliando a ação do Governo Municipal. A Feira da Roça vai continuar sem interrupção.³⁵⁴

Com relação a continuidade dos projetos voltados para a agricultura, a nova gestão insistiria em programas iniciados no governo de Anthony Garotinho. O governo de Sérgio

³⁵¹ MONITOR CAMPISTA. **Sérgio Mendes anuncia secretários**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.249, 28 Out, 1992. p.1.

³⁵² MONITOR CAMPISTA. **Sérgio toma posse com festa mas perde eleição na Câmara**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.302, 2 Jan, 1993. p.1.

³⁵³ MONITOR CAMPISTA. **Feira da Praia tem início sábado no Farol**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.06, 12 Jan, 1993. p.1.

³⁵⁴ MONITOR CAMPISTA. **Feira da Praia não muda a da Roça**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.08, 14 Jan, 1993. p.5.

Mendes, neste primeiro ano investiria na sequência do Pequeno Produz, das Hortas Comunitárias e o Projeto de Biotecnologia Tropical.

O Pequeno Produz superou as expectativas de colheita nos primeiros meses, com a colheita de 1.452 quilos de alimentos, envolvendo cerca de 294 pequenos produtores.³⁵⁵ E neste início de mandato o programa foi expandido para sua realização no assentamento urbano das ilhas do Rio Paraíba do Sul, realizado pela Prefeitura Municipal de Campos somente no ano seguinte. Em algumas ilhas, inicialmente estavam ocorrendo conflitos entre ocupantes das terras e usineiros, que reivindicavam o espaço para o pasto de animais enquanto os ocupantes buscavam áreas para moradia e trabalho. Em reunião da Secretaria Municipal de Promoção Social e Desenvolvimento, representada por Jane Nunes, com liderança dos lavradores sem-terra e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, ficou acertado que haveria um cadastramento das famílias para buscar a agilização do processo de assentamento.³⁵⁶

No começo do projeto, a Secretaria de Promoção Social contava com 150 famílias cadastradas dentro dos critérios pré-estabelecidos para dar início ao assentamento enquanto esperavam a confirmação do órgão estadual. Neste interregno, os técnicos da Superintendência Estadual de Rio e Lagoas (SERLA), Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente (FEEMA) e do Batalhão Florestal visitaram as áreas e a Secretaria para compreender o projeto, visto que faz parte de áreas de proteção ambiental, então seria necessário buscar o equilíbrio ecológico para que o projeto ocorresse.

Seguindo esta linha, enquanto o presidente da FEEMA e da Comissão Estadual de Controle Ambiental (CECA), Adir Ben Kauss, foi a Campos em setembro de 1993 para entregar a licença ambiental que garante a continuidade do projeto de assentamento nas ilhas, o presidente do Centro Norte Fluminense de Conservação da Natureza, José Francisco, entrou com ação civil no Ministério Público cobrando a Prefeitura este equilíbrio. Ocorrido principalmente porque até o desenvolvimento do projeto, este mesmo não contava com o Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e o Relatório de Impacto do Meio Ambiente (RIMA).

Com relação a ação perpetrada, posicionaram-se contra a mesma, o prefeito Sérgio Mendes e o ex-prefeito Anthony Garotinho. Para Sérgio, “há 70 anos as ilhas foram ocupadas de forma predatória por fazendeiros e usineiros, sem questionamento. Tenho certeza que a justiça vai dar ganho de causa para a Prefeitura e os trabalhadores”, referindo-se às terras

³⁵⁵ MONITOR CAMPISTA. **Projeto agrícola tem produção de 1500 toneladas.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.117, 24 Mai, 1993. p.1.

³⁵⁶ MONITOR CAMPISTA. **Invasores de ilhas querem terras tomadas por usina.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.104, 08 Mai, 1993. p.4.

tomadas pelas usinas e as ocupações dos moradores que habitam a região e trabalham em sua terra. O ex-prefeito clamou por reforma agrária nas ilhas e analisou a posição contrária, no seu entendimento, de ambientalistas, afirmando que esta indecisão,

Parece um jogo de cartas marcadas, pois criar cavalos de raça e engordar boi nas ilhas nunca foram causas de justiça. Por que a lei não serve a todos? O Brasil, talvez tenha a mais perversa elite política da história: entreguista e dependente, e mantém pastos para alimentar bois e a ignorância. Os ambientalistas da oposição defendem o verde dos fazendeiros.”³⁵⁷

Somente no ano seguinte durante o mês de fevereiro, um convênio assinado pelo Secretário de Estado para Assuntos Fundiários, Carlos Correa, e o Prefeito Sérgio Mendes, concretizaram a transferência de 18 de ilhas do projeto de assentamento da Secretaria de Promoção Social, do escopo do Estado para o Município. Nestas ilhas iniciaram-se o projeto “O Pequeno Produz” com assentados residentes, promovendo plantio de culturas cíclicas como por exemplo, milho e feijão, compreendendo que por causa das cheias na região do Rio Paraíba do Sul, as áreas somente comportam culturas cíclicas para o plantio.

Com o projeto e assentamento urbano ocupando 18 das 56 ilhas da região, observa-se que o restante das ilhas é ocupado por gado de fazendeiros da região, sofrendo, como a Ilha da Abóbora, de prática de grilagem.³⁵⁸ O interessante, como iremos dissertar mais adiante, é que com o início do projeto “O Pequeno Produz” na região, houve a partir de junho de 1994 a realização da Feira das Ilhas, seguindo o modelo da Feira da Roça.

Como afirmou o Secretário de Agricultura, Claudio Rodrigues Gomes, ao final de janeiro sobre o programa de Biotecnologia Tropical implementado na Escola Estadual Agrícola Antonio Sarlo, em Guarus, o projeto teria continuidade no Governo do Prefeito Sérgio Mendes. Renovado, recebeu uma expansão com o trabalho através da inclusão da apicultura e trouxe resultados no primeiro semestre beneficiando 300 famílias assentadas na comunidade Terra Prometida, com toneladas de batata doce, de milho verde e de melancia.³⁵⁹

Além disto, o programa ampliou suas dimensões regionais, quando em agosto realizou em encontro com 30 prefeitos de municípios do Estado do Rio de Janeiro e Secretários Municipais de Agricultura no Colégio Agrícola para apresentar o projeto pioneiro no Estado, e nacionais, principalmente quando houve o encontro do agrônomo fundador do projeto, Nasser Youssef, com o presidente Itamar Franco, demonstrando que o seu programa “poderia

³⁵⁷ MONITOR CAMPISTA. **Ocupação de ilhas tem aprovação da CECA.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.212, 11 Set, 1993. p.3.

³⁵⁸ MONITOR CAMPISTA. **Convênio vai passar ilhas para PMC.** Campos dos Goytacazes (RJ): n 40, 22 Fev, 1994. p.4.

³⁵⁹ MONITOR CAMPISTA. **Safra da biotecnologia beneficia famílias.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.45, 27 Fev, 1993. p.3.

acabar com a fome no Brasil em dez anos”. A proposta consistia em implantar através do sistema de Biotecnologia Tropical hortões autossustentáveis nos 5 mil municípios brasileiros. Resultando desta proposta “em um ano, a colheita de 5 milhões de toneladas de alimentos para serem destinados a merenda escolar e a erradicação da fome nos bolsões de pobreza”³⁶⁰, no entanto, o ente federal que não deu continuidade ao programa.

Dentro deste escopo do programa, ainda em abril a Petrobras renovou o convênio com a prefeitura que garantiu a manutenção de 300 Hortas Comunitárias e 63 unidades do projeto “A escola planta e colhe”. A produção das hortas garantiria 3 toneladas semanais de alimentos como quiabo, alface, abóbora, beterraba, pimentão, cenoura, entre outros. O resultado do programa de Biotecnologia Tropical bateu recorde neste primeiro ano de mandato, quando chegou a produção de 12 toneladas semanais de alimentos no hortão municipal do Colégio Agrícola³⁶¹ e cerca de 500 toneladas de alimentos neste ano, destinados a famílias de baixa renda e à alimentação escolar.

Após dar continuidade a estes projetos citados anteriormente, dois novos programas surgiram neste primeiro ano de mandato. O projeto de Micro Usinas de beneficiamento de leite, implantado pela Secretaria de Agricultura, visava incentivar o produtor e diminuir os custos com a produção.³⁶² Por outro lado, o Projeto Tourinho realizado em parceria entre a Secretaria Municipal de Agricultura e a EMATER-Rio iniciado ainda no primeiro semestre, buscava, proporcionando touros reprodutores de raça aos produtores, a formação de rebanhos, melhorias na genética e incremento na produção de leite.³⁶³

Ainda no primeiro semestre no mês de maio, treze animais de raça Holandesa foram vendidos a preços simbólicos para a formação de novos rebanhos produtores de leite no município. Nesta parceria fora estabelecido que os produtores que adquirirem os animais teriam acompanhamento técnico por parte da Secretaria de Agricultura e da Emater-Rio. E no segundo semestre durante o mês de agosto, mais 15 pequenos pecuaristas do setor leiteiro de Campos foram contemplados com o projeto. Com participação de Claudio Rodrigues, e o do Superintendente Regional da Emater-Rio, Luiz Carlos Teixeira, entregaram mais 15 tourinhos filhotes com 10 a 30 dias de vida, 12 da raça Girolando e três Holandeses.

³⁶⁰ MONITOR CAMPISTA. **Projeto de Campos pode acabar com a fome.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.98, 1 Mai, 1993. p.3.

³⁶¹ MONITOR CAMPISTA. **Biotecnologia bate recorde de produção.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.226, 28 Set, 1993. p.4.

³⁶² MONITOR CAMPISTA. **Campos terá micro-usina de leite em março.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.63, 22 Mar, 1993. p.3.

³⁶³ MONITOR CAMPISTA. **Agricultura distribui treze bezerros da raça holandesa.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.110, 15 Mai, 1993. p.4.

O projeto das Micro Usinas de leite visava incentivar ao produtor a pasteurização do produto, o aumento na comercialização e a fuga do cartel das cooperativas, buscando a ampliação do campo de ação da Secretaria Municipal de Agricultura. Inicialmente cadastraram-se 10 produtores e a intenção seria a construção de 10 micro-usinas até o final de 1993, porém como observamos, esta meta fora diminuída para quatro e como veremos adiante, outras seriam inauguradas até o final do ano. Para o Secretário de Agricultura, com o projeto,

O produtor rural de pequeno porte fugir do cartel das cooperativas, que recebem o produto integral, aproveitam todos os sub-produtos, vendem o leite mais caro. Enquanto que nas micro-usinas, o leite é do tipo B, com teor de gordura satisfatório. Tudo isso visa, especificamente, incentivar o produtor a diversificar sua renda, e levando vantagens sobre as cooperativas, que apanham o leite a baixo custo e o revendem pelo preço atual, enquanto que o produtor pode tratar o leite, nas micro-usinas de beneficiamento e vendê-lo com mais substância alimentar, mantendo em padrão de qualidade que é medido a cada 15 dias pela Secretaria de Saúde e Fiscalização Sanitária.³⁶⁴

A primeira micro-usina de pasteurização de leite do ano foi entregue oficialmente em junho de 1993 com a presença do prefeito e do secretário de agricultura no local. A micro-usina inaugurada na fazenda Rancho D'Angelo, na localidade de Ibitioca, onde o proprietário rural Ricardo Monteiro Gomes recebeu os presentes, contava com a capacidade de produção para 750 litros por dia. Incentivando este projeto, a Prefeitura buscou fornecer apoio logístico para os produtores com condições e espaço para a instalação de uma micro-usina. E para o diretor do Colégio Estadual Agrícola Antonio Sarlo, Joel Ramos Barreto, este projeto empreendido é um sinal de vitória dos produtores e para Campos,

Já que todos sairão ganhando, possibilitando, dessa forma, a ampliação dos cursos agrícolas ministrados na escola, que formará os futuros técnicos em agropecuária. E já estava na hora de Campos possuir um estabelecimento desse tipo, tendo em vista a monopolização das cooperativas, que além de pagarem pouco aos produtores, vendem o leite “desnutrido”.³⁶⁵

Inicialmente se objetivava criar 10 micro-usinas neste ano de 1993, porém este número reduziu-se para 4 e ao final do ano³⁶⁶, três foram inauguradas. Outro exemplo foi a inauguração em dezembro de uma nova micro-usina na fazenda Barra do Sul, de propriedade de José Carlos Meneses, com capacidade para pasteurizar até 1500 sacos de leite por hora.

³⁶⁴ MONITOR CAMPISTA. **Campos terá micro-usina de leite em março**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.63, 22 Mar, 1993. p.3.

³⁶⁵ MONITOR CAMPISTA. **Pasteurização de leite é feita em micro-usina**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.142, 22 Jun, 1993. p.3.

³⁶⁶ MONITOR CAMPISTA. **Mais quatro usinas de leite funcionam ainda este ano**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.196, 24 Ago, 1993. p.1.

Retomando estes projetos continuados, a parceria com Cuba foi se dirimindo ao longo do mandato, como veremos adiante. Neste primeiro ano, houve a criação de uma representação em Campos da Associação José Martí, criada para estreitar os laços entre Brasil e Cuba, promover intercâmbio político e cultural, principalmente na área teatral, e oferecer ajuda ao povo cubano por meio de uma campanha permanente. O auxílio seria para superar as dificuldades desde a decretação dos Estados Unidos da Lei Torricelli, que impôs um bloqueio econômico ao país. Com reuniões dos membros na sede da Associação da Imprensa Campista, para o jornalista Marcos Scáfura, membro da José Martí, “Cuba passa pelas mesmas dificuldades que a gente e tem uma agricultura baseada na cana”.³⁶⁷

Na linha deste intercâmbio, em junho, Luis Morejón e Sara Smith, representantes do Instituto Cubano de Solidariedade entre os Povos, visitaram Campos dos Goytacazes. Para estabelecer novos contatos sobre o intercâmbio cultural e firmar convênios de cooperação tecnológica, como a cooperação cubana no Hospital São João, os cubanos estiveram em audiência com o prefeito Sérgio Mendes e o Secretário de saúde Édson Batista, e não só em audiência, esta visita estendeu-se à participação da colheita semanal do projeto de biotecnologia.³⁶⁸

Ainda neste ano, o PDT-Campos alçaria novos espaços em sua participação política. Inicialmente, Anthony Garotinho desejava concorrer ao cargo de governador do Rio de Janeiro na eleição de 1994, chegando a distribuir panfletos e adesivos durante fevereiro na praia do Farol de São Tomé, porém, durante a gestão de Brizola, foi convidado para compor o secretariado. Após sua escolha para a Secretaria Estadual de Agricultura, Abastecimento e Pesca, a posse em 3 de julho no Palácio Guanabara contou com uma caravana campista de 200 pessoas e durante o evento, Anthony Garotinho descreveu que dentre as suas metas, gostaria de implementar projetos para iniciar uma arrancada econômica das regiões Norte e Noroeste Fluminense. Para isso, visava ampliar projetos realizados em sua gestão municipal em todo o Rio de Janeiro, como o Programa de Biotecnologia Tropical e as Hortas Comunitárias, visando principalmente, estimular a produção agrícola do Estado.³⁶⁹

Durante este mesmo mês de julho houve eleições no PDT-Campos para uma nova Direção Municipal. Por mais que se especulasse divergências dentro do partido, a busca era inicialmente por união, principalmente visando a possibilidade de Anthony Garotinho

³⁶⁷ MONITOR CAMPISTA. **Entidade cultural aberta em Campos vai ajudar Cuba**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.80, 22 Abr, 1993. p.1.

³⁶⁸ MONITOR CAMPISTA. **Cubanos vêm em busca de intercâmbio**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.148, 29 Jun, 1993. p.3.

³⁶⁹ MONITOR CAMPISTA. **Garotinho escolhe agricultura e assume dia 5**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.150, 1 Jul, 1993. p.3.

tornar-se Governador do Estado. Se o prefeito Sérgio Mendes garantia em entrevista que o PDT estava em paz³⁷⁰, por outro lado, na convenção que elegeu a nova Direção Municipal, houve consenso das principais lideranças para uma chapa única, principalmente após o deputado estadual Fernando Leite e Anthony Garotinho se acertarem politicamente.

Com o avanço nas negociações para a formação do diretório, este foi confirmado com Anthony Garotinho na Presidência, Fernando Leite na Vice-Presidência, Geraldo Siqueira (Pudim) como Secretário e Elizabeth Couto como Tesoureira. Mesmo com o acerto, Leite fez questão de criticar o clima de desconfiança dentro do partido, a “quebra do encanto” entre sua amizade com Garotinho e a falta de coerência partidária no partido, na prefeitura e nas disputas política, entendendo que

O governo tem um tipo de posicionamento. Precisa fazer alianças com vereadores e com determinados setores, para que consiga administrar. Mas o partido tem que trilhar dentro de seu programa. No próprio diretório, por exemplo, tem gente que é defensora da reforma agrária, enquanto que outros são totalmente contra. Se hoje houver uma proposta para uma reforma agrária, dentro do PDT, o diretório fatalmente ficará dividido. Justamente no partido que sempre defendeu terras para o trabalhador.³⁷¹

O diretório campista também contribuiu na eleição do Diretório Estadual do PDT-RJ. Visando atender às tendências estaduais e municipais, o partido optou pelo pleito de um diretório ampliado, com 228 membros e 25 delegados de Campos dos Goytacazes para sua composição nesta chapa única. A partir deste resultado, seriam iniciadas as discussões para o próximo provável nome à sucessão governamental. Entre os 25 delegados, estariam Anthony Garotinho, Fernando Leite, Sérgio Mendes, Rosângela Matheus e Geraldo Siqueira.³⁷²

Outro ponto de destaque na trajetória do PDT-Campos foi a criação da Secretaria Municipal do Negro e instalação de sua primeira diretoria em outubro de 1993. Com a participação de mais de cem pessoas, entre eles, o presidente da Executiva Nacional do movimento negro do PDT de Brasília, Jorge Henrique Nascimento, o senador, Abdias do Nascimento e Carlos Alberto Oliveira, o Caó, Secretário Estadual de Habitação e Ação Social a solenidade ocorreu no Palácio da Cultura de Campos.

A programação da solenidade teve caráter festivo, com apresentação de grupos de capoeira e jongo, com a organização da visita após a eleição ao Corredor Cultural da Abolição, situado no Centro de Campos, para onde foi levado o Pelourinho original da época

³⁷⁰ MONITOR CAMPISTA. **Sérgio garante que há paz no PDT**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.69, 29 Mar, 1993. p.1.

³⁷¹ MONITOR CAMPISTA. **Fernando diz que vai continuar o diálogo**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.151, 2 Jul, 1993. p.1.

³⁷² MONITOR CAMPISTA. **Convenção do PDT ampliou diretório**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.243, 19 Out, 1993. p.1.

da escravatura. E neste pleito, foram eleitos e empossados: Carlos Gama para presidente, Antônio Francisco como vice-presidente, no cargo de 1º Secretário, Rogério Rodrigues e Sérgio Alvarenga como 1º tesoureiro. O presidente eleito afirmou “lutar por melhores dias para seus irmãos de cor, e buscar entendimentos para evitar a segregação racial”³⁷³, lamentando que

Somente agora é que o movimento recebeu a ajuda necessária para seu desenvolvimento, haja vista que desde há muito que os negros vêm se organizando para uma participação ativa nos movimentos sociais, onde a raça era discriminada.³⁷⁴

No final de dezembro de 1993, o prefeito Sérgio Mendes prestou as contas do seu primeiro ano de mandato montando um amplo encontro na Praça São Salvador. Apresentando uma exposição montada e stands com a participação das Secretarias Municipais, os principais temas versados foram sobre agricultura e meio ambiente, educação, saúde, política, arrecadação, social, pessoal, saneamento, arte e cultura. Com relação à agricultura, para o mandato demonstrou que

A produção de alimentos atingiu este ano mais de 4 milhões de toneladas só com o Pequeno Produz, em mais de 11 mil hectares de área plantada, mais de 780 produtores atendidos, com meta de subir esse número para mil produtores ano que vem. As hortas comunitárias e escolares aumentaram de 270 para 310 e de 53 para 76, ambas as categorias ultrapassaram as metas de 93, além de garantir uma produção de 80 mil toneladas de alimentos. O centro de biotecnologia Tropical fechou com a produção de 416 mil toneladas em abastecimentos em creches, rede escolar e instituições. Em Novo Horizonte houve uma colheita de mais de 940 mil toneladas de alimentos em um total de cerca de 240 hectares de área plantada. A Secretaria Municipal de Agricultura, sob a administração do agrônomo Cláudio Rodrigues Gomes, lançou o Projeto Tourinhos, para fortalecer e renovar o rebanho leiteiro, distribuindo 30 exemplares de raça para os criadores interessados. Este ano foram criadas 3 micro-usinas de leite e mais quatro já estão em fase de construção. Outro sucesso neste ano foi a Feira da Roça, que comercializa os produtos de Novo Horizonte, a preços inferiores que o mercado e que estará também no Farol durante o verão integrando a Feira da Praia.³⁷⁵

O Secretário Municipal de Agricultura, Cláudio Rodrigues Gomes, avaliou os avanços obtidos em sua área durante o ano de 1993. Entre os destaques, a produção de 4 milhões de toneladas de alimentos somente com o Pequeno Produz, em mais de mil hectares de área plantada, beneficiando 780 pequenos produtores, a ampliação do projeto de hortas comunitárias e escolares com as metas ultrapassadas que garantiram uma produção de 80 mil

³⁷³ MONITOR CAMPISTA. **Movimento Negro do PDT instala sua Secretaria.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.248, 25 Out, 1993. p.1.

³⁷⁴ Ibid., p. 3.

³⁷⁵ MONITOR CAMPISTA. **Sérgio presta contas hoje em praça pública.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.291, 17 Dez, 1993. p.1.

toneladas de alimentos, o resultado do Centro de Biotecnologia Tropical, com 416 mil toneladas de alimentos que abasteceram creches, escolas e instituições, a criação do Projeto Tourinho, com distribuição de 30 animais de raça para os criadores, a inauguração de três novas micro-usinas e o sucesso da Feira da Roça, que comercializou produtos de Novo Horizonte.³⁷⁶

No novo ano de 1994, o governo seguiria com os projetos de 1993, como o de micro-usinas, intensificado nos primeiros meses. Em 4 de fevereiro foi instalada a quarta micro-usina de produção de leite, na Fazenda São João, em Guandu, de propriedade de Manoel Antônio Abreu, com a presença do prefeito Sérgio Mendes e do Secretário Municipal de Agricultura, Cláudio Rodrigues. E no mês seguinte, seria inaugurada a quinta micro-usina de leite, no distrito de Dores de Macabu. Com apoio da prefeitura com relação à questão administrativa, sanitária e técnica para a instalação, a micro-usina da Fazenda São João teria a capacidade inicial de produção de 700 litros de leite por dia, enquanto a de Dores seriam 500 litros por dia, e para o prefeito, o projeto

É uma forma que nós temos de oferecer um leite de melhor qualidade à população, e de prestigiar os pequenos produtores, uma vez que eles se capitalizam mais rapidamente, podendo investir estes recursos na própria propriedade. O projeto é um sucesso, e em todas as micro-usinas já implantadas a produção é totalmente comercializada.³⁷⁷

O funcionamento da Feira da Roça foi intensificado nestes primeiros meses de 1994, principalmente após o sucesso de sua participação no “Arrepia Farol”, durante o verão. O projeto que contava com cerca de 200 pequenos produtores e 120 barracas agradava o consumidor na Praça da República. Principalmente nas comparações realizadas com o Mercado Municipal, onde os produtos eram plantados à base de agrotóxicos, diferentemente dos produtos saudáveis da Feira da Roça, onde inclusive a diferença nos preços chegava em torno de 20% a 50% mais barato.³⁷⁸

Com a intensificação da feira, em maio os feirantes chegaram a ser 180 e residentes de diversas regiões do município, como Novo Horizonte, Dores de Macabu, Cerejeira, Brejo Grande e da baixada campista, que oferecem suas mercadorias devido ao auxílio oferecido pelo governo municipal para o transporte destes produtores e de seus produtos, cerca de 70 variedades, entre estes, batata, abóbora, laranja, abacaxi, alface, couve, repolho, além de

³⁷⁶ MONITOR CAMPISTA. “Pequeno Produz” colheu 4 milhões de toneladas. Campos dos Goytacazes (RJ): n.303, 2 Jan, 1994. p.5.

³⁷⁷ MONITOR CAMPISTA. Sérgio Mendes entrega a 4ª micro-usina de leite. Campos dos Goytacazes (RJ): n.28, 5 Fev, 1994. p.5.

³⁷⁸ MONITOR CAMPISTA. Feira da Roça agrada consumidor. Campos dos Goytacazes (RJ): n.56, 12 Mar, 1994. p.4.

queijos e linguiça de industrialização caseira. Para o Secretário Municipal de Agricultura, a diversificação dos produtos da Feira da Roça contribuiu de maneira significativa para a evolução do projeto “Pequeno Produz”, que iniciou no primeiro semestre a implantação da fruticultura.

O Projeto Tourinho, iniciado pela Prefeitura de Campos dos Goytacazes no ano anterior, e que previa o aumento do rebanho leiteiro e de corte no município, após a última entrega realizada em agosto de 1993, foi reativado somente em junho de 1994, com interesse dos produtores rurais.³⁷⁹ A primeira entrega ocorreu em junho, de 15 tourinhos de raças Girolanda e Holandesa provenientes de Santa Cruz-RJ, e a segunda entrega em julho, de mais 15 animais.

Com a primeira colheita do ano marcada para abril, outro programa com continuidade neste ano foi o de Biotecnologia Tropical, realizado no Colégio Agrícola Antônio Sarlo que bateu recorde de produção, atingindo a meta de 700 toneladas ao todo em dezembro. Na entrevista do agrônomo Nasser Youssef, coordenador do projeto, concedida ao Monitor Campista em abril de 1994, ao ser questionado sobre a possibilidade de viabilização da reforma agrária com o orçamento federal para a agricultura direcionado para a biotecnologia, afirmou que,

Somente assim poderia ser viabilizada. Na atual realidade, reforma agrária é sinônimo do assentamento de agricultores em terras, mediante venda de maquinários e os chamados insumos básicos que inviabilizam o plantio antes mesmo de se plantar. Sem falar nas altas taxas de juros nos empréstimos bancários.³⁸⁰

E para o ano de 1995, duas metas seriam estipuladas, a produção de 900 toneladas de alimentos e a inserção de tomate no programa. Com o resultado do processo desde seu início, este foi implantado em 23 municípios do Estado do Rio de Janeiro, polo específico, mas também com experiências em São Paulo e no Rio Grande do Sul.

Uma das novidades para este ano, como brevemente foi comentado anteriormente, foi o início da Feira das Ilhas. Realizada pela primeira vez no dia 9 de julho, o projeto da Secretaria Municipal de Promoção Social com apoio da Secretaria de Agricultura e assistência técnica da EMATER, reuniu cerca de 20 produtores para expor suas mercadorias na Praça do Saco a preços reduzidos em 20%.

³⁷⁹ MONITOR CAMPISTA. **Projeto “Tourinho” será reativado.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.112, 19 Mai, 1994. p.3.

³⁸⁰ MONITOR CAMPISTA. **Biotecnologia revolucionária.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.92, 25 Abr, 1994. p.3.

Com diversos alimentos produzidos por assentados nas ilhas do município, sem agrotóxicos ou conservantes, como aipim, cenoura, couve, milho, batata doce, alface e laranja, este primeiro dia da feira recebeu para sua inauguração, a presença do prefeito Sérgio Mendes, do Secretário Estadual de Assuntos Fundiários do Estado, Almir Paula de Lima, e do Secretário de Agricultura do Estado, Anthony Garotinho.³⁸¹ Mesmo com a seca sofrida pela região das ilhas do paraíba no segundo semestre, a feira continuou ocorrendo durante o ano, principalmente com ajuda da Emater, que com o fornecimento de orientações com relação ao plantio contribuiu com a qualidade dos produtos.³⁸² Analisando a questão agrária no Estado, para o Secretário de Assuntos Fundiários e Assentamentos Humanos do Estado,

As experiências da Secretaria em Campos, Conceição de Macabu e outras áreas rurais são muito ricas e demonstram ser possível uma política de reforma agrária no Estado do Rio de Janeiro, se houver apoio do Incra e uma política clara nesse sentido. Após mapear as ilhas e identificar os usineiros, entramos com ações de reintegração de posse através da Procuradoria Geral do Estado, e 25 ilhas foram recuperadas, criando o projeto de produção agrícola.³⁸³

Para o segundo semestre, o debate político na região orbitou em torno da sucessão estadual, principalmente após Anthony Garotinho, com apoio considerado certo para a disputa eleitoral, renunciar ao cargo de Secretário Estadual de Agricultura, no final de abril. O novo Secretário Estadual de Agricultura, João Paulo Dutra de Andrade, ao assumir, destacou novas metas para a agricultura como o atendimento ao produtor rural e de pescado e confirmou que daria ênfase a projetos iniciados pelo secretário anterior que esteve oito meses no cargo, como os programas Moeda Verde Total e o de Alimentação Popular.³⁸⁴

No final de maio, foi homologada pelo PDT na convenção partidária ocorrida no Rio de Janeiro a chapa com Anthony Garotinho para Governador e o ex-prefeito de Resende, Noel de Carvalho, como vice-governador. Com grande festa popular durante o evento que contou com 31 ônibus com cerca de 1.520 pessoas de Campos para participar da convenção, e de acordo com os presentes, especulava-se a possibilidade de vitória no primeiro turno. Uma semana depois, a chapa lançou sua candidatura em Campos dos Goytacazes e articulou diversas reuniões de campanha com militantes e simpatizantes.³⁸⁵ Por outro lado, o vereador

³⁸¹ MONITOR CAMPISTA. **Feira das Ilhas é iniciada hoje**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.156, 9 Jul, 1994. p.3.

³⁸² MONITOR CAMPISTA. **Feira volta a movimentar a Praça do Saco**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.256, 12 Nov, 1994. p.3.

³⁸³ MONITOR CAMPISTA. **Projetos bem sucedidos já viabilizam reforma agrária**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.246, 31 Out, 1994. p.4.

³⁸⁴ MONITOR CAMPISTA. **Novo Secretário define metas para agricultura**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.82, 13 Abr, 1994. p.1.

³⁸⁵ MONITOR CAMPISTA. **Garotinho se reúne com militantes**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.131, 10 Jun, 1994. p.1.

campista Paulo Feijó, oposição à Anthony Garotinho, previa em sua análise que com as alianças partidárias articuladas, Marcello Alencar sairia vencedor do pleito.³⁸⁶

No primeiro turno realizado no dia 3 de outubro, a chapa peessedebista de Marcello Alencar e do candidato a vice-governador, Luiz Paulo, sairia na frente com 37,15% dos votos, contra 30,38% da chapa pedetista Anthony Garotinho e Noel de Carvalho. No segundo turno, o PDT sairia derrotado, com 43,92% dos votos contra 56,08% do PSDB, representado por Marcello Alencar. Com esta derrota, sendo o mais votado do interior do estado e também de Campos, com 138.315 mil votos, contra 22.912 de Alencar, o ex-prefeito de Campos, Anthony Garotinho, especulou o seu destino político avaliando as possibilidades, seja de candidatura para a prefeitura do Rio de Janeiro, de Duque de Caxias ou um eventual retorno à prefeitura goitacá,

Tive mais de um milhão de votos. Isso é mais do que o suficiente para me eleger. Também já fui comunicado do interesse do partido e da população em minha candidatura em Duque de Caxias, onde fui mais votado que Fernando Henrique. Mas por outro lado, ainda resguardo em mim, vontade de dar continuidade no que comecei em Campos. É uma escolha difícil que terei que fazer nos próximos meses.³⁸⁷

Além desta derrota para o PDT que considerava que sairia vencedor, o ano de 1994 foi muito sentido pelo partido por causa das eleições presidenciais. Leonel Brizola, ex-governador do Rio de Janeiro, renunciou ao cargo para concorrer às eleições presidenciais e teve o seu pior desempenho eleitoral, com cerca de 3,18% dos votos, pouco mais de 2 milhões de eleitores. Neste caso, a eleição se encerrou no primeiro turno, com a chapa de Fernando Henrique Cardoso (PSDB) para presidente, e Marco Maciel (PFL) para vice-presidente sendo eleitos com 54,28% dos votos, contra 27,04% da chapa que ficou em segundo, representada por Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Aloizio Mercadante (PT).

Na eleição para senador, o candidato do PDT, Jorge Roberto Silveira, ficaria em quarto lugar, superado por Benedita da Silva (PT) e Artur da Távola (PDSB), que alçaram às vagas. Para deputados federais, o PDT seria o partido com maior número de eleitos, com sete candidatos, entre eles, José Maurício e Carlos Alberto Campista, ambos da cidade de Campos dos Goytacazes. E por fim, para Deputados Estaduais, o PDT elegeu doze representantes, atrás somente do PSDB, com quatorze.

Para 1995, a prefeitura daria continuidade aos projetos investidos em 1994 na área da agricultura. O projeto das micro-usinas neste ano recebeu um grande salto, das cinco usinas

³⁸⁶ MONITOR CAMPISTA. **Feijó prevê vitória de Marcello com alianças.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.91, 23 Abr, 1994. p.1.

³⁸⁷ MONITOR CAMPISTA. **Garotinho volta a pensar em prefeitura.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.260, 18 Nov, 1994. p.1.

que existiam até o final de 1994, em novembro de 1995, o município chegaria a sua décima micro-usina, dobrando seu componente. Até o início do funcionamento desta décima, o resultado da produção chegaria a 6 mil e 500 litros de leite por dia, aumentando os ganhos dos pequenos produtores.³⁸⁸

O Projeto Tourinho, após a última entrega em julho de 1994, somente seria reativado em junho de 1995, com a entrega de 18 tourinhos a pequenos produtores³⁸⁹, e em novembro com outros 30 disponibilizados. O Projeto de Biotecnologia Tropical também foi mantido, e uma de suas metas principais cumpridas, a diversificação das culturas implantadas. Neste ano, o abacaxi e o maracujá participaram deste processo de implantação que se iniciou no primeiro semestre e ampliaria a produção, chegando a por exemplo, no caso da cultura do maracujá, a 2500 quilos de sua colheita em novembro. Para 1996, esperava-se boa colheita deste projeto que produzia também olerícolas e legumes distribuídos para instituições cadastradas no programa de creches e escolas, e a ampliação seguia uma meta para o ano seguinte de 18 mil abacaxis.³⁹⁰

Por fim, sobre a continuidade dos projetos deste ano, a Feira da Roça continuou funcionando na praia do Farol de São Tomé durante o verão e manteve seu movimento no ano de 1995, na Praça da República, no centro de Campos dos Goytacazes. Para este ano, a Feira da Roça foi estendida até o bairro do Turf, beneficiando cerca de cinquenta pequenos produtores. E segundo a presidenta da Associação dos Produtores da Feira da Roça de Novo Horizonte, Dilma Maria Rodrigues, “houve um crescimento muito grande, já existindo produtores cadastrados também em Guarus, além da que vem funcionando no Turf, em frente a TV Norte Fluminense”.³⁹¹

Outra feira que receberia ampliação seria a Feira das Ilhas, instalando-se na Praça Santa Terezinha, no bairro da Pecuária para além do seu lugar específico na Praça do Saco, ocasionando mais uma opção de compra. Em segundo ponto, neste ano seria comemorado o primeiro aniversário da Feira das Ilhas com programação especial, bolo e homenagem aos assentados no mês de julho, recebendo a presença do prefeito Sérgio Mendes.³⁹²

³⁸⁸ MONITOR CAMPISTA. **Micro-usinas de leite produzem 6,5 mil litros.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.236, 15 Out, 1995. p.1.

³⁸⁹ MONITOR CAMPISTA. **Projeto Tourinho tem nova entrega hoje no Agrícola.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.126, 6 Jun, 1995. p.4.

³⁹⁰ MONITOR CAMPISTA. **Biotecnologia aguarda boa colheita para 96.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.181, 10 Ago, 1995. p.1.

³⁹¹ MONITOR CAMPISTA. **Feira da Roça vai estender ao Farol no próximo mês.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.290, 20 Dez, 1995. p.1.

³⁹² MONITOR CAMPISTA. **Feira das Ilhas teve festa com bolo e homenagens.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.160, 16 Jul, 1995. p.1.

Em 1995 houve o III Congresso Nacional do MST, intitulado “Reforma Agrária: por um país de todos!”. Neste III Congresso Nacional do MST, fora decidido realizar processos de organização e ocupação em regiões onde ainda não estava espacializado, com isso, o movimento intensifica sua participação no estado do Rio de Janeiro.³⁹³

E para 1996, último ano de mandato de Sérgio Mendes, seriam desenvolvidos os mesmos programas afirmados durante este tópico de análise da gestão, como descreveremos abaixo. No entanto, a principal mudança para este ano na área ocorreu durante junho, com a substituição do até então secretário, Claudio Rodrigues Gomes, pelo pequeno produtor rural de Dores de Macabu, César Barreto. Neste caso, Claudio Gomes sofreu uma punição da gestão de Sérgio Mendes, especificamente por ter declarado apoio político ao então candidato Fernando Leite Fernandes para as eleições municipais de 1996.³⁹⁴

Sobre os programas desenvolvidos durante o ano, com assistência técnica da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) para este ano na análise do exame bacteriológico do leite produzido, duas novas micro-usinas foram inauguradas. Em fevereiro foi inaugurada a primeira micro-usina do ano no Farol de São Tomé e em novembro a segunda no bairro da Tapera, produzindo 500 litros de leite por dia.³⁹⁵

Durante este ano continuou ocorrendo a Feira da Roça. Em seu lugar principal, na Praça da República, com cerca de 200 pequenos produtores cadastrados, quanto na sua ampliação para a pracinha do Turfe, com mais 70 cadastrados, sendo um espaço de escoamento da produção dos pequenos. Para o até então Secretário Municipal de Agricultura, Claudio Gomes, “é uma maneira simples e eficiente da Prefeitura manter o homem no campo, fazendo o que sabe e o que gosta, servir a população com gêneros alimentícios frescos e de boa qualidade e evitar o êxodo rural”³⁹⁶. Em pesquisa da Empresa de Pesquisa Agropecuária do Estado do Rio de Janeiro (Pesagro-Rio) concluída em dezembro de 1996, nos últimos 40 anos, cerca de 70% da população passou a ocupar as cidades e a falta de investimento e interesse na questão agrária foi confirmada como a principal causa do êxodo rural. Ainda de acordo com o Presidente da Pesagro-Rio, Doracy Pessoa Ramos, o Estado investia 1% do que arrecadava em pesquisas para a melhora da qualidade dos alimentos produzidos em solo fluminense.

³⁹³ MITSUE, Morissawa. **A História da luta pela terra no Brasil e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001. p. 151.

³⁹⁴ MONITOR CAMPISTA. **Prefeito substitui dois secretários**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.139, 20 Jun, 1996. p.1.

³⁹⁵ MONITOR CAMPISTA. **Nova micro-usina de leite na Tapera será instalada até dia 15**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.255, 08 Nov, 1996. p.1.

³⁹⁶ MONITOR CAMPISTA. **Falta de investimento da agricultura causa o abandono do campo**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.280, 08 Dez, 1996. p.1.

Além da Feira da Roça, a Feira das Ilhas manteve sua atuação e deu um passo maior na questão organizativa, criando a Associação dos Assentados nas Ilhas do Rio Paraíba do Sul. Com o objetivo de congregar os pequenos produtores que formam um grupo de 23 pessoas entre as 60 famílias de lavradores assentadas legalmente, em um só organismo de representação. Francisco Rodrigues da Silva foi indicado como 1º presidente pela maioria dos pequenos produtores e no final de outubro, durante a criação desta associação, foi aberto um fundo de manutenção para arrecadar recursos necessários ao processo de legalização da entidade e aquisição de equipamentos agrícolas e insumos.³⁹⁷

O Projeto Tourinhos seguiu ocorrendo com entregas no primeiro e segundo semestre. A primeira entrega foi em março, de 13 tourinhos a pequenos produtores rurais no Colégio Agrícola Antonio Sarlo, com relação à segunda, esta ocorreu sob a presença do novo Secretário Municipal de Agricultura, César Barreto, em setembro, e foram entregues 17 tourinhos aos produtores.³⁹⁸

E por fim, o projeto de Biotecnologia Tropical buscou diversificar os alimentos neste ano, endereçados à rede de creches da prefeitura e aos estabelecimentos escolares municipais. Somadas as variedades de frutas e olerícolas, mesmo com o prejuízo da seca no cronograma durante os primeiros meses do ano, a colheita de maio resultou em 10 caixas de laranja, dez de maracujá, vinte de rabanete e dezessete caixas de aipim, entre outras variedades produzidas, como o frango, que seria enviado para consumo na merenda escolar.

Este resultado, produto do Projeto de Biotecnologia Tropical e das Hortas Comunitárias, teve a renovação concedida em julho pela Petrobrás por mais seis meses. Assinado entre o Gerente Geral da E & P Bacia de Campos, Luiz Rodolfo Landim Machado, e o prefeito de Campos dos Goytacazes, Sérgio Mendes, com a liberação da verba de R\$ 46.506,00, o convênio garantiria as 450 horas comunitárias e 50 escolares, influenciando o programa de abrangência social, “Plantando o Futuro”.³⁹⁹

No segundo semestre, já ao final de 1996, no governo estadual do psdebista Marcello Alencar (1995-1999), o movimento organizou o I Encontro Estadual do MST-RJ, com duas principais resoluções: iniciar o processo de interiorização do movimento no estado, com ênfase na baixada campista, visto que fora o local identificado com o maior número de

³⁹⁷ MONITOR CAMPISTA. **Produtores das Ilhas criam associação.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.145, 27 Jun, 1996. p.4.

³⁹⁸ MONITOR CAMPISTA. **Prefeitura entrega mais 17 tourinhos.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.207, 11 Set, 1996. p.1.

³⁹⁹ MONITOR CAMPISTA. **Convênio com Petrobrás garante 500 hortas.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.145, 11 Set, 1996. p.1.

latifúndios improdutivos; e organizar o MST no estado segundo as diretrizes da direção nacional, com a divisão em regionais e a constituição de uma direção estadual⁴⁰⁰.

E no segundo semestre em Campos dos Goytacazes, a disputa pela eleição municipal dominaria todo o cenário político campista. Sobre esta eleição, analisaremos no tópico adiante, observando a vitória do pedetismo e o início do novo mandato, discorrendo acerca dos cem dias de gestão até a primeira ocupação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no município.

2.3 – A VOLTA DE ANTHONY GAROTINHO PARA UM SEGUNDO MANDATO EM CAMPOS E OS PRIMEIROS CEM DIAS (1996-1997)

A eleição municipal seria realizada no dia 3 de outubro de 1996, com boas expectativas da volta de Garotinho a prefeito de Campos dos Goytacazes, após a derrota para governador e a experiência como Secretário de Agricultura do Estado do Rio de Janeiro. No entanto, meses antes esta disputa já estaria ocorrendo, o próprio Anthony Garotinho iniciou sua campanha em janeiro de 1996, com a decisão definitiva de que seria candidato para as eleições em entrevista durante o programa Nelson Nahim, na Rádio Cultura. E para além, anunciou pontos de seu programa de governo, como a conclusão do Trianon, a informatização da saúde, a implantação do médico de família, melhoria do transporte com a implantação de um novo corredor e novos serviços na área do social.⁴⁰¹

Um outro fator dentro do PDT que seria disputado neste ano e geraria uma certa tensão seria a definição do vice-prefeito para a chapa. Entre estes, o vereador Arnaldo França Vianna, o presidente da Companhia do Desenvolvimento do Município de Campos (Codemca), o empresário Murilo Dieguez, o ex-deputado estadual Fernando Leite e a Secretária Municipal de Educação, Beth Couto.⁴⁰²

Em maio o PDT indicaria Arnaldo Vianna para a candidatura a vice-prefeito em reunião no Sindicato dos Bancários sob protestos, por um lado da militância que ocupava as ruas do lado de fora do prédio e por outro do prefeito Sérgio Mendes. Em reunião para votação feita a portas fechadas, o vereador Arnaldo França Vianna ganhou a vaga por 37 votos a 10 concedidos ao ex-deputado Fernando Leite, três membros se abstiveram de votar.

⁴⁰⁰ ERNANDEZ, M.; ROSA, M.; SIGAUD, L.; Ocupações e acampamentos: estudo comparado sobre a sociogênese das mobilizações por reforma agrária no Brasil (1960- 2000). Rio de Janeiro: Garamond, 2010. p. 233.

⁴⁰¹ MONITOR CAMPISTA. **Garotinho inicia campanha para a prefeitura em 96**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.08, 11 Jan, 1996. p.1.

⁴⁰² MONITOR CAMPISTA. **Escolha do vice de Garotinho tem quatro postulantes**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.22, 28 Jan, 1996. p.1.

Para o prefeito Sérgio Mendes, que deixou o auditório antes da votação, afirmou que a escolha do vice

Era um jogo de cartas marcadas. O sentimento da militância é participar do processo. Eu tenho uma pesquisa feita com 300 pessoas, que divulgo nos próximos dias, onde Arnaldo tem 24% de apoio, enquanto Fernando tem 55%. Fernando tem a cara do PDT, ele representa o partido, mas a composição do diretório é feita em sua maioria por pessoas afinadas com Garotinho e a vontade dele vai prevalecer. Eu sei que a escolha é feita pelo diretório, mas ela também poderia ser democrática e deixar que a militância fizesse a escolha.⁴⁰³

Após as portas do prédio abertas com a chuva que caía na militância, houve confusão e Fernando Leite deixou o auditório antes do resultado anunciado. Para ele, em momento algum candidatou-se a vice da chapa de Garotinho “minha candidatura foi apresentada pela militância. Era uma inquietação e o diretório se mostrou insensível, fez ouvido de mercador para quem faz campanha e apoia os candidatos”.⁴⁰⁴ Por outro lado, com o resultado anunciado, Anthony Garotinho afirmou que

Na escolha do vice não há vencedores e nem vencidos. Nós selamos hoje a unidade do partido. A eleição transcorreu tranquilamente, embora o prefeito tenha mostrado que tinha outra visão do processo. A escolha não poderia ser diferente do que sempre aconteceu. A decisão do diretório é legal e tem representatividade. A escolha do diretório tem respaldo, porque os membros foram escolhidos por quase mil militantes. Quando eu disse que o candidato deveria sair do coração do partido, não significava que a militância escolheria. Vamos caminhar juntos para as eleições e ganhar no primeiro turno.⁴⁰⁵

Com a confirmação da candidatura de Garotinho, a ex-secretária de educação, Beth Couto, assume a presidência do diretório municipal. O interessante de se observar, seguindo a composição do partido na região, é que neste pleito votaram 44 membros do diretório e 6 vereadores, sendo que os vereadores membros do diretório tiveram direito a dois votos. Esta chapa encabeçada por Anthony Garotinho e Arnaldo França Vianna foi definida e homologada pelo partido em convenção do PDT-Campos, ocorrida dia 23 de junho de 1996, com a presença de oito mil militantes, no Automóvel Clube Fluminense.⁴⁰⁶

Entre as propostas pedetistas reunidas na coligação “A Força do Povo”, composta por PDT, PTB, PCdoB, PPB e PMN, houve destaque para o setor agrícola. Caso eleita, a prioridade da chapa candidata para esta área seria: a colonização agrícola, a irrigação, e a eletrificação rural, além de hortas domésticas e a diversificação de atividades relacionadas a

⁴⁰³ MONITOR CAMPISTA. **PDT escolhe Arnaldo sob protesto de Sérgio Mendes**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.119, 26 Mai, 1996. p.1.

⁴⁰⁴ Ibid., p.1.

⁴⁰⁵ Ibid., p.3.

⁴⁰⁶ MONITOR CAMPISTA. **PDT confirma Garotinho e cria comissão de ética**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.143, 25 Jun, 1996. p.1.

agricultura⁴⁰⁷. Ao especular sobre a possível vitória, Anthony Garotinho afirmou que sua candidatura ao “governo do Estado só depois do ano 2000. Vou adiar o sonho de ser governador, para, nos quatro anos à frente da prefeitura, colocar as finanças do município em dia e fortalecer minha imagem nacional.”⁴⁰⁸

Por outro lado, os principais concorrentes do PDT também se organizaram para participar do pleito. A convenção do PT que contou com mais de mil pessoas ocorreu em 16 de junho e confirmou o nome do professor Luciano D’Angelo como cabeça de chapa para concorrer à sucessão. E como vice seria Evaldino Coutinho do PSB, que optou junto com o PV, a firmar uma coligação com o PT para as eleições de três de outubro. O PFL apostou em um nome conhecido do público campista, Rockfeller de Lima, ex-prefeito da cidade, acompanhado do diretor da Faculdade de Odontologia de Campos, Luís César Lusitano. E o PMDB, com a coligação “Renova Campos”, que reuniu o PMDB e o PSC, confirmou o nome do deputado estadual e empresário do ramo de bicicletas, José Claudio de Oliveira Martins, sendo o vice deste, Paulo Lima.

A apuração dos votos na primeira eleição informatizada de Campos ocorreu após o término da votação de 3 de outubro e o resultado sairia no dia seguinte. Anthony Garotinho com 70,61% dos votos superou os outros candidatos e venceu a eleição no primeiro turno com 134.906 votos. Em segundo lugar esteve Rockfeller de Lima (PFL), com 15,81% representando 30.215 votos, em terceiro, José Cláudio (PSDB), com 6,82% e 13.030, e em quarto, Luciano D’Ângelo (PT), com 6% e 11.467 votos.⁴⁰⁹

Em sua primeira fala, o prefeito eleito prometeu fazer um governo melhor do que seu primeiro mandato, como a conclusão do Teatro Trianon impulsionando a cultura do município. Crítico à postura de secretários de Sérgio Mendes que supostamente fizeram boca-de-urna para Rockfeller de Lima (PFL), Anthony Garotinho admitiu a possibilidade de concorrer ao governo do Estado do Rio de Janeiro em 1998, “se for viabilizada uma aliança com o PT, existe essa possibilidade, mas não vou colocar isso como obsessão”.⁴¹⁰ Na Câmara Municipal a renovação foi menor que 50%, ao contrário de 1992, quando houve cerca de 70% no Legislativo Municipal. Entre os candidatos eleitos, o PDT seria o partido com maior

⁴⁰⁷ MONITOR CAMPISTA. **Garotinho dará prioridade a irrigação e eletrificação**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.158, 12 Jul, 1996. p.3.

⁴⁰⁸ MONITOR CAMPISTA. **Garotinho diz que não será candidato em 98 ao governo estadual**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.200, 31 Ago, 1996. p.3.

⁴⁰⁹ MONITOR CAMPISTA. **Vitória esmagadora de Garotinho com 70,61%**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.227, 05 Out, 1996. p.3.

⁴¹⁰ MONITOR CAMPISTA. **Garotinho admite disputar governo do estado em 98**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.158, 12 Jul, 1996. p.3.

número, com cinco, entre eles: Paulo Albernaz, este o vereador mais votado do pleito, Aílton Tavares, Geraldo Pudim, Nelson Nahin, irmão de Anthony Garotinho e Elizabeth Couto.

Em sua posse, o prefeito eleito decretou uma auditoria em todos os contratos celebrados nos últimos 180 dias na Prefeitura, afirmando estar assumindo a cidade endividada, diferentemente de como a deixou em seu mandato. Na solenidade de posse, o ex-vice prefeito do exercício esteve presente, Amaro Gimenes, para transmitir o cargo, e Sérgio Mendes se ausentou do evento realizado no Palácio da Cultura dia 1º de janeiro de 1997.

Na eleição para a presidência da Câmara Municipal, a vitória seria do vereador Paulo Albernaz (PDT) como presidente, e Edson Batista (PTB), como primeiro secretário do legislativo, ambos aliados do prefeito eleito. A equipe de governo foi composta por Luciano Aquino na Comunicação Social, Maria Auxiliadora Freitas na Educação, Ana Lúcia Boynard na Fazenda, José Ferreira Couto na Saúde, Suledil Bernardino na Administração, Ronaldo Linhares no Planejamento, Jane Rocha Nunes na Promoção Social, Roberto Henriques no Governo, Zacarias Albuquerque no Meio Ambiente e Defesa Civil e Cláudio Rodrigues Gomes na Secretaria Municipal de Agricultura, entre outros e outras que complementaram o secretariado.⁴¹¹

Nestes primeiros cem dias de mandato de 1997, os debates partidários no ano anterior, esta questão das dívidas da prefeitura e a forma como foi entregue inflamaram o espectro político no Partido e na Câmara Municipal. No dia 22 de janeiro, o diretório do PDT, após reunião realizada no Sindicato dos Trabalhadores Rurais, optou por expulsar do partido o ex-prefeito Sérgio Mendes, o ex-deputado Fernando Leite e Murilo Dieguez, ex-presidente da CODEMCA. Estes foram desfiliaados e tiveram as fichas partidárias canceladas, em decisão de 36 votos a favor, uma abstenção e um voto contra, em virtude do motivo de infidelidade partidária, acusados de participar de campanha a favor do opositor Rockefeller de Lima (PFL) e subirem o tom em críticas contra Leonel Brizola, chamando o ex-governador de “corrupto” e “sórdido”.⁴¹²

No dia 19 de fevereiro a Câmara Municipal de Campos aprovou por 14 votos, uma abstenção e um voto contra a instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para apurar denúncias de irregularidades que teriam sido praticadas pela administração do ex-prefeito Sérgio Mendes. Após a análise de diversos depoimentos como o de Anthony

⁴¹¹ MONITOR CAMPISTA. **Equipe de governo de Anthony Garotinho**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.01, 2 Jan, 1997. p.3.

⁴¹² MONITOR CAMPISTA. **PDT expulsa Sérgio, Murilo e Fernando**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.17, 22 Jan, 1997. p.1.

Garotinho e de Sérgio Mendes, houve o encerramento dos trabalhos da CPI e a conclusão declarando o ex-prefeito como culpado por fraudes e irregularidades em contratos com empreiteiras.

Os autos foram enviados para o Tribunal de Contas do Estado e ao Ministério Público para as medidas legais cabíveis, culpado por fraudes praticadas durante seu mandato, as empresas beneficiadas como a Tucum Construções, Linear Construtora, Sinna Construtora, WJ Engenharia, Toronto Terraplanagem, Kadosh Construtora e SC Construtora foram denunciadas como inidôneas para a prestação de serviços para a municipalidade. Nos autos também foi acionada a ex-secretária de Obras, Isabela Mayerhofer, para a apresentação de documentos desaparecidos.⁴¹³

Sobre os projetos apresentados para a agricultura, a secretaria e a prefeitura buscaram inicialmente rever os projetos. O Secretário Municipal de Agricultura, Claudio Rodrigues Gomes, afirmou estar satisfeito com o projeto de Biotecnologia, porém nos últimos seis meses o projeto teria sofrido um desgaste, com os produtos plantados abandonados e servidores dispensados, além disto, confirmou a possibilidade de uma reformulação da Feira da Roça. O projeto de Hortas Comunitárias em parceria com a Petrobrás estava no programa da prefeitura uma recuperação de todas as hortas integrantes.⁴¹⁴ Com a participação efetiva da UENF entre estes, o Projeto Tourinhos e a manutenção das micro-usinas, também estariam no grupo dos projetos da agricultura que seriam retomados em março, após o carnaval.

No final de fevereiro de 1997, a primeira remessa do ano com 27 tourinhos da raça Girolando provenientes do Espírito Santo foram entregues para pequenos produtores cadastrados no projeto, retomando-o nos primeiros dias de governo. Os técnicos da Emater-RJ foram os responsáveis por escolher os animais e acompanhar com auxílio técnico os pequenos produtores rurais.⁴¹⁵

E outro projeto reiniciado, a Feira da Roça, recebeu uma área cedida pela Prefeitura em meados de março para a realização de demandas da Associação dos Produtores da Feira da Roça. Esta área cedida a pedido da presidente da entidade, Dilma Maria Costa Rodrigues, passou a servir como um galpão para guardar as barracas e uma sala para reuniões da diretoria com os associados.⁴¹⁶

⁴¹³ MONITOR CAMPISTA. **CPI vai denunciar Sérgio Mendes à justiça**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.88, 18 Abr, 1997. p.1.

⁴¹⁴ MONITOR CAMPISTA. **Projeto de hortas está sendo retomado**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.17, 22 Jan, 1997. p.1.

⁴¹⁵ MONITOR CAMPISTA. **PMC entrega novos tourinhos dia 27**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.42, 22 Fev, 1997. p.1.

⁴¹⁶ MONITOR CAMPISTA. **Feira da Roça terá galpão em área cedida pela PMC**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.60, 15 Mar, 1997. p.1.

Nesta linha, com base no potencial do solo e o andamento dos lavradores no projeto o Pequeno Produz, a prática de diversificação agrícola capitaneava as novas metas do mandato para o ano na agricultura. Para esta prática, os projetos receberam atenção e investimento, como exemplo, houve o início da fruticultura em terras do Centro de Biotecnologia Tropical, valorizando as frutas típicas da região. Para este ano, o Centro buscava atingir cerca de 200 mil quilos de alimentos produzidos. A meta de 2.500 toneladas de alimentos em 500 hectares de área cultivada a partir das 300 famílias assentadas em áreas da fazenda Novo Horizonte. E a manutenção do Pequeno Produz, com recursos mecanizados para o preparo do solo e a assistência necessária da Emater-RJ para a obtenção de cerca de 5 mil toneladas de alimentos em um ano.⁴¹⁷

E neste mesmo mês de abril, em que o governo completaria cem dias, ocorreria a primeira ocupação articulada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, na cidade de Campos dos Goytacazes. Cerca de 200 famílias ocuparam desde a meia noite de domingo, 13 de abril, uma área de oito mil hectares de propriedade da falida Usina São João.⁴¹⁸ Este foi o estopim para a organização do movimento no município, do qual abordaremos com enfoque e aprofundamento no próximo capítulo, analisando a formação do MST após esta ocupação, sua trajetória e relação com o PDT, que seguiu governando Campos dos Goytacazes até 2006.

CAPÍTULO 3 – “NÓS VAMOS DANÇAR O FORRÓ ATÉ O FINAL” - A CONSOLIDAÇÃO DO MST NA REGIÃO E O FIM DA HEGEMONIA PEDETISTA NA PREFEITURA (1997-2006)

3.1 – O NASCIMENTO DO MST EM CAMPOS DOS GOYTACAZES E A RENÚNCIA DE ANTHONY GAROTINHO (1997-1998)

Como contextualizado no capítulo anterior, o PDT chega à prefeitura de Campos com a vitória de Anthony Garotinho em 1989. Neste mandato são implementadas políticas trabalhistas-agrárias que redimensionam a política voltada para a população rural campista. Com a vitória de seu sucessor, Sérgio Mendes, inicia-se a segunda gestão pedetista no município com rupturas e continuidades em políticas voltadas para o campo, e disputas

⁴¹⁷ MONITOR CAMPISTA. **Agricultura tem metas de diversificar a produção.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.79, 8 Abr, 1997. p.3.

⁴¹⁸ MONITOR CAMPISTA. **Sem terras ocupam área da Usina São João.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.84, 13 Abr, 1997. p.1.

partidárias efervescentes entre os planos trabalhistas. As derrotas de Brizola para presidente e Garotinho para governador, recrudescem o olhar pedetista e o mesmo Anthony Garotinho busca sua volta para um novo mandato na prefeitura campista no pleito de 1996. Neste pleito, Garotinho vence com folga no primeiro turno e consolida a terceira gestão seguida do PDT em Campos. Nesta mesma, cerca de cem dias após a posse, houve a primeira ocupação do MST em Campos, na Usina São João.

Iniciada na meia noite e meia do dia 13 de abril para o dia 14 de 1997, cerca de 200 famílias ocuparam uma área de oito mil hectares de terra de propriedade da falida Usina São João. A ocupação dos sem-terra acampados na área da Usina São João ocorreu sem resistência e um dos principais objetivos era pressionar o presidente Fernando Henrique Cardoso pela desapropriação da área, medida em processo com pouco andamento em quase um ano. Neste processo, a desapropriação seria por conta de uma dívida de R\$1,5 milhão, da falida usina, que não pagou a indenização devida aos 3 mil trabalhadores demitidos e outros que ficaram sem receber salários e direitos trabalhistas.

Articulada desde janeiro entre o MST e sindicalistas de Campos, a ocupação contou com famílias vindas de Macaé, Rio das Ostras, Casimiro de Abreu, Silva Jardim, Conceição de Macabu e Campos dos Goytacazes. Na programação do movimento, que contou com a presença de lideranças sob a supervisão do coordenador nacional, Francisco Lan, até o final da semana seguinte chegariam cerca de 1,5 mil famílias de municípios da região, cadastradas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra.

Outro parceiro fundamental no apoio ao MST em Campos dos Goytacazes foi a Comissão Pastoral da Terra (CPT). A organização que instalou seus primeiros agentes em 1997 em Campos dos Goytacazes com o objetivo de trabalhar com os assalariados do corte da cana no município e os moradores de Novo Horizonte, buscou sensibilizar a área urbana de Campos, como escolas e igrejas. A partir desta atuação, receberam roupas, sementes, medicamentos e ferramentas para enviar aos acampados em seu cultivo e trabalho.⁴¹⁹

Como ações seguintes, no dia 16 de abril um grupo se organizou para acampar no Largo São Francisco, no Rio de Janeiro, como forma de pressionar a intervenção do Estado a favor da ocupação. E no dia 17 de abril, uma comissão dos sem-terra se reuniria com o

⁴¹⁹ GONÇALVES, Renato Luiz. **A atuação da Comissão Pastoral da Terra (CPT) em Campos dos Goytacazes, RJ: uma análise do assentamento Zumbi dos Palmares**. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Departamento de Economia Rural, Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, p. 150, 2012. p.74.

Governador Marcello Alencar e com representantes do Incra na busca de resolver a situação das famílias que ocuparam as terras da Usina São João.⁴²⁰

No dia 15 de abril, a ocupação desta área de 8 mil hectares de terra da Usina São João chegaria a 530 famílias sem-terra. Neste primeiro momento, a prioridade para os líderes do movimento era conseguir, da Prefeitura de Campos, a construção de um barracão para as crianças estudarem, ou então transporte gratuito para que estas pudessem ir à escola. Segundo Paulo César da Silva, o MST aguardava uma posição do Incra, enquanto não ocorria, montaram uma horta para cultivar alimentos para sustento, e nestes primeiros dias, ex-trabalhadores da Usina São João que estavam sem receber a oito meses buscaram o movimento e a integração na ocupação.

Logo nestes primeiros dias foi articulado um encontro entre a representante do movimento, sindicalistas e a Prefeitura de Campos. Os sem-terra foram representados pela líder, Marina dos Santos, e um grupo de pequenos lavradores, os sindicalistas contribuíram com a presença de lideranças da Sindipetro, como Luís Carlos “Meio Quilo”, de trabalhadores da Cedae, como Hélio Anomal e membros da sociedade civil, como Guiomar Valdez. Pela prefeitura houve a presença do prefeito Anthony Garotinho, o vice-prefeito, Arnaldo Viana, da secretária de promoção social, Jane Nunes, e assessores.

Os sem-terra requisitaram auxílio à Prefeitura para a preparação da infraestrutura da área ocupada, em contrapartida, o prefeito garantiu o apoio e o envio de sua equipe ao local. Por outro lado, o prefeito afirmou que o Incra teria que negociar com as partes envolvidas, enquanto a Prefeitura se colocou como parceira dos sem-terra, para ajudá-los durante a fase de preparação da área para estabelecer uma nova vida. Em reunião entre Sebastião Lan, o vice-prefeito Arnaldo Viana, o superintendente do Incra, Fernando Scott e a secretária de Promoção Social, Jane Nunes, houve apoio irrestrito das autoridades aos trabalhadores. O movimento recebeu um trator para ajudar na montagem rápida das barracas de lona e para o cultivo de horta, além de um caminhão pipa que abasteceu o acampamento.

Após a reunião, Fernando Scott apresentou a posição do Incra, entendendo que a ocupação em Campos dos Goytacazes teria critérios para a análise de área para fins de reforma agrária, “avaliamos todos os itens referentes a Usina São João e inspecionamos sua condição financeira, com a falência documentada em cartório e as dívidas sociais com trabalhadores. A conclusão foi de que ela deveria ser alvo da reforma. Mas o Incra-Brasília

⁴²⁰ MONITOR CAMPISTA. **Sem-Terra pedem a Marcello apoio para a desapropriação.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.84, 23 Abr, 1997. p.1.

dará a palavra final”.⁴²¹ Scott afirmou que o Incra tomaria as medidas para levar adiante a chance de permanência da ocupação, não excluindo a possibilidade de desapropriação não só da São João, mas como outras usinas da região com perfil:

Assim que isso estiver esclarecido saberemos os caminhos da negociação, e faremos tudo dentro da atitude democrática de diálogo entre os trabalhadores e os proprietários. As usinas que estão paralisadas há mais de um ano, têm problemas sociais como desemprego e devem aos trabalhadores, podem em qualquer parte ser desapropriadas”.⁴²²

Com a Ação Integrada da Secretaria de Promoção Social, houve a vacinação geral de todos os integrantes da ocupação, assistência às mães e crianças, corte de cabelo, consulta médica, entre outras providências médicas. Através da Secretaria Municipal de Educação, foi enviada ao local uma supervisora para avaliar as necessidades de aulas para crianças com idade para a 1ª e 4ª série e para o curso de alfabetização. Atendendo a pedidos dos sem-terra, o prefeito prometeu interceder pelo aumento dos horários das linhas que seguem para a localidade, que era isolada do centro da cidade. E sobre a Secretaria de Agricultura, o projeto “O Pequeno Produz”, criado no primeiro mandato de Anthony Garotinho, seria estendido aos sem-terra, com máquinas agrícolas de preparação do solo e auxílio técnico da prefeitura. Além disso, os sem-terra tiveram ônibus cedidos pela prefeitura para a participação de uma manifestação de âmbito nacional sobre reforma agrária do dia 17 de abril no Rio de Janeiro.⁴²³

Para Anthony Garotinho, entrevistado sobre o caso em trabalho de Helena Lewin, “a preocupação em apoiar logo o movimento se deu para evitar divisão e reação, já que é um movimento com grande apoio da sociedade de Campos”.⁴²⁴ Após este auxílio inicial, as famílias e a coordenação do movimento reclamaram da insuficiente ajuda que o prefeito enviou, acusando o prefeito de abandono do acampamento após o não cumprimento do compromisso estabelecido.⁴²⁵

Cinco dias após a ocupação na Fazenda São Jerônimo da Usina São João, foi expedida uma liminar no dia 17 de abril que determinava a desocupação das famílias nas terras da

⁴²¹ MONITOR CAMPISTA. **Posição do INCRA**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.87, 17 Abr, 1997. p.3.

⁴²² Ibid., p.3.

⁴²³ MONITOR CAMPISTA. **Sem-Terra pedem ajuda e Garotinho atenderá com projetos de seu Governo**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.85, 15 Abr, 1997. p.3.

⁴²⁴ LEWIN, H. (org.) **Uma nova abordagem da questão da terra no Brasil: o caso do MST em Campos dos Goytacazes**. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2005. p.119.

⁴²⁵ Para Lewin, com relação à saúde na primeira visita do grupo de pesquisa ao acampamento, em junho de 1997, a situação encontrada fora de relativo abandono por conta do município. Durante todo o período da pesquisa de seu grupo, entre 1997 e 1999, o médico da prefeitura pouco apareceu no local. Somente em 1999 fora construído um posto de saúde, que permaneceu fechado e sem médico, deixando a população sem atendimento, já que só contavam com o SANDU, que não havia meio de transporte direto e era distante.

Usina. O juiz da 3ª Vara Cível de Campos dos Goytacazes, Carlos Azeredo Araújo, concedeu liminar aos donos da usina falida alegando que as terras seriam particulares, sem o ocorrido da desapropriação pelo Incra para a ocupação das famílias. Após esta decisão, houve a tentativa, em vão, de audiência com o juiz da suspensão da decisão pelos vereadores Antonio Carlos Rangel (PT) e Elizabeth Couto (PDT). O aumento da tensão no acampamento cresceu, três carros da Polícia Militar com cerca de 16 soldados, foram incumbidos desde o dia 16 de abril, a não deixarem mais nenhuma família a se juntar aos ocupantes, e outras pessoas foram impedidas de ir ao acampamento, como o presidente do Centro Norte Fluminense para Conservação da Natureza (CNFCN), José Francisco.⁴²⁶

Dois dias após a determinação da desocupação das famílias, a juíza relatora da 2ª Câmara do Tribunal de Alçada Cível do Estado do Rio de Janeiro, Marly Macedônio França, suspendeu o efeito da liminar concedida anteriormente. No despacho da juíza, foi determinado que o INCRA esclarecesse o que vinha sendo feito para regularizar a situação dos sem-terra na área. O agravo de instrumento que pediu a suspensão da liminar foi impetrado pelo defensor público, Marco Aurélio Bezerra de Melo, do Núcleo de Terras e Habitação do Estado, sendo esta, uma primeira vitória no âmbito da justiça do MST-Campos, que liderou a ocupação localizada a 14 quilômetros do centro de Campos.

Pela manhã deste dia 19, com a suspensão da determinação de desocupação da área, quatro integrantes do MST foram detidos pelo Capitão Leal da Polícia Militar, quando retornavam do centro ao acampamento e foram conduzidos à 134ª Delegacia de Polícia. A alegação para a detenção de Eledilson Nunes Quintanilha, Celso Querozema, Paulo César da Silva e Nadir Silvano foi de que havia um facão no carro que utilizavam, considerando arma branca. E na falta de justificativa mais convincente, alegou-se de que não havia a nota fiscal do facão com o grupo detido que fora detido até o fim da tarde, o que foi considerado arbitrariedade pelo advogado da Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa, Erivan França Filho, “no nosso entender, o capitão Leal abusou de sua autoridade”.⁴²⁷ Ressaltamos que na entrada da estrada que dava acesso ao acampamento havia um grupo de policiais militares que revistavam todas as pessoas e permitiam a entrada e saída das pessoas que estão vivendo na área.

Com a suspensão da determinação de desocupação da Fazenda São Gerônimo pelas famílias que a ocuparam, os sem-terra iniciaram o plantio de diversos tipos de alimentos após

⁴²⁶ MONITOR CAMPISTA. **Juíz mantém decisão de retirar famílias de terras ocupadas.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.88, 18 Abr, 1997. p.1.

⁴²⁷ MONITOR CAMPISTA. **Juíza garante ocupação dos sem-terra.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.89, 19 Abr, 1997. p.3.

a área preparada no decorrer da semana. As sementes para o plantio de melancia, couve, alface, aipim, abóbora e pepino foram doadas pela Secretaria Municipal de Agricultura, com o trabalho de plantio realizado por acampados nas hortas preparado pelas mulheres, e na lavoura, pelos homens. Nestes dias, houve a adesão de famílias de trabalhadores que estavam sem receber salário da Usina São João há quase um ano, chegando a cerca de 700 famílias no acampamento. Para uma das lideranças dos sem-terra, Francisco Lan, a prefeitura está dando apoio às famílias que estão no acampamento, o que acreditava que não haveria problema, por ser o Partido Democrático Trabalhista na administração, considerado por ele um partido de oposição.⁴²⁸

Na edição número 170, de julho de 1997, o Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra daria ênfase ao caso da ocupação na Usina São João, repercutindo uma entrevista feita com Francisco Lan. Nascido em Cabo Frio, Francisco Valença Lan, conhecido entre companheiros como “Chiquinho”, foi um dos responsáveis pela organização do MST no norte do estado do Rio de Janeiro. Sua trajetória é marcada por uma história de luta no campo, em 1988, seu pai foi assassinado em consequência de atividades sindicais em São Pedro da Aldeia, enquanto sua mãe vivia em Campos Novos aguardando o título da propriedade da sua terra mesmo após a desapropriação do Incra, em 1987.

Iniciando no movimento sindical em 1993 como vice-presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cabo Frio, no final de seu mandato teve a oportunidade de participar de um curso de formação no Espírito Santo, sendo integrado ao MST na sequência. Na entrevista, Lan detalha os sem-terra da região norte, o início da organização, como foi a ocupação e planos futuros:

Gente que trabalhava nos canaviais e perdeu o emprego. Em 1984, 68 mil pessoas trabalhavam nos engenhos e hoje não passam de oito mil. A região é muito pobre e todo o alimento vem de fora. Com a falência dos usineiros, as dificuldades econômicas aumentaram. Já tinha sido desenvolvido algum trabalho de organização, mas sem grande resultado. No último Encontro Nacional, definimos o estado como prioridade e, em dezembro do ano passado, dividimos o estado em quatro regiões. Em janeiro de 1997, cheguei no norte só com uma mochila nas costas e o contato de um diretor do Sindicato dos Empregados da Petrobrás. Percorri as áreas pobres da cidade para cadastrar as famílias e fazer encontros com as entidades dos trabalhadores urbanos. No início, achamos que seria difícil por causa da violência dos usineiros e tínhamos receio de não ter apoio. Ganhamos a opinião pública principalmente por causa da Marcha e também porque as outras categorias de trabalhadores estão em dificuldades e o MST aparece como uma forma de esperança. Já existe um Fórum de Apoio ao Movimento com associações e sindicatos urbanos que fizeram, inclusive, a segurança

⁴²⁸ MONITOR CAMPISTA. **Sem-Terra recebem trator da PMC e começam a plantar.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.90, 20 Abr, 1997. p.1.

durante um acampamento. A gente é referência e estamos juntos nas atividades dos trabalhadores urbanos. A região é exemplo de integração com os urbanos. Ocupamos a usina com 300 famílias e agora fechamos o cadastramento com 1000. A região é pobre demais e durante o cadastramento das famílias da periferia, as pessoas diziam que gostariam de ir, mas que não tinham condições para comprar a lona e pagar o ônibus. Cadastramos e depois buscamos o pessoal com a ajuda dos petroleiros, bancários, trabalhadores da água e esgoto, professores estaduais, estudantes e servidores federais. Não nos interessa colocar as usinas em funcionamento porque as melhores peças foram roubadas e as empresas estão cheias de dívidas. Na São João, acabamos com o canavial em 30 hectares e já estamos plantando feijão, laranja, banana e milho.⁴²⁹

Por outro lado, em uma coluna na mesma página, o jornal traria ênfase à falência dos usineiros na região, demonstrando a decadência do setor nas últimas décadas. Das 27 usinas que existiam em 1969, restavam 9 em 1997, com a possibilidade da falência iminente de duas, em um setor que já empregou 40 mil pessoas e neste momento empregava somente 8 mil trabalhadores, contribuindo para a formação das 30 favelas em que vivem 10% da população da cidade, segundo o Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e do Alcool.⁴³⁰

Fragmentos de grupos considerados conservadores, no dia 26 de abril, menos de 15 dias após a ocupação da Usina São João, publicaram uma nota na capa da primeira página do Monitor Campista com o título de “Não à Ocupação”. Assinada por diversas entidade como: a Associação Comercial, Industrial e Agropastoril de Campos, Associação Fluminense dos Plantadores de Cana, Cooperativa Fluminense de Abastecedores dos Plantadores de Cana, Cooperativa de Crédito dos Plantadores de Cana do Estado do Rio, Cooperativa Mista dos Plantadores de Cana do Estado do Rio, Cooperativa dos Produtores de Leite de Campos (COOPERLEITE), Federação das Indústrias do Estado do Rio, Fundação Rural de Campos, Sindicato da Indústria e do Açúcar do Rio de Janeiro do Espírito Santo e o Sindicato Rural de Campos, que afirmaram:

Ainda perplexos, e sob o impacto da agressiva e ousada ação, os produtores rurais da região, por suas entidades abaixo nominadas, a propósito das invasões de terra recentemente ocorridas no Município de Campos pelos chamados componentes do MST, vem a público para, repudiando com a maior veemência, trazer à consideração da comunidade regional os seguintes aspectos: ao combater a invasão, queremos deixar claro que não somos contrários a uma Reforma Agrária feita com atos legais em terras devidamente desapropriadas, sob valor justo e pago aos seus legítimos proprietários. Isto não se aplica a nossa região, que vem sendo desenvolvida com base no esforço de gerações e gerações de homens que há mais de quatro séculos trabalham a terra, gerando o sustento de cada um e a riqueza

⁴²⁹ MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. “A região é um exemplo de integração com os urbanos”. Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, São Paulo, n.170, Jul, 1997. p.5.

⁴³⁰ Ibid., p.5.

que construiu nossa comunidade. Nestes quatrocentos anos de atividades agroindustriais, a terra foi dividida de forma mais natural possível de tal modo que hoje predomina expressiva maioria de pequenas propriedades ao lado de reduzido grupo de propriedades maiores das agroindustriais num processo em que a legitimação da posse da terra se fez de forma democrática, autêntica e respeitosa. Face a problemas de várias naturezas, inclusive e principalmente a falta de apoio das autoridades constituídas em seus diversos escalões, os produtores rurais e as agroindustriais da região vem arrostando prolongada crise que tem levado algumas dessas agroindústrias a interromperem suas atividades temporariamente, em busca de saídas adequadas a retomada da produção, como é o caso da Usina São João. É nesse universo verdadeiramente de produção, que aventureiros e oportunistas, em sua maioria de outras regiões apoiados pela insensibilidade de alguns que nunca se preocuparam em ter conhecimento da situação do setor agridem a ordem e a lei em frontal desrespeito ao direito de propriedade. O remédio jurídico está – e assim deve continuar – sendo buscado para bloquear tal invasão, mas até que seja restabelecido o estado de direito, fica criado o precedente lastimável do desrespeito ao direito de terceiros. Hoje é a terra, amanhã a residência e assim fica aberto o caminho ao caos como séria ameaça à organização de nossa sociedade. É deplorando esse estado de coisas que apresentamos à comunidade regional nossa profunda reação, o que deve servir de reflexão e alerta a todas que querem viver de forma equilibrada e respeitosa em paz.⁴³¹

Nesta linha, para o deputado federal Paulo Feijó (PSDB), ligado a União Democrática Ruralista (UDR), e um dos representantes eleitos da região de Campos, cobrou medidas com relação ao MST em Campos, afirmando que “a invasão de terras produtivas por trabalhadores rurais constitui-se em ato tão violento quanto a própria situação em que se encontra o MST”. Feijó ressaltou em seu depoimento realizado em sessão na Câmara dos Deputados, no dia 30 de abril de 1997, que as entidades dos produtores rurais se manifestaram perplexas com as “invasões” em terras que não são tipificadas no entendimento do parlamentar como destinadas à reforma agrária, pois cumprem com o fim social, como glebas produtivas. Concluindo, o “Incrá não pode assistir, passivo, às invasões que se fazem em Campos, tendo que assumir definições que incluam, também, o assentamento daqueles trabalhadores em outras áreas mais apropriadas e realmente desprovidas de uso socialmente justo”.⁴³²

Na mesma semana de abril houve o encontro de representantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e da Federação dos Trabalhadores na Agricultura (FETAG) com o governador Marcello Alencar, que reuniu todo o seu secretariado para a discussão. Na ocasião, foi assinado um protocolo de intenções para orientar as ações conjuntas do governo, para a implementação do Programa Emergencial de Reforma Agrária no Estado do Rio, com gerenciamento do Instituto de Terras e Cartografias do Estado (ITERJ).

⁴³¹ MONITOR CAMPISTA. **Não à Ocupação**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.94, 26 Abr, 1997. p.1.

⁴³² MONITOR CAMPISTA. **Feijó cobra medidas sobre as invasões de terra em Campos**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.99, 03 Mai, 1997. p.3.

Sebastião Paixão, presidente do órgão, afirmou que o convênio assinado possibilita o desenvolvimento de um novo trabalho nos assentamentos rurais, através de serviços técnicos voltados para garantir a independência econômica dos agricultores. Preparado com base em pesquisas realizadas junto aos assentados em território fluminense, a intenção era criar uma nova política nos assentamentos em andamento, buscando a correção das deficiências como a lentidão jurídica e a expansão do acompanhamento técnico das famílias assentadas para acelerar a reforma agrária na região.⁴³³

Um mês após a reunião do MST com o governador, foi a vez do presidente do Sindicato Rural de Campos, José do Amaral Ribeiro Gomes, entregar um manifesto dos produtores rurais campistas pedindo para que ele interceda determinando a desocupação das terras da Usina São João. José do Amaral assim como a entidade em sua maioria consideravam as terras da falida usina produtivas e afirmava “manifestar total repúdio e indignação à violentação ao direito de propriedade e o estímulo à violência no campo, com a omissão das autoridades nas invasões ilegais as terras produtivas, como a que aconteceu em Campos”.⁴³⁴

Enquanto ocorria a disputa política, o MST estipulava até dia 10 de maio de 1997 o aceite de famílias que queiram aderir à ocupação. Campos, neste momento de início de ocupações na região, tinha 26 mil famílias indigentes, 38 favelas, entre elas urbanas e rurais, com uma população estimada em 40 mil pessoas somente nestas, em dados apresentados pelo mapa da fome do Instituto de Pesquisa Econômica Social do Ministério do Planejamento (IPEA). Depois do fechamento desta primeira fase de acolhimento e cadastramento das famílias, o movimento começaria o trabalho de organização interna no acampamento, com cada um dos quinze grupos montados responsáveis por trabalhar a terra e detectar oportunistas na ocupação.

Segundo Marina dos Santos, uma das coordenadoras do movimento, até o dia 2 de maio, 800 famílias estavam no acampamento, destas, 80% são campistas e 210 famílias provenientes de ex-funcionários da antiga usina, sendo a meta do movimento, reunir mil famílias no acampamento. Na semana seguinte, dentro do planejamento inicial da organização, ocorreria o início do programa de educação para acampados, no qual as cerca de 400 crianças receberão orientações educacionais, além disto. Nesta entrevista coletiva

⁴³³ MONITOR CAMPISTA. **Estado quer agilizar assentamentos rurais**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.95, 27 Abr, 1997. p.3.

⁴³⁴ MONITOR CAMPISTA. **Produtores querem saída dos sem-terra**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.117, 24 Mai, 1997. p.3.

concedida no Sindicato dos Bancários de Campos por Marina dos Santos e Francisco Lan, os dois afirmaram confiança na desapropriação da terra ocupada em um prazo de cinco meses.⁴³⁵

No final de maio houve encontro de cerca de 30 coordenadores estaduais do MST em Campos dos Goytacazes para discutir a situação dos acampados na ocupação em território campista. Traçando os próximos passos do movimento no Sindicato dos Comerciais de Campos, segundo Francisco Lan, foram plantados o equivalente a 180 quilos de feijão e 60 quilos de milho na fazenda, e na organização, os 14 lotes, cada um com três alqueires serão trabalhados por grupos de até 100 família, responsáveis por culturas diferentes de plantio.⁴³⁶

Ainda sobre a atuação do MST neste ano, o movimento estreitou os laços com lavradores da cidade, com a presença de 100 integrantes dos sem-terra no assentamento, onde permaneceram de vigília. Isto ocorreria principalmente a partir do apoio às famílias assentadas na Ilha Grande, do projeto de Ilhas do Paraíba, desenvolvido em parceria entre o governo do Estado e a prefeitura de Campos, que receberam a notificação de desocupação da área, conforme determinação do juiz Edmundo Machado, da 4ª Vara Cível de Campos.

Os agricultores ouviram as determinações do MST e receberam auxílio da prefeitura, como alimentação, colchonetes, água e produtos de primeira necessidade para a Ilha, situada a cerca de 4 km da Usina Santa Cruz. No dia seguinte, 11 de setembro de 1997, houve uma liminar concedida pelo juiz Carlos Lazilo, da 3ª Câmara Cível do Tribunal de Alçada do Estado que foi comemorada pelos agricultores, afirmando que eles poderiam permanecer na área, pelo menos durante o tempo em que estiver sendo processada nova ação por parte do fazendeiro Rubens Fernandes, que alegava a posse da ilha.⁴³⁷

Neste mês de maio, entre os dias 30 e 31 ocorreria o 1º Congresso Regional dos Petroleiros do Norte Fluminense, no Sesc-Mineiro, em São João da Barra. Com representantes de movimentos como o MST, a FUP e a CUT, no primeiro dia houve uma plenária com os temas relacionados a análise de conjuntura, sindicalismo, saúde, meio ambiente e novas tecnologias no setor do petróleo, enquanto no segundo dia ocorreu a plenária final.⁴³⁸ A criação do Sindipetro-NF ocorreu e foi aprovada em um plebiscito realizado no ano de 1995.

⁴³⁵ MONITOR CAMPISTA. **Ipea diz que Campos já tem 26 mil famílias indigentes.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.99, 03 Mai, 1997. p.3.

⁴³⁶ MONITOR CAMPISTA. **Campos vai sediar encontro dos coordenadores do MST.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.117, 24 Mai, 1997. p.4.

⁴³⁷ MONITOR CAMPISTA. **Ilha Grande festeja liminar com banho de vinho.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.210, 11 Set, 1997. p.1.

⁴³⁸ MONITOR CAMPISTA. **Petroleiros tem congresso hoje e amanhã.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.122, 31 Mai, 1997. p.1.

Entre os dias 17 e 29 de junho de 1996 realizou-se eleição entre duas chapas para a diretoria do Sindipetro-NF, com 2197 votos de petroleiros, que representavam 46,08% dos sindicalistas aptos a votar, elegendo a Chapa 1 – Solidariedade e Luta com 52,03%, enquanto a Chapa 2 – Da Base, recebeu 42,64%.⁴³⁹ Com o encaminhamento, a direção do Sindipetro-RJ, que representava os petroleiros do Norte Fluminense, deu início ao processo da estatuinte do Sindipetro-NF. Houve as disputas sobre as propostas de estatuto nas plenárias realizadas, as Plenárias Estatuintes, e foram apresentadas à categoria em 17 de abril de 1997. A criação do sindicato ocorreu em anos conturbados para o movimento, que percebia que desde a eleição de Fernando Henrique Cardoso (PSDB), havia a intenção da privatização de empresas estatais e o enfraquecimento do sindicalismo. Para o diretor da Sindipetro-NF entre 1997-2017, José Maria Rangel,

A categoria estava machucada. Fernando Henrique Cardoso estava no começo de seu mandato e tínhamos acabado de sair da greve de 1995. Era a hora de fortalecermos nossa base, e agora, com autonomia, se tornaria mais fácil repassar e criar nossos indicativos junto aos petroleiros do Norte Fluminense. Sabia que daríamos um grande salto de qualidade.⁴⁴⁰

E neste ano de 1997, o sindicato estreitou as suas relações com o MST. Com sete dias de caminhada de protesto de Casimiro de Abreu até o centro do Rio de Janeiro, o Sindipetro-NF esteve presente na “Marcha Estadual pela Reforma Agrária, Emprego e Justiça”. Além deste momento próximo ao MST, a ocupação da Usina São João contou com a presença de representantes e dirigentes do Sindipetro-NF, como nos conta o diretor “Meio Quilo”:

Junto ao Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra, movimento estudantil e forças políticas parceiras, participamos diretamente da organização da ocupação da Usina São João, em Campos dos Goytacazes. Nos reuníamos na sala do sindicato, no edifício Ninho das Águias. Naquela época tinha havido o Massacre de Eldorado dos Carajás e, por isso, Sebastião Salgado tinha doado umas telas muito bonitas para o movimento, exibidas em uma mostra itinerante pelo Brasil. Trouxemos esta exposição para Campos e as pessoas acharam que era uma passagem, mas o MST tinha vindo para ficar na cidade. Após alguns dias nos organizando, nos encontramos no bar Boi Zebu, na Avenida Pelinca, o reduto da burguesia; nos concentramos lá e partimos para a ocupação da Usina. Acredito que esta ocupação selou a parceria do Sindipetro-NF com o MST. Estamos nesta luta pela reforma agrária e pela soberania do Brasil juntos até hoje.⁴⁴¹

A senadora petista, Benedita da Silva, também criticava o governo FHC e a postura da esquerda contra o mandato, conclamando uma união da oposição para que a direita não continue governando o país com ideais neoliberais. Em visita à Campos em junho de 1997,

⁴³⁹ SINDIPETRO-NF. **20 anos do Sindipetro-NF**. Macaé /Campos: Sindipetro NF, 2017. p. 54 e 57.

⁴⁴⁰ Ibid., p. 53.

⁴⁴¹ Ibid., p.75.

Benedita esteve no acampamento do MST na Usina São João, acompanhada de Anthony Garotinho e o vice-prefeito Arnaldo Vianna, articulando contatos entre PT e PDT.



(Monitor Campista, n.124, 03 de junho de 1997)

Neste momento, o acampamento contava com cerca de 970 famílias de lavradores trabalhando na limpeza das áreas onde existiam canaviais anteriormente, as crianças com atividades escolares e o cultivo inicial de um hortão. Para Benedita, “ficou constatado o apoio total do Governo Garotinho ao Sem-Terra, com insumos agrícolas e sementes, gêneros de primeira necessidade e assistência médica semanal”.⁴⁴² Por fim, em sua visita a senadora se comprometeu com a reforma agrária na região, buscando atuar no plenário e na frente partidária para agendar audiência sobre a regularização de um assentamento na ocupação com o Ministro da Reforma Agrária.

No dia primeiro de outubro ocorreria a primeira missa oficial da Igreja Católica no acampamento Zumbi dos Palmares, na antiga Usina São João. Cerca de 200 pessoas estiveram presentes na missa planejada pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), entre trabalhadores rurais sem-terra, representantes da Pastoral da Criança, da Diocese de Campos e visitantes, sendo esta, realizada pelo padre Nelson Motta, da Paróquia Nossa Senhora de Fátima, que se comprometeu a fazer celebrações semanais no acampamento.

Como simbolismo, os sem-terra levaram ao altar oferendas para serem abençoadas, como a terra preta e fértil, e verduras, que são os frutos da terra trabalhada. Neste momento, pediram a bênção para a escola, que foi construída em regime de mutirão, que acolheria em seu espaço, crianças e 120 adultos, para alfabetização e começaria no mesmo dia, com oito

⁴⁴² MONITOR CAMPISTA. **Benedita quer oposição unida.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.124, 03 Jun, 1997. p.1.

turmas, de 17h às 21h, a partir de trabalhos coordenados pela pedagoga Isabel da Silva e material confeccionado pelos alunos.⁴⁴³

Ainda em outubro, o presidente nacional da Central Única dos Trabalhadores (CUT), Vicente Paulo da Silva, visitaria o MST, sindicatos e teria um encontro com o prefeito de Campos, Anthony Garotinho. Com o objetivo de dar apoio irrestrito aos integrantes do MST, Vicente Silva defendeu a reforma agrária como uma necessidade urgente do país, sinalizando que o aumento de assentamentos na região seria positivo para o município, “os proprietários rurais não têm compromisso social, são improdutivos e a ideia de renascer a UDR representa o que há de pior. Se o trabalhador invade terra, não é por prazer, mas por necessidade”.⁴⁴⁴

O prefeito de Campos fez questão de visitar o acampamento “Zumbi dos Palmares” em conjunto com Vicente Silva, onde Garotinho reiterou que a presença do líder da CUT “é um reforço para que o Governo Federal, acelere o processo de legalização e oficialização daquela área para cultivo”.⁴⁴⁵ Vicente reforçou que o prefeito seria aliado das questões sociais dos sem-terra, sendo este, politicamente, “hoje uma das expressões da nova geração de políticos a nível nacional”.⁴⁴⁶

Por outro lado, o Ministro Extraordinário da Política Fundiária, Raul Jungmann, recebeu em Brasília no final de outubro, o presidente do Sindicato dos Produtores Rurais de Campos, José Amaral, e o deputado federal Paulo Feijó (PSDB), de Campos. No encontro, foram abordadas questões sobre a ocupação da Usina São João e dificuldades dos produtores rurais, com o ministro Jungmann mostrando-se favorável a recuperação do setor sucroalcooleiro em Campos e que não permitiria a “ocorrência de invasões irregulares no município”. Além disto, garantia a não disponibilidade de novas áreas para assentamentos no município, já que neste período, os proprietários das fazendas concordaram com as desapropriações de áreas da Usina que foram consideradas improdutivas pelo INCRA.

Em 5 de dezembro deste mesmo ano, o seminário realizado na Escola Técnica Federal de Campos, chamado “Diagnóstico dos Sistemas Agrários do Norte Fluminense”, contou com a presença do Governador Marcello Alencar, do ministro Raul Jungmann e do presidente do Incra, Milton Seligman. Neste evento, foi entregue a imissão de posse dos 3 mil hectares de terras da Usina São João para as famílias, concretizando a desapropriação da área ocupada, seguindo as garantias afirmadas pelo governador:

⁴⁴³ MONITOR CAMPISTA. **Pastoral celebra missa no acampamento do MST**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.230, 01 Out, 1997. p.1.

⁴⁴⁴ MONITOR CAMPISTA. **Vicentinho critica ruralistas e o governo FHC em Campos**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.254, 30 Out, 1997. p.1.

⁴⁴⁵ Ibid., p.1.

⁴⁴⁶ Ibid., p.1.

A desapropriação está garantida e as famílias só precisam aguardar o início do processo de assentamento. Mas não basta dar a terra. Através de nossos técnicos da área agrícola, vamos ensinar essas famílias a organizarem a produção, garantindo sua subsistência e ainda conseguindo lucro com a comercialização.⁴⁴⁷

Marcello Alencar neste seminário, por outro lado, declarou a importância e preocupação com o setor sucroalcooleiro de Campos, “embora hoje só existam seis usinas de açúcar em Campos, esse setor sempre foi a mola-mestra dessa região”. Outro presente no evento, foi o prefeito Anthony Garotinho, que afirmava acreditar no processo da reforma agrária, contribuindo para reverter o quadro de evasão do município,

Só a união dos governos federal, estadual e municipal pode fazer uma reforma agrária efetiva. A reforma agrária tem que ser um movimento de justiça social. Todos os países que prosperaram fizeram a reforma agrária. Os estudos realizados apontam para uma excelente produção. É necessário dar aos assentados uma estrutura para que eles possam produzir.⁴⁴⁸

No ano seguinte, em janeiro, cerca de 100 famílias de trabalhadores rurais desempregados ocuparam a Fazenda Ilha Grande, da Usina Baixa Grande. A ocupação teve a liderança do MST, e iniciou-se na madrugada de domingo, dia 4, para segunda, dia 5. Com uma área com capacidade para 300 famílias, segundo Marina dos Santos, a prioridade desta área seria para os 420 ex-empregados da Usina Baixa Grande, que, falida, estava sem pagar os salários destes trabalhadores. Marina garantiu que as terras desta Usina seriam improdutivas, principalmente por estar falida desde 1995 e os bens penhorados para o pagamento de dívidas, além disto, a fazenda já estaria cadastrada no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra).⁴⁴⁹

Em assembleia realizada em janeiro de 1998 no Zumbi dos Palmares, os assentados decidiram a divisão em grupos na ocupação da área. Após esta escolha e parcelamento nas áreas, parte dos assentados recebeu créditos de instalação, inicialmente os créditos de alimentação (R\$ 400,00) e de fomento (R\$ 1.025,00).⁴⁵⁰ Entre os divididos, o primeiro núcleo foi denominado Zumbi I, conhecido anteriormente como Porto dos Bondes; o segundo, Zumbi II (Jacarandá); o terceiro, Zumbi III (São Gregório); quarto núcleo, Zumbi IV (Campelo); quinto, Zumbi V (Cajueiro). Com uma média de 10 hectares por lote, no total existiam 506 distribuídos pelo INCRA.⁴⁵¹

⁴⁴⁷ MONITOR CAMPISTA. **Incra garante a desapropriação de área para reforma agrária**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.282, 05 Dez, 1997. p.1.

⁴⁴⁸ Ibid., p.1

⁴⁴⁹ MONITOR CAMPISTA. **Sem terras invadem fazenda de usina**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.02, 06 Jan, 1998. p.1.

⁴⁵⁰ FAO/INCRA. **Proposta de Plano de Desenvolvimento do Assentamento Zumbi dos Palmares**. Rio de Janeiro. 159p.

⁴⁵¹ ZINGA, Raul Mazissa. **Um estudo de caso sobre as causas da permanência e da desistência no assentamento Zumbi dos Palmares, Campos dos Goytacazes, RJ**. Dissertação (Mestrado em Políticas

Durante o mês de março de 1998, a Secretaria de Promoção Social, na representação de Jane Nunes, prestaria auxílios aos assentados das áreas desapropriadas pelo Incra. Neste 5 de março, Jane Nunes fez a entrega de cestas básicas em uma das áreas do Zumbi dos Palmares e da Fazenda Ilha Grande, nas instalações da Usina Baixa Grande. A promessa seria de que periodicamente, a secretaria faria distribuições de gêneros alimentícios e outros materiais necessários às famílias. Jane Nunes afirmou que a responsabilidade em suprir estas necessidades é do Incra, porém a prefeitura tem se preocupado com as comunidades destas áreas, realizando um levantamento das necessidades e o empréstimo de materiais, como um trator da municipalidade e a manutenção de óleo diesel semanal para o funcionamento da máquina.⁴⁵²

Um mês depois, ocorreria a renúncia de Anthony Garotinho à prefeitura de Campos, para dedicar-se à campanha para governador do Estado do Rio de Janeiro. Para a sua renúncia, Garotinho clamou um plebiscito municipal para compreender se a população estaria de acordo com sua renúncia para concorrer ao governo, transferindo a função para seu vice, Arnaldo Vianna. Um dos argumentos colocados pelo prefeito era que com a aliança de Brizola e Lula para a presidência, a partir desta aliança à presidência, abriria uma possibilidade para o executivo estadual. No resultado do plebiscito, Garotinho obteve 95% de aprovação para se candidatar à disputa política.⁴⁵³

No dia 2 de abril de 1998 seria empossado como prefeito, Arnaldo França Vianna, ex-vice prefeito e como seu primeiro ato, empossou o médico, Alexandre Mocaiber, como Secretário Municipal de Saúde. O ritmo do novo governo, segundo Arnaldo Vianna, seguiria com continuidade aos projetos e obras iniciados na gestão de Anthony Garotinho, porém com dedicação especial à área da saúde.⁴⁵⁴

3.2 - OS DOIS MANDATOS DE ARNALDO VIANNA E A CONSOLIDAÇÃO DO MST NA REGIÃO (1998-2004)

Sociais) - Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes, 120p, 2012. p.50.

⁴⁵² MONITOR CAMPISTA. **Promoção social presta auxílio aos assentados**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.49, 05 Mar,1998. p.5.

⁴⁵³ RIBEIRO, Gabriella Ferreira da Silva. **O que está por trás do que eles dizem? Uma análise dos discursos dos jornais “Folha da Manhã” e “O diário”**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 58p, 2017. p.22.

⁴⁵⁴ MONITOR CAMPISTA. **Arnaldo assume comprometido com a saúde**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.73, 02 Abr, 1998. p.1.

Uma de suas medidas implementadas e expandidas para os sem-terra foi a inserção de cursos profissionalizantes nas instalações da própria associação dos trabalhadores do acampamento Zumbi dos Palmares. A Comissão Municipal de Empregos, através de parceria com sindicatos, instituições profissionalizantes, e o empresariado local promoveram um contato entre técnicos do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) e integrantes do MST em Campos.

A partir deste encontro, 20 integrantes se inscreveram no programa para receber aulas teóricas na associação, e as práticas seriam ministradas nas suas próprias lavouras, como técnicas de manejo de equipamento e sobre os defensivos agrícolas. Ranulfo Vidigal, assessor especial da Comissão Municipal, afirmou trazer o coordenador regional para um contato com os sem-terra e garantiu o empenho do governo municipal em promover o desenvolvimento agrícola do município,

Em vez de trazer os trabalhos para a cidade, vamos levar os técnicos até eles no campo, assim, eles absorverão novos conhecimentos vivenciando a própria realidade do meio. Esta iniciativa vai além do alcance social, pois não estamos aplicando apenas a qualificação profissional. Este curso também se caracteriza como o instrumento da cidadania, já que o enfoque predominante dos membros da Comissão Municipal de Empregos prevalece a educação pela cidadania e não apenas pelo adestramento.⁴⁵⁵

O primeiro ano de Arnaldo Vianna terminaria com um embate entre dois lados da opinião sobre o MST. Em um primeiro momento, no lado de apoiar o movimento, o prefeito levaria a cabo uma ação intitulada “Prefeitura e Exército, Juntos em Ação”, que levou assistência social, atendimento médico e serviços de cidadania como identidade e outros documentos às famílias assentadas no Zumbi dos Palmares, no final de novembro.⁴⁵⁶ Em outra ação de apoio ocorrida, no caso, pelo DCE da UENF, promoveu a campanha “Natal Feliz”, com a arrecadação de brinquedos para crianças do MST.

Por outro lado, no sentido de rechaçar a atuação do MST na região, o Sindicato Rural de Campos, presidido por José do Amaral Ribeiro Campos, exprimiu publicamente o seu repúdio. Em um manifesto datado de 14 de novembro de 1998, intitulado “De boas intenções o inferno está cheio”, demonstrava como a oposição observava os atos do movimento:

Sindicato Rural de Campos, embora acompanhando o sentimento geral da sociedade brasileira pró-reforma agrária, não pode deixar de repudiar e se insurgir contra os métodos e a forma criminosa que tem norteado as recentes e reiteradas invasões de terras, que ocorrem em Campos, nos últimos tempos, sob o comando do Movimento dos Sem-Terra-MST e ante a inércia

⁴⁵⁵ MONITOR CAMPISTA. **Cursos profissionalizantes chegam para os sem-terra.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.183, 20 Ago, 1998. p.4.

⁴⁵⁶ MONITOR CAMPISTA. **Prefeitura e Exército Juntos em Ação.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.257, 19 Nov, 1998. p.5.

e a omissão das autoridades quer federais, quer estaduais, ou municipais, competentes. É de pasmar tal omissão quando se saber o que o MST usa o pretexto da reforma agrária com um instrumento político para que facções radicais decadentes, não podendo alcançar o poder pelas vias democráticas, o assumam pela violência e pela anarquia, pretendendo criar no Brasil uma situação equivalente à do Estado de Chiapas, no México. O argumento de que a desapropriação, e as invasões, atingem apenas propriedades improdutivas, e seus respectivos proprietários, supostamente incapazes ou incompetentes, não pode servir de justificativa para que o MST crie um clima de terror, emocional e tenso, atingindo também a propriedade produtiva. (...) Neste sentido, o Sindicato Rural de Campos está, nos próximos dias, formalizando denúncia ao Ministério Público Federal, e Estadual, locais, para que sejam tomadas as imediatas e necessárias providências que o caso requer. (...) Não se pode com a finalidade de fazer reforma agrária, e com a boa intenção de se solucionar a questão sócio-econômica do homem do campo, subverter a afronta às leis do país, a tranquilidade e a dignidade do proprietário rural, antes de tudo um cidadão. É o que se espera. É o que se fará.⁴⁵⁷

Para o ano de 1999, o MST ignorou as oposições e críticas como esta supracitada e continuou suas ocupações na região. Em maio ocorreu uma ocupação na divisa do município de Campos dos Goytacazes com Cardoso Moreira, na Fazenda do Sol, onde integrantes do movimento edificaram cerca de 40 barracas de lona após entrarem às três da manhã.

A área de 250 alqueires foi observada por um Decreto Federal de 29 de setembro de 1998 que a declarou de utilidade pública para fins de reforma agrária, porém fora concedida nas últimas semanas uma liminar de suspensão da mesma. Proferida por juiz da 2ª Vara da Justiça Federal de Campos, em favor do proprietário da área, Sebastião Liparzi, a ocupação teria 150 famílias acampadas. Sobre a ocupação, ao enviar um fax para a redação do Monitor Campista, e que fora publicado, o Presidente do Sindicato Rural de Campos, externou seu repúdio ao ato do movimento, cobrando justiça pela atitude de violência e desrespeito ao patrimônio alheio.

Em Campos, o movimento neste ano de 1999 teria dificuldade de manutenção em seus assentamentos estabelecidos e contato com o Incra, que foi alvo de diversas críticas ao longo do ano por parte do MST-Campos. No mesmo mês de maio o diretor estadual do MST, Daniel da Silva, entregou ao presidente da Câmara Municipal, Nelson Nahin (PDT), um dossiê que continha irregularidades cometidas pelo Incra em áreas do assentamento Zumbi dos Palmares, buscando o apoio do Presidente da Câmara para interceder nesta causa.

Segundo o Diretor Estadual, o INCRA estaria desrespeitando o meio ambiente, assentando famílias em áreas de preservação ambiental, visando aumentar o número de pessoas beneficiadas. O mesmo lembra uma pesquisa realizada pelo Cefet-Campos, e

⁴⁵⁷ MONITOR CAMPISTA. **De boas intenções o inferno está cheio: manifestação do Sindicato Rural de Campos sobre as invasões do MST.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.255, 14 Nov, 1998. p.3.

aprovada na época, que na área deveria ser assentadas 503 famílias, e o Incra queria 703 famílias, reduzindo a área de plantio das famílias. Como demonstração da produção do Zumbi dos Palmares, seis quilos de feijão seriam colhidos e distribuídos entre as famílias assentadas e entidades de assistência social ligadas à Secretaria Municipal de Promoção Social.⁴⁵⁸ Em uma solicitação, a presidenta da Associação dos Produtores do Acampamento do MST, Zumbi dos Palmares, Vilma Mota Pereira, pleiteava ao superintendente estadual do Incra, Francisco Monteiro, o direito de todos os assentados ao crédito imobiliário, para construir casas de alvenaria.⁴⁵⁹

Além desta crítica ao INCRA advinda do Zumbi dos Palmares, no final de junho, o grupo de 170 famílias sem-terra do acampamento Che Guevara se mobilizou para pedir maior proteção ao órgão, principalmente contra o industrial, Fernando de La Riva Filho, que estaria tentando recuperar a posse da área. O movimento garantia que a terra estava sendo utilizada de forma produtiva, e buscava proteção, pois Fernando de La Riva havia sido visto rondando o acampamento em companhia de seguranças, e danos foram causados, como nas placas que identificavam o acampamento e em parte da cerca que delimitava a área ocupada.⁴⁶⁰

Em 16 de julho, seria acordada uma parceria entre o INCRA e a Prefeitura de Campos para dotar de água e luz o Zumbi dos Palmares, definida durante uma reunião no Palácio da Cultura de Campos entre o superintendente do INCRA no Estado do Rio, Francisco Beldson, o prefeito Arnaldo Vianna e representantes do MST. Até o final de 1999, seria investidos R\$ 413 mil, com R\$ 345 mil do governo federal e R\$ 68 mil da prefeitura de Campos, com o propósito de instalar uma rede de eletrificação rural de 24,6 quilômetros de extensão e perfurar cinco poços artesianos para garantir o abastecimento e permitir irrigação para as lavouras cultivadas.

Representantes do acampamento 1º de maio, instalado após a ocupação da Fazenda do Sol, entre Campos e Cardoso Moreira, também estiveram presentes no encontro. As famílias acampadas haviam sido expulsas pela Polícia Federal de Macaé no dia anterior após o mandado de reintegração de posse ser expedido em favor do fazendeiro Sebastião Lipazzi e estavam acampadas às margens da Rodovia BR-356 (Campos-Itaperuna), no município de Campos. O Secretário Municipal de Agricultura de Campos, Luciano D'Ângelo Carneiro

⁴⁵⁸ MONITOR CAMPISTA. **Assentados de Zumbi dos Palmares colhem feijão**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.178, 11 Ago, 1999. p.1.

⁴⁵⁹ MONITOR CAMPISTA. **Acampados de Zumbi I querem credito do Incra**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.217, 26 Set, 1999. p.1.

⁴⁶⁰ MONITOR CAMPISTA. **Sem-terra de Baixa Grande querem garantias do Incra**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.141, 26 Jun, 1999. p.1.

enviou para o local, um caminhão com alimentos, buscando manter a assistência até a resolução do impasse.⁴⁶¹

No final do ano, durante o início de outubro, os acampados da Fazenda Ilha Grande, na localidade de Baixa Grande, foram obrigados pelo Incra a desocupar a área para ocorrer a vistoria dos lotes e roças. Após a vistoria realizada, houve uma assembleia geral, no dia 24 de outubro, onde mais de 150 famílias de pequenos produtores rurais discutiram a situação do acampamento e alternativas para permanecerem mesmo sem alimentação, luz, roupas e até utensílios domésticos. A água estava sendo buscada em um galão por carroças a três quilômetros de distância e algumas das famílias do acampamento Che Guevara que recebiam a cesta básica da Comissão Nacional de Abastecimento (CONAB), estavam há três meses sem receber. Os acampados estavam fazendo bicos e as crianças com dificuldade de se alimentar e ir à escola, pois para chegarem à mais próxima, teriam de andar mais de quatro quilômetros.⁴⁶²

No começo de janeiro do ano 2000, os moradores do assentamento Zumbi dos Palmares, após acamparem por dois dias na Praça São Salvador, receberam uma resposta do INCRA sobre uma possível verba liberada pelo Governo Federal para a construção de casas em alvenaria. O assentamento, existente há três anos, possuía 506 famílias moradoras em barracos de lona. Segundo Daniel da Silva, uma das lideranças do acampamento organizado na praça e do MST, o INCRA abriu uma conta há cerca de três meses no Banco do Brasil e o valor havia sido depositado, porém somente destravado com as pressões.

Pelo crédito estabelecido, cada família tinha direito a R\$ 2,500, destinado à construção das casas. Para Daniel, a liberação era o primeiro passo para garantir aos assentados os seus direitos, e que após a resolução do caso, os assentados lutariam pela liberação de recursos para o investimento e custeio do setor agrário do acampamento, como material e equipamento para produção.

No mês seguinte, seria implementado o Projeto “Nossa Merenda” do Governo do Estado em parceria com a Prefeitura de Campos. Este programa garantiria que os pequenos produtores rurais dos assentamentos do MST comercializassem seus produtos como feijão, farinha e banana, com as escolas públicas do município, durante o ano letivo. Confiante com o desenvolvimento do projeto, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Campos, Paulo Honorato explicou que, “a princípio, são cerca de 420 produtores que vão

⁴⁶¹ MONITOR CAMPISTA. **Sem-terra da Usina São João terão água e eletrificação.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.159, 17 Jul, 1999. p.5.

⁴⁶² MONITOR CAMPISTA. **Crianças do MST estão passando fome em Baixa Grande.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.241, 26 Out, 1999. p.1.

atuar no projeto, que está sendo apoiado pela Emater e Secretaria de Agricultura. Os 503 assentados do Zumbi dos Palmares, com o passar do tempo, serão incluídos para a produção”.⁴⁶³

Com a implantação do projeto, os alimentos que também são vendidos na Feira da Roça entregues às escolas auxiliam no escoamento dos produtos agrícolas colhidos nas plantações. Para a Secretária Municipal de Educação, Maria Auxiliadora Freitas, com a implantação do “Nossa Merenda”, os alunos, os produtores e o município saem ganhando,

As crianças vão comer produtos bem cuidados e frescos, sem agrotóxicos, dos quais sabemos a procedência. O projeto tem um bom alcance social, já que é uma alternativa de sobrevivência para os pequenos produtores e faz com que circule mais dinheiro no município”.⁴⁶⁴

Em 17 de abril, um grupo de cerca de 500 famílias de sem-terra, da periferia de Campos dos Goytacazes e de São João da Barra, ocuparam uma área de 3.502 hectares de terras referentes a Usina Cambayba, com o apoio de representantes da Pastoral da Terra, Sindicato dos Trabalhadores Rurais e dos Petroleiros do Norte Fluminense. As terras integravam sete fazendas, Dolores, Dolores de Cambahyba, Flora, Fazendinha, Mergulhão, cinco em Campos e duas em São João da Barra, Caeté e Cedro.



Os sem-terra da Fazenda Dolores improvisaram uma porteira no acampamento, onde cerca de 400 famílias estão desde segunda-feira

(Monitor Campista, n.89, 20 de abril de 2000)

⁴⁶³ MONITOR CAMPISTA. **MST vai comercializar produtos em escolas.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.34, 11 Fev, 2000. p.1.

⁴⁶⁴ Ibid., p.5.

A ocupação ocorreu em conexão com os atos nacionais em comemoração ao Dia Internacional da Reforma Agrária, com cerca de 240 outras ocupações pelo país. Marina dos Santos, neste momento, coordenadora regional do MST, afirmou sobre a ocupação na Cambahyba que a cada momento chegam mais famílias para dar apoio aos companheiros rurais”.⁴⁶⁵ Viaturas da polícia militar continuaram no local, enquanto os sem-terra aguardavam a vinda de representantes do INCRA para a cidade de Campos para legalizar a situação da terra junto ao Governo Federal.

Durante a ocupação, o MST garantiu que a área ocupada já teria sido vistoriada pelo INCRA, portando inclusive o Decreto 1167-98, que oficializou a desapropriação da área em 27-11-98.⁴⁶⁶ Por outro lado, o superintendente do Incra, Francisco Monte, o presidente do Sindicato Rural de Campos, José Amaral, e o diretor da Usina Cambahyba, Jorge Lysandro, afirmaram que a ocupação seria ilegal. Esta afirmação se dava baseada em pendência de julgamento de recurso da Cia Usina Cambahyba contra o INCRA, pela nulidade dos atos administrativos feitos pelo mesmo órgão. Segundo o industrial Jorge Lysandro, que iria impetrar uma ação contra a ocupação dos sem-terra, a projeção era de que até o primeiro semestre de 2001 a Usina Cambahyba voltaria a funcionar.⁴⁶⁷

Dois dias após ocorrer a ocupação, mais 30 famílias aderiram ao acampamento na parte da Fazenda Dores, batizado de Oziel Alves, em homenagem a uma das 19 vítimas do Massacre de Eldorado dos Carajás. A coordenadora do MST, Marina dos Santos, afirmou aguardar uma liminar, “pelo menos até a próxima semana permaneceremos aqui. O judiciário entra em recesso hoje e só retorna na próxima segunda”.⁴⁶⁸ Enquanto os sem-terra aguardavam o resultado da justiça, negando-se a falar, alegando estarem sendo ameaçados e que cerca de 70% dos ocupantes seriam ex-funcionários da Usina, 14 homens, a pedido do usineiro Jorge Lysandro, se revezavam na área delimitada pelo Juiz da 2ª Vara Cível em dois grupos, principalmente para fazer vigilância 24 horas por dia. Pela noite, utilizavam dois tratores para incomodar os acampados.

⁴⁶⁵ MONITOR CAMPISTA. **Sem-terra invadem cinco fazendas em Cambahyba**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.87, 18 Abr, 2000. p.1.

⁴⁶⁶ Ibid., p.1.

⁴⁶⁷ MONITOR CAMPISTA. **Incra: invasão em Cambahyba é ilegal**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.88, 19 Abr, 2000. p.1.

⁴⁶⁸ MONITOR CAMPISTA. **MST amplia acampamento e famílias prometem resisitir**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.89, 20 Abr, 2000. p.1.



(Monitor Campista, n.90, 21 de abril de 2000)

Com quatro dias de ocupação, os sem-terra iniciaram os trabalhos nas fazendas ocupadas pertencentes ao Grupo Cambahyba. As famílias continuavam chegando, e foram cadastradas pelo movimento, 420 famílias, enquanto outras 130 voluntárias aguardavam cadastramento, além destas, 5 famílias de Macaé e outras 25 de São Francisco de Itabapoana estão entre as pretendentes para o cadastramento.

Neste quarto dia foram formadas as equipes de frente de trabalho para a execução de atividades, como as escolares para as 50 crianças do acampamento, a implementação da horta de sobrevivência e o providenciamento de mais alimentos. Parte dos alimentos seria doada pela Secretaria Municipal de Agricultura de Campos, representada por Luciano D'Ângelo, que doou cinco caixas de aipim para as famílias entre outras doações que estariam a caminho.⁴⁶⁹ Com oito dias de acampamento na Fazenda Dores, uma das sete do Grupo Cambahyba, os sem-terra derrubaram parte da lavoura de cana-de-açúcar e no local foram construídas novas barracas, onde cerca de 2 mil pessoas passavam o dia.⁴⁷⁰

Durante o mês de maio, no dia 18, o coordenador nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, João Pedro Stédile, esteve em Campos para visitar o assentamento Zumbi dos Palmares e o acampamento Oziel Alves. Em entrevista ao jornal Monitor Campista, Stédile criticou a política adotada para a reforma agrária do presidente Fernando Henrique Cardoso, afirmando que a cana-de-açúcar não teria mais futuro no mundo, clamando para o povo se organizar continuar ocupando os latifúndios do município de Campos,

⁴⁶⁹ MONITOR CAMPISTA. **Sem-terra começam a trabalhar na fazenda.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.90, 21 Abr, 2000. p.11.

⁴⁷⁰ MONITOR CAMPISTA. **Acampamento da Fazenda Dores completa 8 dias.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.92, 25 Abr, 2000. p.1.

Em todo o Brasil há latifúndio e em todo o Brasil tem sem-terra. No entanto, aqui se criou uma situação diferente por causa da decadência da cana-de-açúcar e da agricultura como um todo. Essas usinas estão devendo ao povo, essas terras estão hipotecadas com o governo. Não tem futuro mais em nenhum ponto do mundo o açúcar. Certamente vão continuar as ocupações enquanto o governo não tomar a iniciativa de recuperar essas usinas falidas e entregar para o povo, é só o povo se organizar e entrar nelas. Aliás, não só em Campos, mas em todo o país.⁴⁷¹

No mês seguinte, dia 10 de junho, ocorreria um crime bárbaro contra o trabalhador sem-terra Wanderlei Bernardo Ferreira, do assentamento Zumbi dos Palmares, que foi morto a tiros de espingarda numa tocaia no Parque Santa Rosa, quando estava com sua esposa, Dilma. Os autores do crime, encontrados pela polícia militar, foram, um funcionário municipal conhecido como “Xangô”, e o proprietário rural, José Azeredo. Este, reivindicou o motivo do assassinato pois o sem-terra teria abatido três vacas que o pertenciam para alimentar companheiros do acampamento. Em julho, por reforma agrária e também como resposta a este ocorrido, seria promovida a XI Caminhada da Terra, pela Comissão Pastoral da Terra, em conjunto com a Igreja Metodista de Campos, sindicatos, MST e o assentamento Zumbi dos Palmares. Por decisão do prefeito Arnaldo Vianna, foi formada uma comissão executiva da prefeitura de apoio à Caminhada, ocorrida dia 2 de julho, entre o assentamento Zumbi III e IV, concentrando-se no final, no Zumbi IV.⁴⁷²

E no mesmo mês de julho, os trabalhadores rurais sem-terra, acampados no Oziel Alves, na área referente a Usina Cambahyba receberam a notícia da vitória de uma liminar na justiça que garantiria sua permanência nas terras da Usina até o julgamento do processo. Cada família teria direito inicialmente a meio hectare de terra para plantar o que quisesse, e uma das diretoras do MST, Zarid Barakat, afirmou que “não é nada pessoal. O problema é social. Nós só queremos que a constituição se cumpra. Queremos é trabalhar a terra.”⁴⁷³ Neste acampamento, a Prefeitura de Campos, através da Secretaria de Promoção Social, implantou o programa “Dando Sopa”. A ser executado durante o ano, com entregas de segunda à sexta, o objetivo do programa seria o encaminhamento de sopas desidratadas, que após chegarem, os acampados produziram e a transformariam em um “sopão”. Além da inserção do “Dando Sopa”, foram entregues também 300 cobertores aos acampados.⁴⁷⁴

⁴⁷¹ MONITOR CAMPISTA. **Stedile: invasões de terra em Campos vão continuar**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.111, 19 Mai, 2000. p.1.

⁴⁷² MONITOR CAMPISTA. **Prefeitura dá apoio a XI Caminhada da Terra**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.104, 11 Mai, 2000. p.6.

⁴⁷³ MONITOR CAMPISTA. **Liminar tranquiliza sem-terra de Cambahyba**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.155, 11 Jul Abr, 2000. p.7.

⁴⁷⁴ MONITOR CAMPISTA. **Programa “Dando Sopa” é implementado em Cambahyba**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.163, 20 Jul, 2000. p.6.

Mesmo com a garantia da liminar, as 300 famílias acampadas iniciaram o processo de demarcação das terras e derrubada das cercas sob vigia de 15 jagunços, que ameaçaram invadir a área e atirar contra as famílias, o que não ocorreu. Duas viaturas da Polícia Militar e um ônibus cercaram o local para impedir qualquer tipo de conforto, com a presença de mais de 30 policiais. O acampado Elson da Silva Pimentel afirmou que 70% do grupo de acampados é de ex-funcionários da Usina e que todos estavam há meses sem receber, “fomos enganados. Trabalhei mais de cinco anos clandestinamente e não recebi nenhum tostão furado, ouvindo sempre a promessa de que seria contratado”.⁴⁷⁵ E no caso do relato do acampado Sérgio Luís da Silva, que trabalhou três anos sem receber, sobre a participação de ex-trabalhadores da usina na ocupação: “antes a maioria estava na mesma situação. Agora vamos trabalhar para nós mesmos, e no que é nosso por direito.”⁴⁷⁶

Somente em novembro, com uma vitória em uma liminar de despejo, os 15 jagunços que mesmo com a derrubada da cerca permaneciam no local armados, foram retirados da área próxima ao acampamento sob a presença de oficiais de justiça. Com a liminar concluída pela juíza Daniela Milanês, da 1ª Vara Federal, as famílias acampadas reiniciaram a demarcação dos lotes para dar início ao cultivo, mesmo sem subsídios do INCRA, assistidos por uma viatura da polícia militar e pela Comissão Pastoral da Terra. O acampamento foi composto por 11 grupos de sem-terra, com cerca de 300 a 325 famílias participando da ocupação da terra. Um dos coordenadores de um dos grupos do acampamento, chamado de Índio, observou sobre a demarcação que a

A área a ser demarcada mede aproximadamente 3.505 hectares. Caberá para cada produtor cerca de 12 hectares, hoje completa sete meses que estamos aqui, e até agora não dispomos de crédito algum para cultivo da terra. Por isso, tomamos esta iniciativa. A gente tem como provar que a usina deixou um débito com o INSS de mais de R\$15 milhões, sem falar no Fundo de Garantia, que se apresenta alto também.⁴⁷⁷

Em 5 de dezembro de 2000, um grupo de cerca de 150 famílias do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra ocuparam uma área considerada improdutiva pelo INCRA no distrito de Pernambuco, a Fazenda do Pau Funcho, medindo 925 hectares, e que passava por um processo de desapropriação há um ano, localizada a 25 quilômetros do centro de Campos. Iniciando o cultivo de hortaliças medicinais e alimentícias em uma pequena área voltada para subsistência, o objetivo dos acampados era mobilizar o Incra para oficializar a

⁴⁷⁵ MONITOR CAMPISTA. **MST demarca terra**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.248, 31 Out, 2000. p.1.

⁴⁷⁶ Ibid., p.1.

⁴⁷⁷ MONITOR CAMPISTA. **Sem-terra voltam a demarcar lotes**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.261, 17 Nov, 2000. p.1.

desapropriação. O acampamento foi batizado com o nome do sindicalista Antônio de Farias, considerado uma personalidade importante para o movimento.⁴⁷⁸

O embate viria por parte do proprietário, Agenor Gomes Souza Filho, que iria buscar tomar providências sobre a ocupação. No caso, este argumentava que 400 hectares da fazenda seriam restritos a área de preservação ambiental permanente, e entraria com processo de reintegração de posse, juntamente com ocorrência policial. Com o início do cadastramento das 161 famílias inscritas para receber os títulos de assentados pelo Incra, que ainda estava em processo, o acampado Sandro Prieto, integrante do MST, contestava a versão de Agenor Filho, “já demos o primeiro passo, que foi nos integrar no cadastramento. Quanto ao impasse com o Incra, ficou muito claro que a área é improdutiva. Até mesmo o ITERJ verificou que não existe reserva ecológica tão ampla assim”.⁴⁷⁹ Em 08 de agosto de 2000, esta área havia sido desapropriada para fins de reforma agrária por um decreto emitido pela Presidência da República.⁴⁸⁰

Uma semana antes do cadastramento, os acampados se reuniram com representantes da Secretaria Estadual de Agricultura, além do secretário Noel de Carvalho, para compreender o projeto de parceria com a Prefeitura de Campos sobre uma Comunidade Agrícola Modelo nesta área com os integrantes do MST.⁴⁸¹ A possibilidade do projeto poderia trazer uma verba de R\$4 milhões, porém, diante da tensão de ocupação e reintegração de posse, neste início de discussão, o projeto não recebeu continuidade.

Como os proprietários rurais da região, outro grupo se reuniria para protestar contra o MST na região de Campos dos Goytacazes, a Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição Família e Propriedade (TFP). Depois de um longo período sem atuar no município de Campos, e mais especificamente, nas ruas da cidade, no dia 19 de dezembro de 2000, membros da entidade religiosa levantaram no centro da cidade, estandartes vermelhos com o brasão do leão, com o intuito de denunciar a atuação do MST.

⁴⁷⁸ MONITOR CAMPISTA. **MST ocupa área em Pernambuco**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.276, 05 Dez, 2000. p.1.

⁴⁷⁹ MONITOR CAMPISTA. **Incra faz cadastro em Pernambuco**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.288, 19 Dez, 2000. p.1.

⁴⁸⁰ Art. 1º Ficam declarados de interesse social, para fins de reforma agrária, nos termos dos arts. 18, letras "a", "b", "c" e "d", 20, inciso VI, da Lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964, e 2º da Lei nº 8.629, de 25 de fevereiro de 1993, os seguintes imóveis rurais: X "Fazenda Santa Rita do Pau Funcho", com área de mil, duzentos e vinte e um hectares, dois ares e trinta centiares, situado no Município de Campos dos Goytacazes, objeto do Registro nº R-1-1.803, fls. 234, Livro 2-E, do Cartório do 3º Ofício da Comarca de Campos dos Goytacazes, Estado do Rio de Janeiro (Processo INCRA/SR-07/nº 54180.001965/99-72); Disponível em: <https://jurishand.com/decreto-de-08-agosto-2000>

⁴⁸¹ MONITOR CAMPISTA. **R\$ 4 milhões para sem-terra assentados em Pernambuco**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.283, 13 Dez, 2000. p.1.

Os membros da TFP perambularam com capas vermelhas, distribuindo folhetos intitulados “SOS-Fazendeiro”, criticando a presença dos sem-terra no folheto, que utilizava “métodos ilegais e violentos para transformar o município de Campos num novo Vale do Pontal do Paranapanema, onde os conflitos provocados pelos sem-terra já causaram dezenas de mortes e miséria nas áreas invadidas”.⁴⁸² Ainda sobre o folheto, havia um questionário indagando as pessoas sobre sua posição ideológica, vinculando o MST e o comunismo, à guerrilha, a esquerda católica e venerava e estimulava o combate a este tipo de movimento.⁴⁸³

Em 2001, logo no mês de janeiro, os acampados do MST-Campos que permaneciam na área da Fazenda de Santa Rita do Pau Funcho aproximadamente há um mês, receberam a notícia de que teriam que sair da área. Por causa do conflito entre os laudos do IBAMA e do INCRA sobre a área de preservação permanente que havia na fazenda, a justiça suspendeu o processo no aguardo de um novo laudo. Com a desocupação dos sem-terra da área, montaram um outro acampamento na estrada à margem da fazenda. Durante a mesma semana, houve uma passeata de protesto do MST que reuniu os acampados e acampadas do Antônio de Farias que ocorreu no centro da cidade. Criticando a morosidade do INCRA com relação à desapropriação da fazenda, o movimento cobrou a volta para a área, para dar continuidade às suas plantações e moradia.⁴⁸⁴

⁴⁸² Uma questão interessante que identificamos, buscaremos abordar em outro trabalho, e que citaremos ações pontuais da TFP na região de Campos, é a sua visibilidade e projeção. Não somente por D. Antonio de Castro Mayer ser bispo católico da diocese de Campos, e ter escolas municipais com seu nome, mas também a dimensão de sua atuação. No Monitor Campista por dois anos, entre 1996 e 1998, fora publicada a “Coluna da TFP”, com críticas a Reforma Agrária, ao MST, ao aborto, ao Socialismo e valendo-se da propriedade privada e das ideias de Plínio para apresentar seus ideais da direita católica.

⁴⁸³ MONITOR CAMPISTA. **TFP protesta contra o MST**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.289, 20 Dez, 2000. p.1.

⁴⁸⁴ MONITOR CAMPISTA. **Morosidade do incra adia desapropriação**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.07, 11 Jan, 2001. p.7.



(Monitor Campista, n.01, 11 de janeiro de 2001)

No final deste mesmo mês de janeiro, a Secretaria Municipal de Promoção Social enviou um grupo de assistentes sociais e técnicos para a Fazenda do Pau Funcho. Com o objetivo de cadastrar os acampados do MST para auxílio, este grupo buscava compreender a real situação das famílias, providenciando alimentos e assistência à saúde dos acampados.⁴⁸⁵

Semanas depois, no início do mês seguinte, a Fazenda Santa Rita do Pau Funcho foi desapropriada pelo INCRA e incluída no Programa Comunidade Agrícola do Governo do Estado. O ato de anúncio foi presenciado pelo secretário de Estado de Agricultura, Abastecimento, Pesca e Desenvolvimento do Interior, Noel de Carvalho, o representante do INCRA, Josemar Costa de Oliveira, a presidente do Instituto de Terras e Cartografia do Estado do Rio de Janeiro, Elane Frossard, e integrantes do MST.

No programa, as 130 famílias cadastradas iriam receber R\$1.400 para utilização nos 5 hectares nos quais cada família ficaria responsável. Os sem-terra inicialmente iriam cultivar coletivamente 40 hectares da fazenda, com possibilidade de desenvolvimento com a ampliação do projeto, que também investiria em infraestrutura no Antônio de Farias, como: detritificação, melhorias no acesso ao local, asfaltamento das estradas e construção de casas. Segundo o Secretário, Noel de Carvalho, a meta seria utilizar mais 20 propriedades para serem integradas ao programa até o final do ano.⁴⁸⁶

⁴⁸⁵ MONITOR CAMPISTA. **Prefeitura cadastra no Pau Funcho**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.16, 23 Jan, 2001. p.1.

⁴⁸⁶ MONITOR CAMPISTA. **Lavradores assumem Fazenda Pau Funcho**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.31, 09 Fev, 2001. p.1.

Com a decisão da desapropriação perpetrada pelo juiz Artur Diniz, da 2ª Vara Federal de Campos dos Goytacazes, as famílias acampadas à margem da estrada voltaram para sua área anterior na fazenda, no aguardo do recebimento dos títulos de posse definitiva dos lotes de terra. Um ponto necessário de ressaltar sobre as decisões judiciais quando envolvem a magistratura fluminense e o MST é que em análise, se por um lado existe um grupo de magistrados com olhar crítico e democrático acerca da atuação do judiciário, por outro,

Nos conflitos possessórios, como vimos, os sem-terra não têm seu direito assegurado pelo judiciário. Ao contrário, o conflito é resolvido/ pulverizado de acordo com o interesse dos proprietários de terra resguardando o seu direito destes de propriedade e criminalizando os trabalhadores sem-terra. Entretanto, isto não significa que as reivindicações das classes populares estejam completamente ausentes do judiciário.⁴⁸⁷

Enquanto ocorria esta volta das famílias acampadas, no mês de março, a superintendência Regional do Incra e o Instituto de Terras e Cartografia no Estado do Rio, realizaram estudos no local para a elaboração do projeto de assentamento para as famílias ocupantes. Com relação à ocupação na Fazenda Nossa Senhora das Dores, na Usina Cambahyba, do acampamento Oziel Alves, o Supremo Tribunal Federal garantiu em liminar a posse das terras aos acampados. Esta liminar proferida na tarde de 4 abril de 2001, derrubou a decisão da Justiça do Estado, que havia dado a reintegração de posse da terra aos proprietários da usina pela manhã.

A chegada da notícia as 270 famílias acampadas resultaram em festa e em gritos de comemoração como, "MST: A luta é pra valer!", e um dos coordenadores regionais do movimento, conhecido como Índio, reafirmou a necessidade de organização e assembleia para discussão, "precisamos nos articular, pois a luta continua, é preciso garantir o direito que a Justiça Federal nos deu".⁴⁸⁸ Os policiais militares desocuparam o local com a liminar e a secretária municipal de Promoção Social, presente no acampamento pela manhã, demonstrou o ideal da prefeitura com relação aos sem-terra, "temos um comprometimento social com estas pessoas. Elas estão aqui há quase um ano e não tem pra onde ir".⁴⁸⁹

Nesta linha do comprometimento social da prefeitura e a especificidade dos investimentos voltados para esta área, em abril, representantes da Comissão Pastoral da Terra, Che Guevara, Zumbi 1, 2, 3, 4, e 5, Oziel Alves 1, 2 e 3, Antônio de Faria e Novo Horizonte, reuniram-se com o Secretário Municipal de Saúde, Alexandre Mocaiber. Reivindicando

⁴⁸⁷ DALLANA QUINTANS, M. T. O Movimento Sem Terra e a magistratura fluminense. **Revista Direito, Estado e Sociedade**, (27). 2014. p. 172.

⁴⁸⁸ MONITOR CAMPISTA. **Sem-terra de Cambahyba comemoram liminar federal**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.73, 05 Abr, 2001. p.1.

⁴⁸⁹ Ibid., p.5.

assistência de saúde que seria prometida por Mocaiber, as maiores necessidades eram atendimento médico e dentário, um agente de saúde e uma ambulância para o Zumbi e Novo Horizonte, atendimento às mulheres grávidas, com pediatria e avaliação da qualidade de água nas áreas.⁴⁹⁰

Ainda nestes primeiros meses de 2001, mais especificamente em 19 de março, o prefeito Arnaldo Vianna filiou-se ao Partido Socialista Brasileiro (PSB). Seguindo a mudança do governador Garotinho que rompeu com Brizola, um grande grupo rompeu com o PDT e preferiu a troca. Esta foi uma das questões que permearam este trabalho, decidimos seguir com a análise por três problematizações: a estrutura política na prefeitura manteve-se mesmo com a troca; em cerca de dois anos, Arnaldo Vianna retornou ao PDT, com grande festa de Brizola; e na eleição seguinte, Arnaldo Vianna elegeu seu sucessor, Carlos Alberto Campista, também do PDT, dando sequência a estrutura político partidária construída desde 1989, com a eleição de Anthony Garotinho, e sua própria forma de governar, iniciada em 1998.

No início de maio, houve uma concessão de reintegração de posse ao ex-proprietário de áreas da Usina Cambahyba, Jorge Lisandro, sendo reintegradas as fazendas Cambahyba, Flora e Saquarema, expedida pela 1ª Vara de Execução Penal, juiz Marcelo Luzio de Araújo. Em resposta a esta decisão, o MST organizou uma marcha de oito quilômetros de chão, iniciada às 11 da manhã em Martins Laje e terminada às 14h em frente ao prédio da Justiça Federal em Campos dos Goytacazes, na praça do Santíssimo Salvador. Exigindo a permanência nos 3.600 hectares de terra que compõem o complexo de seis fazendas, ocupadas há mais de um ano, a alegação do movimento era de que o ex-proprietário teria uma dívida de R\$100 milhões.⁴⁹¹

Sobre as famílias que se mantiveram em outras áreas do acampamento Oziel Alves na Usina Cambahyba, a promessa do governo federal de assentar um grupo de sem-terra, levou 100 pessoas a comparecerem à agência central dos Correios do município para realizar o cadastramento. Este cadastramento era a esperança das 270 famílias acampadas na Usina Cambahyba desde abril de 2000, porém três meses depois, em julho de 2001, o MST se mobilizou em manifestação na praça do Santíssimo Salvador. Indignados com o não cumprimento da promessa feita de obtenção dos lotes de terra após cadastramento nos Correios, um dos integrantes do movimento, Pedro Miguel Henriques, afirmou: “Cerca de 2

⁴⁹⁰ MONITOR CAMPISTA. **Saúde no MST**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.78, 11 Abr, 2001. p.1. Monitor 78 2001. p.3.

⁴⁹¹ MONITOR CAMPISTA. **MST defende assentados de Cambahyba**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.95, 03 Mai, 2001. p.1.

mil trabalhadores fizeram o cadastro nos correios e estão aguardando a resposta. É preciso que se cumpra o prometido”.⁴⁹²

Enquanto os sem-terra se mantiveram nas áreas da Usina Cambahyba, as condições do acampamento eram precárias. Com a agricultura castigada pela seca e as famílias abrigadas debaixo de lonas, sobrevivendo de biscates, sofriam com a necessidade de infraestrutura, de falta de comida e de água limpa, que em teste realizado pela Secretaria Municipal de Saúde, foram registrados 16% de coliformes fecais na água, como afirmou o auxiliar de coordenação do MST, Carlúcio Lopes Maciel:

Não dá para esperar apenas pela produtividade enquanto não temos financiamento para investirmos na agricultura e em técnicas de irrigação. Os cabeças das famílias precisam arranjar dinheiro fora do acampamento para sustentar seus dependentes. Tem dias que há o que comer, e outros não. Continuamos bebendo dessa água, porque não temos outra fonte. Precisamos de ajuda e orientação para descontaminá-la. Estamos perto dos meses de chuva e é necessário que se prepare a terra para as plantações em setembro. Pedimos à sociedade que nos auxilie com cestas básicas, enquanto não temos condições de desfrutar do solo. Um outro apelo, é que as autoridades governamentais nos cedam tratores e representantes do Projeto de Fruticultura para podermos progredir, mesmo sem a decisão judicial.⁴⁹³

E nas discussões com as entidades governamentais, as 90 famílias do acampamento Antônio de Farias estavam passando por um momento de impasse com o Instituto de Terras e Cartografia do Estado do Rio de Janeiro (ITERJ). Isto porque mesmo após três visitas de representantes no local, os anseios continuam os mesmos e o projeto de implantação da Comunidade Agrícola ficou emperrado. Sandro Preto, um dos integrantes do MST na região, revelou que ocorreria uma nova reunião de representantes de cada um dos cinco núcleos do Antônio de Farias com o Secretário Estadual de Agricultura para reafirmar a autonomia nas negociações, “o contato que a gente tem com os representantes não adianta nada. Enquanto isso, não dispomos dos benefícios oferecidos pela parceria de implantação da Comunidade Agrícola”.⁴⁹⁴

As 164 famílias que inicialmente estiveram reunidas no assentamento foram reduzidas para 90 por falta de espaço no entendimento do INCRA. Reiterando a necessidade de linhas de financiamento de crédito para os sem-terra e o possível aumento para 100 famílias na área, Preto ponderou que, “não estamos mais brigando por 12 hectares de terra para cada família.

⁴⁹² MONITOR CAMPISTA. **Sem terra cobram reforma agrária**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.78, 11 Abr, 2001. p.1.

⁴⁹³ MONITOR CAMPISTA. **Acampados não vão sair de Cambahyba**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.155, 12 Jul, 2001. p.1.

⁴⁹⁴ MONITOR CAMPISTA. **Sem-terra e iterj não chegam a um acordo**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.179, 10 Ago, 2001. p.7.

Mas, pelo menos, que se divida o espaço entre os que já estão lá”.⁴⁹⁵ O empreendedor social do Incra, Evaldo da Silva Paixão, em sua visita aos acampamentos organizados pelo MST no município, corroborou Preto sobre a questão do Antônio de Farias, que no caso, seria o acampamento com maior necessidade, visto que enfrentava problemas de atraso em questões básicas, como no processo de eletrificação da área.

Em novembro de 2001, quase um ano após a ocupação da fazenda Santa Rita do Pau Funcho, iniciada em dezembro de 2000, os acampados contabilizando 93 famílias no local receberam os contratos de concessão do uso das terras, iniciando o projeto de assentamento. Com o total de 1.042 hectares na terra concedida, os lotes seriam demarcados em seis hectares, onde as famílias poderiam produzir à vontade.

O Superintendente Regional do INCRA, Josemar Costa de Oliveira, ao comentar sobre o contrato de concessão, afirmou que “os assentados têm direitos e deveres, assim como o Incra, que devem ser respeitados para que esta união dê certo e possamos ver os frutos desse casamento”.⁴⁹⁶ Reinaldo dos Santos, engenheiro do Iterj, analisou a possibilidade da infra-estrutura montada na área para dar condições melhores aos assentados, e após a concessão do uso, o próximo passo seria a construção das casas, que seriam construídas em quatro meses.

O primeiro acampado a receber o papel que concedia o lote foi Almir Chagas, que se emocionou durante a entrega por ser nascido na própria região de Pernambuco, mesma terra onde tornou-se concessionário de um lote de terra. Assim como Almir, Maria Conceição da Silva se empolgou com as possibilidades de produção no lote, “tenho cinco filhos e agora, sei que tudo vai melhorar. Era muito ruim trabalhar para fazendeiro. Eles sempre davam um jeito de explorar a gente”.⁴⁹⁷

Em dezembro, a Pastoral da Terra fez uma campanha de arrecadação de brinquedos para serem distribuídos no encontro de Natal ocorrido no Centro Federal de Ensino Tecnológico (CEFET). Cerca de 1.200 crianças de até 15 anos, dos acampamentos do MST, assim como de comunidades carentes eram aguardadas para receber os brinquedos arrecadados.

E em 2002, mais especificamente em 01 de fevereiro, o MST atuaria com a ocupação de cerca de 200 famílias da Fazenda São João, em São Diogo, 7º distrito de Campos. Com

⁴⁹⁵ Ibid., p.7.

⁴⁹⁶ MONITOR CAMPISTA. **Incra entrega concessão para os assentados**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.253, 08 Nov, 2001. p 1.

⁴⁹⁷ MONITOR CAMPISTA. **Assentados de pau funcho recebem concessão da terra**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.253, 08 Nov, 2001. p 7.

aproximadamente 40 alqueires de terra, pertencentes a Usina São João, o acampamento montado foi intitulado Dandara dos Palmares. Com a resposta do proprietário, Jocimar Pitak Guimarães entrando no Ministério Público pela reintegração de posse, a mesma foi rapidamente concedida e os sem-terra teriam até o dia 21 de fevereiro para saírem da fazenda.

O MST protestou marchando dia 18 de fevereiro da BR-101 até a Praça São Salvador, no centro de Campos, cerca de 10 km, reunindo 250 pessoas dos acampamentos Oziel Alves e Dandara dos Palmares, que reivindicavam justiça, trabalho e terra. Os sem-terra apresentaram um termo de fiel depositário da área lavrado pela 1ª Vara Federal. Léo dos Santos, um dos integrantes do movimento, criticou a decisão de repassar a área da Fazenda São Diogo para os fazendeiros, “a gente quer que a Justiça acelere o processo e pegue a terra como parte do pagamento das usinas. Se nos foi retirado o direito de fiel depositário, tem que arrumar outro lugar para nos assentar”.⁴⁹⁸

As 200 famílias de acampados no Dandara dos Palmares, com a liminar de reintegração de posse, expedida pelo juiz da 1ª Vara Federal de Campos, Marcelo Araújo, se mudaram para ocupar as margens próximo a fazenda da estrada RJ-224, que liga Travessão a São Francisco de Itabapoana. De acordo com Edson dos Santos, o Índio, um dos coordenadores do movimento, “saímos de uma forma pacífica. Estamos em uma área que pertence ao Estado, que fica a 20 metros do asfalto. Não estamos ocupando terra de ninguém. Nós acreditamos muito mais na força do movimento e nos trabalhadores, que no Incra”.⁴⁹⁹

As famílias armaram as barracas de lona e iniciaram a criação de condições de sobrevivência no local. Desde dezembro de 2001 que os integrantes do MST haviam recebido a posse de fieis depositários da área, com a ocupação ocorrendo no início de fevereiro, como citado anteriormente. Em 16 de maio, os sem-terra deixaram as margens da estrada e voltaram a ocupar a área como forma de protesto em meados de maio. No mês seguinte houve a desocupação com cerca de mais de 70 policiais militares que chegaram ao local e foram recebidos por uma comissão do MST. Com o ato, para o coordenador do movimento no Estado do Rio de Janeiro, a resistência das famílias que retornaram para margens da estrada, seria de forma pacífica e com o diálogo,

Não queremos conflitos. Passamos cinco meses vivendo na beira da estrada e nada foi feito. Como forma de pressão ocupamos a sede da fazenda para que a Justiça pudesse agilizar o processo e o Incra tomasse uma decisão. Entretanto, 30 dias se passaram e nada foi feito. Eles fizeram um

⁴⁹⁸ MONITOR CAMPISTA. **Sem-terra protestam contra reintegração**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.37, 19 Fev, 2002. p 1.

⁴⁹⁹ MONITOR CAMPISTA. **Sem-terra acampam na estrada**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.41, 23 Fev, 2002. p 1.

levantamento e disseram que havia 10 áreas improdutivas na região, mas sequer nos informaram quais seriam elas. Suponho que sejam terras das 28 usinas que funcionaram aqui no passado.⁵⁰⁰

Na publicação do número 54 de 2002, referente a 10 e 11 de março, haveria uma matéria escrita por Ana Ruth Manhães e Cilênio Tavares onde fariam um balanço do MST na região nos últimos quatro anos. Neste período, o MST estaria com oito áreas ocupadas em três municípios diferentes, sendo em Campos, Che Guevara (Marrecas), Ilha Grande (Baixa Grande), Oziel Alves (Cambahyba), Zumbi dos Palmares (Usina São João), Antônio de Farias (Cambahyba) e o Dandara dos Palmares. Além destes, as outras áreas seriam nos municípios de São João da Barra e São Francisco de Itabapoana, sendo ao todo, cerca de 1.600 famílias envolvidas. O mapa publicado no jornal Monitor Campista ilustra bem a região e as ocupações realizadas:

⁵⁰⁰ MONITOR CAMPISTA. **Sem-terra deixam área do Dandara**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.137, 21 Jun, 2002. p 1.



(1) Che Guevara (Marrecas) - 74 famílias

(5) Oziel Alves (Cambaíba) - 300 famílias

(2) Ilha Grande (Baixa Grande) - 58 famílias

(6) Novo Horizonte (Rio Preto) - 300 famílias

(3) Zumbi dos Palmares (U. São João) - 508 famílias

(7) Dandara (Campos e SFI) - 150 famílias

(4) Antônio de Faria (Lagoa de Cima) - 92 famílias

(8) Chico Mendes (SJB) - 120 famílias

(Monitor Campista, n.54, 10 de março de 2002)

Para um dos coordenadores do movimento em Campos, Francisco Valença Lan, o “Chiquinho Lan”, “o MST vive uma nova fase de crescimento. Só vejo geração de emprego

com a reforma agrária”.⁵⁰¹ A resposta viria de José do Amaral, presidente do Sindicato Rural de Campos, que como estamos observando, representa a classe dos latifundiários da região, e criticaria “o MST é um braço destas Ongs que tentam fazer a subversão da ordem. Enquanto recebem a bolsa manutenção do governo e não tem que viver do próprio recurso, está tudo bem. Eles só reclamam quando o governo não dá esse auxílio”.⁵⁰²

Outro embate que o MST faria na região seria contra a instalação da Aracruz Celulose no município, imprimindo a monocultura do eucalipto, a qual o MST era contrário e não veria auxílio aos assentados.⁵⁰³ Por outro lado, dentro deste crescimento do MST na região, podemos ver o exemplo de Aldileia da Silva Almeida, que nasceu na localidade de Marrecas e teve sua casa construída no assentamento Che Guevara, também em Marrecas. Com uma plantação de quiabos em sua casa, valorizou poder produzir sua alimentação,

Foi com muita luta e persistência que conseguimos chegar onde estamos. Sempre trabalhei na lavoura e há quase dois anos conseguimos nossa casa. Agora, só penso em cuidar desse pedaço de terra que conquistei e poder produzir cada vez mais. Se Deus quiser, vou plantar 30 quilos de sementes de quiabo no inverno. Neste verão, chegamos a plantar melão e melancia.⁵⁰⁴

Sobre esta questão da construção das casas nos assentamentos, os sem-terra do Antônio de Farias estavam no aguardo de se tornar realidade, dentro do projeto de assentamento modelo prometido pelo Estado. No entanto, mesmo com a visita do Secretário de Estado de Agricultura, Abastecimento e Pesca, José Marcos Castilho, em julho de 2002, dois anos após a ocupação, apenas 26% das casas teriam iniciado sua construção das 93 unidades previstas no início do ano. Com a promessa de mais 90 dias, as casas seriam construídas em nove núcleos, com 50 metros quadrados, dois quartos, sala, cozinha, banheiro e varanda em uma área de 1.042 hectares.

O Secretário José Marcos também prometeu a retomada do projeto de irrigação e auxílio aos plantadores durante o período de plantio. Dentro do convênio firmado entre o Estado e a Prefeitura de Campos e o INCRA, ao INCRA coube desapropriar a área e disponibilizar crédito agrícola, e a prefeitura ficou responsável pela reforma e abertura das estradas internas, instalação da eletrificação rural e disponibilização dos serviços básicos aos

⁵⁰¹ MONITOR CAMPISTA. **MST toma conta da região**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.54, 10 Mar, 2002. p 13.

⁵⁰² Ibid., p.13.

⁵⁰³ MONITOR CAMPISTA. **MST é contra plantação de eucalipto na região**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.54, 10 Mar, 2002. p 3.

⁵⁰⁴ MONITOR CAMPISTA. **MST toma conta da região**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.54, 10 Mar, 2002. p 13.

assentados. De acordo com os assentados, a eletrificação e o atendimento médico ainda não teriam saído do papel, sendo iniciada somente a construção das casas.⁵⁰⁵



(Monitor Campista, n.160, 18 de julho de 2002)

Em nova vistoria do secretário José Castillo ocorrida em setembro, houve uma nova promessa, a de esperar mais 60 dias para o término das construções. O imbróglio seria com a Engesul, que segundo o Estado não estaria cumprindo o acordo e haveria necessidade de ser feito um novo acordo com a empresa. O coordenador técnico da empresa, Jorge Ferrari, explicou que apenas um dia antes da visita do secretário receberam em conta cerca de R\$150 mil referentes aos trabalhos realizados até maio, afirmando que os trabalhos não foram concluídos por falta de recursos financeiros.⁵⁰⁶

E por fim, neste ano, o Zumbi dos Palmares receberia melhoria nas condições do assentamento. Beneficiado pelo Programa Luz no Campo, parceria entre os entes federais, estaduais e municipais, o Secretário José Castillo esteve no assentamento dia 30 de julho, para entregar 18 quilômetros de rede de energia elétrica, beneficiando 205 famílias, cerca de

⁵⁰⁵ MONITOR CAMPISTA. **Assentados ganharão casas ainda este ano.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.160, 18 Jul, 2002. p. 4.

⁵⁰⁶ MONITOR CAMPISTA. **Secretario visita casas na Fazenda do Pau Funcho.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.209B, 18 Set, 2002. p. 20.

1000 pessoas em um investimento total de R\$ 500 mil. O Governo do Estado destinou 33% do valor do montante, enquanto a prefeitura entrou com 25% e a Cerj com 15%.

Esta foi a conclusão da primeira etapa do projeto, que incluiu 7 quilômetros de rede de média tensão e 11 de baixa tensão, beneficiando integralmente a comunidade do Zumbi 1, e parte do Zumbi 4, com a meta de entregar a mais de 400 famílias o projeto, com a segunda etapa sendo concluída até agosto.⁵⁰⁷

Além do Luz no Campo, outro programa levado a cabo na Prefeitura de Campos foi o “Agricultura em Ação Itinerante”, que esteve no Oziel Alves em junho de 2002. Com este programa implementado pela Secretaria Municipal de Agricultura, agrônomos, técnicos agrícolas, tratores, arados, grades e retroescavadeiras foram colocados à disposição como empréstimos para auxiliar no trabalho com a terra. Nesta ação, houve também a distribuição de sementes e mudas para as famílias dos assentados.⁵⁰⁸

No final de agosto, o programa desenvolvido em 2001 e implementado no início de 2002 pela prefeitura esteve novamente no Oziel Alves, que tinha cerca de 150 famílias, para dar continuidade ao trabalho. Com o objetivo de levar tecnologias para fixar o agricultor no campo, os agricultores tiveram suas terras preparadas para futuros plantios pelos tratores agrícolas, retroescavadeiras e caminhões da Secretaria de Agricultura. As famílias receberam mudas de árvores frutíferas, e as mais carentes, bolsas de alimentos e um kit de hortaliças.

⁵⁰⁷ MONITOR CAMPISTA. **Eletrificação rural beneficia o assentamento do Zumbi**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.171, 31 Jul, 2002. p.4.

⁵⁰⁸ MONITOR CAMPISTA. **Agricultura para o MST**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.193, 27 Ago, 2002. p.2.



(Folha da Manhã, n.203, 31 de agosto de 2002.)

Depois do plantio, as famílias continuam recebendo a assistência dos técnicos enviados pela prefeitura, para que a colheita ocorra com mais de 90% dos resultados. No acampamento já eram produzidos alimentos em lavouras de aipim, maracujá, mandioca, abacaxi, além de várias hortaliças. Implementado desde março de 2003, o programa já atendeu durante o ano as comunidades de Zumbi dos Palmares, Santa Rita do Pau Funcho, São Martinho, Baixa Grande e Dolores de Macabu. O Secretário de Agricultura, José Claudio Barros explicou que ao reivindicarem o programa por meio de um envio à prefeitura,

O programa atende a todos os agricultores que não contam com assistência técnica. Temos a ajuda de agrônomos, biólogos, técnicos agrícolas e outros profissionais que ajudam a escolher as culturas adequadas para cada comunidade. Como os resultados foram muito além do esperado, vamos dar continuidade ao programa.”⁵⁰⁹

Neste âmbito de reivindicações por melhorias nos assentamentos, no Zumbi dos Palmares, o MST organizou um protesto em frente à Coordenadoria de Educação, reivindicando a reforma e reabertura da Escola Estadual Cândido Francisco dos Santos. No período, o assentamento contava com duas escolas municipais sem professores suficientes para os quatro núcleos com 506 famílias do Zumbi. Com o protesto, houve reunião com a Coordenadora de Educação, Odisseia Carvalho, que formalizou o pedido de reabertura da

⁵⁰⁹ MONITOR CAMPISTA. Assentados ganham apoio para aumentar produção. Campos dos Goytacazes (RJ): n.197, 31 Ago, 2002. p.1.

escola junto a representantes do MST e da Comissão Pastoral da Terra, no aguardo somente da liberação da verba.⁵¹⁰

Por fim, já no final do ano, ainda sobre o Zumbi dos Palmares, após denúncia o INCRA descobriria vendas irregulares de lotes no assentamento Zumbi 4 em novembro de 2002. Em entrevista do superintendente regional do INCRA, José Marques, foi apresentado um relatório contendo as análises feitas no Zumbi 4, que teve maior denúncias de irregularidades e o maior número de famílias, 506. De acordo com José Marques, das 140 famílias vistoriadas, 80 apresentaram irregularidades e 40 foram notificadas para deixar os lotes em 10 dias. As maiores irregularidades foram as vendas dos lotes, ocupação das áreas de reserva ambiental e não utilização dos recursos recebidos através do Programa Nacional de Apoio a Agricultura Familiar (PRONAF) para o cultivo de lavouras. Não só a perda dos lotes, mas as famílias teriam que devolver todo o financiamento recebido, segundo José Marques,

É bom deixar claro que o levantamento não foi uma ação unilateral, estamos contando com o apoio do Movimento dos Sem Terra, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, e ainda das Associações dos Núcleos. As vistorias estão sendo feitas com o acompanhamento de um representante de cada entidade.⁵¹¹

Após a vistoria no Zumbi 4, o foco do trabalho da vistoria se voltaria para o Zumbi 2 e seriam estendidos ao Zumbi 1. Presente na entrevista do superintendente do INCRA, Marina dos Santos, coordenadora do MST, concordou com a ação realizada pelo Incra, “há muitas pessoas vivendo debaixo de lonas e esperando um pedaço de terra para cultivar”.⁵¹²

A energia elétrica, que vimos anteriormente como uma questão de necessidade e precariedade por causa do não cumprimento de promessas, seria o primeiro tema de debate com relação à atuação do MST em Campos no ano de 2003. Sem energia elétrica, representantes do assentamento Zumbi dos Palmares, foram ao escritório da CERJ, em Campos, para cobrar iluminação no Zumbi 5, localizado na margem entre Campos e São Francisco de Itabapoana.

Os integrantes do MST estiveram reunidos no dia 9 de abril, uma quarta-feira, com o gerente regional da companhia de eletricidade, Airton de Lima, que garantiu resolver a questão até sexta-feira. De acordo com Airton, no projeto “Luz no Campo”, o custo da rede de iluminação era pago pelo produtor rural, com o valor dividido em até 84 parcelas, e sobre

⁵¹⁰ MONITOR CAMPISTA. **Assentados do Zumbi 4 fazem protesto para reabrir escola.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.261, 14 Nov, 2002. p.4.

⁵¹¹ MONITOR CAMPISTA. **Incra descobre venda irregular de lotes no Zumbi 4.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.271, 27 Nov, 2002. p.4.

⁵¹² Ibid., p.4.

o imbróglio, houve um atraso na conclusão do projeto de extensão da rede, que em planejamento, seria entregue no final de 2002, mas que demorou devido a um problema na compra e entrega de transformadores,

Estamos com 90% da rede pronta. Falta apenas a instalação de transformadores e mediadores. Assumi um compromisso de ir até ao local, na sexta-feira, já com os técnicos e o material de instalação. Esta obra está sendo feita com o apoio do projeto “Luz no Campo”, que viabiliza a eletrificação rural, dividimos o projeto em cinco etapas. As quatro primeiras estão executadas. No Zumbi dos Palmares 1, Zumbi 2, 3, e 4. O assentamento Zumbi 5, fica no município de São Francisco de Itabapoana. A Prefeitura de Campos, se responsabilizou pelo custo dos quatro assentamentos. Não foi feito nenhum convênio com a Prefeitura de São Francisco. Portanto, os produtores do Zumbi 5 vão receber a taxa nas contas de energia elétrica.⁵¹³

No mesmo mês de abril, mais especificamente no sábado, dia 11, o MST realizou uma nova ocupação com cerca de 200 famílias, atrás do Hospital Geral de Guarus (HGG), no bairro do Calabouço. Com o acampamento batizado de “Paz na Terra”, segundo o MST, o objetivo desta ocupação que duraria um prazo de três meses inicialmente não seria a área, e sim a importância de chamar atenção da justiça, “escolhemos o local para reunirmos o grupo e fortalecermos o movimento. Este vai ser um grande foco de luta. Nossa intenção é sensibilizar a Justiça por causa das sete áreas que estão com o processo emperrado”.⁵¹⁴

As famílias acampadas que iniciaram a montagem das barracas e o início da horta, receberam a visita do Procurador do município, Alex Pereira, do subprocurador Luís Emílio Naves e da Secretária de Promoção Social, Jane Nunes. Um dos coordenadores do movimento, Carlos Augusto da Silva, afirmou que como resultado deste encontro saiu um relatório que o procurador encaminharia ao prefeito Arnaldo Vianna. Neste escopo, Jane Nunes prometeu buscar viabilizar uma reunião com o prefeito, o que por nós não foi encontrado fontes com indícios de que poderia ter ocorrido.

E ainda sobre o Zumbi dos Palmares, no mês de maio, haveria um embate entre os assentados do Zumbi e o MST, por uma vistoria no assentamento marcada pelo Incra. Com base na determinação expedida pela superintendência do INCRA, o trabalho de vistoria nos lotes dos assentados no Zumbi deveria ocorrer acompanhado da associação de assentados e de coordenadores do Incra. Quando a fiscalização iria começar, os assentados não aceitaram essa decisão.

⁵¹³ MONITOR CAMPISTA. **Zumbi 5 vai ganhar energia elétrica.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.80, 09 Abr, 2003. p.3.

⁵¹⁴ MONITOR CAMPISTA. **MST não tem interesse em área que foi ocupada sábado.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.85, 15 Abr, 2003. p.1.

A presidenta da Associação de Moradores do Zumbi 1, Vilma Mota Pereira, reuniu os assentados para evitar que integrantes do MST entrassem no local e participassem da vistoria. Vilma afirmou que o MST é um movimento de ocupação e não deve ter envolvimento com os assentados, “aqui, eles não vão entrar. Iria haver um confronto, caso eles viessem aqui hoje. Eles não precisam trabalhar aqui dentro”.⁵¹⁵ A polícia chegou a ser acionada, mas além disto, Vilma comentou que os assentados do Zumbi 1 não querem ligação com o movimento, alegando que o MST tentou intervir na escolha de ocupação dos lotes.

O técnico agrícola do INCRA, Décio de Jesus Muniz, ficou encarregado de vistoriar o assentamento, verificando quais assentados estão cumprindo o contrato de forma regular, ou seja, estar morando no lote com a família, explorando a terra e investindo nela. Com o acordo feito entre o Sindicato Rural, as associações dos assentamentos, MST e o INCRA, ficou definido que os lotes desocupados por irregularidades seriam ocupados por famílias do acampamento Dandara dos Palmares.⁵¹⁶

Entre os dias 27 e 30 de maio ocorreram duas novas ocupações do MST em Campos. A primeira, ocorrida no dia 27, foi composta por trinta famílias do movimento que ocuparam a fazenda Santana Betel, com 435 hectares, na divisa entre Campos e São Francisco de Itabapoana, a 44 quilômetros do centro de Campos. O acampamento foi formado por 16 famílias do Dandara dos Palmares em Campos, e 14 famílias do São Roque, em Bom Jesus do Itabapoana. De acordo com uma das coordenadoras do movimento, Livia Regina de Souza, as famílias selecionadas estavam de 1 a 2 anos acampadas e o INCRA teria assinado a emissão de posse da fazenda, com isso o MST decidiu pela ocupação, afirmando que

Estamos seguindo a orientação nacional do INCRA e a ocupação representa mais uma luta do movimento contra os latifúndios. Agora o próximo passo é trabalhar com as famílias o modelo de assentamento, a divisão dos lotes e as áreas que teremos que preservar.⁵¹⁷

Carlos Correia, superintendente do INCRA, ratificou as informações do MST. Correia acrescentou que o único questionamento que o proprietário poderia fazer é discordar do valor da fazenda. Enviando uma equipe do INCRA nos dias seguintes, houve o cadastro de 30 famílias acampadas, e em seus 435 hectares teria capacidade para entre 30 e 50 famílias. Para Correia, que se reuniu com representantes do MST na sede do Sindicato dos Petroleiros do Norte Fluminense (SINDIPETRO-NF) no dia 29 de maio, afirmou que o objetivo era

⁵¹⁵ MONITOR CAMPISTA. **Assentados do zumbi proíbem que vistoria seja feita pelo MST.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.100, 06 Mai, 2003. p.1

⁵¹⁶ Ibid., p.1.

⁵¹⁷ MONITOR CAMPISTA. **Nova invasão do MST na região.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.119, 28 Mai, 2003. p.1.

assentar no Estado 2.500 famílias até o final do ano “a região Noroeste é a que tem maior número de famílias a serem assentadas. No assentamento Dandara, são 33, no Oziel Alves, 160, e no Paz na Terra, 185”.⁵¹⁸

A segunda ocupação ocorreu no dia 30 de maio, quando cerca de 300 famílias do MST ocuparam uma área da fazenda Abadia, arrendada à Usina Santa Cruz. A usina integrava o inquérito da Polícia Federal que investigava a contratação de trabalhadores em condições subumanas, porém, a mesma era considerada inteiramente produtiva e sem dívidas segundo a constituição. Por outro lado, o coordenador do MST, Leonardo Santos lembrou que as terras que são produtivas, devem também respeitar os direitos trabalhistas e o meio ambiente. Santos rememorou que durante a última fiscalização do Ministério Público do Trabalho (MPT), foram encontrados três menores entre 50 trabalhadores de uma lavoura,

Estamos lutando pelas desapropriações de terras usadas para o trabalho escravo. Os cortadores de cana têm que trazer alimentação de casa e ainda recebem um vale para comprar num armazém que superfatura os produtos. No final, eles recebem a notícia de que têm dívidas ou recebem trocos irrisórios entre R\$5,00 e R\$10,00.⁵¹⁹

Uma semana após a ocupação, foi expedido um mandato pela Justiça Estadual do juiz Carlos Azeredo de Araújo, da 3ª Vara Cível, de reintegração de posse. Inicialmente os sem-terra se recusaram a cumprir, após negociação e ameaça de conflito com a polícia militar, a saída das 235 famílias foi feita de forma pacífica. Com cerca de 150 policiais em torno dos integrantes do movimento, houve a desmontagem das barracas, e o proprietário das terras, João Antônio de Queiroz Galvão, cedeu 27 caminhões para transportar o grupo até o acampamento realizado nas fazendas Almada e Maruí, em Caxeta, também em Campos.

Neste segundo semestre, ocorreria o retorno do prefeito Arnaldo Vianna ao PDT. Reunindo centenas de militantes, a festa de filiação realizada pelo PDT-Campos no dia 24 de setembro de 2003 e ocorrida no Sindicato dos Bancários contou com a presença de Leonel Brizola. Além de Arnaldo, diversos integrantes do secretariado e vereadores voltaram ao partido, em declaração, Arnaldo afirmou estar muito feliz de retornar ao PDT,

Gostaria de nunca ter deixado o partido que me elegeu vereador e prefeito. A relação com o trabalhismo era uma herança e meu pai era ligado ao grupo de Brizola desde a infância. Hoje é o momento da minha filiação. Vamos trabalhar para fortalecer o partido em Campos e em toda a região.⁵²⁰

⁵¹⁸ MONITOR CAMPISTA. **Incra cadastra Sem-terra**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.121, 30 Mai, 2003. p.7.

⁵¹⁹ MONITOR CAMPISTA. **Duas invasões do MST em cinco dias**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.122, 31 Mai, 2003. p.1.

⁵²⁰ MONITOR CAMPISTA. **A volta por cima no PDT**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.220, 25 Set, 2003. p.3.

O presidente do diretório local do PDT, Roberto Henriques, acreditava que cerca de duas mil pessoas poderiam retornar ao partido com a volta de Arnaldo. Ao fazer um balanço de filiados até o período, Henriques comentou que antes da saída do prefeito e de Anthony Garotinho o partido contava com aproximadamente três mil filiados. Neste momento da volta de Arnaldo, o partido estaria em declínio, com cerca de 800 filiados no total.

Além deste encontro no Sindicato dos Bancários, também ocorreria anteriormente no mesmo dia uma solenidade na Câmara de Vereadores com a presença de Brizola, sua comitiva com lideranças estaduais como o presidente estadual do PDT, Carlos Lupi, o deputado estadual, José Maurício Linhares, o prefeito de Caxias, José Camilo Zito e a participação dos militantes pedetistas. Brizola reiterou que a cidade teria muito a ganhar com o trabalhismo, e que as melhorias na cidade ocorreram por obra do PDT,

Campos ainda tem muito a fazer com o trabalhismo. Não comigo, que já estou mais para lá que para cá. Já passei dos 80. Estou quase com 82 anos e quem chega a essa idade tem é que apoiar os jovens, como os prefeitos Arnaldo e Zito, para que eles se desenvolvam e formem novos quadros.⁵²¹

Reafirmando a UENF como um de seus grandes orgulhos e criticando Anthony Garotinho como uma “aparência e ilusão”, Leonel Brizola concedeu entrevista ao jornal Monitor Campista. Ao comentar sobre suas lembranças de Campos rememorando as campanhas do final da década de 1980 e a comemoração com o retorno de Arnaldo Vianna ao PDT, afirmou,

Sem dúvida alguma. Foi um acontecimento. Ele estava preso a outros compromissos e se sentiu liberado e nós realmente comemoramos. Viemos a Campos para isso mesmo, comemorar com ele, juntar pessoas. O fato dele ter revisado a posição, nós todos revisamos, todos nós nos deixamos envolver por uma aparência.⁵²²

⁵²¹ Ibid., p.3.

⁵²² MONITOR CAMPISTA. **Decepção com Lula e Garotinho**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.223, 28 Set, 2003. p.3.



BRIZOLA E ARNALDO também participaram de solenidade na Câmara antes da reunião

(Monitor Campista, n.223, 28 de setembro de 2003)

Com as ocupações ocorridas citadas anteriormente, uma das representações dos produtores de Campos, a Associação Fluminense dos Produtores de Cana (ASFLUCAN), liderada pelo presidente desta, Frederico Paes, colocou-se contra a atuação do MST na região. Para este, se as forças de segurança e o Incra não tomarem providências, a região correria um grande risco de se tornar o “novo Pontal do Paranapanema”.

Em reunião com o presidente da Associação Comercial e Industrial de Campos (ACIC), Adão Faria, e outros segmentos da sociedade civil organizada, como a Câmara de Dirigentes Lojistas (CDL), foi redigido um manifesto enviado ao Presidente da República, contrário ao MST em Campos e a determinações do INCRA.⁵²³ A TFP também seguiria esta linha e publicaria uma coluna intitulada “Alerta da TFP”, criticando a violência intrínseca da luta pela reforma agrária⁵²⁴, algo que ocorria frequentemente no jornal, com espaço privilegiado para a TFP, intitulado “Coluna da TFP”.

O MST, na figura de Anderson Rodrigues, integrante da direção regional, rebateu estas suposições de Frederico Paes, descartando a radicalização do movimento, afirmando que mesmo assim havia a possibilidade de novas ocupações ocorrerem no Norte

⁵²³ MONITOR CAMPISTA. **Invasões preocupam**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.189, 20 Ago, 2003. p.1.

⁵²⁴ MONITOR CAMPISTA. **Alerta da TFP**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.214, 18 Set, 2003. p.7.

Fluminense.⁵²⁵ O geógrafo, doutor em Planejamento Ambiental e professor da UENF, Marcos Antônio Pedlowski, pesquisador da atuação do movimento na região, reiterou o alto índice de concentração de terra no município, confirmando que a maioria dos integrantes do movimento seria de Campos, com minoria de outros municípios da região, com a maior parte atuante das áreas urbanas no comércio informal, ou atividades sazonais. Traçando um balanço da trajetória do MST até este momento, quando perguntado em entrevista no jornal Monitor Campista, afirmou que até o período existiam,

Quatro assentamentos e dois acampamentos. A estimativa atual é de que existam cerca de 1.000 famílias, entre assentados e acampados. Sem querer ser alarmista, acredito que ainda teremos conflitos mais agudos na região. A tática do MST de ocupar áreas em que os proprietários reconhecidamente tem problemas de débitos com a União ou condições extremamente precárias em relação à titularidade da terra pode estar retardando estes conflitos. Por outro lado, o MST chegou há apenas seis anos à região e só atingiu um nível razoável de organização nos últimos três anos. Isto certamente indica que sua ação vai se acelerar e não refrear, pois não só estão surgindo mais militantes, como o número de pessoas querendo retornar para as áreas rurais também está aumentando. Os latifundiários também estão se preparando para a disputa, como mostrou recente reunião promovida pelo Sindicato Rural de Campos, na qual os presentes discutiram como barrar novas inspeções do Incra. Apesar de todos os problemas que os assentados vêm enfrentando, a reforma agrária é um sucesso na região. Nota-se uma grande transformação na condição de vida e na própria autoestima dos assentados. A grave questão é que a falta de apoio à implantação dos assentamentos faz com que muitos os abandonem, o que gera a noção de que a reforma agrária é um fracasso. No entanto, nossos dados no Zumbi dos Palmares mostram um nível de melhoria das condições efetivas da sua população, que certamente não teria sido alcançado se os assentados tivessem permanecido onde estavam, ou seja, nas favelas urbanas.⁵²⁶

Seguindo esta linha dos pesquisadores sobre a região de Campos, houve em meados de setembro, o I Seminário sobre Trabalho Escravo e Degradante no Norte e Noroeste Fluminense. Com a participação do presidente da Comissão de Direitos Humanos da Alerj, Alessandro Molon, do coordenador nacional do MST, João Paulo Rodrigues, e de representantes da UFF, os debates em mesas e palestras resultaram em um comitê que buscaria desenvolver ações concretas no combate ao trabalho escravo.⁵²⁷

Em outubro, no dia 03, o MST liderou nova ocupação com cerca de 60 famílias em uma área atrás do Hospital Geral de Guarus. Estas famílias somaram-se a outro grupo que

⁵²⁵ MONITOR CAMPISTA. **MST descarta radicalização**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.190, 21 Ago, 2003. p.4

⁵²⁶ MONITOR CAMPISTA. **Pesquisador diz que tensão no campo ainda poderá ser maior**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.217, 21 Set, 2003. p.5.

⁵²⁷ MONITOR CAMPISTA. **Seminário debate o trabalho degradante**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.214, 18 Set, 2003. p.5.

ocupou próximo à área e deram origem ao acampamento Paz na Terra.⁵²⁸ Somente três dias depois, o superintendente do Incra, Carlos Correa, foi informado da ocupação e na semana seguinte, o superintendente esteve presente em Campos. Reunindo-se com representantes da prefeitura, o objetivo da visita seria firmar parceria para iniciar um programa de Ação de Recuperação dos Assentamento, com assistência técnica, topografia e identificação de famílias que necessitam de créditos para cultivo.

Neste programa de Ação de Recuperação dos Assentamentos seriam analisados os casos de irregularidades nos lotes, os irregulares seriam substituídos por outras famílias cadastradas e moradoras de acampamentos. Somente neste ano de 2003, o Incra havia realizado 13 vistorias na região, e além disto, com as vistorias, era possível avaliar necessidades de assistência técnica na área. Com vistorias, 200 lotes foram recuperados pelo Incra. Para Correa, a maioria dos problemas que ocorrem nos assentamentos era motivado pela falta de assistência técnica e ausência de projetos agrícolas,

Vamos moralizar e resgatar os assentamentos. Resgatar para nós, significa dar infra-estrutura e apoio técnico. Em Tipiti tivemos muitos problemas com a venda indevida de lotes e em Novo Horizonte também sabemos que existem problemas. Recebemos denúncias de áreas ambientais onde fizeram construções irregulares e também que estão com bois de fazendeiros. Não há perdão para quem negocia o lote. Outras famílias estão sendo cadastradas para os assentamentos.”⁵²⁹

Ainda neste mês de outubro o MST-Campos realizaria uma marcha com cerca de 300 integrantes de vários acampamentos e assentamentos da região, saindo da Praça de Travessão até o centro de Campos, caminhando 18 quilômetros pela rodovia BR-101. A passeata foi motivada após a tentativa de assassinato ocorrida contra Antônio Junior, o Juninho, coordenador do Oziel Alves. Mesmo com a tentativa de homicídio, e sofrendo cinco tiros quando estava no ponto de ônibus, Juninho sobreviveu. Na primeira semana de outubro, o vigia Denilson Nunes foi reconhecido pelo sem-terra como autor dos disparos e foi preso.⁵³⁰ A denúncia recebida pela polícia é de que a tentativa ocorreu sob mando de um fazendeiro da região.

No fim do ano, em dezembro, o MST realizou um ato de distribuição de duas toneladas de alimentos na praça São Salvador, ocorrendo pelo terceiro ano consecutivo como celebração do Dia Internacional dos Direitos Humanos. Segundo um dos coordenadores do MST-RJ, Carlos Augusto da Silva, esta é uma forma de mostrar para a sociedade o avanço da

⁵²⁸ MONITOR CAMPISTA. **MST lidera nova invasão e Incra promete assistência.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.230, 07 Out, 2003. p.1.

⁵²⁹ MONITOR CAMPISTA. **Incra fiscaliza assentamentos.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.260, 11 Nov, 2003. p.4.

⁵³⁰ MONITOR CAMPISTA. **Marcha dos acampados.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.233, 10 Out, 2003. p.1.

reforma agrária no Norte Fluminense, “ao invés dos grandes latifúndios que só plantam cana, nesses sete anos de MST na região, se planta vida e solidariedade”.⁵³¹ O coordenador regional do movimento, Leandro dos Santos, analisou o ano de 2003 como positivo para o MST no município, com avanços nas conquistas de mais quatro fazendas, entre elas, a fazenda Santana Betel que deu origem ao Dandara dos Palmares, a fazenda Almada Maruí, onde surgiu o Terra Conquistada, a fazenda Dores, que originou o assentamento Oziel Alves e a fazenda Vermelha, que se encontrava em processo de desapropriação para dar lugar ao assentamento Paz na Terra. Além destas, Santos lembrou que outras oito áreas estão sendo vistoriadas para fins de reforma agrária.⁵³²

No último ano do mandato de Arnaldo Vianna, 2004, com relação ao MST, iniciou-se com a 13ª visita da governadora Rosinha Garotinho (PMDB) do Estado do Rio de Janeiro à região, em março, para inaugurar 93 casas no assentamento Antônio de Farias, na localidade de Pernambuco. Acompanhada de sua equipe de trabalho, Rosinha entregou as casas às famílias assentadas, anunciou a distribuição do Cheque-Cidadão para os assentados até a primeira safra colhida e prometeu transporte escolar para as crianças. O projeto total, considerado modelo de assentamento, custou ao Estado pouco mais de R\$1 milhão.⁵³³

Com relação às ocupações neste ano, o MST ampliaria sua área de ocupação no acampamento na fazenda Caetá, dia 3 de maio, referente a área da Usina Cambahyba com o aumento de 150 famílias integrantes. Segundo os coordenadores do MST, Ítalo Gomes e Maria Paes de Oliveira da Conceição, a fazenda de 1.771 hectares já havia sido considerada improdutiva pelo Incra, com o presidente Fernando Henrique Cardoso assinando a desapropriação em 1998. Claudir Furtado, superintendente do INCRA que visitou a região, ressaltou o interesse em assentar as famílias.⁵³⁴

Por outro lado, considerando que havia dois anos que o Governo Federal não realizava assentamentos na região, o MST fez uma manifestação com cerca de 100 trabalhadores em frente ao monumento do ao indígena Goytacá, no dia 13 de maio. A crítica ao INCRA, que se perdurou neste ano, seria que o órgão estaria quatro meses sem distribuir cestas básicas nos acampamentos, com os sem-terra fazendo biscates para conseguir comida e ocorrendo na

⁵³¹ MONITOR CAMPISTA. **MST vai distribuir alimentos dia 10**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.280, 05 Dez, 2003. p.5.

⁵³² MONITOR CAMPISTA. **Parte da produção do MST é distribuída com a comunidade**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.285, 11 Dez, 2003. p.1.

⁵³³ MONITOR CAMPISTA. **Casas são entregues a assentados**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.66, 23 Mar, 2003. p.1.

⁵³⁴ MONITOR CAMPISTA. **MST amplia área de invasão**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.100, 04 Mai, 2003. p.1.

desorganização do movimento, já que não podem sair das barracas em luta de conseguir serem assentados.



(Monitor Campista, n.109, 14 de maio de 2004)

Além disto, para um dos coordenadores do MST-Campos, Romário Custódio da Silva, havia ausência de representantes do INCRA na região. Apesar de diversos acampamentos com áreas improdutivas necessitando de vistoria do órgão, Romário analisava que,

Precisamos ainda que resolvam o problema dos pré-assentamentos Dandara dos Palmares e Terra Conquistada. Eles já receberam a emissão de posse, mas ainda precisa que o INCRA envie um órgão competente para medir as terras. Estamos apenas exigindo respostas e soluções. O acampamento Mário Lagos, na Fazenda Caetá, já está com 300 pessoas e precisamos que o Incra faça o cadastramento desses agricultores. Não dá mais para continuar nessa letargia.⁵³⁵

Seguindo as críticas ao INCRA, em 19 de agosto houve outro protesto do MST em frente a Fundação Estadual de Engenharia do Meio Ambiente (FEEMA). O objetivo do

⁵³⁵ MONITOR CAMPISTA. **Protestos de manhã, quebradeira a tarde.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.109, 14 Mai, 2004. p.1.

protesto seria exigir agilidade na liberação dos processos de licença ambiental de assentamentos localizados nas regiões Norte e Noroeste Fluminense.

Para Hermes de Oliveira Cipriano, um dos coordenadores do MST no município neste período, mesmo com lideranças do MST reunindo-se com o INCRA três vezes neste ano de 2004, enviando toda a documentação necessária para a FEEMA, não houve agilidade nas resoluções, “dos 13 processos existentes, somente um foi instruído tecnicamente pelo Incra, o de Santana de Betel, cujo parecer já foi enviado para a Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano. Não sabemos quem está falando a verdade”.⁵³⁶ Além disto, Hermes frisou que por falta da liberação dos processos as famílias não poderiam produzir.

Em outubro, as famílias do acampamento Rosa Luxemburgo desocuparam a área ocupada em Lagoa de Cima, após o juiz da 2ª Vara Federal, André Luiz Martins da Silva, conceder a reintegração de posse ao proprietário, Lauro Cardoso. Ocorrendo o despejo, as famílias foram armar as barracas na Orla da Lagoa de cima, 10 metros da área em que estavam. A operação contou com aproximadamente 150 policiais, destes, 90 eram da Polícia Federal, além da presença do Corpo de Bombeiros. Em protesto realizado em novembro parou a BR-101 no trecho próximo ao Shopping Estrada, com cerca de 120 integrantes do MST. Romário da Silva, um dos coordenadores do movimento, teceu críticas ao

Governo federal, fala tanto em Fome Zero e não cumpre o que promete. Estamos há dois meses sem cesta básica e ainda corremos o risco de continuarmos sem alimentos ano que vem. Vale ressaltar que 45% das terras estão nas mãos de apenas 1% da população. O latifundiário precisa aprender que a terra é um bem essencial como a água, não é um patrimônio único, deve ser compartilhada para que dessa forma a fome possa ser reduzida em todo o país.⁵³⁷

Por outro lado, como oposição crítica ao MST no município de Campos dos Goytacazes, neste ano a TFP endureceu seu discurso contra o movimento. Com o intuito de obterem assinaturas para o envio ao Papa João Paulo II de um abaixo-assinado intitulado “Angustiado e filial apelo a SS. João Paulo II. O Brasil pacífico e laborioso vos suplica: Livrai nosso país da ação maléfica da esquerda católica”, realizaram manifestações na cidade. Apresentando o novo brasão da instituição na manifestação, com 30 horas de campanha em diferentes dias, coletaram 5.352 assinaturas.

O abaixo assinado solicitava uma tomada de atitude do Papa para impedir uma “guerra entre irmãos”. Gilberto Guiotto, encarregado da Associação dos Fundadores da TFP

⁵³⁶ MONITOR CAMPISTA. **MST faz pressão por licença**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.192, 20 Ago, 2004. p.7.

⁵³⁷ MONITOR CAMPISTA. **Protesto do MST para BR-101**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.261, 10 Nov, 2004. p.1.

em Campos, valorizou o trabalho desenvolvido contra a esquerda católica, colocando-o como de fundamental importância:

Há uma urgência em informar a S.S. João Paulo II, a preocupação dos católicos quanto ao avanço da esquerda no clero brasileiro e a atuação deste em movimentos como o MST, a CPT e outros que incentivam as invasões de propriedades rurais e urbanas. A “esquerda católica” também atua nos meios indígenas promovendo uma artificial luta racial.⁵³⁸

E por fim, este ano marcou o falecimento de Leonel Brizola, com um ato de pesar convocado pelo presidente do diretório municipal Roberto Henriques e ocorrido dia 22 de junho na praça São Salvador. Representantes do MST, além de brizolistas históricos da região como Avelino Ferreira e Bete Araújo estiveram presentes, assim como partidários do PT. Para o prefeito de Campos, Arnaldo Vianna, era “um momento de dor. Se trata de uma pessoa que teve uma importância histórica muito grande para o país”.⁵³⁹ Para Anthony Garotinho, Brizola “foi um grande brasileiro. Assim como ele, os jovens não devem se alienar, mas cada vez mais, lutar por este país”,⁵⁴⁰ e Rosinha comentou, “sempre foi uma pessoa muito presente. Estive com ele no PDT durante 18 anos e apesar de algumas divergências políticas, não abalou a amizade pessoal existente.”⁵⁴¹

Neste ano de 2004, realizaram-se eleições municipais para prefeitura de Campos. Com Garotinho à frente de uma secretaria no Estado e Arnaldo Vianna no cumprimento do segundo mandato, couberam a ambos apoiar seus candidatos à sucessão. O escolhido pelo ex-governador foi Geraldo Pudim que, mantivera fidelidade a este, e compunha a chapa Claudeci das Ambulâncias. Já a chapa apoiada pelo prefeito fora formada por Carlos Alberto Campista que, à época assumia o cargo de vereador, junto a Toninho Viana.

No dia 3 de outubro, em uma votação acirrada, Pudim assumiu a liderança, dispondo de 82.382 sufrágios, já Campista e Feijó concorreram voto a voto em outra vaga ao segundo turno. Com 62.210 contra 61.319, o candidato apoiado por Vianna seguiu na disputa pelo cargo Executivo. Os remanescentes buscaram o apoio dos que estavam anteriormente em emulação, Feijó e o petista Makhoul Moussallem, que optaram por dar suporte a Campista.⁵⁴²

O resultado da eleição apontou certa proximidade, mas com 131.363 votos contra 109.309, Carlos Alberto Campista se consagrou o vencedor do pleito. O resultado configurou

⁵³⁸ MONITOR CAMPISTA. **TFP faz campanha de apelo a João Paulo II**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.202, 01 Set, 2004. p.6.

⁵³⁹ MONITOR CAMPISTA. **Guerreiro repousa no sul**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.202, 23 Jun, 2004. p.3.

⁵⁴⁰ Ibid., p.3.

⁵⁴¹ Ibid., p.3.

⁵⁴² PANTOJA, Silvia. O cenário muda, mas a cena se repete...: considerações sobre o processo político-eleitoral de 2004 e as eleições de 2006, em Campos dos Goytacazes. **Revista Vértices**, [S. l.], v. 7, n. 1/3, p. 15–26, 2010. p.6.

a primeira derrota de Garotinho em Campos, em decorrência da vitória de um grupo de mesmo alinhamento político.

3.3 – O FIM DO PEDETISMO NA PREFEITURA: A CASSAÇÃO DE CARLOS ALBERTO CAMPISTA (2005-2005) E O BREVE PERÍODO DE ALEXANDRE MOCAIBER (2005-2006)

Durante o breve mandato de Carlos Alberto Campista (PDT), poucas foram as fontes encontradas sobre a atuação do MST no período dentro do município, principalmente devido ao pequeno período que governou a cidade, cinco meses. Em 13 de abril de 2005, ocorreu um protesto dos sem-terra iniciado no centro da cidade, no Parque Alberto Sampaio, e que saiu em passeata até o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias do Açúcar e do Alcool (STIAC). A manifestação ocorreu com o objetivo de forçar as autoridades governamentais a desapropriar mais terras e realizar mais assentamentos, pressionando por uma maior agilidade na reforma agrária. A partir da exposição de uma pequena amostra da produção agrícola dos assentamentos do município, cerca de 50 integrantes do acampamento Leonel Brizola, em três vendas, fizeram uma manifestação com produtos como abóbora, aipim e bananas.

Representantes do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Carapebus estiveram presentes para apoiar o movimento, como o diretor Adílson da Silva Moreira. Além deste, o Monitor Campista recolheu falas de acampados integrantes do MST, como a do agricultor Luís Carlos Silva Corrêa, que resolveu fazer parte do movimento por acreditar ser a única forma de conseguir um pedaço de terra, “precisamos levar as pessoas de volta ao campo. As favelas estão cheias porque a população não tem emprego. Se tivermos terras, teremos trabalho”.⁵⁴³ Josielma dos Santos Silva, também integrante do movimento e presente na manifestação, ingressou no MST por causa do desemprego em sua família, e com a entrada estaria há 24 dividindo uma barraca no acampamento Leonel Brizola, com sua família, incluindo sua filha recém-nascida, “pelo menos, agora, temos onde plantar. Estamos tendo condições para alimentar nossa filha”.⁵⁴⁴

No final de abril seria aberta uma nova opção de feira do MST, montada no Parque Tamandaré, em frente ao colégio Salesiano, a partir da iniciativa de 25 famílias de cinco assentamentos integrantes do movimento. Com os produtos cultivados sem agrotóxicos, esta foi uma forma encontrada para ajudar a escoar a produção, e segundo um dos coordenadores, Hermes Cipriano, o preço das verduras e legumes são semelhantes aos de hortifrutis e feiras,

⁵⁴³ MONITOR CAMPISTA. **Sem-terra protestam no centro**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.86, 14 Abr, 2005. p.7.

⁵⁴⁴ Ibid., p.7.

Além de comercializar a produção, o que estamos tentando mostrar é que a reforma agrária não termina com a conquista da terra. Um dos grandes problemas dos agricultores é a carência de locais para escoar a produção. Na maioria das vezes ficamos nas mãos de atravessadores e acabamos tendo prejuízos. A venda direta é muito mais rentável e ainda temos o contato direto com as pessoas e a oportunidade de falar sobre o MST e a reforma agrária.⁵⁴⁵

Esta feira contava com o apoio de entidades como a Universidade Cândido Mendes (UCM), o Centro Federal de Ensino Tecnológico (CEFET) e da Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF). Com os laboratórios da UENF sendo utilizados para realizar análises sobre o teor de agrotóxicos nos alimentos e melhorias nas técnicas de produção.

No mês seguinte, no dia 13 de maio, sairia a determinação da juíza Denise Apolinária, da cassação dos direitos políticos e inelegibilidade por três anos do prefeito Carlos Alberto Campista, e de seu vice, Toninho Vianna, que foram afastados das funcionalidades de seus cargos, por crimes eleitorais durante a última campanha municipal. Após o resultado das urnas das eleições de 2004, inúmeras denúncias contra os grupos em disputa foram perpetradas, seja quanto a abusos e irregularidades cometidas na máquina administrativa, como a utilização de recursos públicos e a implementação de programas assistenciais como forma de beneficiamento de candidaturas.

Com estas denúncias em andamento, o Ministério Público suspendeu diversos programas assistenciais, como a distribuição irrestrita de cheques – cidadãos, as construções de casas populares com prestações de R\$1,00 e a distribuição de vales alimentação que ocorria. Outras denúncias surgiram como: contratação de cerca de 25.000 funcionários pela prefeitura em período pré-eleitoral; a contratação de shows milionários sem licitação, para promover seus candidatos; e o encontro da elevada verba de campanha no valor de R\$ 318.470,00 na sede do PMDB, em Campos, partido de Rosinha e Garotinho no período, dois dias antes do segundo turno e cuja origem não foi comprovada.

De igual forma, com estas denúncias, a ação abrangeu a mesma pena à Arnaldo Vianna e sua esposa Ilan, além de Pudim, Claudeci, Garotinho e Rosinha, que foram condenados por medidas configuradas de compra de votos. Apenas em 10 de novembro de 2005, estes últimos foram absolvidos da sentença imposta, assim como seus candidatos, Geraldo Pudim e Claudeci “das ambulâncias”, em 1º de dezembro do mesmo ano, o que lhes permitiu disputar, outra vez, o executivo campista, nas eleições de 12 de março de 2006. Por

⁵⁴⁵ MONITOR CAMPISTA. **Nova opção de alimento sadio**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.99, 30 Abr, 2005. p.1.

outro lado, Arnaldo Vianna e seus candidatos a prefeito e vice-prefeito, Alberto Campista e Toninho Vianna, continuaram inelegíveis.⁵⁴⁶

Cassado no dia 13 de maio de 2005, o cargo de prefeito fica interinamente sob a responsabilidade do presidente da Câmara dos Vereadores, o pedetista Alexandre Mocaiber. Durante o início do período de Mocaiber na prefeitura de Campos, o MST intensificou suas ações, principalmente em dois atos contra a decisão da reintegração de posse de acampamentos onde estavam diversas famílias. Em 5 de julho, cerca de 100 integrantes do movimento que viviam nos acampamentos Oziel Alves e Mário Lago, na Usina Cambaíba, e Antônio de Faria, localizado em Penambuca, no município de Campos, protestaram contra a reintegração de posse das fazendas do complexo Cambahyba, determinada pela Justiça Federal.

O ato que se iniciou de tarde e estendeu-se até a noite, na Praça São Salvador, contou com a distribuição para a população de parte da produção como hortaliças, legumes e frutas. Segundo o MST, no Oziel Alves viviam 160 famílias há cinco anos, e no Mário Lago, outras 160 famílias acampadas há 18 meses no complexo da usina que está desativada, mede 3,7 mil hectares e devia mais de R\$600 milhões à União. No mesmo dia, advogados do movimento entraram com agravo para suspender a liminar de despejo.⁵⁴⁷

Além disso, durante o ato houve um momento de solidariedade a Manoel de Souza, sem-terra de 47 anos que foi assassinado com 5 tiros no dia 04 de julho de 2005. Morador do acampamento Oziel Alves desde maio de 2000, Manoel estava indo de carroça para o seu lote de terra quando houve o crime, deixando quatro filhos pequenos e sua esposa, Andréa de Carvalho Maciel. Uma das integrantes do MST, Barakati Henrique, morador do Oziel Alves desde o ano 2000, afirmou que o houve o ocorrido por causa das pressões pela posse da terra que o movimento sofria, como abordagem de pessoas estranhas em um carro próximo à entrada do acampamento, “acho que querem nos pressionar para deixarmos as terras. Ainda não sabemos o que fazer, mas o pessoal está assustado”.⁵⁴⁸ Em novembro do mesmo ano, acampados em Rio Preto de Campos, sofreram ameaças com pistolas e tiveram suas barracas queimadas.

⁵⁴⁶ PANTOJA, Silvia. O cenário muda, mas a cena se repete...: considerações sobre o processo político-eleitoral de 2004 e as eleições de 2006, em Campos dos Goytacazes. **Revista Vértices**, [S. l.], v. 7, n. 1/3, p. 15–26, 2010. p.21.

⁵⁴⁷ MONITOR CAMPISTA. **Sem-terra protestam na praça contra reintegração de posse**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.153, 06 Jul, 2005. p.1.

⁵⁴⁸ MONITOR CAMPISTA. **Sem-terra é assassinado a tiros**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.152, 05 Jul, 2005. p.1.

Em 9 de agosto, com uma nova decisão da justiça contra o mesmo acampamento Oziel Alves, o MST organizou uma marcha que saiu do acampamento até a Praça São Salvador para denunciar o que chamaram de “omissão da justiça”. As mais de 150 famílias que se encontravam no acampamento estavam em ameaça de despejo a qualquer momento, para a reintegração de posse.⁵⁴⁹ Na semana seguinte, sairia uma decisão sobre o acampamento considerada positiva pelo movimento, e que iniciaria o processo para o assentamento destas famílias, que ocorreria no ano seguinte, como demonstraremos adiante.

A Procuradoria da Fazenda Nacional desligou Jorge Lizandro, dono da antiga Usina Cambaíba, do Programa de Parcelamento Especial (PAES), sendo a medida tomada após constatadas incompatibilidades entre o porte da empresa e o tipo de financiamento. E em dezembro, após quase sofrer a ordem de despejo com policiais no acampamento, o INCRA adiou a ação até o final de janeiro, com a assessoria de imprensa do MST garantindo a produção das famílias com aipim, feijão, milho, hortaliças e frutas, aguardando no local havia quase seis anos o processo de desapropriação das terras ocupadas.⁵⁵⁰

Caminhando para meados do ano de 2005, o Monitor Campista chamava a atenção para a luta pela terra no município. Analisando desde a ocupação de Novo Horizonte que teve a participação da Federação dos Trabalhadores na Agricultura (Fetag-Rio) até 2005, Campos somava 9 assentamentos nestes 18 anos,

⁵⁴⁹ MONITOR CAMPISTA. **MST doa alimentos**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.182, 09 Ago, 2005. p.1.

⁵⁵⁰ MONITOR CAMPISTA. **Sem-terra ganham mais tempo**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.303B, 17 Dez, 2005. p.6.

Assentamento	n.º famílias	hectare	localização
Terra Conquistada	15	211,45	Serrinha - Campos
Dandara dos Palmares	25	419,10	Morro do Coco - Campos
Santo Amaro do Imbé	40	584,37	Imbé - Campos
Novo Horizonte	266	4.335,10	Imbé - Campos
Zumbi dos Palmares	507	8.005,29	Usina São João - Campos
Che Guevara	74	1.119,66	Us. Baixa Grande - Campos
Antônio Farias	93	1.221,02	Ibitioca - Campos
Ilha Grande	58	822,72	Us. Baixa Grande - Campos
Paz na Terra	100	1.052,00	Faz. Vermelha - Cardoso
Acampamento	n.º famílias	localização	
Oziel Alves	150	Complexo Cambaíba - Campos	
Mário Lago	100	Complexo Cambaíba - SJB	
Rosa Luxemburgo	25	Lagoa de Cima - Campos	
Josué de Castro	25	Morro do Coco - Campos	
Madre Cristina	200	Divisa Campos e São Francisco	
Coaff	280	Us. Santa Maria - Campos	
São Roque	85	Us. Santa Maria - Div. Campos e Bom Jesus	
• Dados fornecidos pelo setor de Comunicação Social do Inkra e MST.			

(Monitor Campista, n.193, 21 de agosto de 2005)

E no ano de 2006, o último analisado em nossa pesquisa, o MST perpassaria por embates e atos de resistência em terras ocupadas no município. No final de janeiro, depois de quase seis anos acampadas no Oziel Alves, cerca de 30 famílias de sem-terra foram retiradas através de um mandado de reintegração de posse.

Com a mobilização de mais de 100 agentes das polícias Federal, Militar Rodoviária e Corpo de Bombeiros, detiveram dois sem-terra acusados de resistência e demoliram 32 casas, inclusive as de alvenaria. Houve o bloqueio de estradas de acesso ao acampamento pela polícia e as famílias foram levadas para o acampamento da Fazenda de Dores. O Dandara dos Palmares também receberia famílias sem-terra que seriam expulsos da fazenda Arroz Dourado, em São Francisco de Itabapoana.⁵⁵¹

O embate sobre o acampamento Oziel Alves perdurou até agosto, quando houve a implantação do Projeto de Assentamento nas três das oito fazendas que formam o complexo, beneficiando 30 famílias em terras ocupadas desde o ano 2000. Para comemorar a conquista,

⁵⁵¹ MONITOR CAMPISTA. **Dandara recebe expulsos da Fazenda Arroz Dourado.** Campos dos Goytacazes (RJ): n.189, 22 Jul, 2006. p.7.

os sem-terra realizaram uma solenidade com a presença do presidente do INCRA, Rolf Hackbart e da Coordenação Nacional do movimento.

Os técnicos do INCRA percorreram os 500 hectares que compunham a fazenda Nossa Senhora das Dores, Fazenda e Fazendinha, com integrantes do Oziel Alves I para dar andamento ao processo. Segundo Rolf, inicialmente, as famílias iriam receber R\$2.400 por três anos para a compra de equipamentos, além de R\$8 mil para construção das moradias. Com o projeto de assentamento, cerca de 30 famílias receberam um lote de terra medindo dois alqueires, para a produção de alimentos e construção de casas.⁵⁵²

Para Hermes Oliveira Cipriano, um dos líderes do MST em Campos, “onde o MST se fixa, a economia se desenvolve, por causa do dinheiro que faz girar a partir da produção agrícola e na compra de insumos para agricultura”.⁵⁵³ De acordo com a contabilidade do movimento em setembro de 2006, seriam 14 áreas com a presença do MST na região, metade acampamentos aguardando resposta da justiça e a outra assentamentos formados.

O descontentamento das lideranças do movimento seria com as três esferas, e segundo Hermes Cipriano, o MST não teria recebido nada da prefeitura nessa gestão de Mocaiber. Uma queixa comentada era sobre as condições da estrada do assentamento Zumbi dos Palmares, gerando problemas de escoamento das chuvas, e impedindo os moradores de sair de casa. Um exemplo desta situação precária durante este mandato da prefeitura ocorreu em dezembro. Devido as fortes chuvas no município, uma das pontes de acesso ao assentamento caiu e os moradores ficaram cerca de 15 dias com dificuldades para sair e chegar.⁵⁵⁴

Entre as reivindicações como a da estrada referida acima, integrantes do MST fizeram uma marcha do assentamento Zumbi dos Palmares, até a Secretaria Municipal de Educação, cerca de 10 quilômetros no dia 23 de novembro para clamar por uma escola rural. Segundo uma das coordenadoras do MST, Inês Fátima Polidoro, próximo à localidade haviam duas escolas do município e uma do estado sem funcionamento, e ainda sim que funcionassem, os alunos estavam andando mais de 5 quilômetros para chegar na escola sem transporte adequado,

O que a gente deseja é que seja implantada uma escola alternativa, no assentamento, como já existe na maioria dos estados brasileiros. Um modelo em que os pais administrariam e onde os professores pudessem ensinar às crianças a cuidar da terra onde vivem e, principalmente, amar a terra onde

⁵⁵² MONITOR CAMPISTA. “Oziel Alves” já é assentamento. Campos dos Goytacazes (RJ): n.199, 01 Ago, 2006. p.1.

⁵⁵³ Ibid., p.1.

⁵⁵⁴ MONITOR CAMPISTA. Ponte cai e prejudica assentados do Zumbi. Campos dos Goytacazes (RJ): n.327, 12 Dez, 2006. p.1.

vivem, porque do contrário, a maioria dos jovens vai abandonar o assentamento.⁵⁵⁵

A demanda segundo o MST seria de cerca de mil alunos. Estes, não estariam frequentando a escola por dificuldades relatadas acima. O documento com manifestações e reivindicações do movimento foi entregue a representantes do estado e da prefeitura. A prefeitura, na representação da Secretária Municipal de Educação, Elizabeth Landim, não recebeu os manifestantes.

Por fim, sobre o MST neste ano, o mesmo faria um balanço de suas atividades, concluindo que o ano de 2006 não foi muito favorável para o movimento na região. Abaixo das expectativas, da previsão de 912 famílias assentadas, apenas 270 foram beneficiadas. A última desapropriação ocorrida no final de dezembro teria assentado 47 famílias, ocorrendo em Bom Jesus do Itabapoana.⁵⁵⁶

E para finalizar, em novembro deste ano, após perder todos os vereadores eleitos no último pleito para a Câmara Municipal, Alexandre Mocaiber filiar-se ao PSB, encerrando o ciclo pedetista na prefeitura. Para Roberto Henriques, presidente do Diretório Municipal entre 2001 e 2007, afirmou que “é pouco para um partido que elegeu os últimos cinco prefeitos de Campos: Anthony Garotinho, Sérgio Mendes, Arnaldo Vianna, Carlos Alberto Campista e Alexandre Mocaiber”.⁵⁵⁷ Por outro lado, não que Mocaiber fosse o quadro mais importante do PDT em Campos, mas o nome dado a esta coluna daria o tom melancólico do PDT em Campos após as perdas e nenhuma eleição de prefeito pedetistas nas eleições seguintes, “PDT mingua com saída de Mocaiber”.⁵⁵⁸

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o término deste trabalho em maio de 2024, é fundamental reafirmar a efeméride desta conclusão ocorrer no mesmo ano em que o MST completou 40 anos desde a sua criação oficial. O objetivo desta dissertação foi apresentar a formação do movimento no município de Campos dos Goytacazes, e a sua relação com o Partido Democrático Trabalhista (PDT), que governou a cidade entre 1989 e 2006.

⁵⁵⁵ MONITOR CAMPISTA. **MST marcha por educação**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.310, 24 Nov, 2006. p.1.

⁵⁵⁶ MONITOR CAMPISTA. **Moradores do Zumbi revoltados**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.337, 22 Dez, 2006. p.6.

⁵⁵⁷ MONITOR CAMPISTA. **PDT mingua com saída de Mocaiber**. Campos dos Goytacazes (RJ): n.305, 18 Nov, 2006. p.1

⁵⁵⁸ Ibid., p.1.

Iniciamos nosso trabalho apresentando os principais atores investigados nesta pesquisa. De fundamental importância explicitar a trajetória de fundação do Partido Democrático Trabalhista (PDT) e a sua relação com a questão agrária no Brasil, com figuras históricas apoiadoras da pauta. Por outro lado, compreendemos que deveríamos salientar a formação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), e o seu histórico de luta, conectando seus objetivos por uma luta secular pela terra no país. Além disso, entendemos de crucial relevância destrinchar a historicidade do município de Campos dos Goytacazes neste primeiro capítulo evidenciado anteriormente.

No segundo capítulo consideramos a relevância da trajetória do PDT-Campos. Com este entendimento, fora necessário abordar desde a fundação do Diretório Municipal, seu desenvolvimento durante a década de 1980, os movimentos para a vitória em 1988, e o surgimento de suas bases de políticas agrárias iniciadas em seus dois primeiros mandatos. Observamos programas que atendiam a agricultura local, e como o mandato de Anthony Garotinho, entre 1989-1993, consolidou projetos como “O Pequeno Produz”, e Sérgio Mendes, entre 1994-1998, com rupturas e continuidades, tratou esta questão.

No terceiro capítulo analisamos com ênfase o nascimento e consolidação do MST-Campos e a relação com a prefeitura pedetista entre 1997-2006. O MST ocupou terras na cidade pela primeira vez em 1997 e se consolidou durante as gestões municipais seguintes, com a intensificação nas ocupações e a conquista de assentamentos na região.

E como entendimento desta relação, inicialmente o governo municipal de Anthony Garotinho prestou auxílio ao acampamento formado na ocupação da Usina São João, na área da educação, com a construção de escola, da saúde, a implantação de um posto médico, e da agricultura, a extensão do programa, “O Pequeno Produz”, aos acampados e futuramente assentados. Como vimos, não houve manutenção destes auxílios, com relatos de sem-terra afirmando o abandono da Prefeitura e também do INCRA, além de estudos como o de Helena Lewin, que classificaram como abandonado o Zumbi dos Palmares, após diversas visitas realizadas.

Diante do governo de Arnaldo Vianna, observamos algumas políticas implementadas, como, o “Agricultura em Ação” e a pavimentação de estradas para escoamento da produção dos sem-terra. Por outro lado, neste período foi o momento de consolidação do movimento no período, com o maior número de conquistas de assentamentos.

Com relação ao período de Carlos Alberto Campista, como reiteramos, foi um breve período para ser analisado como um todo, destacamos trechos em uma relação que houve o início de um distanciamento entre a prefeitura e o movimento. E o subsequente, Alexandre

Mocaiber, após a cassação de Campista, foi o período em que o MST resistiu a uma série de liminares de despejo emitidas por varas federais, e promessas não cumpridas pela prefeitura, com um distanciamento maior entre movimento e pedetismo, com pouquíssimos encontros entre representantes das entidades e visitas às áreas dos sem-terra por órgãos da prefeitura.

E o MST permaneceu na luta na região após o período de recorte para esta pesquisa. Em 2008, houve a ocupação da Fazenda São Cristóvão da Usina Barcelos, que deu origem ao acampamento, 17 de Abril. A ocupação da Fazenda Bom Jardim, em Macaé, no ano de 2010, que deu origem ao assentamento Osvaldo de Oliveira. No mesmo ano, ocorreu a primeira Feira Estadual da Reforma Agrária no Largo da Carioca, centro do Rio de Janeiro, ocupando o espaço com a produção dos acampamentos e assentamentos de todo o estado para a capital. Em 2012, uma nova área da Usina Cambahyba seria ocupada em Campos, que deu origem ao acampamento Luís Maranhão.

No ano de 2013 ocorreram dois assassinatos de lideranças do MST-Campos. No dia 26 de janeiro, o agricultor de 43 anos Cícero Guedes dos Santos, foi morto. Um dos principais dirigentes do MST em Campos, homem negro e pai de cinco filhos, Cícero foi encontrado com marcas de tiros na cabeça e nas costas em uma estrada rural próximo ao assentamento Oziel Alves, do qual era um dos principais coordenadores.⁵⁵⁹

Onze dias depois, no dia 6 de fevereiro, a lavradora Regina dos Santos Pinho de 56 anos foi encontrada morta por asfixia em sua casa, no assentamento Zumbi dos Palmares. “Dona Regina”, como era conhecida, era mãe de três filhos, mulher negra, agricultura e militante sem-terra desde novembro de 2000, quando integrou o acampamento Zé Pureza, em Conceição de Macabu.

Após o assassinato de Cícero, a Feira Estadual da Reforma Agrária foi renomeada para Feira Estadual da Reforma Agrária Cícero Guedes. Cícero era um dos principais entusiastas da Feira e detinha compreensão profunda de diversas técnicas agrícolas, sendo considerado referência em conhecimento agroecológico, colaborando com a UENF no desenvolvimento de pesquisas e novas técnicas. Em 2015, a Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro aprovou lei reconhecendo a importância da Feira Estadual e foi incluída no

⁵⁵⁹ Para apresentar uma breve parte de sua trajetória, nascido no estado de Alagoas, ainda criança, Cícero foi submetido ao trabalho análogo à escravidão em regiões de monoculturas de cana de açúcar. Decidiu migrar para o sudeste com sua família e em Campos dos Goytacazes, trabalharia novamente em colheitas de cana durante a década de 1990. Sem alfabetização formal inicialmente e com oportunidades negadas, teve contato com a ocupação da Usina São João, que gerou o assentamento Zumbi dos Palmares, onde integrou o MST. MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Boletim MST-RJ: Edição 25 anos**. Rio de Janeiro, 2021.

calendário oficial de eventos da cidade. Em 2016 a Feira Estadual da Reforma Agrária Cícero Guedes seria reconhecida por lei como patrimônio sociocultural e imaterial do Rio de Janeiro.

Em 2018 houve a ocupação da Fazenda Montes Verdes, em Rio das Ostras, que deu origem ao acampamento Edson Nogueira⁵⁶⁰, em Macaé. E neste mesmo ano, foi inaugurado na Lapa (RJ), o Armazém do Campo, com o objetivo de comercializar os produtos da Reforma Agrária, e ser um espaço de diálogo com a sociedade.

Em 2020, o assentamento Osvaldo de Oliveira, em Macaé, inicia a fabricação de tijolos agroecológicos para a construção de moradias. E em junho, quando o MST-Campos completou 25 anos, novas terras do complexo de fazendas da Usina Cambahyba são ocupadas, constituindo o acampamento Cícero Guedes.

Nas eleições de 2022, uma militante histórica do MST-Campos foi eleita como Deputada Estadual para a Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj), com 46.422 votos. Trata-se de Marina dos Santos, conhecida como “Marina do MST”, que chegou no movimento da região norte-fluminense em 1996 e foi eleita a primeira mulher sem-terra para a Alerj.

E em abril de 2024, como parte da Jornada Nacional de Lutas em Defesa da Reforma Agrária, durante o “Abril Vermelho”, o MST-Campos ocupou uma área em Campos dos Goytacazes próximo às margens da BR-101. Com cerca de 300 famílias, e com o lema, “Ocupar para o Brasil alimentar”, demonstra como o movimento esteve ativo durante esses anos após o recorte da pesquisa e como pretende estar nestes anos seguintes, completando 40 anos em 2024, lutando por alimentos saudáveis e reforma agrária no país.

⁵⁶⁰ Conheceu o MST em 1996, quando o Movimento começava a se organizar no Rio de Janeiro. Integrou o acampamento da “Capelinha”, em Conceição de Macabu, e assim começa sua caminhada na luta pela terra. Índio era conhecido por seu entusiasmo vigorante, grande capacidade mobilizadora na ocupação de latifúndios improdutivos, especialmente na região Norte Fluminense. Incansável pela transformação social, passa a ser reconhecido pelo MST como um grande dirigente da organização. Em Campos dos Goytacazes, Índio foi assentado no Zumbi dos Palmares, primeiro Assentamento organizado pelo MST-RJ, em 1997. Era responsável pelo mapeamento dos latifúndios que seriam desapropriados. Além de articulador, disseminava a importância da Reforma Agrária. Convidava todos a se unirem nessa causa, apresentando a ideologia do MST e a produtividade das terras ocupadas. MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. **Boletim MST-RJ: Edição 25 anos**. Rio de Janeiro, 2021.

ANEXOS

I- ENTREVISTA COM AVELINO FERREIRA:

O encontro foi realizado de maneira presencial, na casa de Avelino Ferreira, em Campos dos Goytacazes. Ocorrida no dia 3 de maio de 2024, iniciada às 17h31min, a duração da entrevista foi de 54 minutos e 32 segundos.

Avelino Ferreira: Meu nome é Alvanir Ferreira Avelino. Mais conhecido como Avelino Ferreira. Sou jornalista há 50 anos e embora nesses últimos usando mais redes sociais, porque os jornais acabaram, né? Principalmente aqui em Campos, não quero voltar para a cidade grande. Trabalhei no Rio de Janeiro, trabalhei em Belo Horizonte, montei jornais alternativos, que é sempre a minha linha.

Fui processado inúmeras vezes na minha folha corrida e imensa. Cheguei a ser condenado a 15 anos de prisão por crime de opinião, né? Porque você não pode falar mal do Judiciário, não é falar mal. Você não pode falar do Judiciário. Nada que eles não queiram ou então dos protegidos deles. E eu fui fazer isso. E só um juiz abriu dez processos contra mim a partir do Ministério Público. Então eu fui para a prisão. A Organização dos Estados Americanos, a ONU, a Repórteres Sem Fronteiras são entidades internacionais que interferiram junto ao governo Lula em 2003, no primeiro governo Lula, para que eu fosse solto. Além de todas as entidades no Brasil, que é a Associação Brasileira de Imprensa, a OAB, além dos locais, tanto a OAB local quanto a Associação de Imprensa Local de Campos dos Goytacazes e também as universidades fizeram paralisações. Os jornais. Todas as redações de jornais colocaram máscaras para e contra a censura, né? Que era crime condenado por crime de opinião baseado na Lei de Imprensa, que é de 1967.

E cinco anos depois ela foi extinta, né? Mas os processos ficaram. Quer dizer. Ou seja, eu fui solto, mas as condenações continuaram e depois dessas vieram algumas outras que eu tive que pagar. Só em dezembro passado, isso tem cinco meses, eu paguei quase 50.000 R\$ ao Judiciário, por questões relativas à opinião que eu fui condenado aí já pelo Código Civil, não é, e levado pelo Ministério Público.

Então, eu tenho também minha fase de escritor, que eu lancei uns oito livretos pela Câmara Municipal de Campos, sobre personagens importantes da vida campista. E lancei oito livros. O primeiro foi em 95, “Faria tudo outra vez”, depois fizemos uma segunda edição. Depois lancei em 2004, a única biografia de José Cândido de Carvalho. José Cândido de

Carvalho é considerado um escritor internacional a partir do “Coronel e o Lobisomem”, e ele entra para a Academia Brasileira de Letras. Foi o quarto campista a entrar na Academia Brasileira de Letras. E a única biografia dele eu que escrevi, “José Cândido de Carvalho: vida e obra”.

Depois lancei toda a história da Festa de São Salvador, porque que a praça é Salvador, São Salvador que é o Santíssimo, e há o Pateskoo, né, que fez um protesto, ele vestia preto e ele criou a corrida de bicicleta, que tornou se até famosa até a nível internacional, pelo menos na América do Sul. E tem a história de Pateskoo nessa obra que é a história da Festa de São Salvador.

E lancei os 360 anos da Câmara em 2012 e que é a história da Câmara também, livro único. Com todos os candidatos a vereador e prefeitos e suas votações de 1947, que foi a primeira eleição de prefeito até 2012, mas eu começo a história em 1652, quando houve a primeira eleição para nossa Câmara Municipal de Campos.

Depois lancei um livro de filosofia sobre a obra de Graciliano Ramos. Que é uma hermenêutica da obra dele, mais ligada à voz do silêncio. Quer dizer, porque o personagem dele de Vidas Secas, por exemplo, Fabiano, não fala, e o personagem de outros livros falam muito, mas na verdade as vidas secas, na minha opinião, e fui o único também que vi por essa visão filosófica. Porque você tem Antônio Cândido, você tem grandes literatos que escreveram a obra dele do ponto de vista social, do ponto de vista literário, etc. E o meu filosófico foi a primeira escrita sobre a obra dele, em termos de hermenêutica filosófica, foi a minha, “As Vidas Secas de Graciliano Ramos”. Por quê? Porque Secas não é apenas acerca de Alagoas, acerca do sertão e sim, as vidas são secas. Elas não têm sentido. Nós damos um sentido à vida, mas a vida, ela em si não tem nenhum sentido. E é isso para mim, que Graciliano queria mostrar. Embora a obra, depois de lançada, não pertence mais ao seu autor. E você passa a ser coautor nas interpretações que você dá.

Depois lancei um livro de contos, pegando histórias que eu fiz como jornalista, mas tirando os nomes originais para não dar processo nem problemas maiores com o Judiciário. E fiz um livro de contos a partir de matérias que ocorreram durante algumas décadas que eu escolhi aleatoriamente, chamado “Humanos Demasiadamente Humanos”, numa imitação de Nietzsche, do qual eu também sou fã, e que ele tem o livro “Humanos Demasiado Humanos”.

E sou professor do ensino Médio de Filosofia, tenho formação e pós graduação em Filosofia e passei em dois concursos com um pouco de sorte. Sou professor do Estado já tem mais de 18 anos, mais ou menos, que eu sou professor da rede pública estadual. Tenho pós graduação em História. E isso é só.

E sim, sempre fui muito político, muito polêmico, conhecido na cidade como o cara, como se eu gostasse de uma briga, nunca gostei de briga, né, nenhuma mesmo. Mas uma polêmica é importante em qualquer sociedade e eu faço o possível para que haja a polêmica, para que se chegue a uma conclusão. Se não um consenso, né? Pelo menos uma abertura mais ampla das ideias das pessoas em geral, que é o que eu faço.

Fui presidente da Fundação Cultural Oswaldo Lima durante dois anos e pouco. Fiz grandes projetos. A maior Bienal de Campos até hoje, que foi na Praça São Salvador em 2010, e a sexta Bienal. E fui Diretor Geral da Câmara Municipal de Campos na gestão de Edson Batista durante quatro anos, inclusive, lá é que eu fiz esses livretos que eu falei para você. Eu acho que oito livretos sobre vários personagens, né? Como Saldanha da Gama, Capitão Kirk, Benta Pereira, Nilo Peçanha, quer dizer, alguns personagens importantes da história de Campos.

E esse eu sou, nasci no mesmo dia do José Cândido de Carvalho, dia 5 de agosto de 1952, na véspera da festa de São Salvador, Salvador. Quase que meu nome torna Salvador, que já tinha a mania de botar nome de santo, né, nas pessoas. E só isso.

No momento, o que eu faço, né? Escrevo alguma coisa na rede. Tem um canal do YouTube que ninguém assiste falando sobre mitologia grega ligada à psicanálise, que também é outro campo de estudo meu, além do marxismo, a psicanálise. E escrevo. Estou escrevendo, claro, as minhas memórias que eu acho assim, tanta coisa que eu fiz, né, em tantas áreas diversas. Já ganhei dois campeonatos de futebol como técnicos de futebol. Quer dizer, isso é uma surpresa para muita gente, né? Até para mim, que já tinha esquecido desse fato, né? Muito interessante. Futebol amador, né? Claro, E como jogador, sempre fui péssimo, né?

Sou um ator de teatro também, não muito bom, mas até já fui premiado. No Rio de Janeiro, dirigi a Federação de Teatro do Rio de Janeiro durante quatro anos. Interiorizei a Federação de Teatro, abri a casa de Paschoal Carlos Magno. Ele deixou e era uma grande figura. E depois, já reformado, eu consegui a muito custo abrir um congresso e um festival de teatro amador do Estado do Rio de Janeiro. Então, são coisas que eu me orgulho, falei. Eu acho que eu vou deixar em minhas memórias. Aí eu, no momento, estou em 400 e poucas páginas das minhas memórias. Espero poder lançá-lo ainda em vida. Esse é o Avelino que você tá conhecendo.

Roberto Medeiros: E uma outra pergunta como é que se deu a sua entrada no campo político? Qual o lugar do PDT na sua trajetória?

A.F.: Eu cheguei a ser detido. Quase morto. Por ser de movimento de esquerda. Mas nunca fui. Até por ser muito novo. Talvez medroso? Não sei. Nunca fui da luta armada. Pós AI-5. Mas sempre militando, né? Como jornalista, ocupando espaço para denunciar um sistema opressor que nós vivíamos, com a ditadura militar implantada em 1964.

Me interessei pela política partidária, já que eu não tinha esse interesse anterior, só mesmo com o retorno do Brizola em 79. Quando ele retorna, porque nós líamos sobre o Brizola e algumas coisas políticas que aconteceram naquela época em espanhol, você não tinha nada em português brasileiro para ler, então você lia em espanhol muita coisa. E o próprio Brizola eu conheci e tenho referências dele a partir de leituras, em espanhol latino-americano.

E então, quando ele volta, eu já tinha uma noção de quem era. Porque quando ele saiu do Brasil eu era uma criança aqui em campos, mas quando ele volta, eu já tinha um certo conhecimento sobre ele, sobre as ideias dele. E embora eu seja um marxista desde novo, você faz o que é possível, obviamente, e o momento histórico que você inclusive citou agora há pouco, às vezes não é o momento.

Então o momento histórico, naquele período, era do trabalhismo. Não era nem do socialismo. Você falar em socialismo era um palavrão, o comunismo nesse sentido. Então era o trabalhismo. Então abracei a causa do Brizola e aí fundamos o PTB. Depois foi nos tirada a sigla do Brizola, ficou o PDT. E eu sou um dos fundadores do PDT em Campos e o apresentei ao Garotinho depois que nós fomos candidato a vereador e perdemos a eleição, tanto eu quanto ele não fizemos legenda. E aí, em 83, apresento ele e ao Brizola no Palácio Guanabara. E ele fica encantado com o Brizola. E meses depois ele entra no PDT. E a sua história política, se há uma história política do Garotinho, é dentro do PDT. E juntamente comigo, que sou amigo dele, sempre fui, embora com desavenças quase que permanentes de formas da forma de conduzir o processo político, mas eu me interessei por isso. Primeiro pelo Brizola e, segundo, pela atuação política dentro do PDT.

R.M.: E como foi a criação do Diretório Municipal do PDT aqui em Campos? E como é que foi sua candidatura para vereador?

A.F.: Olha, a nossa intenção era eleger o Brizola. Brizola em Campos era mal dito, mal quisto e mal visto. Teve uma votação pífia aqui em Campos. Ninguém queria saber. Nós somos uma terra e chamo de conservador. Eu chamo de reacionário. Mas essa terra reacionária que ainda prevalece a opinião dos usineiros, diferentemente da Era Vargas até 1964, até o golpe, quando os trabalhadores tinham muita força, os sindicatos tinham muita força, política se discutia em tudo quanto é barzinho, em tudo quanto é lugar. Isso acabou a partir de 1964, com a cassação e prisão e perseguição das lideranças sindicais e políticas.

Então, eu... quando veio a eleição de 1982, que foi a primeira depois da abertura política, a nossa intenção era a eleição do Brizola. Então eu saí candidato a vereador, não era com a intenção exata de me eleger, era de fazer votos e fazer com que puxasse votos para o Leonel Brizola, governador.

Tivemos um candidato a prefeito também na época, voltando do exílio, em 1979, que é César Ronald Pereira Gomes, foi o primeiro candidato a prefeito. Ele é médico, professor da Faculdade de Medicina e ele está com 77 anos hoje, e ele foi o nosso candidato a prefeito, sabendo que a intenção era buscar mais votos para o Brizola.

Ninguém tinha ilusão de que iria ganhar uma eleição. Mesmo assim, o partido elegeu um candidato. Só teve legenda para eleger um candidato, que foi o Fábio Ferraz, que era também brizolista, amigo de todos nós. E o adversário era o Garotinho, que era do PT, que depois passou pro PDT, mas fez uma bela votação de 1500 votos. Na época era muito voto, mas o partido inteiro, os candidatos todos, não fizeram 2200 votos. Quer dizer, não teve uma cadeira, dava aí 8000 votos, talvez uma cadeira de vereador. E o partido não fez a quantidade sequer para eleger um vereador.

E depois eu fui candidato uma outra vez...mas depois desisti porque não é a minha intenção pertencer ao Legislativo ou Executivo, nem cargo político direto. Sinceramente, não tenho esse tipo de interesse.

R.M.: Você pode nos contar um pouco como é que foi a primeira presidência do partido com João de Souza, o ferroviário?

A.F.: Olha, o partido... Não, não havia esse costume aqui em Campos, como não há hoje. Partidos só se reúnem para discutir a eleição e só vai ao povo durante as eleições, para pedir voto. Nós não. Nós tínhamos reuniões permanentemente. Toda semana a gente se reunia para discutir as questões, sempre alguém levava uma questão, mais de uma pessoa, levava

uma questão para ser debatida, seja em relação ao que era necessário em determinadas regiões do município, seja na questão mesmo ideológica, política, que a gente colocava em discussão. Então o partido sempre esteve com a porta aberta até os anos 1990, até o início dos anos 1990, quer dizer, de 1982, 1980, quando foi criado o partido, até o início dos anos 1990, o partido teve suas portas sempre abertas, o diretório do partido sempre aberto.

Tivemos a primeira eleição em 1980 com João de Sousa na presidência. Um negro, ferroviário, que tinha sido cassado em 1964. E foi também a primeira mulher a pertencer a uma executiva de partido, que foi Maria Elizabeth Vieira de Araújo, e que era uma novidade também uma mulher pertencer a uma direção de partido. Isso nunca tinha acontecido em Campos.

Então a gente trouxe algumas novidades nesse sentido de fazer política, de participação política, na prática no sentido da práxis mesmo, marxista. Ou seja, indo aos sindicatos, indo aos trabalhadores, indo às portas de usina, porque havia os bóias frias, era uma escravidão das pessoas praticamente no campo, e a gente ia nos canaviais e nós parávamos ônibus na estrada, caminhões... Na época tinham caminhões que levavam trabalhadores, a gente parava, peitava essas situações. Então, fazíamos política permanentemente.

Isso não era um costume, logo depois que Arnaldo assume, Arnaldo Vianna, que foi prefeito, assume a presidência do PDT, e até um pouco antes, creio, o partido não se reuniu porque ele assume já no ano 2000, nos anos 2000, próximo até a morte do Brizola, em 2000 e pouco. Então, antes já havia isso. O partido só se reunia para discutir candidatura, eleições, nominatas, já não havia mais essa participação popular não identitária. Nunca fui a favor da luta identitária. Então, isso aqui é dos gays, isso aqui é das mulheres, isso aqui é dos negros, eu acho que são lutas importantes, mas elas em si, não leva a nada, só se nos unirmos.

Então como os sindicatos perderam a força, que eu preferia sindicato, que sindicato reúne todo o pessoal. Então, hoje não, você vai fazer uma manifestação de professores por falta de politização das pessoas, desse movimento permanentemente político e você reúne 30 professores na praça em Salvador, entendeu? É vergonhoso. Você vai fazer uma greve, por exemplo, chama greve dos bancários, eu já vi 14 bancários em frente à Caixa Econômica. Então assim, eu fico com vergonha porque não era assim. Nós já lideramos caminhadas, passeatas, com milhares de pessoas, dos trabalhadores rurais, dos trabalhadores da usina de açúcar, professores, né. Tínhamos reuniões permanentes, o partido sempre junto a esses movimentos populares. Isso não há mais.

R.M.: E sabe dizer se houve participação de representante do PDT de Campos no primeiro Congresso Nacional do PDT de 1987?

A.F.: Houve a do deputado José Maurício Linhares, que é campista e um dos fundadores do PDT. Quer dizer, na verdade ele mora em Niterói, já tem muito tempo, mas nunca deixou sua terra natal. Ele sim, com certeza. Agora outros membros em 1987, eu sinceramente não me lembro. O próprio Garotinho era deputado, mas eu não me lembro de sua participação. Sei que eu não fui.

R.M.:E qual era a expectativa de vitória de Anthony Garotinho contra Jorge Renato Pinto, o candidato de Zezé Barbosa em 1988? Como foi a vitória, e o que o Zezé Barbosa representava nesse período?

A.F.: O Zezé Barbosa, ele era uma grande liderança, certo? O problema, um dos problemas que Zezé enfrentou foi ele não saber muito bem usar os meios de comunicação novos. Quer dizer, nós tínhamos uma televisão, agora as pessoas tinham que se pronunciar e aparecer na TV. Nós tínhamos aqui a TV Norte Fluminense, então ele não tinha essa conexão com essa modernidade que é típica dos nossos tempos hoje, da mídia, hoje se chama mídia digital, etc, mas mesmo a televisiva tradicional você precisa de um aparato para criar uma aparência que agrade ao público. Então ele tinha dificuldade, por exemplo, em explicar algumas coisas, talvez por falta de estudo, não era uma pessoa universitária. Não é apenas por isso, na verdade, o Garotinho também não tem, o Lula não tem, mas tem facilidade de expressar. O Zezé não acompanhou esse tempo, então ele passou a não conquistar as pessoas com o discurso, com a palavra, o formato que se tinha de fazer política do novo, desse novo e que é o vídeo, ele não tinha. Então isso aí já foi um ponto a menos para ele.

E segundo, há um cansaço do eleitorado. Não havia reeleição nessa época. Então, um cara que foi eleito prefeito, depois vem uma outra pessoa, depois ele vem de novo ser eleito, aí depois um outro, depois ele volta a ser eleito, ou seja, foi prefeito 14 anos, quase que numa sequência, num tempo X. Então ele quando veio a abertura política, a abertura de mídia, de imprensa, como eu falei da televisão, que ele tinha que mudar a maneira de se expressar e tal, ele não conseguia ganhar esse eleitorado. E também ele não poderia ser candidato porque não tinha reeleição.

Então ele lança um candidato, Jorge Renato Pereira Pinto, até meu amigo, da Usina Santa Maria, que faliu, aliás, todas elas, né? Ali, Jorge Renato era tido como usineiro, usineiro não calhava bem para as pessoas, não caía muito bem na cabeça das pessoas, usineiro era sinônimo de explorador e etc e tal. E Jorge Renato, que nem era usineiro, engenheiro, professor, boa gente, mas a pecha de usineiro ele não conseguia deixar. E era o candidato de Zezé. Então foi fácil, por exemplo, vencer o candidato de Zezé, tanto por pelo seu adversário histórico, que é Rockefeller de Lima, que ficou em segundo lugar. O Garotinho obteve quase 63.000 votos e o Rock, quase 53 mil. Foi uma diferença significativa 10.000 votos. Mas as apostas que havia no calçadão nessa época, todas que eu vi, que eu assisti, apostavam em Rockefeller, que era um nome, né? Até de agradável, assimilável pelas pessoas e tal. E ele sempre ganhava na 98ª, 99ª Zona Eleitoral, que é pega o centro da cidade.

Hoje mudou. Aumentaram as zonas e tudo, tem uma certa alteração, mas as pessoas um pouco mais velhas sabem disso, que era 98ª, 99ª, que você pega o centro da cidade, Parque Tamandaré, os bairros mais próximos do centro... Nós perdemos até hoje, até hoje é impressionante. O trabalhismo não penetrou nessas áreas. A direita sempre ganhou...e um pessoal mais à esquerda também tem votação nessa área.

Então o nosso era a periferia. E Garotinho conseguiu penetrar na periferia, no interior. Então, quando os votos começaram a ser contados de Guarus, principalmente, da Baixada, dos distritos, porque ele não só visitava pessoalmente há anos, não apenas na campanha...como ele tinha um programa de rádio da maior audiência em Campos, que era o “Fala Garotinho”. E ele se dirigia justamente na parte da manhã a essas pessoas, “Dona Maria, vou aí comer um bolo”, e ia mesmo na casa de Dona Maria comer um bolo com café e essas coisas assim! Parece populismo, mas não, é popular mesmo. Ele é uma figura popular, entendeu? E ele usou isso muito bem no rádio. As pessoas acham que é demagogia, fala em populismo, mas não é. Ele é assim. Ah, mas é brega. Bom, então ele é brega? Tudo bem, mas ele é. Não, aquilo não é fingido apenas porque ele está precisando do voto da pessoa. Não, ele é assim, com mandato, sem mandato até hoje.

R.M.: Mais duas perguntas: Você considera essa vitória um rompimento com esse modelo político anterior que você falou de 14 anos? A vitória de Garotinho?

A.F.: Sim, foi. Foi radical! Radical! Chamado “Muda Campos”! Foi criado um panfletinho, né? Um livreto chamado “Muda Campos” com as novas ideias que nós

queríamos. E esse movimento foi abraçado inclusive por intelectuais, o pessoal mais da esquerda isso, isso foi abraçado e por isso nós ganhamos a eleição.

E claro, por dois motivos: um, Zezé não podia ser mais candidato, não tinha reeleição, porque ele era muito forte. Segundo, não tinha dois turnos, era turno único. Porque se tivesse dois turnos, a aliança da direita ganharia o garotinho que era colocado como de esquerda, ou de centro esquerda. Ou seja, nem a reeleição do Zezé, que não podia ser candidato, nem o segundo turno, aí talvez nós perdêssemos.

Agora o registro, se faz necessário dizer, para registro, que quem ganhou a prefeitura, enquanto pessoas, enquanto grupo, núcleo central ali da campanha e com o Garotinho, foi um grupo de teatro. Isso é inédito aqui, único até hoje, e não só aqui, eu acho que em qualquer lugar do mundo. Um grupo de teatro ganhar uma eleição ganhou como artista? Não, mas todo mundo se identificava como um grupo de teatro, um grupo que fazia poesia na praça, que pendurava a poesia em cordel, botava uma corda, botava mesmo um barbante ali no meio do calçadão, poste a outra, exposta, antigo e tal e pendurava as poesias ali e tal. E muitas vezes botava no chão mesmo, pegava fita crepe e colocava as poesias no chão para as pessoas passarem, olharem e tal. Então esse grupo é o que ganhou a prefeitura para mim. Eu sempre digo, é um grupo de teatro que ganhou a prefeitura em 1988, o Grupo Abertura.

R.M.: E como é que você observava a perspectiva do PDT de Campos sobre a reforma agrária nesse período de construção do partido? Havia essa discussão?

A.F.: Sim, havia, nós éramos favoráveis. Por quê? Porque isso também vem do passado. As Ligas Camponesas de Francisco Julião, da luta pela reforma agrária, da promessa de Goulart de fazer uma reforma agrária. E um dos motivos, dizem, da queda dele. Eu acho que eles queriam dar o golpe desde Getúlio. Então, independentemente da discussão de reforma agrária, porque que aonde tem petróleo eles pegam. Porque eles vieram aqui no Farol na década de 50, porque nós não tínhamos técnicos capacitados para isso e disseram cavaram em vários lugares, no Xexé, e o farol surge nessa época que era apenas uma ilhazinha, uma praia de pescadores. Eu tenho toda essa história escrita e vou lançar, do Farol e do Xexé. Quando Getúlio cria, não tinha petróleo. Você tinha uma daquelas bombinhas de petróleo, como tem no Texas e tal, só que tem muito petróleo. Nós tínhamos um aqui em Pernambuco em algumas áreas, né? Aquela forma de tirar óleo naquela. E então eles disseram assim: não tem petróleo, não tem petróleo.

Como é que Getúlio cria a Petrobras? A sociedade se movimentou toda para a criação da Petrobras. O petróleo é nosso, essa foi a grande campanha. E Getúlio “canetou” lá em 1953, “canetou” e foi derrubado. Engano achar que fulaninho aqui deu uma quartelada. Nada! Os americanos é um império que um dia foi o inglês, hoje é inglês e americano, e a colônia se juntou ao colonizador e é manda no mundo até hoje. Quer dizer, tá havendo uma mudança aí com a China atualmente, mas eles mandavam. Então quer dizer, a questão era já dá um golpe de Getúlio, não conseguiram. Getúlio dá um tiro no peito e para com todo o movimento, mas trabalharam, você vê, né? Pelo IPES, pelo IBAD e você vai ver que eles trabalharam porque tentaram também derrubar Juscelino. Veio logo depois de Getúlio. Juscelino não governou com facilidade e teve que abrir as pernas para os americanos. Abriu os cofres, deu a chance de eles fazerem investimentos, e no Brasil, começamos a ter uma dívida externa, coisa que nem se falava nisso aqui, na época de Getúlio. Então, quando o Goulart assume, que eles não queriam de jeito nenhum, que Jânio Quadros renuncia, eles falaram agora é o momento.

Aí ficou parecendo a reforma agrária. Sempre falam isso, né? Ele queria fazer uma reforma agrária. Que nada. É uma série de coisas que podia mudar o Brasil, o Brasil ser o que os Estados Unidos é. Porque nós temos território, nós temos condições para isso. E tínhamos condições. Se houvesse essa reforma de base como ele queria fazer, que era o seguinte, limitar esse sim, o capital externo podia investir aqui, mas o lucro teria que ser reinvestido e mandado para as suas sedes 10% do lucro líquido. A lei de remessa de lucros. Eles não aceitaram! Eles queriam explorar o nosso povo aqui e investir lá para eles. Eles que cresçam, nós continuarmos como fizeram com a África. Aliás, fazem ainda, né? A França, o próprio Estados Unidos, a Inglaterra e outros países. Então, Goulart não aceitou isso. Caiu. Então não foi a reforma agrária.

No caso da retomada, em 1989, 1990, até começou um pouco antes, com o Brizola, em 1983, 1984, em Nova Iguaçu, naquela primeira fazenda ali, que o governo anterior botava polícia e tal, para bater nos caras... Brizola falou não, pode até ficar lá para evitar maiores problemas, mas não pode nunca entrar no acampamento de jeito nenhum. E parece que eles conseguiram.

Aqui em Campos já foi bem posterior. E começa já no governo Garotinho, que lutava pela reforma agrária. Garotinho era favorável, e é favorável. E até porque os usineiros deviam muito ao governo federal e ofereciam para pagamento, máquinas obsoletas, mas não tiravam as terras deles... Até hoje você vê os herdeiros dos Inojosa da vida, e outros usineiros, eles são proprietários de terra e plantadores de cana e agora voltaram a ser usineiros com COAGRO. Ainda elegem um vice prefeito. Loucura total! Aqui, eu creio, visitei os núcleos,

o último está sendo ainda, que é Cambahyba, houve perseguições, assassinato, como o Cícero e tal, mas foi dando certo. Quer dizer, as pessoas no mínimo têm um lugar para ficar, para morar, para produzir o seu próprio alimento, etc. Não estão pedintes nos sinais de trânsito da Praça Salvador, entendeu? Infelizmente nós temos muito isso, mas poderíamos ter muito mais se não tivéssemos esses núcleos de reforma agrária que nós tivemos. E começa também, na era Garotinho, porque não foi apenas o Garotinho, fomos nós como um todo que lutamos por isso. E começa também com o PDT.

II- ENTREVISTA COM HERMES OLIVEIRA CIPRIANO:

O encontro foi realizado de maneira presencial, na Universidade Federal Fluminense, polo Campos dos Goytacazes. Ocorrida no dia 07 de maio de 2024, iniciada às 15h54min, a duração da entrevista foi de 20 min e 21 seg.

Hermes Oliveira: Meu nome é Hermes Oliveira, eu sou conhecido como mineiro, porque eu vim do estado de Minas. Minha militância começa na Igreja em grupo de jovens, depois eu entrei pro MST em São Paulo, ajudei na formação do MTST, que o MTST é cria do MST lá em São Paulo, nasce em Campinas. Depois fui estudar na escola do MST no Rio Grande do Sul, sou formado em técnico em administração de assentamentos concomitante com o nível médio. Aí eu vim pro Rio de Janeiro também para contribuir com o MTST na época, mas depois eu vim pro interior, porque eu sou da roça. E o MTST aqui não deu certo, porque o governo do Estado na época, o governo Garotinho, jogou pesado para acabar, pra destruir, perseguição pesada, nível assim, de se associar ao tráfico para combater o acampamento dos sem-teto. E aí com isso a gente viu a inviabilidade do MTST se criar no estado, aí o MST me pediu pra vir pra Campos, pra ajudar aqui em Campos, e cá estou eu desde 2001.

Roberto Medeiros: E na sua visão, como o MST se formou aqui em Campos dos Goytacazes?

H.O.: É, o movimento ele chega, ele vai para os lugares, na verdade, o movimento nacional, ele desloca os militantes pra locais onde tem potencial de luta, pra contribuir com a

organização da luta naquele lugar. Não é pra substituir as lideranças locais, o movimento vem e contribui, e dependendo da avaliação, se retira e deixa que os próprios locais continuem o processo de organização ou ficam pra ajudar com o processo.

Então o MST veio pra cá em 1997, que era a década do processo de falência das usinas de cana aqui da região e muita terra ociosa, muito cortador de cana, trabalhadores rurais desempregados, o que resultou na ocupação de usina, aqui em Campos, da massa falida da Usina São João, que são 8.500 hectares de terra, que foram ocupados por 700 famílias. Das 700 famílias, 506 foram beneficiadas com o assentamento.

R.M.: Quando houve a primeira ocupação do MST em Campos, você poderia dizer como foi a reação da prefeitura pedetista, no período, de Anthony Garotinho, a prefeitura buscou auxiliar o acampamento?

H.O.: Olha, inicialmente, eu não estava aqui, mas até onde eu sei, inicialmente teve um suporte significativo por parte do governo municipal. O governo municipal na época era o Garotinho, 1997, em 1998 ele sai pra concorrer ao governo do estado, né. Fica o Arnaldo Vianna e a relação com o Arnaldo Vianna, com o governo municipal, foi boa até o fim do mandato de Arnaldo.

Eu estou falando porque aí já eu peguei uma parte disso, inclusive o Secretário de Agricultura de Arnaldo, foi o Luciano D'Ângelo, que ficou um ano na Secretaria de Agricultura, e que foi um período significativo pro avanço da questão agrícola, da agricultura familiar aqui. Depois disso a coisa degingolou. Garotinho mudou de partido, Arnaldo terminou o segundo mandato dele e aí quem entrou foi o Mocaiber que era um cara que não tinha liderança nenhuma e fez um estrago na cidade. Foi um período de talvez, dizem que foi o período de maior corrupção aqui na região, porque ele não tinha liderança, então até o varredor de rua roubava na prefeitura.

R.M.: Como você me contou outras vezes, você foi assentado no Antônio de Farias. Em que ano? E como foi o processo de ocupação da área que se tornaria o Antônio de Farias? E o processo para se tornar assentamento? Houve alguma ajuda da prefeitura pedetista?

H.O.: O Antônio de Farias, ele se deu na gestão Arnaldo, Governo Municipal, Garotinho, Governo Estadual e Fernando Henrique, Governo Federal. E aí houve uma

parceria entre os três entes federativos para criação do assentamento. Lógico que aí por trás disso o Arnaldo assinou os compromissos enquanto prefeitura de cumprimento do PDA, que é construção da escola, saúde, uma infraestrutura necessária que consta no PDA do assentamento.

O governo do Estado, na figura do Garotinho, ele quis usar o assentamento para se projetar como uma liderança que apoiava a luta pela reforma agrária, o que de fato não se concretizava na nossa realidade... ele não cumpriu... ele atrapalhou a formação do assentamento nos moldes que a gente se propôs, atrapalhou e muito, porque o assentamento Antônio de Farias é o primeiro assentamento na região em que a discussão do formato do desenho do assentamento é do MST. E Garotinho modificou o formato e disse que era dele.

Quando eu digo formato, é porque existem três desenhos de assentamento. No caso lá o nosso a gente chama de Raio de Sol, que é uma distribuição circular em núcleos em formato de pizza, com uma área central que é deixada para construções coletivas, uma escola, uma cooperativa, um campinho de futebol, e todos os assentados estão dentro do seu lote, porém com uma proximidade relativa do seu vizinho. Esse é o Raio de Sol, é a proposta do movimento, um desenho de assentamento que o custo da instalação é bastante reduzido, porque você tem uma estrada só pra atender o núcleo inteiro, tem uma rede elétrica só pra atender o núcleo inteiro e as pessoas não estão isoladas.

O outro desenho de assentamento, a gente chama de "Quadrado Burro", é quando se corta a fazenda em vários quadrados e cada um vai lá e faz a casa onde quer, né. Aí isso tem um custo de que tem que ter uma estrada pra cada um, as vezes, um transformador pequeno pra cada um, uma rede elétrica pra cada um, e assim sucessivamente, e as pessoas ficam isoladas.

O outro desenho é a agrovila, quando você agrupa todas as famílias em um espaço, às vezes meio hectare de área para fazer uma chácara, fica todo mundo morando em chácaras, e a área de produção fica distante da agrovila, então pra alguns vai ficar perto da agrovila e pra outros vai ficar lá no final da fazenda.

Então, esses dois modelos são do INCRA, o "Quadrado Burro" e a Agrovila. O Raio de Sol é do MST, e ele é baseado nas mandalas africanas. É resultado de um estudo que o MST faz sobre as mandalas africanas, sobre o formato de organização das comunidades africanas e faz uma adaptação pra cá. Só que o Garotinho atrapalhou a implementação, atrapalhou muito.

R.M.: E da Prefeitura teve algum auxílio no Antônio de Farias?

H.O.: Teve, teve. A relação com a Prefeitura era boa. Não dá pra reclamar não.

R.M.: Como você avalia a relação entre o MST e a prefeitura no período do Arnaldo Vianna entre 1998 e 2004?

H.O.: Olha, a relação comigo por exemplo foi grande porque como o assentamento é resultado de um convênio municipal, estadual e federal, tinha os três entes federativos envolvidos, e eu, cumprindo papel de coordenação desse assentamento, então eu tinha uma relação constante. Então, eu posso dizer que era uma boa relação, né, dada as suas limitações, mas era uma relação que era boa.

R.M.: Nessa época você estava como coordenador do assentamento?

H.O.: Eu nunca gostei da... eu diria que do status do cargo, então nunca me apropriei de nenhum desses, mas no período que eu estive nesses processos eu sempre estava ou na coordenação, geralmente na coordenação estadual do movimento, coordenação regional, na direção regional, essas nomenclaturas pra mim não...

R.M.: Então nesse período de recorte que estamos falando, entre 1997 e 2006, o MST ocupou diversas áreas que se tornariam assentamentos, como o Zumbi dos Palmares, Ilha Grande, Che Guevara... com o que a prefeitura auxiliou neste processo para se tornar assentamento? E em falas e posicionamentos, a prefeitura demonstrava estar contra ou a favor do movimento?

H.O.: Publicamente, a Prefeitura, por ser uma região de... o dia que por exemplo, eu me reuni com Arnaldo Vianna no boteco, foi porque eu tinha uma conversa marcada com ele, eu e alguns coordenadores do assentamento, porque o assentamento é coordenado por um coletivo de coordenadores, não é um coordenador, tem algumas figuras que se destacam mais e participam da coordenação do movimento consequentemente, mas estava eu junto com a coordenação do assentamento, a gente tinha marcado com ele, e a gente saiu de carro, ele ia entrando na ASFLUCAN, depois a hora que chegou na entrada ele falou: “opa, aqui não, esse povo não gosta de vocês não, vamos mudar a rota”. Mudou a rota, parou em um bar e nós fizemos a reunião em um bar, né. Então assim, essa era a relação. O posicionamento público,

eu entendo, é política né, política você tem que saber o que você externaliza, é... mas a relação direta era boa, a relação pública, a gente sabia do atrito, sabia separar essas coisas e na relação de apoio, por exemplo, eu acho que foi o período que nós mais tivemos apoio em termos de fomento a produção por parte da Prefeitura.

Foi o último concurso que aconteceu no município para a Secretaria de Agricultura, tinha estrutura de trator para todos os assentamentos, às vezes dava almoço para o tratorista, às vezes... Então tinha uma estrutura de suporte à produção por parte da prefeitura, depois que ele saiu isso acabou! Acabou totalmente, completamente.

R.M.: É, assim dois projetos que eu observei, um deles criado no governo Garotinho, e o outro em parceria com o governo federal, o primeiro, “O Pequeno Produz”, e o segundo “Luz no Campo”, estes projetos chegaram aos assentamentos?

H.O.: Não, o Luz no Campo é do Lula, é federal, uma parceria com a prefeitura, o Governo Federal banca, e a Prefeitura executa. Mas pra executar aqui no governo, nós tivemos que ocupar a Prefeitura. O Zumbi por exemplo só teve energia em 2003, 2004. O Antônio de Farias é de 2001, o assentamento, o Zumbi é de 1999, o Zumbi só conseguiu energia depois do Antônio de Farias, tá? E só conseguiu depois que ocupou a Prefeitura.

R.M.: Entre os prefeitos dos períodos de 1997 até 2006, você conseguiria citar, entre Anthony Garotinho, Arnaldo Vianna, Carlos Alberto Campista e Alexandre Mocaiber, se é que houve, qual proporcionou melhores políticas concretas aos acampamentos e assentamentos da região?

H.O.: O que nós tivemos melhor relação foi com o Arnaldo. Campista não deu tempo, foi muito curto, mas a relação com o Arnaldo, ela assim, não posso dizer pra você que era estruturante, mas era diferenciada. Diferenciada de todas as outras que virão depois.

R.M.: Hermes, poderia comentar na sua visão, como foi a criação da Feira da Roça?

H.O.: Não, a Feira da Roça a gente não disputa na verdade, mas a Feira da Roça, ela nasce em 98, 99, com o pessoal do assentamento Novo Horizonte. O Novo Horizonte foi o primeiro assentamento de Campos, que hoje é reconhecido como área de quilombo. O

assentamento lá, ele é resultado da ocupação feita pelos trabalhadores apoiados pela FETAG, pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais, nas áreas da massa falida da Usina Novo Horizonte.

O pessoal lá tinha sido... a usina não estava pagando os direitos trabalhistas deles, faliu e não pagou os direitos trabalhistas, então boa parte dos assentados lá receberam as terras como parte de quitação de dívida trabalhista. E é uma região com característica dos negros, e hoje é conhecido como Quilombo do ABC, que é Aleluia, Batatal e Cambucais, são três comunidades. Esse pessoal tinha a produção, porque é uma região muito boa para produzir, é uma região de serra, região do Imbé, do Parque Estadual do Desengano, e tem um potencial produtivo, por exemplo, de laranja, de banana, muito boa, lá chove mais, é mais úmido, tem mais água do que aqui a região de baixada, e o pessoal de lá começou a trazer a produção deles de lá pra cidade pra vender. No começo eles forravam o chão do lado da Rodoviária Central, a “Rodoviária Velha”, forravam no chão e colocavam os produtos ali, com a eleição do Garotinho, Garotinho manda fazer banca, formaliza a Feira e dá reconhecimento legal para a Feira.

Só que ele vai se apropriando como se fosse produto dele, e não é produto dele, é produto dos agricultores que na sua necessidade de vender, trazia em caixotes os produtos e colocava no chão. Então assim que foi o processo lá. E aí depois a Feira vira um espaço de comércio em que muito mais comerciantes são estimulados a participar da Feira, ou são permitidos, às vezes é negado.

Teve um longo período aí que eles negavam a vaga para o agricultor, mas não negavam para o comerciante. Foi apropriação mesmo do espaço. Felizmente hoje tem bastante agricultores assentados na Feira, por questão de teimosia nossa. Então assim, só que a Feira hoje, eu acho que metade dela, eu não tenho o número exato, é feita por comerciantes, não comercializa a produção local, talvez um outro quarto da feira é de agricultores de São João da Barra, e o outro de agricultores de Campos.

Só que os agricultores de Campos não tem apoio nenhum pra vir para a Feira, para estar na Feira, diferente dos agricultores de São João da Barra. Os agricultores de São João da Barra têm todo o suporte da Prefeitura para vir para a Feira. A esquina de frente a casa do lavrador, é basicamente de agricultores de São João da Barra, é questão de localização mesmo, cada um tem seu lugar definido, aquela esquina é toda de São João da Barra, a outra esquina é toda de comerciantes, e no miolo tem alguns agricultores.

III- ENTREVISTA COM ROBERTO HENRIQUES

O encontro foi realizado de maneira presencial, na casa de Roberto Henriques, em Campos dos Goytacazes. Ocorrida no dia 09 de maio de 2024, iniciada às 15h01min, a duração da entrevista foi de 1 h, 13 min e 45 seg.

Roberto Henriques: Eu sou historiador. Fui Secretário Municipal da Infância e da Juventude, Secretário Municipal de Governo nos governos do PDT de Campos, Garotinho e um pedaço do Sérgio Mendes e um pedaço do Arnaldo Vianna.

E eu comecei na militância pública, militância política ainda muito jovem. Desde muito jovem eu tive interesse pela política. Meu pai era trabalhista, era getulista. E eu ainda quando estava no seminário, na Carmelita da Ordem dos Padres Carmelitas Descalços, eu já lá, já despertei interesse em ter militância política. Tanto que, tão logo eu me desvinculo do seminário, no final da década de 1970, nos anos 1970, eu logo entrei na militância pública.

A princípio, vinculado no meu retorno para Campos, aos grupos de células de lideranças, quando ainda não estava na abertura política, lideranças dominavam, coordenavam grupos de pessoas. Então, aqui em Campos tinha uma figura extraordinária de Irineu Marins, que era um militante antigo do trabalhismo aqui em Campos, foi Secretário Municipal do Barcelos Martins, estava naquele momento histórico do dia em que houve o golpe militar no Brasil e, conseqüentemente, em Campos também. Ele estava na Prefeitura como secretário. Fez a resistência aqui em Campos até a morte do João Barcelos Martins, que morreu logo após os primeiros dias do golpe militar. Foi preso. Irineu Marins foi preso aqui em Campos. O livro do professor Tarcísio Tupinambás, A Revolução dos Ricos, esse livro retrata muito bem os dias, os primeiros dias, primeiros meses e os primeiros anos do golpe militar e aquilo que acontecia e aconteceu em Campos dos Goytacazes.

Então, quando eu retornei para Campos, no final da década de 1970, a gente foi se agrupando... O modus operandi era esse. Então a gente se agrupava em torno da figura do senhor Irineu Marins, que era tipo uma figura de conselheiro, orientador, porque os partidos estavam na clandestinidade, apenas não estava o MDB, que era uma oposição consentida.

Depois vem a abertura política, eu sou fundador, junto com Garotinho, com Eduardo Peixoto, o professor falecido Lenilson Chaves, o Sidnei Pascotto, funcionário da Eletrobras no Rio de Janeiro, e Evaristo Penha, primeiro presidente do PT em Campos. Nós fomos o grupo fundador do PT em Campos, por delegação do ex-deputado José Eudes, que foi o

primeiro Deputado Estadual filiado ao PT no Estado do Rio de Janeiro. E por orientação também, da grande figura histórica que eu tive o privilégio de conhecer na fundação do PT no Estado do Rio de Janeiro, que era o Apolônio de Carvalho. Que foi a pessoa que, inclusive na época, entregou ao seu Evaristo Penha a missão de coordenar a fundação do Partido aqui em Campos.

Meu pai por ser getulista, brizolista, ele sempre falava que o meu lugar deveria ser no PDT, que eu estava em local errado e tal, tal, tal... Então, mais à frente, houve naturalmente uma ida minha e de outras pessoas que eram fundadores do PT em Campos, como o professor Mário Lopes, o próprio Garotinho, fomos para o PDT de Leonel Brizola. E em um pequeno período, eu fui trabalhar em Minas Gerais, na Rede Salesiana de Escola, numa escola no município de Ponte Nova, Minas Gerais, e lá o prefeito era um amigo pessoal do Brizola. E nessa eu me tornei, lá, foi o primeiro cargo público que eu tive de Secretário de Saúde e Bem Estar Social no município de Ponte Nova, ali no início da década de 1980, ali em 1984, 1985, por aí.

Depois, com o projeto “Muda Campos”, que levou o Garotinho ao Governo Municipal, eu estava nesse grupo do projeto “Muda Campos” né, que era um grupo com o qual eu tinha afinidade, mesmo distante, eu em Minas Gerais, eu tinha uma afinidade com eles. E o meu retorno de Campos, naturalmente, eu assumi aqui por incumbência do Garotinho a feitura, a implementação de um órgão para cuidar das políticas voltadas para a infância, que na época se chamava as políticas de menores, que depois, com o advento do Estatuto da Criança e do Adolescente, passou-se a nomenclatura de Criança e Adolescente ou Infância e Juventude.

Então nós criamos aqui para ser um órgão e para implementar e consolidar as políticas boas que já existiam e implementar tantas outras políticas que precisavam ser realizadas para o pagamento da dívida social que existia com as famílias e as crianças de Campos, foi criada a Fundação Municipal do Menor, hoje Fundação da Infância e da Juventude.

A Fundação, uma vez sendo criada, ela foi aglutinando todo o conjunto de programas que existiam de maneira solta dentro do corpo da Prefeitura. Existiam muitas ações assim estanques e até paralelismo de ações que não definiam uma política, então nós fizemos uma pesquisa de diagnóstico com as famílias de baixa renda. Quem coordenou essa pesquisa foi o professor José Luiz Viana da Cruz, que é da UFF, através do centro de pesquisa da Cândido Mendes, junto com a professora Denise Terra. E essa pesquisa foi uma pesquisa orientadora no sentido de consubstanciar tanto a Prefeitura como com o advento do Estatuto da Criança e a instalação do Conselho Municipal de Direitos, que é o Conselho que delibera sobre

políticas de atendimento à criança para justamente consubstanciar as decisões de que políticas de atendimento e de promoção dos direitos da criança e do adolescente, da infância e da juventude seriam implementadas em Campos. Então, nesse avanço que demos no sentido de diagnosticar a nossa realidade, isso foi definindo as políticas a serem implementadas.

O Programa Municipal de Creche, que inicialmente começou na Secretaria de Promoção Social e depois eu puxei para a Fundação da Infância, porque era o órgão que tinha sido criado para isso e também era o órgão que já era o órgão financiador do programa, junto com a prefeitura. E outros programas como o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil que posteriormente foi implantado em parceria com a OIT.

Nós começamos inicialmente aqui com uma bolsa em 1991, que era um sistema de bolsa aprendizagem, que era meio salário mínimo para a família e a criança que precisava ser resgatado seu vínculo com a escola formal e a criança que precisava da garantia da sua permanência no banco escolar. E foi a primeira experiência de bolsa adotada no Brasil foi a nossa em 1991, retratada por diversos órgãos da imprensa e até por revistas como Revista Nova Escola, como filmes como Criança da Roça, da Universidade Federal Fluminense, do Rio de Janeiro, como o filme Profissão Criança da Sandra Werneck, como reportagens do Globo Rural também, que veio aqui em Campos retratou a vida de criança que estava no corte da cana e o processo da criança que estava sendo retirada do corte da cana para resgatar o seu vínculo com o banco escolar.

E também um outro programa que a gente teve muito sucesso, que teve a época e deu certo, que a prova de que deu certo e que até hoje eu encontro pessoas já adultas, pais de famílias que fizeram a sua trajetória profissional com base da formação que recebeu nos cursos profissionalizantes e semi profissionalizantes que a Fundação implementou. Seja no Núcleo Central na sede da Fundação, em bairros e distritos ou em convênio com a sua antiga Escola Técnica Federal de Campos, hoje IFF, ou com o Senac, o Sesi.

Então nós realizamos diversas oficinas volantes ou oficinas fixas em bairros e distritos e na sede também da Fundação de oficina de pintura de carro, de mecânico, de eletricista de carro, eletricista básico de residências como jardinagem, marceneiro, gráfico, instalador de eletrodoméstico, consertador de geladeira, coisas que a época tinha antes dessas novas tecnologias, tinham um mercado muito grande de oportunidades, e que depois né, muitos rapazes que hoje eu encontro, eles se atualizaram, estão nessas novas tecnologias.

Então eu atuei por um período nessa área da infância e da juventude, fui presidente do Conselho da Criança e do Adolescente de Campos, Conselho de Direitos, e presidi a primeira

eleição dos Conselhos Tutelares e promovi as instalações dos Conselhos Tutelares em Campos dos Goytacazes.

Depois eu fui Secretário de Governo, tinha a função de coordenar o governo por dentro, a administração, a coordenação política do governo. E posteriormente a esse cargo de secretário de governo, eu fui vice-prefeito naquela eleição suplementar de 2006. E depois, em três oportunidades, eu fiquei como prefeito em exercício, e eu fui eleito pelo PDT.

Depois, posteriormente à morte de Brizola, houve um afastamento meu do PDT, não só meu, como de tantos outros membros que se aborreceram com a atual direção do partido. O partido perdeu vitalidade interna. O partido que não faz eleições internas nem a nível municipal, nem a nível estadual, nem a nível nacional, o PDT passou a ser um partido comum, que eu costumo dizer que se Brizola ressuscitasse e viesse ao mundo de novo não se filiaria ao PDT, entendeu? Posteriormente, eu me elegi a Deputado Estadual, não pelo PDT mais.

E agora, fechando mais essa parte política da sua pergunta, esse eixo político das minhas respostas, eu hoje eu faço parte do núcleo organizado pelo ex-deputado e ex-secretário de Interior e Justiça do Estado do Rio de Janeiro, Vivaldo Barbosa. Somos os membros fundadores do PTB histórico de Vargas, Jango e Brizola. Nós recentemente refundamos esse PTB histórico, que é quem traz na toda sua historicidade verdadeira e original até ele ser sequestrado das mãos do Brizola em 1980. Traz todo o legado do trabalhismo histórico e o legado de Vargas, Jango e Brizola.

Roberto Medeiros: E qual era a expectativa de vitória de Anthony Garotinho contra Jorge Renato Pinto, o candidato de Zezé Barbosa em 1988? Como foi a vitória, e o que o Zezé Barbosa representava nesse período? Você considera a vitória de Garotinho um rompimento na política de Campos?

R.H.: Sem dúvida, sem dúvida. Garotinho não foi um bom prefeito não, ele foi excelente prefeito! O primeiro governo Garotinho foi um governo de sonhos e realizações! E a Prefeitura de Campos, ela vinha já há muitos anos, após o golpe de 64, governado em Campos por uma representante de uma oligarquia rural. Garotinho, a eleição dele rompe. Ele levou uma Prefeitura que estava distante da população para uma prefeitura encarnada na vida dos bairros e distritos do município de Campos. E mesmo numa época em que os royalties eram muito pouco, mas com criatividade, com uma equipe azeitada, uma equipe idealista e que corria atrás, nós conseguimos, com a coordenação do Garotinho, que o prefeito era ele, sem dúvida alguma, feitos extraordinários.

Você veja que os bairros de Campos, bairros periféricos, eles eram totalmente esquecidos. Antes de Brizola e antes de Garotinho. Daqui, onde você está avistando o Jardim Carioca só até a linha do horizonte do Jardim Carioca é que existia água encanada, lá para o Fundão de Guarus, Parque Santa Rosa, Custodópolis, Parque Aeroporto, São Silvestre, Parque Guarus, Lebret, era tudo fossa e cacimba. Não existia água encanada.

Foi a partir do governo do Brizola, com uma experiência piloto na comunidade da Favela da Baleeira, a partir dali é que começou a colocar uma pena d'água em cada quintal para poder a água ser instalada nas residências. Porque de primeiro, antes de Brizola, no Estado do Rio, a Companhia de Águas era refém dos discursos demagógico de, principalmente, de candidatos a deputado estadual, porque existia bicas de água aqui ao final da Rua Santo Antônio, aqui em Guarus da Carme Carneiro, que não é tão longe aqui do centro e existiam bicas de água. Na antiga Rua Três, em Guarus, perto da Pedro Barroso, ali existiam bicas de água. Você ia para o Parque Leopoldina, perto da Favela da Baleeira, existia bicas de água.

Então o político sem vergonha e demagogo, ele chegava e falava nas eleições, vou trabalhar para diminuir as filas aqui na comunidade. Se eu, eleito deputado ou eu reeleito, vou colocar mais duas bicas d'água aqui. Brizola alterou esse paradigma, foi colocando água, não só água, sendo em Campos, e isso foi nos morros do Rio de Janeiro, isso foi em São Gonçalo, isso foi na Região dos Lagos, tinha carro pipa até anos atrás...carro pipa... Cabo Frio, que era cidade turística, tinha carros pipas.

E a energia elétrica também. A extensão de rede elétrica, tanto nos bairros periféricos de Campos como no interior do município, avançou enormemente no governo do Brizola através, que é um governo do PDT de Brizola, avançou através de dois projetos o Serg Rural, para poder levar a extensão de rede para o interior. O “Noites Claras”, para iluminação elétrica em distritos do interior. E um projeto revolucionário que serviu de exemplo, até países copiaram isso, que foi o projeto “Uma Luz na Escuridão”, que esse era um projeto voltado para a área urbana.

Então isso foi quebrando paradigmas, cumprindo aquela máxima do Engels que o Engels diz, “o que é a liberdade? A liberdade é o conhecimento das necessidades”. Olha o quão é profundo isso. Por que, na medida em que a população teve conhecimento da necessidade de ter energia elétrica, ele não aceitava mais gato, ele teve conhecimento daquilo. Aí dá um salto de qualidade para frente. A comunidade que tinha antes bica d'água demagógica do político demagogo, e a ele conquistou a comunidade conquistou o direito de ter a água na porta, ela não aceitava mais a bica d'água, porque ela conheceu a sua

necessidade e rumou junto a sua liberdade. Ela se libertou daquele problema que afligia ela. Isso é que é liberdade, né? No sentido muito profundo, dialético.

Então aqui, o Garotinho aqui já como deputado antes, trabalhou nesse processo de ir levando as coisas, o que ajudou muito também ele se eleger porque ele foi um deputado atuante e num período do governo de Brizola bombando... Brizola estava no auge. Então ajudou. Como era a música da campanha de Garotinho? “Eu vou votar para votar, para acabar com a curriola. Elegendo o Garotinho, o prefeito do Brizola. Agora não tem jeito. O Garotinho vai ser prefeito. Eu vou votar para acabar com a curriola. Elegendo o Garotinho, o prefeito do Brizola. Vai ter trabalho para o homem do interior. Vai ter creche para o filho do trabalhador. Eu vou ter uma cidade com carinho, elegendo para o povo, o prefeito Garotinho”.

Mais ou menos era assim a música se eu não esqueci alguns trechos era assim. Então ele foi o deputado do Brizola, o prefeito do Brizola, o governador eleito por Brizola, que quem articulou aquela engenharia política partidária que inclusive a Benedita deixou de ser candidata para ser a vice do Garotinho foi o grande maestro. Aquilo ali foi o Brizola.

Então o Garotinho, ele ganhou uma eleição aqui muito difícil, porque se ela tivesse já dois turnos, que foi a última eleição de um turno só, possivelmente Garotinho não se elegeria, porque ele teve uma diferença de cerca de 10.000 votos do Rockfeller, que foi o segundo colocado. E a tendência de todos aqueles que disputaram as eleições, Jorge Renato Pereira Pinto, Barbosa Lemos e outros mais, era juntar no segundo turno com o Rockefeller, porque o Garotinho é uma figura até hoje, já era lá também, indivisível. Ninguém fica alheio ao passar por Garotinho. Você gosta dele ou não gosta. Entendeu como? Então ele é uma figura indivisível. Você gosta ou não gosta.

Era um prefeito trabalhador. Levantava cedo. Presidia o colegiado de governança, que é muito importante para ser prefeito... Eu fui prefeito, apesar de por pouco tempo, mas fui prefeito e gostaria muito de ter sido prefeito de Campos. Os fatos conspiraram contra esse meu desejo, né? Eu adoeci numa eleição que eu tinha tudo para ganhar, que era em 2008. Adoeci...Não pude ser candidato. E em 2020 também, quando eu quis ser candidato de novo houve a pandemia, que eu não chamo de pandemia. Foi criado um neologismo. Você é historiador? Se você ainda não viu. Vou tomar a liberdade de pedir licença ao colega historiador. Sindemia. É uma análise mais completa sobre, e que dá uma resposta mais ampla e consistente a essas situações pandêmicas. Que é você olhar o todo de forma holística e pontual.

Então, quando Getúlio Vargas fez isso com o combate da malária, não cuidou só da área biomédica, tinha a engenharia sanitária, os canais em Campos, inicialmente, foram por causa da engenharia sanitária. Então é você pensar a cidade, dessa forma, a considerar no todo do bem estar social, a arquitetura, a engenharia, os serviços públicos, os serviços de educação, médicos, promoção humana. Isso tudo tem que ser uma rede inteira intrincada, imbricada uma na outra. Um grupo de médicos e arquitetos na Europa, não me lembro qual, é que cunharam esse termo recentemente, há poucos anos. Então, ser prefeito é ser intérprete de sonhos e desejos. Isso que é ser prefeito? A definição que eu sempre dou, né?

É uma definição que eu uso muito. Ser prefeito, é ser intérprete de sonhos e desejos. E tem uma missão, reconciliar o orçamento municipal com esses sonhos e desejos da população. Isso que é ser prefeito na essência. Então o Garotinho, ele fez... Deu passos nesse sentido, importantíssimos e inegáveis. Ele aumentou a rede de postos de saúde. O posto de saúde era mais aqui na área central. Descentralizou. Claro que não foi só por mérito dele, mas o mérito desse sistema maravilhoso que é o Sistema Único de Saúde que veio, ainda não era o SUS, era o SUDS e depois virou SUS, com a municipalização plena e não semiplena mais. Então aumentou a rede de postos. Aumentou a rede de oferta da rede municipal de ensino. As escolas que estavam fechando...O Colégio de Goitacazes, o Colégio do Morro do Coco, de Travessão, os chamados ginásios, os ginásios que tinha no interior, principalmente em bairros e distritos, não eram da Prefeitura, eram do antigo CNEC, iam fechar. A prefeitura incorporou ali mesmo. Onde você dá aula? No CEMSTIAC, aqui, né? O CEMSTIAC mesmo foi incorporado pela prefeitura. Não sei como é que está o convênio lá hoje, mas a época foi. Então, é inegável que o Garotinho sempre teve uma sensibilidade.

Garotinho tem muitos erros e alguns graves. O principal dele, grave, foi ele ter brigado com Brizola a meu sentir, mas ele tem muita qualidade. Eu mesmo como adversário. Eu não posso ser cretino como existem muitos cretinos em Campos. Tem muita gente cretina em Campos que analisa uma figura como Garotinho de forma binária. Garotinho, Getúlio Vargas, Brizola, os grandes líderes, você não analisa de maneira binária, você tem que dar complexidade a sua análise. Tem que ser feito de maneira refletida.

Então, em que pese alguns defeitos de Garotinho, sejam eles administrativos ou políticos, mas ele teve muitos méritos, sobretudo nesse sentido de interiorizar as ações da Prefeitura, levar para os bairros, levar para os distritos uma prefeitura que era distante, totalmente divorciada da população. Esse mérito ele teve, entendeu? Como é inegável. Fazer as políticas públicas irem chegando para os bairros, para o distrito, a creche, a escola. Guarar aqui você olha para lá, só tinha calçamento até a Carmem Carneiro e a Pereira Pinto, que foi

asfaltada quando o Brizola asfaltou, que fez o Ciep do Calabouço. Do outro lado da pista só tinha um pedaço da Avenida Nazareth Pereira Gomes calçada, e do lado de cá da pista, só um pedacinho da Rua Júlio Armond, que dá acesso à Custodópolis. O resto tudo era chão, chão, chão, chão!

Distritos inteiros como, Ururá, Dorcas de Macabu e Conselheiro só tinham calçamento na rua principal, no resto, tudo era chão. Sem dúvida nenhuma isso aí, Garotinho foi levando os equipamentos comunitários e numa época que tinha pouco dinheiro, mas tinha uma coisa a gente viajava para buscar recurso fora. E, modéstia à parte, eu fui o secretário que mais captou recursos para o município de Campos. Os maiores convênios fui eu que assinei pessoalmente. É porque a receita da prefeitura era muito pouco, os royalties eram muito pouco. Esse mérito o Garotinho teve.

E o mérito político? Eu falei sobre esse mérito administrativo de ofertar à população mais oportunidades de funcionamento de políticas públicas. O outro mérito foi o mérito político. A população, contra ou a favor, passou a discutir política. Porque isso é outro mérito da era Garotinho que eu atribuo como historiador, como observador, eu atribuo esse mérito ao período dele, do primeiro governo dele. As pessoas passaram a discutir política nas esquinas, ser contra ou ser a favor. Então, aquela paz de cemitérios que existia, deu lugar à discussão de ser contra ou a favor, mas atuar. O que, a meu ver, uma dívida que eu atribuo a era Garotinho, que o conjunto do governo não acompanhou, que foi a manutenção sem atrelar a mobilização das associações comunitárias. Dar o apoio sem atrelamento.

E lamentavelmente, posteriormente, os erros que os governos subsequentes ao Garotinho cometeram, e que depois, mesmo quando Rosinha volta, a prefeitura não corrigiu esses erros, que foi o erro do empreguismo. Isso ajudou muito também a desmobilizar as associações de moradores. Isso dá uma pesquisa, dá um trabalho de curso maravilhoso. Porque eu tentei, quando fiquei prefeito, que eu poderia ficar até o final ou sair a qualquer momento. Daí dois meses eu tive que sair. Não deu tempo. Mas eu cheguei a chamar a Federação das Associações de Moradores que eu ia propor a ela, ela primeiro mudar o estatuto. E ela propôs as associações, as criadas já em funcionamento ou aquelas que poderiam se revitalizar, reformar os estatutos, proibindo que os seus diretores fossem assessores de políticos. Se for assessor de político, seja vereador, prefeito, deputado que fosse, entregaria o cargo ao suplente. Porque o que aconteceu? O cara foi começando a ser empregado da prefeitura, empregado de vereador, desmobilizou! Então, essa dívida, a era Garotinho tem. Caberia a nós, em respeito à nossa história de vida, nunca atrelar, mas

favorecer, dar aquele empurrão, dar aquele apoio. É possível um governante dar apoio às organizações da sociedade civil sem atrelar, respeitando as organizações da sociedade civil.

Isso é perfeitamente possível, basta querer. Então houve essa lacuna, mas no todo é aquilo que eu falei, o período garotinho foi um período de sonhos, desejos e realizações, sem dúvida alguma. E alterou, houve um rompimento com um padrão político em que só os importantes da cidade discutiam política, influenciavam e passou a população a ter mais voz, isso inegavelmente.

E é uma pena, eu lamento muito que esse garotinho se perdeu. Por isso que quando eu às vezes estou fazendo um discurso, eu digo: “eu, Roberto Henrique, sou aquele que não se perdeu!”. Não falo isso por vaidade, não falo isso por achar que eu sou mais santo que os outros, eu não sou. Eu falo isso para como uma pura verdade que eu tenho o direito pelo sofrimento que sempre me foi imposto, pelas dificuldades que sempre foram impostas à minha trajetória, eu tenho o direito de exclamar isso lá de dentro, do mais íntimo da minha pessoa! Dizer: “eu, Roberto Henrique, sou aquele que não se perdeu, que não se desviou do caminho, em todos os sentidos!” Fiz e não mereço sequer elogios e por isso, era minha obrigação, mas pelo menos eu fiz. Pago um preço altíssimo por isso, mas fiz.

R.M.: E você chegou a ser presidente do Diretório Municipal do PDT, como você observava a perspectiva pedetista sobre a reforma agrária nesse período de construção e consolidação do partido? Havia essa discussão?

R.H.: Olha, havia sim. Nós somos o PDT! Ele era herdeiro de um caldo de cultura histórica, na qual nós tínhamos uma referência. A nossa referência foi a primeira pessoa que criou um órgão para implementar a reforma agrária no Brasil, que era o IGRA, o Instituto Gaúcho de Reforma Agrária, Leonel Brizola, em 1961 ou 1962, acho que foi 1961.

Foi o incentivador do primeiro acampamento lá o bairro do Colégio, na Fazenda Sarandi. Então, o nosso passado vem na frente! Alto lá!! Alto lá!! O nosso passado vem na frente! E é essa riqueza das tradições do Brizola que nós mimetizamos. Com muito orgulho, nós mimetizamos. Essa questão da reforma agrária era um assunto do qual o PDT de Brizola, não é esse PDT que tá aí não, o PDT de Brizola, criado emergencialmente por causa do sequestro do PTB histórico tomado da mão do Brizola. Então, quem mais tinha autoridade nesse país para falar de reforma agrária do que Brizola? Entendeu? Então, evidentemente, qualquer diretório que honrasse as calças tinha que ser o quê? Sensível à causa! Dar apoio, né! Fazer coro em defesa da terra para o agricultor sem terra.

É até uma obrigação de qualquer núcleo partidário que bebeu nas águas do trabalhismo de Vargas e de Brizola falar, apoiar e agir praticamente, de maneira prática, na direção da reforma agrária, tão necessária e que necessita tanto ser consolidada ainda no nosso país. Entendeu?

E eu falei aquele dia contigo, a primeira autoridade pública que esteve presente, quando chegou a ocupação do MST na ali onde era a terra da Usina São João, aqui do outro lado de Guarus, fui eu, Roberto Henriques, Secretário Municipal de Governo, e justiça seja feita, por determinação de Anthony Garotinho, que era o prefeito à época. Isso, se não me falha a memória foi nos primeiros meses de 1997.

E aí eu cheguei lá respeitosamente ao movimento que chegara a Campos, me apresentei, não me lembro agora aqui o nome das pessoas... Muitos deles nem estão aí mais, e eu me apresentei que era o secretário de governo e que estava ali em nome do governo, colocando as políticas públicas naquilo que a prefeitura pudesse de pronto e ser útil a serviço do acampamento. Tanto que daquela ida minha lá eu voltei, dei a as informações ao prefeito e fiquei encarregado como secretário de Governo, que era o coordenador do governo político e também administrativo do governo, determinei que fosse em nome do prefeito, que fosse para lá o secretário de Saúde, que à época era Arnaldo Vianna. Para ver as questões e ver, improvisaram até um posto de saúde de campanha assim ali para atender, e também a Secretaria de Educação começou a dialogar com eles.

Os primeiros diálogos ali eu fiz e depois eles descobriram o próprio caminho na relação com a Prefeitura. Agora, julgo que houve muito pouco diálogo de ambas as partes ao longo desses anos que o MST está em Campos. Eu lamento. Entendeu? Lamento. Porque se fosse eu o prefeito, eu ia chamar toda essa gente. Sem atrelar ninguém, respeitando todo mundo, aqui olha... Vamos ver em que a gente pode trabalhar junto para o município, e não só com eles. Com os pequenos agricultores que não, não são oriundos do Movimento Sem Terra, como com outros tipos de agricultores.

Mas lamento muito, viu “xará”? Que eu acho que poxa, com a quantidade de assentamentos que têm em Campos, cara... ah meu Deus! Isso aí poderia fazer tanta coisa boa no campo do cooperativismo, no que a lei da compra da merenda escolar determina os 30% da agricultura familiar, o quanto que a prefeitura poderia ser um grande comprador desses assentamentos e não só dos assentamentos, do pequeno agricultor como um todo, né? Ajudá-los, favorecer as organizações de forma jurídicas que às vezes...

Ah, mas não pode vender pra prefeitura porque não tem uma cooperativa ou não tem a forma jurídica perfeita, a forma contábil perfeita, puxa vida, a prefeitura tem uma procuradoria geral cheia de advogados lá! Disponibiliza um advogado pra dar assessoria e vamos evitar os preconceitos, porque o preconceito é que é a merda! Desculpe o palavrão. A maior merda do mundo é o preconceito, correto? A maior merda do mundo é você não reconhecer o outro, o outro que está dentro de você e o outro que está fora de você, todos os outros que estão fora de você. E é com o outro lidando com o outro, que a gente se enriquece e passa a ser uma pessoa melhor, entendeu?

Então é uma pena que isso não tenha... em Campos, com o dinheirão que a Prefeitura tem, a capacidade de comprar, para hospital, para merenda escolar, para os programas de forma em geral. Como que a prefeitura poderia estar dando apoio a ao agricultor, pequeno agricultor, seja do MST ou não, e também eles poderiam estar dando também o que apoio à governança. E a prefeitura não tem dono, pô!

R.M.: Nesse mandato, houve a primeira ocupação do MST. Então, como o Garotinho e a prefeitura reagiram, buscaram criar políticas de auxílio aos acampados?

R.H.: Naturalmente, o Garotinho foi muito receptivo. Quem disser que não foi isso perto de mim eu desminto na cara, porque tem um pessoal aí que fala muita coisa de Garotinho que não é verdade. Eu falo o que é verdade... os defeitos que ele tem. Ele é ególatra, ele precisa amadurecer. Ele não pode continuar sendo uma criança mimada. Ele não pode ficar atropelando os outros, entendeu? Então, isso aí, os defeitos eu sei que ele tem, mas sei também as qualidades que ele tem, entendeu? É uma cretinice contar de alguém, seja Garotinho ou qualquer outra pessoa, só os seus defeitos.

Ele foi a princípio receptivo, tanto que eu estou dizendo aqui e quero ver alguém que estava lá desmentir que eu não estive lá! Eu fui prefeito em 2006 e depois em 2008. Eu lá era um secretário. Eu fui lá porque alguém determinou que eu fosse e esse alguém era o Prefeito da cidade, que por acaso era Anthony Garotinho.

R.M.: E buscaram criar políticas aos acampados?

R.H.: Criou-se ali os primeiros contatos. Eu julgo, olhando para trás, que todos os governos falharam com o MST. E todas as coordenações do MST também falharam com a governança. Faltou diálogo de ambas as partes. Precisa derrubar o muro dos preconceitos. Isso é um infantilismo pequeno burguês que já foi muito lá atrás... Essa frase não é minha.

Você sabe de quem é! Então esse infantilismo pequeno burguês prejudica muito todos os lados, seja o infantilismo que está dentro do governo, o infantilismo que está na sociedade civil organizada. Entendeu?

R.M.: E esses dois mandatos do Arnaldo Vianna, o MST, aumentou o número de ações que se consolidam no município. Qual era a posição de Arnaldo e a Prefeitura? Que política pode indicar que a Prefeitura buscou para com os acampados ali?

R.H.: Eu fiquei pouco tempo no governo de Arnaldo. Por tempos eu fui oposição ao Arnaldo, por causa desse modelo que ele implantou, perdulário, gastador no município de Campos. Eu fui oposição por dentro ao Garotinho, fui oposição a Arnaldo, e fui oposição a Mocaiber, que era meu colega de chapa. Mas daquilo que eu tenho conhecimento, Arnaldo levou estradas asfaltadas para o interior e as proximidades de acesso aos acampamentos. E pelo que eu também soube é que sempre, às vezes dava suporte de maquinário agrícola, essas coisas. Então, é tudo isso o que eu falei. poderia ser mais, entendeu? De ambas as partes, poderia ser mais. Eu acho que esses acampamentos, seria cara... um cinturão verde exemplar para qualquer cidade do Brasil e do mundo, né? Do Brasil só não, do mundo. Você analisa os pontos geográficos desses acampamentos em relação ao território do município, você vê que o município, ele está... Você vai para o norte do município, tem acampamento, você vai para nordeste do município, tem acampamento, você vai para leste do município, tem acampamento, você vai para sul do município, tem acampamento.

A oeste aqui que há uma lacuna, para o lado de São Fidélis, mas no todo, faz um praticamente um U no município. Que maravilha seria isso?! Cara, que maravilha! A história acabou conspirando a favor de uma oportunidade de entrelaçamento entre o pequeno produtor, seja ele sem-terra ou não, e a prefeitura, de fazer uma política voltada para o interesse da segurança alimentar do município.

Olha só, olha quanta coisa você atingiria. Olha, você atingiria primeiro, a ocupação perfeita da terra. Não dando discurso à extrema direita, de dizer que o pessoal do sem-terra ocupa, mas não produz. E depois, geraria oportunidades, na economia primária, e depois para um salto para os processos artesanais e industriais, a partir desses bens primários. Entendeu? Quanta coisa boa poderia se gerar daí para o município!

Cinco critérios definem o desenvolvimento e investimento para uma região. O primeiro, qualidade de vida. O segundo, qualidade de mão de obra. O terceiro, equipamentos comunitários. Quarto, logística. E quinto, incentivos fiscais.

Então é uma pena. Olha, eu não perdoo os prefeitos pós-royalties. Você vê que se você perceber, elogio Garotinho, mas eu meto porrada em Arnaldo. Correto? Sérgio Mendes eu relevo, apesar de não ter sido um bom prefeito, mas eu relevo um pouco. Arnaldo eu não perdoo porque foi o cara que teve tudo para organizar esse município. Ninguém mais do que Arnaldo teve essa chance. Por quê? Porque Arnaldo, quando assumiu, houve a mudança da Lei dos Royalties e começou a crescer em proporções geométricas. A prefeitura que Arnaldo tinha era uma prefeitura com um custeio baixo, portanto uma despesa fixa, baixa, olha de pessoal baixa, linha de investimento baixa, receita só crescendo em progressão geométrica, então... Arnaldo, ele foi avisado por mim pessoalmente várias vezes, por mim, pessoalmente, várias vezes!

E era para parar e pensar: como é que nós vamos organizar tudo isso aqui? Entrava para a história, não ia para o lixo da história. Aí instalou-se os vícios na Prefeitura de Campos, os vícios instalados, para você romper, você tem que ter a coragem cívica que, modéstia à parte, eu tenho! Eu sou um sujeito espraguejado na política de Campos pelos núcleos politiqueiros de Campos. Todo mundo me admira. Eu sou igual ao time do América! Todo mundo gosta de Roberto, mas ninguém me quer. Roberto... Roberto atrapalha... Então eu virei um “Zeca Pimenteira”! Eu virei um desmancha roda! Quantos projetos de minha autoria... A Ponte da Integração, indicação legislativa minha, a restauração da recuperação da orla de Atafona, os hospitais regionais de média e alta complexidade...

Tudo isso, ideias minhas que ficaram por aí! A mídia não cita uma vírgula, Roberto Henriques, jamais vão citar. Por quê? Porque essa mídia é sócia disso aí. De toda essa baderna que foi instalada na Prefeitura, tem muitos sócios, não é só o Prefeito não, a Câmara Municipal, parte do Ministério Público, parte da Justiça, boa parte da imprensa. Viraram sócios do erário! E como essa gente pode gostar de mim? Quando eu assumi a Prefeitura, eu saneei a folha de pessoal, saneei os contratos, saneei todo e qualquer gasto fixo, todos saneados. Entreguei a Prefeitura saneada.

Então eu sou duro com Arnaldo. E depois os que o sucederam. O Mocaiber, mequetrefe, traiu a mim como colega de chapa, traiu a população, foi um bom prefeito interino. Os meses que ele ficou interino foi um bom Prefeito, entendeu? Depois, Rosinha, uma ex-governadora. Poxa, eu esperava mais dela, uma ex-governadora... Eu pensei que ela ia dar um show de bola em cima de mim. Eu estou dando com poucos meses que eu fiquei na Prefeitura e eu estou dando show de bola e em cima desse pessoal todo. Você pode estar certo disso. Sem vaidade nenhuma.

Se você procurar agora que sair daqui da minha casa, procurar Doutor Luiz José de Souza, o cara que cuida da dengue de Campos... Dr. Luiz, me diz aqui, escondidinho do cinema, que ele pode estar ocupando um cargo... Qual o período que a dengue foi cuidada realmente direito, certo? Ele vai olhar para trás e dizer, “no período em que Roberto Henriques foi prefeito”.

R.M.: Neste período da Prefeitura pedetista em Campos até 2006. Como o senhor avaliaria esta relação entre MST e PDT no município?

R.H.: Olha, para os dois lados, eu dou uma nota 5, de 1 a 10. Eu sonho com coisa melhor. Com toda honestidade! Sem querer aqui meter o pau em um lado ou em outro, mas como um chamamento, que vai ficar registrado no seu belo trabalho. Eu dou nota 5, porque poderiam ser muito mais, poderia ser muito melhor. As condições conspiraram para tanto o MST como para prefeitura receber a nota dez.

Olha, eu vou baixar esta nota, 4 para os dois lados. Quando eu estou dando a nota 4, eu estou dando a nota para a relação, não estou dando nota 4 para o MST e nem para a Prefeitura. Eu estou dando nota 4 para a relação, só que em igualdade, 4 para lá e 4 para cá. Os dois lados erraram!

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS:

ABREU, M. **Evolução urbana do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1997.

ALENTEJANO, P. **Reforma Agrária, território e desenvolvimento no Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRRJ/CPDA, 2003.

ALENTEJANO, P. Os Grandes Projetos de Desenvolvimento (GPDs): uma análise crítica a partir da Geografia. In: COSTA, A.; et al. **Geografia dos grandes projetos de desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Editora Consequência, 2021.

ALONSO, A. As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate. **Lua Nova**, n.76, São Paulo, 2009.

ALVES, Heloiza Manhães. **A Sultana do Paraíba: reformas urbanas e poder político em Campos dos Goytacazes**. Rio de Janeiro: Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro, 2009.

ALVES, Bernard José Pereira. **A política agrária de Leonel Brizola no Rio Grande do Sul: governo, legislação e mobilização**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2010.

ARAUJO, Maria Celina Soares d'. **Sindicatos, carisma e poder: o PTB de 1945-65**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas, 1996.

AZEVEDO, Fernando Antônio. **As Ligas Camponesas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

BATISTELLA, A. O trabalhismo getulista-reformista do antigo PTB e o “novo trabalhismo” do PDT: continuidades e descontinuidades. **Aedus**, v.5, n.12, p.116-132, 2013.

BENEVIDES, Maria Victória. **UDN e o udenismo: ambiguidades do liberalismo brasileiro**. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo, 1980.

BIANCHI, A. O conceito de estado em Max Weber. **Lua Nova**, São Paulo, n. 92, p. 79-104, 2014.

BRANFORD, Sue; ROCHA, Jan. **Rompendo a cerca: a história do MST**. São Paulo: Casa Amarela, 2004.

BRAUDEL, F. História e Ciências Sociais: a longa duração. **Revista de História USP**, v.30, n.62, São Paulo, 1965.

BRIZOLA, LEONEL. Nota após a perda da sigla do PTB (12 de maio de 1980). In: PINHEIRO, Wendel. **Um tempo bem melhor para se viver: trajetória histórica do trabalhismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Gramma, 2021.

BRUNO, R. O Estatuto da Terra: entre a conciliação e o confronto. **Estudos Sociedade e Agricultura**, v.3, n.2, p.5-31, 2013.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais do que escola**. Petrópolis: Vozes, 2000.

CARTER, M. (org.). **Combatendo a Desigualdade Social: o MST e a reforma agrária no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CASTRO, Silvia; SALES, Diomar. Reordenamento político e circulação das elites em Campos dos Goytacazes: representações sociais da imprensa local (1982-2004). **ACHEGAS – Revista de Ciência Política**, n. 21 - janeiro/fevereiro, 2005.

COELHO, Fabiano. **A prática da mística e a luta pela terra no MST**. Dissertação (Mestrado em História). Dourados (MS): Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), 2010.

COLETTI, C. **A Trajetória Política do MST: da crise da ditadura ao período neoliberal**. Tese (Doutorado) - Departamento de Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 2005.

COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. **Conquistar a terra, reconstruir a vida. CPT: Dez anos de caminhada**. Petrópolis: Vozes, 1985.

COSTA, Luiz Flávio de Carvalho. **O Congresso Nacional Camponês: trabalhadores rurais no processo político brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

COUTINHO, C.N. **O leitor de Gramsci: escritos escolhidos 1916-1935**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011a.

COUTINHO, C.N. **De Rousseau a Gramsci: ensaios de teoria política**. São Paulo: Boitempo, 2011b.

CRUZ, J.L.V. **Projetos Nacionais, Elites Locais e Regionalismo: desenvolvimento e dinâmica territorial no Norte Fluminense**. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2003.

CUNHA, Joana Tavares Pinto da. **Do boletim ao jornal sem-terra: história, práticas e papel na constituição do MST**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 2013.

DALLANA QUINTANS, M. T. O Movimento Sem Terra e a magistratura fluminense. **Revista Direito, Estado e Sociedade**, n.27, 2014.

DEL ROIO, M. **Gramsci e a emancipação do subalterno**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **PTB: do getulismo ao reformismo (1945-1964)**. São Paulo: Marco Zero, 1989.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. (Org.). **Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

DIAS, I.P.R. **Território e Poder: as elites e a organização do território em Campos dos Goytacazes**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2016.

DUARTE, A. L.; MEKSENAS, P. História e Movimentos sociais: possibilidades e impasses na constituição do campo do conhecimento. **Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, vol. 12, n. 1, p. 119-139, 2008.

ECKERT, C. **Movimentos dos agricultores sem terra no Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Agrícola, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 1984.

ECKERT, Cordula. O Master e as ocupações de terra no Rio Grande do Sul. In: FERNANDES, Bernardo Mançano; MEDEIROS, Leonilde Servolo de; PAULILO, Maria Ignez (orgs.). **Lutas camponesas contemporâneas: condições, dilemas e conquistas, v. 1: o campesinato como sujeito político nas décadas de 1950 a 1980**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

ERNANDEZ, M.; ROSA, M.; SIGAUD, L. **Ocupações e acampamentos: estudo comparado sobre a sociogênese das mobilizações por reforma agrária no Brasil (1960-2000)**. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

ERNANDEZ, M. MST, Políticos Locais e Sindicatos: uma etnografia da representação dos trabalhadores rurais no estado do Rio de Janeiro. **RURIS**, v.3, n.1, p.13-40, 2009.

FAO/INCRA. **Proposta de Plano de Desenvolvimento do Assentamento Zumbi dos Palmares**. Rio de Janeiro. 159p.

FERREIRA, Jorge. A democratização de 1945 e o movimento queremista. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O Brasil Republicano Vol. 3: o tempo da experiência democrática – da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FERREIRA, Silvana Maria. Peregrinos da terra prometida: Comissão Pastoral da Terra e trajetória político-religiosa (1975-2003). **Sacrilegens**, Juiz de Fora, v.1, n.1, p. 137-152, 2004.

FERREIRA, Jorge. Nacionalismo, democracia e reformas: As ideias políticas de Leonel Brizola (1961-1964). In: FREIRE, Américo. **A razão indignada: Leonel Brizola em dois tempos (1961-1961 e 1979-2004)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Espacialização e territorialização da luta pela terra: a formação do MST – Movimento dos Trabalhadores Sem Terra no Estado de São Paulo**. Dissertação (Mestrado em Geografia). São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 1994.

FERNANDES, B. M. **MST: formação e territorialização**. São Paulo: Hucitec, 1996.

FERNANDES, B. M. **A formação do MST no Brasil**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

FERNANDES, Vinícius dos Santos. **A emergência de um líder nacionalista: A atuação parlamentar de Leonel Brizola entre os anos de 1947 e 1953**. (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de História – PPHR, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica-RJ, 2013.

FEYDIT, Julio. **Subsídios para a História dos Campos dos Goytacazes: desde os tempos coloniais até a proclamação da República**. Rio de Janeiro: Autografia, 2022.

FIALHO, Átila Rezende; TREVISAN, Ricardo. Ocupar, colonizar, urbanizar a Amazônia Legal (1970-80): ações oficiais e privadas na criação de núcleos urbanos. Natal: **Anais do XVIII Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional**, p. 1-25, 2019.

FREITAS, Carlos Roberto Bastos (Coord.). **Notas sobre a fundação do município de Campos dos Goytacazes**. Campos dos Goytacazes (RJ): Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima, 2012.

FREYRE, Gilberto. **A presença do açúcar na formação brasileira**. Rio de Janeiro: Divulgação do M.I.C, 1975.

GORENDER, J. **O Escravismo Colonial**. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

GOMES, Angela de Castro. Reflexões em torno de populismo e trabalhismo. **Varia História**, n.28, p.39-54, dez/2002.

GOMES, A. M. C. Brizola e o Trabalhismo. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 11, n. 19/20, 2004.

GOMES, Angela de Castro. Brizola e o trabalhismo. In: FREIRE, Américo. **A razão indignada: Leonel Brizola em dois tempos (1961-1961 e 1979-2004)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

GOMES, Everton; PINHEIRO, Wendel. **A História de uma Juventude Trabalhista, Popular e Socialista**. Niterói-RJ: Nitpress, 2016.

GONÇALVES, Renato Luiz. **A atuação da Comissão Pastoral da Terra (CPT) em Campos dos Goytacazes, RJ: uma análise do assentamento Zumbi dos Palmares.** Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Departamento de Economia Rural, Universidade Federal de Viçosa. Viçosa, p. 150, 2012.

GONÇALVES, Adelaide. “A gente cultiva a terra e ela cultiva a gente”: uma história do MST. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge. **O Brasil Republicano vol.5: O tempo da nova república: da transição democrática à crise política de 2016.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

GRILL, Igor Gastal. **“Heranças políticas” no Rio Grande do Sul.** São Luís: EDUFMA, 2008.

GRYNSPAN, M. **Mobilização camponesa e competição política no estado do Rio de Janeiro: (1950-1964).** Rio de Janeiro, UFRJ, Dissertação de Mestrado, 1987.

GRYNSPAN, Mario. Ação política e atores sociais: posseiros, grileiros e a luta pela terra na baixada. **Dados. Revista de Ciências Sociais.** Rio de Janeiro, vol.33, nº 2, 1990.

GRZYBOWSKI, C. **Caminhos e descaminhos dos movimentos sociais no campo.** Petrópolis: Vozes, 1997.

HADDAD, L. N. A interface da questão agrária e ambiental: o caso das áreas de preservação e reservas legais em assentamentos do Norte Fluminense. In: PEDLOWSKI, M.; OLIVEIRA, J. C.; KURY, K. A. (Orgs.). **Desconstruindo o latifúndio: a saga da reforma agrária no Norte Fluminense.** Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

HARNECKER, Marta. **Sin Tierra: construyendo movimiento social.** Madrid: Siglo XXI de España Editores, 2002.

IAMAMOTO, M.V.; COSTA, A.M.A. O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Campos dos Goytacazes e a luta por direitos na ditadura (1964-1985). In: (Org.) MEDEIROS, L. S. **Ditadura, conflito e repressão no campo: a resistência camponesa no estado do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Consequência, 2018.

JULIÃO, Francisco. **Que são as Ligas Camponesas?** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1962.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. **A Terra Goitacá.** Paris: L'edition D'art, 1913.

LAMEGO, Alberto. **O homem e o Brejo.** Rio de Janeiro: Serviço Gráfico do IBGE, 1945.

LEAL, Murilo. **A reinvenção da classe trabalhadora (1953-1964).** Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

LEITE FILHO, F. C. **El Caudillo: Leonel Brizola: Um perfil biográfico.** São Paulo: Aquariana, 2008.

LERRER, Debora Franco. **MST: como um movimento de “gaúchos” se enraizou no Nordeste**. Curitiba: Appris, 2021.

LEWIN, H. (org.) **Uma nova abordagem da questão da terra no Brasil: O Caso do MST em Campos dos Goytacazes**. Rio de Janeiro: Editora 7Letras, 2005.

LIMA, Lana Lage da Gama. **Rebeldia Negra e Abolicionismo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

MACEDO, Márcio. **Abdias do Nascimento: a trajetória de um negro revoltado (1914-1968)**. Dissertação (Mestrado em Sociologia). São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 2005.

MACEDO, Michelle Reis de. **Recusa do passado, disputa no presente: esquerdas revolucionárias e a reconstrução do trabalhismo no contexto da redemocratização brasileira (décadas de 1970 e 1980)**. Tese (Doutorado em História). Pós Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal Fluminense, 2012.

MARQUES, T. C. S., & GONÇALVES, L. P. A fundação do Partido Democrático Trabalhista (PDT) no exílio. **Civitas - Revista De Ciências Sociais**, 16(3), 399-416, 2016.

MARTINS, J.S. **Os Camponeses e a Política no Brasil**. Editora Vozes: Petrópolis, 1981.

MARTINS, José de Souza. **A militarização da questão agrária no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MARTINS, José de Souza. “A revolta das formigas”. In: COMISSÃO PASTORAL DA TERRA. (Org.). **Conquistar a terra, reconstruir a vida: CPT - dez anos de caminhada**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MATIAS, Glauber Rabelo. **Palco e Resistência: a geração do teatro de bolso e as suas lutas por hegemonia nos anos de 1980 em Campos dos Goytacazes (RJ)**. Tese (Doutorado em Sociologia Política). Campos dos Goytacazes: Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF), 2016.

MEDEIROS, L. S. de (coord.). **Dez anos de luta pela terra: 1969-1979: levantamento de conflitos**. Estado do Rio de Janeiro: CEDEC-ABRA-CPDA/UFRRJ. 1983.

MEDEIROS, L. S. **História dos Movimentos Sociais no Campo**. Rio de Janeiro: FASE, 1989.

MEDEIROS, L. S. (Org.) **Assentamentos Rurais: uma visão multidisciplinar**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994.

MEDEIROS, L. S. **Ditadura, conflito e repressão no campo: a resistência camponesa no estado do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Consequência, 2018.

MORISSAWA, Mitsue. **A História da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

NEGRO, A.L. e SILVA, S. (orgs.) **E.P. Thompson. As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2012.

NEVES, D. P. **Lavradores e pequenos produtores de cana: estudo das formas de subordinação dos pequenos produtores agrícolas ao capital**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

NEVES, D.P. **Assentamentos rural: reforma agrária em migalhas**. Niterói: EDUFF, 1997.

NEVES, Delma Pessanha. **Os fornecedores de cana e o estado intervencionista: estudo do processo de constituição social dos fornecedores de cana**. Niterói: EDUFF, 1997.

NOVICKI, V. A. **O Estado e a luta pela terra no Rio de Janeiro: primeiro governo Brizola (1983-1987)**. Rio de Janeiro, CPDA/UFRJ. Dissertação de Mestrado, 1992.

NOVICKI, V.A. Governo Brizola, movimentos de ocupação de terras e assentamentos rurais no Rio de Janeiro (1983-1987). In: MEDEIROS, L.S. et al. (orgs.). **Assentamentos rurais: uma visão multidisciplinar**. São Paulo: Ed. UNESP, 1994.

O'DWYER, E. **Da proletarização renovada à reinvenção da campesinato**. Rio de Janeiro. PPGAS/UFRJ (Tese de Doutorado), 1988.

PARTIDO DEMOCRÁTICO TRABALHISTA. Manifesto do PDT. In: PINHEIRO, Wendel. **Um tempo bem melhor para se viver: a trajetória histórica do trabalhismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Gramma, 2021.

PARTIDO DEMOCRÁTICO TRABALHISTA. **Estatuto do PDT**. 2019. <Disponível em: https://www.tse.jus.br/partidos/partidos-politicos/arquivos/tse-estatuto-partido-pdt-de-18-3-2019-aprovado-em-26-9-2019/rybena_pdf?file=https://www.tse.jus.br/partidos/partidos-politicos/arquivos/tse-estatuto-partido-pdt-de-18-3-2019-aprovado-em-26-9-2019/at_download/file>

PANTOJA, Silvia. O cenário muda, mas a cena se repete...: considerações sobre o processo político-eleitoral de 2004 e as eleições de 2006, em Campos dos Goytacazes. **Revista Vértices**, [S. l.], v. 7, n. 1/3, p. 15–26, 2010.

PEDLOWSKI, M.; OLIVEIRA, J.C.; KURY, K.A. (Orgs.) **Desconstruindo o latifúndio: A saga da reforma agrária no Norte Fluminense**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

PEDROZA, Manoela. Lavradores Radicais: táticas da luta nos sertões cariocas (1950-68). **Trajeto - Revista de História UFC**. Fortaleza, vol. 2, nº 4, 2003.

PEREIRA, Luís Felipe Chagas. **Herança política no município de Campos dos Goytacazes: um estudo de caso de três famílias**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Ciências Sociais). Campos dos Goytacazes (RJ): Universidade Federal Fluminense (UFF), 2021.

PESSANHA, Yvan Senra. **Campista. Nem fiado nem à vista. – A saga dessa gente que não se vende.** Niterói: Imprensa Oficial, 1999.

PINHEIRO, Wendel. **Um tempo bem melhor pra se viver: trajetória histórica do trabalhismo brasileiro.** Rio de Janeiro: Gramma, 2021.

PORTO, Continentino. Fim das Oligarquias. In: **Quem é quem nas eleições de 1998: Garotinho, do campo à cidade.** Rio de Janeiro: Edição do autor, 2000.

QUINTANS, M.T.D. **A Magistratura Fluminense: seu olhar sobre as ocupações do MST.** Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Teoria Geral do Estado e Direito Constitucional, PUC-RJ, 2005.

RIBEIRO, Vanderlei Vazelesk. **A roça e a campana: a questão agrária sob o Varguismo e o Peronismo em perspectiva comparada.** Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal Fluminense, 2006.

RIBEIRO, Gabriella Ferreira da Silva. **O que está por trás do que eles dizem? Uma análise dos discursos dos jornais “Folha da Manhã” e “O diário”.** Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais) - Universidade Federal Fluminense, Campos dos Goytacazes, 58p, 2017.

ROBERTS, Kenneth. The restructuring of agrarian relations: the historical and theoretical context of agrarian reform in Brazil. **Latin American Politics and Society**, v. 48, n. 2, p. 1-25, 2006.

ROUSSO, H. **A última catástrofe.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2016.

RUBBO, Deni Irineu Alfaro. **Campesinos cosmopolitas: um estudo sobre a atuação política internacionalista do MST na América Latina.** Dissertação (Mestrado em Sociologia). São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 2013.

SANTOS, L. S. **Um Sertão entre muitas certezas: a luta pela terra na zona rural da cidade do Rio de Janeiro: 1945-1964.** Niterói, UFF, Dissertação de Mestrado em História, 2005.

SANTOS, Dayane da Silva. **Entre a trajetória histórica e políticas para a educação profissional agrícola: as transformações de uma tradição formativa - o caso da Escola Técnica Estadual Agrícola Antônio Sarlo.** Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) - Departamento de Pós-Graduação em Políticas Sociais, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 155 p. 2012.

SANTOS, L. S. **A Zona Rural do Município do Rio de Janeiro: as tentativas de construção e configuração de um território (1812-1945).** Rio de Janeiro: Agbook, 2020.

SANTOS, L. S. Comunistas e Ligas Camponesas em Campos dos Goytacazes: o caso das ocupações de terras do Imbé (1962-1963). **História.com**, v.7, p.18-33, 2020.

SANTOS, Leonardo Soares. Os desvios da memória: os relatos sobre a ocupação das terras do Imbé, Campos dos Goytacazes (1963). **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, vol.13, n.2, jul.-dez.,2020.

SARTORI, G. **Partidos políticos e sistemas partidários**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

SENTO-SÉ, J. T. As várias cores do socialismo moreno. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 11, n. 19/20, p.49-76, 2004.

SENTO-SÉ, J. T. Um encontro em Lisboa: o novo trabalhismo do PDT. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão. (orgs.). **Revolução e democracia (1964-...)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 429-450, 2007.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Gurgel. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCOLESE, Eduardo. **Pioneiros do MST: caminhos e descaminhos de homens e mulheres que criaram o movimento**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SILVA, José Graziano da. **A modernização dolorosa: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

SILVA, Roberto Bittencourt da. O PTB (1945-1964): suas tendências políticas internas e a hegemonia do diretório Sul-Riograndense. **Perseu**, n. 7, p.175-198, 2011.

SILVA, Marco Antônio Medeiros. **A última revolução: o governo Leonel Brizola no Rio Grande do Sul, 1959-1963**. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2015.

SINDIPETRO-NF. **20 anos do Sindipetro-NF**. Macaé /Campos: Sindipetro NF, 2017.

SOARES, Orávio de Campos. A imprensa na Velha Província: 170 anos do “Monitor Campista”. **Actas do III Sopcom, VI Lusocom e II Ibérico**, vol. IV, p.167-177, 2005.

SOARES, K.N. Trajetórias de vida e a inserção no processo de reforma agrária no Norte Fluminense. In: PEDLOWSKI, M.; OLIVEIRA, J.C.; KURY, K.A. (Orgs.) **Desconstruindo o latifúndio: A saga da reforma agrária no Norte Fluminense**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

SOUZA, J.C. L. **O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra: O Moderno Príncipe educativo brasileiro na história do tempo presente**. Niteroi, UFF. Tese de Doutorado. 2008.

SOUSA, Horacio. Cyclo Aureo: **História do 1º Centenário da cidade de Campos (1835-1935)**. Campos dos Goytacazes (RJ): Essentia, 2014.

STEDILE, João Pedro; FERNANDES, Bernardo Mançano. **Brava Gente: a trajetória do MST e a luta pela terra no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

THOMPSON, E.P. **A formação da classe operária inglesa vol.1.** São Paulo: Paz e Terra, 2010.

TILLY, C. “Contentious repertoires in Great Britain”. In: MARK, T. (Org.). **Repertoires and cycles of collective action.** Durham: Duke University Press, 1995.

TURATTI, M. **Os filhos da lona preta: identidade e cotidiano em acampamentos do MST.** São Paulo: Alameda, 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE (UFF). **Evolução estrutural da economia Fluminense: 1940-1985.** Economia Fluminense – conjuntura e análise, v.1, n.1, 1986.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Um saber necessário: os estudos rurais no Brasil.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

WEBER, Max. **Ciência e Política. Duas Vocações.** São Paulo: Editora Cultrix, 1996.

ZINGA, Raul Mazissa. **Um estudo de caso sobre as causas da permanência e da desistência no assentamento Zumbi dos Palmares, Campos dos Goytacazes, RJ.** Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) - Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes, 120p, 2012.

Fontes

FOLHA DA MANHÃ. Anthony garante democracia participativa na prefeitura. Campos dos Goytacazes (RJ): n.296, 2 jan. 1989.

_____. Anthony toma posse pedindo união dos poderes para evitar “sombras escuras”. Campos dos Goytacazes (RJ): n.296, 2 jan. 1989.

_____. Ecologistas vão dar apoio ao novo governo municipal. Campos dos Goytacazes (RJ): n.297, 3 jan. 1989.

_____. Eleições 82/Campos. Campos dos Goytacazes (RJ): n.268, 19 nov. 1982.

_____. Garotinho recebe boa votação mas não vai à Câmara. Campos dos Goytacazes (RJ): n.268, 19 nov. 1982.

_____. José Pacelli prega revolução agrícola. Campos dos Goytacazes (RJ): n.200, 22 out. 1989.

_____. Lideranças do PDT na região Norte se reunirão em Campos. Campos dos Goytacazes (RJ): n.319, 14 fev. 1989.

_____. Lula vai ganhar eleição em Campos. Campos dos Goytacazes (RJ): n.235, 3 dez. 1989.

_____. Participação de Campos. Campos dos Goytacazes (RJ): n.286, 10 dez. 1982. p. 2.

_____. PDT adia composição de setor trabalhista para mês de janeiro. Campos dos Goytacazes (RJ): n.303, 30 dez. 1982. p. 2.

_____. PDT divulga relatório. Campos dos Goytacazes (RJ): n.288, 12 dez. 1982.

_____. PDT estuda problemas cruciais do Norte-Flu. Campos dos Goytacazes (RJ): n.286, 10 dez. 1982. p. 1.

_____. PDT prepara documento para Brizola. Campos dos Goytacazes (RJ): n.286, 10 dez. 1982. p. 2.

_____. Ponto Final. Campos dos Goytacazes (RJ): n.256, 4 nov. 1982.

_____. Povo de Campos acredita que Brizola fará um bom governo. Campos dos Goytacazes (RJ): n.290, 15 dez. 1982.

_____. Prefeitura bate recorde de obra em seis meses. Campos dos Goytacazes (RJ): n.409, 2 jul. 1989.

_____. Radialista consegue a votação maciça das classes mais pobres. Campos dos Goytacazes (RJ): n.285, 2 dez. 1986.

_____. Saiu enfim a relação dos eleitos. Campos dos Goytacazes (RJ): n.297, 23 dez. 1982.

_____. Saturnino: Brizola fará governo exemplar. Campos dos Goytacazes (RJ): n.288, 12 dez. 1982.

_____. Socialismo Democrático é tema de Encontro em Campos. Campos dos Goytacazes (RJ): n.350, 26 mar. 1989.

_____. Teletipo. Campos dos Goytacazes (RJ): n.256, 4 nov. 1982.

_____. UDR abre conta em banco para ajudar limpeza em canal. Campos dos Goytacazes (RJ): n.304, 12 jan. 1989.

_____. UDR mobiliza os produtores para campanha presidencial. Campos dos Goytacazes (RJ): n.335, 2 mar. 1989.

JORNAL DO BRASIL. TSE dá sigla do PTB a Ivete por cinco votos contra um. Rio de Janeiro (RJ): n.35, 13 Mai, 1980.

MONITOR CAMPISTA. A candidatura trabalhista. Campos dos Goytacazes (RJ): n.143, 25 Jun, 1992.

_____. Acampados de Zumbi I querem credito do Incra. Campos dos Goytacazes (RJ): n.217, 26 Set, 1999.

_____. Acampamento da Fazenda Dores completa 8 dias. Campos dos Goytacazes (RJ): n.92, 25 Abr, 2000

_____. Acordo põe fim a greve: rurais. Campos dos Goytacazes (RJ): n.148, 30 Jun, 1989.

_____. Agricultura discute com Incra tamanho da gleba em N.Horizonte. Campos dos Goytacazes (RJ): n.287, 20 Dez, 1989.

_____. Agricultura distribui treze bezerros da raça holandesa. Campos dos Goytacazes (RJ): n.110, 15 Mai, 1993.

_____. Agricultura para o MST. Campos dos Goytacazes (RJ): n.193, 27 Ago, 2002

_____. Agricultura também vai ser municipalizada. Campos dos Goytacazes (RJ): n.37, 17 fev. 1989.

_____. Agricultura tem metas de diversificar a produção. Campos dos Goytacazes (RJ): n.79, 8 Abr, 1997.

_____. Agrícola recebe comida que mal dá para uma semana. Campos dos Goytacazes (RJ): n.209, 14 Ago, 1990.

_____. Agrônomo diz que momento favorece reforma agrária. Campos dos Goytacazes (RJ): n.210, 15 Set, 1989.

_____. Alerta da TFP. Campos dos Goytacazes (RJ): n.214, 18 Set, 2003

_____. Anthony define sua linha política. Campos dos Goytacazes (RJ): n.298, 31 Dez, 1988.

_____. Anthony quer implantar 200 hortas populares. Campos dos Goytacazes (RJ): n.119, 27 Mai, 1989.

_____. Arnaldo assume comprometido com a saúde. Campos dos Goytacazes (RJ): n.73, 02 Abr, 1998.

_____. Assentados de pau funcho recebem concessão da terra. Campos dos Goytacazes (RJ): n.253, 08 Nov, 2001

_____. Assentados de Zumbi dos Palmares colhem feijão. Campos dos Goytacazes (RJ): n.178, 11 Ago, 1999.

_____. Assentados do Zumbi 4 fazem protesto para reabrir escola. Campos dos Goytacazes (RJ): n. 261, 14 nov. 2002.

_____. Assentados ganham apoio para aumentar produção. Campos dos Goytacazes (RJ): n.197, 31 Ago, 2002.

_____. Assentados ganharão casas ainda este ano. Campos dos Goytacazes (RJ): n.160, 18 Jul, 2002.

_____. Assentados do zumbi proíbem que vistoria seja feita pelo MST. Campos dos Goytacazes (RJ): n.100, 06 Mai, 2003

_____. Assentados do Zumbi 4 fazem protesto para reabrir escola. Campos dos Goytacazes (RJ): n.261, 14 Nov, 2002

_____. A volta por cima no PDT. Campos dos Goytacazes (RJ): n.220, 25 Set, 2003.

_____. Barracas padronizam Feira da Roça. Campos dos Goytacazes (RJ): n.246, 24 Out, 1992.

_____. Biotecnologia aguarda boa colheita para 96. Campos dos Goytacazes (RJ): n.181, 10 Ago, 1995.

_____. Biotecnologia bate recorde de produção. Campos dos Goytacazes (RJ): n.226, 28 Set, 1993.

_____. Biotecnologia revolucionária. Campos dos Goytacazes (RJ): n.92, 25 Abr, 1994.

_____. Biotecnologia vai a N. Horizonte. Campos dos Goytacazes (RJ): n.80, 08 Abr, 1992.

_____. Benedita quer oposição unida. Campos dos Goytacazes (RJ): n.124, 03 Jun, 1997.

_____. Boias-frias de Alagoas voltam para suas casas. Campos dos Goytacazes (RJ): n.184, 15 Ago, 1989.

_____. Brizola fala para 30 mil em Campos. Campos dos Goytacazes (RJ): n.234, 15 Out, 1989.

_____. Brizola vem a Campos dar apoio a Matheus. Campos dos Goytacazes (RJ): n.213, 07 Set, 1988.

_____. C. Agrícola apoia programa de hortas. Campos dos Goytacazes (RJ): n.111, 21 Mai, 1991.

_____. Câmara Municipal tem reunião extraordinária. Campos dos Goytacazes (RJ): n.302, 22 Dez, 1990.

_____. Campos faz 2 deputados federais e 6 estaduais. Campos dos Goytacazes (RJ): n.252, 6 Out, 1990.

_____. Campos sedia encontro de Habitação Popular. Campos dos Goytacazes (RJ): n.80, 09 Abr, 1989.

_____. Campos terá micro-usina de leite em março. Campos dos Goytacazes (RJ): n.63, 22 Mar, 1993.

_____. Campos terá projeto de reforma agrária. Campos dos Goytacazes (RJ): n.59, 17 Mar, 1990.

_____. Campos vai sediar encontro dos coordenadores do MST. Campos dos Goytacazes (RJ): n.117, 24 Mai, 1997.

_____. Candidatura trabalhista. Campos dos Goytacazes (RJ): n.143, 25 jun. 1992.

_____. Casas são entregues a assentados. Campos dos Goytacazes (RJ): n.66, 23 Mar, 200

_____. CDL também promove debate com prefeiteáveis. Campos dos Goytacazes (RJ): n.205, 17 Set, 1988.

_____. Consenso prevalece e PDT consegue novas adesões. Campos dos Goytacazes (RJ): n.266, 17 Nov, 1984.

_____. Convenção do PDT reuniu 8 mil e homologa candidatos. Campos dos Goytacazes (RJ): n.100, 05 Mai, 1992.

_____. Convenção do PDT ampliou diretório. Campos dos Goytacazes (RJ): n.243, 19 Out, 1993.

_____. Convenção do PDT reuniu 8 mil e homologa candidatos. Campos dos Goytacazes (RJ): n.100, 5 maio 1992.

_____. Convênio com Petrobrás garante 500 hortas. Campos dos Goytacazes (RJ): n.145, 11 Set, 1996.

_____. Convênio vai aumentar produção de hortas. Campos dos Goytacazes (RJ): n.107, 16 Mai, 1991.

_____. Convênio vai passar ilhas para PMC. Campos dos Goytacazes (RJ): n.40, 22 Fev, 1994.

_____. CPI vai denunciar Sérgio Mendes à justiça. Campos dos Goytacazes (RJ): n.88, 18 Abr, 1997

_____. Crianças do MST estão passando fome em Baixa Grande. Campos dos Goytacazes (RJ): n.241, 26 Out, 1999.

_____. Cubanos vêm em busca de intercâmbio. Campos dos Goytacazes (RJ): n.148, 29 Jun, 1993, p.3.

_____. Cursos profissionalizantes chegam para os sem-terra. Campos dos Goytacazes (RJ): n.183, 20 Ago, 1998

_____. Dandara recebe expulsos da Fazenda Arroz Dourado. Campos dos Goytacazes (RJ): n.189, 22 Jul, 2006.

_____. De boas intenções o inferno está cheio: manifestação do Sindicato Rural de Campos sobre as invasões do MST. Campos dos Goytacazes (RJ): n.255, 14 Nov, 1998.

_____. Decepção com Lula e Garotinho. Campos dos Goytacazes (RJ): n.223, 28 Set, 2003.

_____. Deputados eleitos já definem sua atuação. Campos dos Goytacazes (RJ): n.297, 21 Nov, 1986.

_____. Disputa pela prefeitura tem 4 com chance. Campos dos Goytacazes (RJ): n.261, 15 Nov, 1988.

_____. Duas invasões do MST em cinco dias. Campos dos Goytacazes (RJ): n.122, 31 Mai, 2003.

_____. Ecologistas vão dar apoio ao novo governo municipal. Campos dos Goytacazes (RJ): n.297, 3 jan. 1989.

_____. Eletrificação rural beneficia o assentamento do Zumbi. Campos dos Goytacazes (RJ): n.171, 31 Jul, 2002.

_____. Emater assiste assentados. Campos dos Goytacazes (RJ): n.94, 1 Abr, 1990, p.1.

_____. Empossado novo Secretário de Agricultura. Campos dos Goytacazes (RJ): n.130, 15 Jun, 1991.

_____. Empresa oferece projetos as escolas e creches da PMC. Campos dos Goytacazes (RJ): n.26, 02 Fev, 1989.

_____. Entidade cultural aberta em Campos vai ajudar Cuba. Campos dos Goytacazes (RJ): n.80, 22 Abr, 1993.

_____. Escola rural será inaugurada amanhã. Campos dos Goytacazes (RJ): n.62, 21 Mar, 1990.

_____. Escolha do vice de Garotinho tem quatro postulantes. Campos dos Goytacazes (RJ): n.22, 28 Jan, 1996.

_____. Equipe de governo de Anthony Garotinho. Campos dos Goytacazes (RJ): n.01, 2 Jan, 1997.

_____. Estado ganhará secretário para Assuntos Fundiários. Campos dos Goytacazes (RJ): n.145, 27 Jun, 1989.

_____. Estado quer agilizar assentamentos rurais. Campos dos Goytacazes (RJ): n.95, 27 Abr, 1997.

_____. Estado também vai dar apoio a assentados de Novo Horizonte. Campos dos Goytacazes (RJ): n.68, 27 Mar, 1991.

_____. Equipe de governo de Anthony Garotinho. Campos dos Goytacazes (RJ): n.01, 2 jan. 1997.

_____. Entidade cultural aberta em Campos vai ajudar Cuba. Campos dos Goytacazes (RJ): n.80, 22 abr. 1993.

_____. Falta de investimento da agricultura causa o abandono do campo. Campos dos Goytacazes (RJ): n.280, 08 Dez, 1996.

_____. Feijó cobra medidas sobre as invasões de terra em Campos. Campos dos Goytacazes (RJ): n.99, 03 Mai, 1997.

_____. Feijó prevê vitória de Marcello com alianças. Campos dos Goytacazes (RJ): n.91, 23 Abr, 1994.

_____. Feira da Praia não muda a da Roça. Campos dos Goytacazes (RJ): n.08, 14 Jan, 1993.

_____. Feira da Praia tem início sábado no Farol. Campos dos Goytacazes (RJ): n.06, 12 Jan, 1993.

_____. Feira da Roça agrada consumidor. Campos dos Goytacazes (RJ): n.56, 12 Mar, 1994.

_____. Feira da Roça conquista os consumidores. Campos dos Goytacazes (RJ): n.257, 07 Nov, 1992.

_____. Feira da Roça diminui movimento no mercado. Campos dos Goytacazes (RJ): n.152, 5 Jul, 1992.

_____. Feira da Roça será realizada dia 14. Campos dos Goytacazes (RJ): n.291, 10 Dez, 1990.

_____. Feira da Roça terá galpão em área cedida pela PMC. Campos dos Goytacazes (RJ): n.60, 15 Mar, 1997.

_____. Feira da Roça vai estender ao Farol no próximo mês. Campos dos Goytacazes (RJ): n.290, 20 Dez, 1995.

_____. Feira das Ilhas é iniciada hoje. Campos dos Goytacazes (RJ): n.156, 9 Jul, 1994.

_____. Feira das Ilhas teve festa com bolo e homenagens. Campos dos Goytacazes (RJ): n.160, 16 Jul, 1995.

_____. Feira volta a movimentar a Praça do Saco. Campos dos Goytacazes (RJ): n.256, 12 Nov, 1994.

_____. Fernando diz que vai continuar o diálogo. Campos dos Goytacazes (RJ): n.151, 2 Jul, 1993.

_____. Fiscalização constata menor nas lavouras. Campos dos Goytacazes (RJ): n.239, 21 Out, 1989.

_____. Garotinho admite disputar governo do estado em 98. Campos dos Goytacazes (RJ): n.158, 12 Jul, 1996

_____. Garotinho anuncia secretários. Campos dos Goytacazes (RJ): n.249, 28 Out, 1992.

_____. Garotinho coordena ala jovem do PDT no NF. Campos dos Goytacazes (RJ): n.115, 21 Mai, 1989.

_____. Garotinho dará prioridade a irrigação e eletrificação. Campos dos Goytacazes (RJ): n.158, 12 Jul, 1996.

_____. Garotinho diz que não será candidato em 98 ao governo estadual. Campos dos Goytacazes (RJ): n.200, 31 Ago, 1996.

_____. Garotinho diz que vitória revive o “Muda Campos”. Campos dos Goytacazes (RJ): n.245B, 5 Out, 1990.

_____. Garotinho escolhe agricultura e assume dia 5. Campos dos Goytacazes (RJ): n.150, 1 Jul, 1993.

_____. Garotinho festeja vitória hoje. Campos dos Goytacazes (RJ): n.264, 19 Nov, 1988.

_____. Garotinho inicia campanha para a prefeitura em 96. Campos dos Goytacazes (RJ): n.08, 11 Jan, 1996.

_____. Garotinho se reúne com militantes. Campos dos Goytacazes (RJ): n.131, 10 Jun, 1994.

_____. Garotinho volta a pensar em prefeitura. Campos dos Goytacazes (RJ): n.260, 18 Nov, 1994.

_____. Greve já atinge 10 usinas da região. Campos dos Goytacazes (RJ): n.70, 27 Jun, 1989.

_____. “Grito de Campos” reúne prefeitos do NF. Campos dos Goytacazes (RJ): n.298, 18 Dez, 1990.

_____. Guerreiro: abandono de Novo Horizonte. Campos dos Goytacazes (RJ): n.197, 29 Jul, 1990.

_____. Guerreiro repousa no sul. Campos dos Goytacazes (RJ): n.202, 23 Jun, 2004.

_____. Ilha Grande festeja liminar com banho de vinho. Campos dos Goytacazes (RJ): n.210, 11 Set, 1997.

_____. Iniciada a colheita no projeto Biotecnologia Tropical. Campos dos Goytacazes (RJ): n.85, 14 Abr, 1992.

_____. Incra cadastra Sem-terra. Campos dos Goytacazes (RJ): n.121, 30 Mai, 2003.

_____. Incra descobre venda irregular de lotes no Zumbi 4. Campos dos Goytacazes (RJ): n.271, 27 Nov, 2002

_____. Incra entrega concessão para os assentados. Campos dos Goytacazes (RJ): n.253, 08 Nov, 2001.

_____. Incra fará levantamento em Santa Maria. Campos dos Goytacazes (RJ): n.26, 4 Fev, 1990.

_____. Incra faz cadastro em Pernambuco. Campos dos Goytacazes (RJ): n.288, 19 Dez, 2000

_____. Incra fiscaliza assentamentos. Campos dos Goytacazes (RJ): n.260, 11 Nov, 2003.

_____. Incra garante assentamento: Novo Horizonte. Campos dos Goytacazes (RJ): n.273, 06 Dez, 1991.

_____. Incra garante a desapropriação de área para reforma agrária. Campos dos Goytacazes (RJ): n.282, 05 Dez, 1997

_____. Incra: invasão em Cambahyba é ilegal. Campos dos Goytacazes (RJ): n.88, 19 Abr, 2000.

_____. Ipea diz que Campos já tem 26 mil famílias indigentes. Campos dos Goytacazes (RJ): n.99, 03 Mai, 1997.

_____. Institui a Lei Orgânica do município de Campos dos Goytacazes. Campos dos Goytacazes (RJ): n.38, 18 Fev, 1990.

_____. Invasões preocupam. Campos dos Goytacazes (RJ): n.189, 20 Ago, 2003.

_____. Invasores de ilhas querem terras tomadas por usina. Campos dos Goytacazes (RJ): n.104, 08 Mai, 1993.

_____. Invasores de terras sujeitos a serem presos. Campos dos Goytacazes (RJ): n.295, 14 Dez, 1990.

_____. Juíz mantém decisão de retirar famílias de terras ocupadas. Campos dos Goytacazes (RJ): n.88, 18 Abr, 1997

_____. Juíza garante ocupação dos sem-terra. Campos dos Goytacazes (RJ): n.89, 19 Abr, 1997.

_____. Justiça do Trabalho tem ações contra todas as usinas. Campos dos Goytacazes (RJ): n.203, 06 Set, 1989.

_____. Lavradores assumem Fazenda Pau Funcho. Campos dos Goytacazes (RJ): n.31, 09 Fev, 2001.

_____. Leonel Brizola visita municípios da região e faz festa em Campos. Campos dos Goytacazes (RJ): n.193, 25 Jul, 1990.

_____. Líder cubano falará aqui sobre educação. Campos dos Goytacazes (RJ): n.210, 19 Set, 1991.

_____. Liminar retira famílias de área invadida: Guarus. Campos dos Goytacazes (RJ): n.265, 02 Nov, 1990.

_____. Liminar tranquiliza sem-terra de Cambahyba. Campos dos Goytacazes (RJ): n.155, 11 Jul Abr, 2000

_____. Mais quatro usinas de leite funcionam ainda este ano. Campos dos Goytacazes (RJ): n.196, 24 Ago, 1993.

_____. Manifestação pelo impeachment leva 4 mil pessoas ao centro da cidade. Campos dos Goytacazes (RJ): n.195, 26 Ago, 1992.

_____. Marcha dos acampados. Campos dos Goytacazes (RJ): n.233, 10 Out, 2003.

_____. Matheus deve ser líder da bancada do PDT. Campos dos Goytacazes (RJ): n.274, 26 Nov, 1986.

_____. Matheus faz consultas para o secretariado. Campos dos Goytacazes (RJ): n.273, 30 Nov, 1988.

_____. Micro-usinas de leite produzem 6,5 mil litros. Campos dos Goytacazes (RJ): n.236, 15 Out, 1995.

_____. Movimento “Muda Campos” volta a se reunir hoje. Campos dos Goytacazes (RJ): n.82, 12 Abr, 1988.

_____. Movimento Negro do PDT instala sua Secretaria. Campos dos Goytacazes (RJ): n.248, 25 Out, 1993.

_____. MST amplia acampamento e famílias prometem resisitir. Campos dos Goytacazes (RJ): n.89, 20 Abr, 2000.

_____. MST amplia área de invasão. Campos dos Goytacazes (RJ): n.100, 04 Mai, 2003.

_____. MST doa alimentos. Campos dos Goytacazes (RJ): n.182, 09 Ago, 2005.

_____. MST defende assentados de Cambahyba. Campos dos Goytacazes (RJ): n.95, 03 Mai, 2001.

_____. MST descarta radicalização. Campos dos Goytacazes (RJ): n.190, 21 Ago, 2003.

_____. MST demarca terra. Campos dos Goytacazes (RJ): n.248, 31 Out, 2000.

_____. MST é contra plantação de eucalipto na região. Campos dos Goytacazes (RJ): n.54, 10 Mar, 2002.

_____. MST faz pressão por licença. Campos dos Goytacazes (RJ): n.192, 20 Ago, 2004.

_____. MST lidera nova invasão e Incra promete assistência. Campos dos Goytacazes (RJ): n.230, 07 Out, 2003.

_____. MST marcha por educação. Campos dos Goytacazes (RJ): n.310, 24 Nov, 2006. p.1.

_____. MST não tem interesse em área que foi ocupada sábado. Campos dos Goytacazes (RJ): n.85, 15 Abr, 2003

_____. MST ocupa área em Pernambuco. Campos dos Goytacazes (RJ): n.276, 05 Dez, 2000.

_____. MST protestam contra reintegração. Campos dos Goytacazes (RJ): n. 37, 19 fev. 2002.

_____. MST toma conta da região. Campos dos Goytacazes (RJ): n.54, 10 Mar, 2002.

_____. MST vai comercializar produtos em escolas. Campos dos Goytacazes (RJ): n.34, 11 Fev, 2000.

_____. MST vai distribuir alimentos dia 10. Campos dos Goytacazes (RJ): n.280, 05 Dez, 2003.

_____. Moradores do Zumbi revoltados. Campos dos Goytacazes (RJ): n.337, 22 Dez, 2006.

_____. Morosidade do incra adia desapropriação. Campos dos Goytacazes (RJ): n.07, 11 Jan, 2001.

_____. “Muda Campos” divulga manifesto a população. Campos dos Goytacazes (RJ): n.104, 6 Mai, 1988.

_____. Não à Ocupação. Campos dos Goytacazes (RJ): n.94, 26 Abr, 1997.

_____. NEC diz que a situação do Agrícola está normalizada. Campos dos Goytacazes (RJ): n.242, 22 Set, 1990.

_____. Nova câmara vai votar lei orgânica municipal. Campos dos Goytacazes (RJ): n.272, 29 Nov, 1988.

_____. Nova Campanha Campos Verde começa dia 26. Campos dos Goytacazes (RJ): n.56, 11 Mar, 1992.

_____. Nova invasão do MST na região. Campos dos Goytacazes (RJ): n.119, 28 Mai, 2003

_____. Nova micro-usina de leite na Tapera será instalada até dia 15. Campos dos Goytacazes (RJ): n.255, 08 Nov, 1996.

_____. Nova opção de alimento sadio. Campos dos Goytacazes (RJ): n.99, 30 Abr, 2005.

_____. Novo Horizonte dá feijão para merenda escolar. Campos dos Goytacazes (RJ): n.204, 07 Set, 1989.

_____. Novo Secretário define metas para agricultura. Campos dos Goytacazes (RJ): n.82, 13 Abr, 1994.

_____. Ocupação de ilhas tem aprovação da CECA. Campos dos Goytacazes (RJ): n.212, 11 Set, 1993.

_____. “Oziel Alves” já é assentamento. Campos dos Goytacazes (RJ): n.199, 01 Ago, 2006.

_____. Parte da produção do MST é distribuída com a comunidade. Campos dos Goytacazes (RJ): n.285, 11 Dez, 2003

_____. Participação popular marca a posse de Anthony Matheus na prefeitura. Campos dos Goytacazes (RJ): n.299, 2 Jan, 1989.

_____. Pasteurização de leite é feita em micro-usina. Campos dos Goytacazes (RJ): n.142, 22 Jun, 1993.

_____. Pastoral celebra missa no acampamento do MST. Campos dos Goytacazes (RJ): n.230, 01 Out, 1997.

_____. PC do B integra o “Viva Campos”. Campos dos Goytacazes (RJ): n.78, 05 Abr, 1992.

_____. Pedido novo projeto ao Incra para N Horizonte. Campos dos Goytacazes (RJ): n.223, 30 Set, 1989.

_____. “Pequeno Produz” colheu 4 milhões de toneladas. Campos dos Goytacazes (RJ): n.303, 2 Jan, 1994.

_____. Pesquisador diz que tensão no campo ainda poderá ser maior. Campos dos Goytacazes (RJ): n.217, 21 Set, 2003

_____. Pessoal de S. Maria recebe nova ajuda. Campos dos Goytacazes (RJ): n.46, 02 Mar, 1990.

_____. Petroleiros tem congresso hoje e amanhã. Campos dos Goytacazes (RJ): n.122, 31 Mai, 1997.

_____. PDT confirma Garotinho e cria comissão de ética. Campos dos Goytacazes (RJ): n.143, 25 Jun, 1996.

_____. PDT de Campos realiza hoje a sua convenção. Campos dos Goytacazes (RJ): n.83, 15 Abr, 1990.

_____. PDT deverá reunir 800 em sua Convenção. Campos dos Goytacazes (RJ): n.275, 8 Dez, 1982. p. 1.

_____. PDT escolhe Arnaldo sob protesto de Sérgio Mendes. Campos dos Goytacazes (RJ): n.119, 26 Mai, 1996.

_____. PDT expulsa Sérgio, Murilo e Fernando. Campos dos Goytacazes (RJ): n.17, 22 Jan, 1997.

_____. PDT reúne jovens de todo o Estado em Campos. Campos dos Goytacazes (RJ): n.126, 04 Jun, 1989.

_____. PDT mingua com saída de Mocaiber. Campos dos Goytacazes (RJ): n.305, 18 Nov, 2006

_____. Plantio de mudas supera a meta da PMC. Campos dos Goytacazes (RJ): n.68, 27 Mar, 1991.

_____. PMC dará assistência jurídica a carentes. Campos dos Goytacazes (RJ): n.23, 31 Jan, 1989.

_____. PMC distribui eucaliptos para produtores. Campos dos Goytacazes (RJ): n.239, 19 Set, 1990.

_____. PMC doa feijão para plantio em Novo Horizonte. Campos dos Goytacazes (RJ): n.83, 13 Abr, 1989.

_____. PMC e ETFC vão levar energia a Novo Horizonte. Campos dos Goytacazes (RJ): n.105, 11 Mai, 1989.

_____. PMC e IEF firmam convênio para o reflorestamento. Campos dos Goytacazes (RJ): n.38, 20 Fev, 1991.

_____. PMC entrega novos tourinhos dia 27. Campos dos Goytacazes (RJ): n.42, 22 Fev, 1997.

_____. PMC lança mais um projeto de educação. Campos dos Goytacazes (RJ): n.03, 07 Jan, 1992.

_____. PMC lança projeto de ajuda a produtor. Campos dos Goytacazes (RJ): n.94, 27 Abr, 1991.

_____. PMC quer urbanizar as favelas de Campos. Campos dos Goytacazes (RJ): n.09, 13 Jan, 1989.

_____. PMC terá escola para os meninos de rua. Campos dos Goytacazes (RJ): n.23, 28 Jan, 1989.

_____. PMC tem verba para ajudar assentados no orçamento. Campos dos Goytacazes (RJ): n.270, 28 Nov, 1989.

_____. PMC vai concentrar cultura na Fundação “Oswaldo Lima”. Campos dos Goytacazes (RJ): n.294, 27 Dez, 1988.

_____. PMC vai usar terrenos baldios para hortas. Campos dos Goytacazes (RJ): n.77, 06 Mar, 1989.

_____. Política Agrária. Campos dos Goytacazes (RJ): n.302, 22 Dez, 1990.

_____. Ponte cai e prejudica assentados do Zumbi. Campos dos Goytacazes (RJ): n.327, 12 Dez, 2006.

_____. Posição do INCRA. Campos dos Goytacazes (RJ): n.87, 17 Abr, 1997.

_____. Política e Políticos: Muda Campos. Campos dos Goytacazes (RJ): n.03, 8 Jan, 1989.

_____. Política e Políticos: Procedimento Certo. Campos dos Goytacazes (RJ): n.284, 14 Dez, 1988.

_____. Prefeito abre campanha de plantio na sua rua. Campos dos Goytacazes (RJ): n.67, 26 Mar, 1991.

_____. Prefeito apoia "Grito de Cambuci" e defende Polo para Campos. Campos dos Goytacazes (RJ): n.305, 22 Dez, 1990.

_____. Prefeito confirma visita a Havana. Campos dos Goytacazes (RJ): n.214, 24 Set, 1991.

_____. Prefeito começa campanha com plantio de Pau-Brasil. Campos dos Goytacazes (RJ): n.70, 27 Mar, 1992.

_____. Prefeito confirma visita a Havana. Campos dos Goytacazes (RJ): n.214, 24 Set, 1991.

_____. Prefeito cria empresa de Habitação. Campos dos Goytacazes (RJ): n.119, 30 Mai, 1991.

_____. Prefeito eleito anuncia o secretariado. Campos dos Goytacazes (RJ): n.284, 14 Dez, 1988.

_____. Prefeito exonera Pacelli e nomeia novo titular da Agricultura. Campos dos Goytacazes (RJ): n.291, 10 Dez, 1990.

_____. Prefeito garante vitória de Sérgio sem segundo turno. Campos dos Goytacazes (RJ): n.121, 29 Mai, 1992.

_____. Prefeito lança campanha com plantio de Pau-Brasil. Campos dos Goytacazes (RJ): n.70, 27 Mar, 1992.

_____. Prefeito lança mais um projeto de educação. Campos dos Goytacazes (RJ): n.03, 07 Jan, 1992.

_____. Prefeito quer convidar Fidel a visitar Campos. Campos dos Goytacazes (RJ): n.09, 14 Jan, 1992.

_____. Prefeito recebe da CM projeto da Lei Orgânica. Campos dos Goytacazes (RJ): n.16, 23 Jan, 1990.

_____. Prefeito renova convênio para hortas escolares. Campos dos Goytacazes (RJ): n.95, 26 Abr, 1992.

_____. Prefeito substitui dois secretários. Campos dos Goytacazes (RJ): n.139, 20 Jun, 1996.

_____. Prefeito troca feijão daqui por tecnologia cubana. Campos dos Goytacazes (RJ): n.18, Jan, 1992.

_____. Prefeito volta hoje após acordo com Cuba. Campos dos Goytacazes (RJ): n.15, 21 Jan, 1992.

_____. Prefeitura cadastra no Pau Funcho. Campos dos Goytacazes (RJ): n.16, 23 Jan, 2001.

_____. Prefeitura dá apoio a XI Caminhada da Terra. Campos dos Goytacazes (RJ): n.104, 11 Mai, 2000

_____. Prefeitura dinamiza projeto de reflorestamento. Campos dos Goytacazes (RJ): n.81, 12 Abr, 1991.

_____. Prefeitura e Exército Juntos em Ação. Campos dos Goytacazes (RJ): n.257, 19 Nov, 1998.

_____. Prefeitura entrega mais 17 tourinhos. Campos dos Goytacazes (RJ): n.207, 11 Set, 1996.

_____. Prefeitura entrega trator em Novo Horizonte. Campos dos Goytacazes (RJ): n.41, 23 Fev, 1989.

_____. Prefeitura vai entregar lotes a trinta e sete famílias. Campos dos Goytacazes (RJ): n.293, 13 Dez, 1990.

_____. Prefeitura vai doar ônibus a produtores. Campos dos Goytacazes (RJ): n.186, 15 Ago, 1992.

_____. Produtores das Ilhas criam associação. Campos dos Goytacazes (RJ): n.145, 27 Jun, 1996.

_____. Produtores querem saída dos sem-terra. Campos dos Goytacazes (RJ): n.117, 24 Mai, 1997.

_____. Programa “Dando Sopa” é implementado em Cambahyba. Campos dos Goytacazes (RJ): n.163, 20 Jul, 2000

_____. Programa de hortas é intensificado. Campos dos Goytacazes (RJ): n.123, 01 Jun, 1989.

_____. Projeto agrícola faz convênio com Cetesb. Campos dos Goytacazes (RJ): n.58, 15 Mar, 1993.

_____. Projeto agrícola faz sucesso em Brejo Grande. Campos dos Goytacazes (RJ): n.43, 22 Fev, 1992.

_____. Projeto agrícola tem produção de 1500 toneladas. Campos dos Goytacazes (RJ): n.117, 24 Mai, 1993.

_____. Projeto atinge 418 hectares e beneficia pequeno produtor. Campos dos Goytacazes (RJ): n.190, 25 Ago, 1991.

_____. Projetos bem sucedidos já viabilizam reforma agrária. Campos dos Goytacazes (RJ): n.246, 31 Out, 1994.

_____. Projeto da PMC produz alimentos. Campos dos Goytacazes (RJ): n.128, 6 Jun, 1992.

_____. Projeto de Avicultura inicia. Campos dos Goytacazes (RJ): n.22, 31 Jan, 1990.

_____. Projeto de Campos pode acabar com a fome. Campos dos Goytacazes (RJ): n.98, 1 Mai, 1993.

_____. Projeto de hortas é intensificado. Campos dos Goytacazes (RJ): n.123, 1 jun. 1989.

_____. Projeto de hortas está sendo retomado. Campos dos Goytacazes (RJ): n.17, 22 Jan, 1997.

_____. Projeto para pequeno produtor alcança novas localidades. Campos dos Goytacazes (RJ): n.239, 24 Out, 1991.

_____. Promoção social presta auxílio aos assentados. Campos dos Goytacazes (RJ): n.49, 05 Mar, 1998.

_____. Projeto Pequeno Produz será levado a Vila Nova. Campos dos Goytacazes (RJ): n.100, 05 Mai, 1992

_____. Projeto “Tourinho” será reativado. Campos dos Goytacazes (RJ): n.112, 19 Mai, 1994.

_____. Projeto Tourinho tem nova entrega hoje no Agrícola. Campos dos Goytacazes (RJ): n.126, 6 Jun, 1995.

_____. Promoção social presta auxílio aos assentados. Campos dos Goytacazes (RJ): n. 49, 05 mar. 1998.

_____. Protestos de manhã, quebradeira a tarde. Campos dos Goytacazes (RJ): n.109, 14 Mai, 2004.

_____. Protesto do MST para BR-101. Campos dos Goytacazes (RJ): n.261, 10 Nov, 2004.

_____. PTB apresenta Raul como vice de Rock. Campos dos Goytacazes (RJ): n.126, 04 Jun, 1992.

_____. Reunião discute situação do Projeto Novo Horizonte. Campos dos Goytacazes (RJ): n.45, 02 Fev, 1993.

_____. Reclamado Conselho Agrário. Campos dos Goytacazes (RJ): n.197, 29 Jul, 1990.

_____. Residencial Getúlio Vargas. Campos dos Goytacazes (RJ): n.238, 23 Out, 1991.

_____. Rompimento com PT pode trazer mudanças no staff do Prefeito. Campos dos Goytacazes (RJ): n.193, 25 Jul, 1990.

_____. R\$ 4 milhões para sem-terra assentados em Pernambuco. Campos dos Goytacazes (RJ): n.283, 13 Dez, 2000.

_____. Rurais iniciam hoje sua campanha salarial. Campos dos Goytacazes (RJ): n.23, 28 Jan, 1989.

_____. Rurais recebem títulos de posse de terras. Campos dos Goytacazes (RJ): n.298, 19 Dez, 1990.

_____. Rurais vão à Alerj por assentamento na N Horizonte. Campos dos Goytacazes (RJ): n.27, 03 Fev, 1989.

_____. Safra da biotecnologia beneficia famílias. Campos dos Goytacazes (RJ): n.45, 27 Fev, 1993.

_____. Saúde no MST. Campos dos Goytacazes (RJ): n.78, 11 Abr, 2001.

_____. Secretaria da Agricultura planeja ação integrada. Campos dos Goytacazes (RJ): n.139, 22 Jun, 1991.

_____. Secretaria de Agricultura prevê colheita recorde. Campos dos Goytacazes (RJ): n.200, 02 Fev, 1993.

_____. Secretaria de Agricultura vai intensificar incentivo ao Pequeno Produz. Campos dos Goytacazes (RJ): n.150, 15 Jun, 1994.

_____. Secretariado de Anthony está completo. Campos dos Goytacazes (RJ): n.291, 22 Dez, 1988.

_____. Secretaria de Agricultura e Colégio Agrícola se entrosam. Campos dos Goytacazes (RJ): n.27, 03 Fev, 1989.

_____. Secretaria realiza 1º Encontro da Agricultura Familiar. Campos dos Goytacazes (RJ): n.205, 28 Jul, 1993.

_____. Secretario visita casas na Fazenda do Pau Funcho. Campos dos Goytacazes (RJ): n.209B, 18 Set, 2002.

_____. Sementes para Novo Horizonte. Campos dos Goytacazes (RJ): n.220, 25 Set, 1992.

_____. Seminário debate o trabalho degradante. Campos dos Goytacazes (RJ): n.214, 18 Set, 2003.

_____. Sem-terra acampam na estrada. Campos dos Goytacazes (RJ): n.41, 23 Fev, 2002.

_____. Sem-terra da Usina São João terão água e eletrificação. Campos dos Goytacazes (RJ): n.159, 17 Jul, 1999.

_____. Sem-terra de Baixa Grande querem garantias do Incra. Campos dos Goytacazes (RJ): n.141, 26 Jun, 1999.

_____. Sem-terra de Cambahyba comemoram liminar federal. Campos dos Goytacazes (RJ): n.73, 05 Abr, 2001.

_____. Sem terra cobram reforma agrária. Campos dos Goytacazes (RJ): n.78, 11 Abr, 2001.

_____. Sem-terra começam a trabalhar na fazenda. Campos dos Goytacazes (RJ): n.90, 21 Abr, 2000

_____. Sem-terra de Baixa Grande querem garantias do Incra. Campos dos Goytacazes (RJ): n. 141, 26 jun. 1999.

_____. Sem-terra de Cambahyba comemoram liminar federal. Campos dos Goytacazes (RJ): n. 73, 05 abr. 2001.

_____. Sem-terra deixam área do Dandara. Campos dos Goytacazes (RJ): n.137, 21 Jun, 2002.

_____. Sem-terra é assassinado a tiros. Campos dos Goytacazes (RJ): n.152, 05 Jul, 2005.

_____. Sem-terra e ITERJ não chegam a um acordo. Campos dos Goytacazes (RJ): n.179, 10 Ago, 2001.

_____. Sem-terra ganham mais tempo. Campos dos Goytacazes (RJ): n.303B, 17 Dez, 2005

_____. Sem terras invadem fazenda de usina. Campos dos Goytacazes (RJ): n.02, 06 Jan, 1998.

_____. Sem-terra invadem cinco fazendas em Cambahyba. Campos dos Goytacazes (RJ): n.87, 18 Abr, 2000.

_____. Sem terras ocupam área da Usina São João. Campos dos Goytacazes (RJ): n.84, 13 Abr, 1997.

_____. Sem-terra ocupam área na Baixada Campista. Campos dos Goytacazes (RJ): n.135, 07 Ago, 1997.

_____. Sem-Terra pedem a Marcello apoio para a desapropriação. Campos dos Goytacazes (RJ): n.84, 23 Abr, 1997.

_____. Sem-Terra pedem ajuda e Garotinho atenderá com projetos de seu Governo. Campos dos Goytacazes (RJ): n.85, 15 Abr, 1997.

_____. Sem-terra protestam contra reintegração. Campos dos Goytacazes (RJ): n.37, 19 Fev, 2002.

_____. Sem-terra protestam no centro. Campos dos Goytacazes (RJ): n.86, 14 Abr, 2005.

_____. Sem-terra protestam na praça contra reintegração de posse. Campos dos Goytacazes (RJ): n.153, 06 Jul, 2005.

_____. Sem-Terra recebem trator da PMC e começam a plantar. Campos dos Goytacazes (RJ): n.90, 20 Abr, 1997.

_____. Sem-terra voltam a demarcar lotes. Campos dos Goytacazes (RJ): n.261, 17 Nov, 2000.

_____. Sérgio Mendes anuncia secretários. Campos dos Goytacazes (RJ): n.249, 28 Out, 1992.

_____. Sérgio Mendes entrega a 4ª micro-ssina de leite. Campos dos Goytacazes (RJ): n.28, 5 Fev, 1994

_____. Sérgio Mendes fala hoje de seus planos. Campos dos Goytacazes (RJ): n.132, 11 Jun, 1992.

_____. Sérgio garante que há paz no PDT. Campos dos Goytacazes (RJ): n.69, 29 Mar, 1993.

_____. Sérgio presta contas hoje em praça pública. Campos dos Goytacazes (RJ): n.291, 17 Dez, 1993.

_____. Sérgio promete superar governo de Garotinho. Campos dos Goytacazes (RJ): n.229, 05 Out, 1992

_____. Sérgio toma posse com festa mas perde eleição na Câmara. Campos dos Goytacazes (RJ): n.302, 2 Jan, 1993.

_____. Setor agrícola cresce com projeto de incentivo. Campos dos Goytacazes (RJ): n.250, 12 Out, 1990.

_____. Sindicatos discutem reforma agrária em Campos. Campos dos Goytacazes (RJ): n.212, 28 Set, 1990.

_____. Sindicato organiza a luta dos camponeses. Campos dos Goytacazes (RJ): n.114, 28 Mai, 1995.

_____. Sindicato quer leilão da Usina S. Maria. Campos dos Goytacazes (RJ): n.296, 15 Dez, 1990.

_____. Stedile: invasões de terra em Campos vão continuar. Campos dos Goytacazes (RJ): n.111, 19 Mai, 2000.

_____. Subsecretário constata irregularidades em usinas. Campos dos Goytacazes (RJ): n.232, 13 Out, 1989.

_____. Sucessão municipal já tem onze candidatos. Campos dos Goytacazes (RJ): n.04, 08 Jan, 1992.

_____. “Terra Prometida” ganha água, luz e escola. Campos dos Goytacazes (RJ): n.57, 12 Mar, 1992.

_____. Terras devolutas serão destinadas à reforma agrária. Campos dos Goytacazes (RJ): n.275, 11 Dez, 1991.

_____. TFP faz campanha de apelo a João Paulo II. Campos dos Goytacazes (RJ): n.202, 01 Set, 2004.

_____. TFP protesta contra o MST. Campos dos Goytacazes (RJ): n.289, 20 Dez, 2000

_____. Trabalhador campista vai à greve. Campos dos Goytacazes (RJ): n.58, 14 Mar, 1989.

_____. Trabalhadores sem-terra ocupam fazenda. Campos dos Goytacazes (RJ): n.72, 22 Mar, 1990.

_____. União libera verba para habitação. Campos dos Goytacazes (RJ): n.221, 13 Out, 1993.

_____. Usina de leite é inaugurada. Campos dos Goytacazes (RJ): n.114, 20 Mai, 1992.

_____. Usina Santo Antônio ajuda assentados na Baixada. Campos dos Goytacazes (RJ): n.77, 20 Fev, 1994.

_____. Viação Campista ganha contrato de transporte escolar. Campos dos Goytacazes (RJ): n.59, 11 Mar, 1992.

_____. Vicentinho critica ruralistas e o governo FHC em Campos. Campos dos Goytacazes (RJ): n.254, 30 Out, 1997.

_____. Vila Nova terá feira agrícola. Campos dos Goytacazes (RJ): n.245, 10 Set, 1994.

_____. Visita de técnicos estrangeiros fortalece agricultura. Campos dos Goytacazes (RJ): n.138, 18 Jun, 1993.

_____. Vitória esmagadora de Garotinho com 70,61%. Campos dos Goytacazes (RJ): n.227, 05 Out, 1996

_____. Zezé recebe Garotinho e confirma plano de cargos. Campos dos Goytacazes (RJ): n.276, 3 Dez, 1988.

_____. Zona rural receberá incentivos para o plantio de cana. Campos dos Goytacazes (RJ): n.96, 28 Abr, 1993.

_____. Zona rural será beneficiada com novos projetos. Campos dos Goytacazes (RJ): n.188, 30 Jul, 1991.

_____. Zumbi 5 vai ganhar energia elétrica. Campos dos Goytacazes (RJ): n.80, 09 Abr, 2003

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. “A região é um exemplo de integração com os urbanos”. Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, São Paulo, n.170, Jul, 1997.

_____. Boletim MST-RJ: Edição 25 anos. Rio de Janeiro, 2021.

_____. Encontro Nacional dos Trabalhadores Sem Terra: Documento Final. Paraná, 1984.

_____. Todo apoio ao MST! Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, São Paulo, n. 93, Abr/Mai, 1990.

_____. Todos ao II Congresso Nacional. Jornal dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, São Paulo, n. 91, Jan/Fev, 1990.

O FLUMINENSE. Campos fortalece lideranças políticas. Rio de Janeiro. n.25.867, 24 Nov, 1987.

TRIBUNA DO POVO. Campos Brizolou geral. Campos dos Goytacazes (RJ): n.02, 12-18 Out, 1989.